



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SOFRIMENTO, ADOECIMENTO MENTAL E PODER DE AGIR: UM ESTUDO DE
CASO COM SERVIDORES PÚBLICOS DO JUDICIÁRIO TRABALHISTA

Rosane Helena Cardoso de Melo

Natal/RN

2020

Rosane Helena Cardoso de Melo

SOFRIMENTO, ADOECIMENTO MENTAL E PODER DE AGIR: UM ESTUDO DE
CASO COM SERVIDORES PÚBLICOS DO JUDICIÁRIO TRABALHISTA

Dissertação elaborada sob a orientação da Prof.^a.
Dr^a. Tatiana de Lucena Torres e apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
como requisito parcial para a obtenção do título
de Mestre em Psicologia.

Natal/RN

2020

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -
CCHLA

Melo, Rosane Helena Cardoso de.

Sofrimento, adoecimento mental e poder de agir: um estudo de caso com servidores públicos do judiciário trabalhista / Rosane Helena Cardoso de Melo. - Natal, 2020.
246f.: il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

Orientadora: Profa. Dra. Tatiana de Lucena Torres.

1. Saúde mental - Dissertação. 2. Trabalho - Dissertação. 3. Clínicas do trabalho - Dissertação. 4. Poder Judiciário - Dissertação. I. Torres, Tatiana de Lucena. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 159.9:331

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, que me deu a vida e me permitiu chegar até mais uma conquista sonhada.

Agradeço também pelo alicerce familiar que tive nesta caminhada, minha base para tudo. A meus pais, Geralda e Luiz Carlos, pelos valores e exemplos que sempre fizeram questão de me transmitir, que sempre incentivaram e deram oportunidades para que por meio do esforço e do estudo eu fosse em busca dos meus objetivos.

A meu esposo e companheiro de vida, Felipe Carneiro, que sempre me incentivou em todos os desafios, apoiando com palavras e ações nas horas certas. Meu muito obrigada pela paciência e amor dedicados mais uma vez nesta caminhada.

A meus irmãos mais velhos, Robson e Regina, pelos bons exemplos que serviram de inspiração para minha formação enquanto pessoa, em especial à minha irmã Regina, que compartilhou comigo suas experiências de mestrado que me serviram de incentivo e até orientação em muitos momentos.

À minha orientadora Tatiana, por ter sempre sido tão presente, não só como professora, mas como ser humano, exemplo de profissional e pessoa. Obrigada pela disponibilidade e acolhimento, por clarear as dúvidas e por me fazer sentir segura a cada passo que dava.

Ao bolsista Erick, da UFPB, pelo auxílio nas fases de transcrições e análises deste trabalho.

A todos que compõem a organização do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPsi) da UFRN, pela atenção às demandas dos alunos, que foi muito importante durante o processo.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho (GEPET), especialmente aos professores Pedro, Jorge e Felipe, e aos colegas do grupo, pela rica oportunidade de aprendizagem, pelas importantes contribuições para a concretização desta dissertação.

Aos colegas da turma 2018 de mestrado e doutorado do PPGPsi (Turma Marielle Franco), pelo apoio, acolhimento e trocas fundamentais, que deram o sentido concreto da importância de um coletivo na jornada de uma pós-graduação, não permitindo que esta fosse uma trajetória solitária.

Por fim, agradeço à instituição que foi campo de pesquisa, que também se constitui no meu campo de trabalho há quase 5 anos, o TRT da 13ª Região, pela oportunidade de realizar o estudo. Meus agradecimentos aos gestores do Núcleo de Saúde da instituição, Dr. Ernani e Dr. Henrique, por terem apoiado e compreendido desde o início a importância do mestrado para minha formação profissional.

Aos colegas do Núcleo de Saúde pela confiança no meu trabalho, em especial às parceiras de trabalho da Seção de Saúde Ocupacional – Isabela, Manuella, Tereza e Thatiane pela amizade de sempre, pelas conversas acolhedoras e pelos incentivos – quero que saibam o quanto foram e são importantes neste percurso.

A todos os participantes, que disponibilizaram tempo e acreditaram no propósito deste estudo, meus sinceros agradecimentos.

Sumário

Resumo.....	vii
Abstract.....	viii
1 Introdução.....	9
2 Fundamentação Teórica.....	14
2.1 Judiciário brasileiro: aspectos históricos, organizacionais e a saúde dos servidores.....	14
2.2 Saúde mental e trabalho.....	20
2.3 Trabalho e subjetividade sob o olhar da Clínica da Atividade.....	24
2.4 Sofrimento/adoecimento mental no trabalho e impedimento do poder de agir.....	30
3 Objetivos.....	36
3.1 Objetivo Geral.....	36
3.2 Objetivos Específicos.....	36
4 Aspectos Metodológicos.....	37
4.1 Delineamento do Estudo.....	37
4.2 Participantes.....	37
4.3 Lócus de Pesquisa.....	41
4.4 Instrumento/técnica.....	42
4.5 Procedimento de construção de informações (coleta de dados).....	45
4.6 Procedimentos éticos.....	47
4.7 Procedimentos de análise.....	48
5 Resultados e discussões.....	50
5.1 Análise Documental.....	50
5.2 Observação-participante.....	55
5.3 Caracterização dos participantes.....	58

5.4 Núcleos de significação a partir das entrevistas e Instruções ao Sósia.....	59
5.4.1 Núcleo 1: O serviço público como perspectiva de mudar de vida e o encontro com o trabalho real.....	60
5.4.2 Núcleo 2: De datilógrafo a secretário de audiências, uma história que marca.....	67
5.4.3 Núcleo 3: As situações que chegam às audiências, as relações interpessoais que se estabelecem e seus reflexos na saúde dos servidores.....	73
5.4.4 Núcleo 4: Fazer audiência diariamente aumenta o estresse, o cansaço, e gera ansiedade: a importância de ter alguém com quem revezar e de fazer pausas.....	83
5.4.5 Núcleo 5: A sala de audiências não é só uma sala de audiências, ela é a porta de entrada para a Justiça do Trabalho.....	91
5.4.6 Núcleo 6: Passar despercebido é uma condição para a atividade, mas não deve ser um trabalho automatizado, pois o secretário de audiências deve ser um facilitador.....	98
5.4.7 Núcleo 7: A novidade, o inesperado e a criação, apesar dos impedimentos e limitações.....	106
5.4.8 Núcleo 8: Estamos no mesmo barco, é preciso ter solidariedade.....	114
5.4.9 Núcleo 9: A elaboração da experiência e os efeitos da Instrução ao Sósia (IaS).....	120
5.5 Análise da implicação – a pesquisadora ou a psicóloga?.....	123
6 Considerações finais.....	127
Referências.....	130
Anexos.....	137
Anexo 1 – Parecer consubstanciado do CEP.....	137
Anexo 2 – Carta de Anuência.....	143
Anexo 3 – Termo de Confidencialidade.....	144
Anexo 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....	145
Anexo 5 – Termo de Autorização para gravação de voz.....	147

Apêndices.....	148
Apêndice A – Roteiro de Entrevista.....	148
Apêndice B – Indicadores e pré-indicadores.....	150

Resumo

O objetivo deste trabalho foi compreender o processo saúde-adoecimento mental de secretários de audiência do judiciário trabalhista da Paraíba, tendo como aporte teórico-metodológico a Clínica da Atividade. Foi um estudo de caráter descritivo e clínico-interventivo, multimétodos sequenciais, de abordagem qualitativa, no qual utilizei análise documental, observação, realização de entrevistas semiestruturadas sobre histórico profissional e aspectos da atividade relacionadas à saúde, e a técnica de instrução ao sócia. Todos os preceitos éticos foram respeitados. Dentre os resultados destaco que: (a) a qualidade das relações interpessoais estabelecidas na atividade de trabalho se relaciona com a manutenção da saúde mental dos secretários de audiências; (b) o excesso de atribuições, a impossibilidade de contar com os pares e de realizar pausas durante a execução das tarefas aparecem interligados a quadros de ansiedade e estresse, favorecendo vivências de sofrimento e impotência em relação ao trabalho; (c) o enfraquecimento dos coletivos e do gênero profissional pode estar abrindo caminho para a perda da saúde desses profissionais; por outro lado, (d) são perceptíveis algumas formas interessantes de escapar às limitações da atividade pelos instrumentos que os participantes criam ou que se utilizam para driblá-las, se reinventar, personalizar a atividade. Como forma de proteção à saúde mental desses trabalhadores percebo a necessidade de maior articulação dos coletivos como recurso de enfrentamento às dificuldades, de intervenções institucionais que favoreçam as relações interpessoais e a cooperação, além de arranjos que viabilizem o revezamento de profissionais nas realizações das audiências.

Palavras-chave: saúde mental, trabalho, clínicas do trabalho, poder judiciário.

Abstract

The objective The objective of this work was to analyze the health-mental illness process of the hearing court hearing secretaries of Paraíba, having as a theoretical-methodological contribution the Clinic of the Activity. It was a descriptive and clinical-interventional study, sequential multimethods, with a qualitative approach, in which I used documentary analysis, observation, conducting semi-structured interviews on professional history and aspects of the activity related to health, and the instructional technique to the double. All ethical precepts were respected. Among the results, I highlight that: (a) the quality of the interpersonal relationships established in the work activity is related to the maintenance of the mental health of the audience secretaries; (b) the excess of assignments, the impossibility of counting on peers and taking breaks during the execution of tasks appear to be linked to frames of anxiety and stress, favoring experiences of suffering and impotence in relation to work; (c) the weakening of collectives and the professional gender may be opening the way for the loss of health of these professionals; on the other hand, (d) some interesting ways of escaping the limitations of the activity are noticeable through the instruments that the participants create or that are used to circumvent them, reinvent themselves, personalize the activity. As a way of protecting the mental health of these workers, I point out the need for greater articulation of the collectives as a resource for coping with difficulties, for institutional interventions that favor interpersonal relationships and cooperation, in addition to arrangements that enable the relay among audience professionals.

Keywords: mental health, work, work clinics, judiciary.

Introdução

Inovações tecnológicas, globalização financeira e adoção de novas formas de gestão no mundo do trabalho têm sido acompanhadas pelo incentivo à competitividade e pelo enfraquecimento da cooperação entre os indivíduos. Segundo sinalizam Seligmann-Silva, Bernardo, Maeno e Kato (2010), o trabalho contemporâneo vem sendo marcado por uma precariedade que tem atingido até aqueles profissionais que possuem vínculos estáveis de trabalho, sendo vivenciada muitas vezes sob a forma de insegurança e competição, sem que disponham dos recursos organizacionais necessários para atender as imposições laborais. Desta forma, o trabalhador tem sido exigido cada vez mais não só fisicamente, mas também em sua subjetividade (Clot, 2006a; Borsoi, 2007; Oliveira & Bastos, 2014).

Tais mudanças também foram introduzidas no serviço público, incluindo-se o Poder Judiciário brasileiro, sobretudo a partir de 2004, com a denominada Reforma do Judiciário. Esse processo envolveu progressivamente uma série de inovações tecnológicas, determinação de metas e mudanças na organização do trabalho, impondo novas exigências aos trabalhadores (Fernandes & Ferreira, 2015; Amazarray, Oliveira & Feijó, 2019).

A implantação de novas tecnologias e mudanças na organização do trabalho judicial têm provocado efeitos negativos sobre a saúde dos servidores, sobretudo pela aceleração dos ritmos de trabalho e o estabelecimento de metas na produção (Andrade, 2011; Pai et al., 2014; Amazarray, Oliveira & Feijó, 2019). Também indicam que o incentivo à competitividade e o enfraquecimento das redes de cooperação intensificam os riscos de adoecimento desses trabalhadores (Fernandes & Ferreira, 2015; Giannini, Sznclwar, Uchida, & Lancman, 2019). Corroborando com essas ideias, outros estudos consideram que a maioria dos servidores do judiciário desempenha atividades de intensa carga de trabalho e complexidade cognitiva, sobretudo aqueles que trabalham na primeira instância (Fonseca & Carlotto, 2011), visto que

ela se configura como porta de entrada para o serviço, envolvendo atendimento ao público e a resolução das demandas das partes envolvidas.

Fonseca e Carlotto (2011), em pesquisa realizada no judiciário do Estado do Rio Grande do Sul, destacaram números significativamente maiores de licenças e dias de afastamentos para tratamento de saúde por Transtornos Mentais e do Comportamento entre servidores que atuam na primeira instância, bem como uma média de dias de afastamento maior entre servidores da capital e área metropolitana em relação aqueles lotados no interior do estado.

A saúde dos profissionais do judiciário também têm sido foco nos últimos anos de algumas normativas, a exemplo da Resolução nº 207/2015 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que institui a Política de Atenção Integral à Saúde de Magistrados e Servidores do Poder Judiciário. Com base nesta resolução, o Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região (TRT 13), na Paraíba, dentre outros tribunais, nomeou para compor o seu quadro de servidores, profissionais da área de saúde como Psicólogos, Médicos do Trabalho, Fisioterapeutas, Enfermeiros e Engenheiros de Segurança, no sentido de gerir programas e ações direcionadas à saúde dos seus servidores e magistrados – equipe da qual faço parte como psicóloga efetiva desde 2015, sendo essa minha inserção no campo o ponto de partida das afetações e questionamentos que motivaram a realização da presente pesquisa.

Pode parecer contraditório estudar sofrimento e adoecimento no trabalho no contexto do judiciário trabalhista, uma vez que se trata justamente do órgão responsável por garantir direitos de trabalhadores; no entanto, ao fazer parte da equipe de saúde desse local, algumas observações do cotidiano de trabalho me chamaram a atenção: informações significativas sobre a adoecimento físico e mental desses trabalhadores, os riscos psicossociais a que estão expostos, bem como suas queixas sobre a organização do trabalho. Assim, minha atuação na referida instituição provocou questionamentos acerca das expressões de adoecimento e

sofrimento ali observadas, fomentando o interesse em realizar um estudo com os servidores do judiciário trabalhista do TRT 13, especificamente com aqueles que desempenham a atividade de secretário de audiência, com o enfoque na relação entre saúde mental e trabalho, a partir do aporte teórico da Clínica da Atividade.

Atualmente, a Clínica da Atividade vem se destacando quanto ao estudo dos aspectos da saúde mental relacionados ao trabalho, em especial, quanto a sua concepção acerca da centralidade do trabalho na constituição da subjetividade, situando-o como atividade material e simbólica. À luz deste campo teórico, a atividade de trabalho é entendida como meio para restauração da saúde (Clot, 2010).

Não se limitando ao que é realizado, a atividade contempla também as possibilidades e o que o trabalhador é impedido de fazer (Clot, 2006a). No âmbito da Clínica da Atividade, o conceito de poder de agir aparece como um dos eixos principais, já que remete à possibilidade de se reinventar e de criar, de conseguir enfrentar os riscos impostos pela atividade e conseguir vencê-los; é um poder de ação em que o sujeito consegue utilizar seus recursos para superação das provações e torna-se capaz de criar formas de vida (Clot, 2010).

No contexto laboral, o poder de agir consiste em poder de transformação das realidades de trabalho, por meio da transformação de si, dos outros e da atividade. Assim, o aumento ou a diminuição do poder de agir se relaciona com a manutenção da saúde mental, visto que remete à capacidade de elaboração e mobilização de forças para superar as adversidades que geram sofrimento e adoecimento.

Diante do exposto, este estudo buscou responder às seguintes perguntas norteadoras, referentes ao contexto do judiciário trabalhista: os servidores que desempenham a atividade de secretário de audiências se veem em sofrimento/adoecidos pelo trabalho ou enxergam a atividade como fonte de saúde? Que estratégias utilizam para não adoecer e para superar as

adversidades no trabalho? Quais tipos de doenças os acometem? Estariam relacionadas à atividade de trabalho?

Destaco a pertinência teórica da Clínica da Atividade para o campo da Saúde Mental e Trabalho, na medida em que se constitui numa abordagem de transformação das situações de trabalho, podendo contribuir para a prevenção ou minimização dos problemas de saúde. No que se refere à relevância institucional, a pesquisa procurou contribuir para a reflexão e desenvolvimento dos sujeitos envolvidos e, a partir dos desdobramentos dos seus resultados, fomentar políticas institucionais e novas práticas no contexto do judiciário.

Acrescento que este estudo foi realizado no período entre 2018 e 2019, momento anterior à pandemia do Covid-19 e às suas consequentes repercussões no mundo do trabalho. Dentre as modificações evidenciadas pelo cenário epidemiológico em que nos encontramos para as relações laborais, aponto a intensificação da adoção do teletrabalho¹ pela maioria das organizações. Contudo, no âmbito do judiciário trabalhista, esta forma de trabalho já se constitui numa realidade desde 2015, tendo apenas sido ampliada para um maior número de servidores e magistrados em virtude do contexto atual, chegando também a abarcar a partir de 2020 aqueles trabalhadores que foram alvo desta pesquisa, mas que, no momento em que participaram desta, ainda realizavam suas atividades presencialmente.

Assim sendo, apresentarei nos capítulos a seguir os fundamentos teóricos e metodológicos que embasaram a presente pesquisa, primeiramente por meio de um breve relato acerca dos aspectos contextuais em que se inserem o trabalho e a saúde dos servidores do Judiciário brasileiro. Também discorrerei sobre o desenvolvimento histórico e as diferentes abordagens na área de Saúde Mental e Trabalho (SM & T), onde situo as contribuições da Clínica da Atividade para nesse campo, detalhando nas subseções seguintes pontos

¹ A Lei de reforma trabalhista nº 13.467/2017 define o teletrabalho como “a prestação de serviços preponderantemente fora das dependências do empregador, com a utilização de tecnologias de informação e de comunicação que, por sua natureza, não se constituam como trabalho externo”.

fundamentais dessa abordagem desenvolvida por Yves Clot, tais como as relações entre trabalho e subjetividade sob o olhar da Clínica da Atividade, e como as concepções de sofrimento, adoecimento mental e poder de agir constituem-se fundamentais para a compreensão da saúde mental no trabalho. No terceiro capítulo irei detalhar quais foram os objetivos almejados com o estudo, seguido pela descrição dos procedimentos adotados para tais fins. Logo em seguida, apresentarei os resultados obtidos e os discutirei à luz do campo teórico, analisando por fim quais as perspectivas possíveis e limitações a partir das reflexões expostas.

2 Fundamentação teórica

2.1 Judiciário brasileiro: aspectos históricos, organizacionais e a saúde dos servidores

A Administração Pública passou a ser alvo de questionamentos após 1980, diante de um quadro de endividamento internacional, que colocou em pauta um movimento pela Reforma do Estado em países da Europa, Estados Unidos e América Latina (Donato, 2006). Com a crescente preocupação em diminuir gastos, o serviço público acabou sendo apontado como um dos principais causadores do endividamento do Estado e passou a ser alvo de um enxugamento em seu quadro de pessoal.

Desta forma, o processo de Reforma Gerencial do Estado se constituiu num contexto de ineficiência do serviço público, de movimentos pela cidadania, democracia e participação na administração pública, que resultaram num movimento intitulado como Nova Administração Pública.

A Reforma do Estado, dentre outros aspectos, implica a passagem gradual de uma administração pública burocrática para o estágio de uma administração pública gerencial (Ribeiro & Mancebo, 2013). Essa Nova Administração Pública é caracterizada por gerentes públicos mais autônomos e por consequência mais responsáveis politicamente. Nesse cenário, os servidores passam da posição de meros técnicos e burocratas para serem vistos como homens e mulheres responsabilizáveis diretamente pela sociedade (Bresser Pereira, 2001). A partir de então são preconizadas as seguintes mudanças para o serviço público: orientação para resultados, defendida por incentivos à produtividade, adoção de controle de custos e atitudes empreendedoras; estruturas “enxutas” e flexíveis; excelência nos processos; e orientação para a qualidade dos serviços (Donato, 2006; Ribeiro & Mancebo, 2013).

Na esfera do serviço público, o Poder Judiciário brasileiro também vem sofrendo mudanças ao longo dos anos, sobretudo a partir da Constituição Federal de 1988, que como lei fundamental, trouxe consigo a concepção de que o Estado deve garantir o acesso à Educação, Saúde, Meio Ambiente, entre outros. Essa mudança constitucional implicou a transformação de paradigmas, parâmetros e procedimentos institucionais, sobretudo após a Emenda Constitucional nº 45/2004 e a denominada Reforma do Judiciário, com destaque para a criação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), um órgão autônomo de controle, coordenação e gerenciamento nacional.

A Constituição Federal de 1988 organiza o Poder Judiciário, dividindo-o em justiça comum e especializada. A justiça comum subdivide-se em justiça estadual e federal, ao passo que a justiça especializada é segmentada em justiça do trabalho, eleitoral (ambas na esfera federal) e militar (esfera federal e estadual). No que se refere ao fluxo dos processos judiciais, os órgãos do judiciário se dividem em instâncias, sendo a primeira instância a esfera onde se iniciam as causas e é composta pelas varas. A segunda instância é formada pelos chamados tribunais inferiores, tanto da justiça comum (tribunais de justiça estaduais, tribunais regionais federais) como da justiça especializada (tribunais de justiça militar, tribunais regionais do trabalho e tribunais regionais eleitorais). Como terceira instância existem os tribunais superiores (Superior Tribunal de Justiça, Superior Tribunal Militar, Tribunal Superior Eleitoral e Tribunal Superior do Trabalho). Temos ainda como instância extraordinária o Supremo Tribunal Federal (STF).

Apesar dessa organização e subdivisões, a justiça brasileira enfrentou problemas no tocante ao fluxo jurisdicional. Tavares (2003), em pesquisa bibliográfica sobre as condições de trabalho e de saúde dos servidores do Poder Judiciário, destacou descrições comuns nos estudos quanto aos problemas de organização do trabalho e às políticas organizacionais. A autora apontou referências sobre o que se denominou de “crise do judiciário”, referindo-se à

crescente incapacidade da justiça para atender às demandas da população. Essa crise se caracterizou principalmente pela grande carga de trabalho nos órgãos judiciários, o qual era incompatível com o número de servidores e com a estrutura existente; além disso, também foi marcada pela centralização administrativa nos magistrados e pela ausência de plano de carreiras até então.

Relacionada à insatisfação sobre a morosidade nos processos judiciais, uma imagem negativa associada aos trabalhadores do judiciário foi se configurando, o que culminou numa forte pressão social para solucionar a lentidão da justiça, por meio da implantação de diversas modificações organizacionais nos últimos anos. Passando a ser visto como problemático, o Poder Judiciário tem enfrentado uma crescente diminuição do seu prestígio e da tolerância em relação a baixa eficiência (Fernandes & Ferreira, 2015).

Na tentativa de amenizar a imagem negativa, a reforma do judiciário de 2004 trouxe como uma das principais mudanças a ampliação da competência da justiça do trabalho, passando essa a englobar uma competência sobre todas as relações trabalhistas. Essa ampliação de competência resultou numa maior demanda para os tribunais do trabalho, sem, contudo, ser acompanhada de uma significativa mudança na estrutura organizacional.

Como aponta Mansur (2016), as instituições que compõem o judiciário se destacam, nos últimos trinta anos, em relação às constantes modificações que passaram nas suas formas de trabalho. Essa nova dinâmica surgiu no sentido de atender à crescente demanda pela aceleração dos julgamentos. Desde então, a quantificação do trabalho, as formas de avaliação individual de desempenho, os rankings e as metas de produtividade elaboradas pelos tribunais fazem parte do atual contexto de trabalho da justiça brasileira.

A implantação do Processo Judicial eletrônico (PJe) representa significativamente essas inovações para acelerar a dinâmica processual, o que também facilitou o acesso da população à tramitação dos processos. No entanto, para os trabalhadores que realizam as

atividades laborais com as novas ferramentas, a implantação do novo sistema resultou em um maior tempo de permanência diante dos computadores e em um aumento de movimentos repetitivos no cotidiano de trabalho. Nessa lógica, a saúde desses trabalhadores muitas vezes acaba sendo prejudicada, e já é possível observar a existência de sintomas relacionados, tais como ressecamento ocular, dores na coluna, cefaleias, sensação de cansaço e desgaste mental (Pai et al., 2014).

O Conselho Nacional de Justiça (2017), constatou num levantamento que o volume de processos do judiciário e a escala de produtividade dos servidores e magistrados aumentou substancialmente no decorrer dos anos, à medida em que os recursos humanos e materiais não acompanham esse crescimento. Segundo esse mesmo levantamento, ao final de 2016, o Poder Judiciário possuía 79% dos seus servidores lotados na área judiciária e 21% na área administrativa. Entre os que atuam diretamente com a tramitação de processos, evidenciou que 83,7% destes atuam no primeiro grau de jurisdição, os quais se responsabilizam pelo maior número dos processos judiciais. O CNJ acrescentou ainda que o primeiro grau de jurisdição possui o maior quantitativo de casos novos, carga de trabalho e produtividade por magistrado e servidor da área judiciária.

Os servidores do judiciário, portanto, vêm enfrentando um quadro de mudanças e de novas exigências que pode estar favorecendo adoecimentos relacionados ao trabalho, cuja organização direciona-se para o aumento da produtividade e cumprimentos de metas, com o consequente aumento do volume e ritmo de trabalho.

Em estudo realizado por Bellusci e Fischer (1998) ficou indicado um significativo índice de distúrbios musculoesqueléticos entre os trabalhadores da justiça, e dentre os sintomas psicológicos mais marcantes nesse público relacionou a depressão, ansiedade e insônia. Também ficou evidenciado nesse estudo a necessidade de uma abordagem mais ampla na assistência à saúde dos servidores do Poder Judiciário.

Posteriormente, Paraguay e Tavares (2000) conduziram uma pesquisa cujo tema foi a saúde dos trabalhadores da justiça, onde apontaram os transtornos mentais como uma das principais causas de afastamentos laborais.

Ao investigar as representações sociais do sofrimento no trabalho entre um grupo de servidores de um Tribunal Regional Federal, Tavares (2003) encontrou como expressões de sofrimento entre os servidores: medo, sentimento de autodesvalorização, desesperança e desalento. Além disso, mencionou que os trabalhadores tinham seus pensamentos e sono invadidos por conteúdos do trabalho. O acometimento deles por adoecimentos somato-psicológicos também foram expostos, tais como estresse, esgotamento, depressão, pânico, alcoolismo, problemas gastrointestinais e musculoesqueléticos. Além disso, ficou indicado que as licenças e os afastamentos eram vistos pelos servidores como situações relacionadas ao sofrimento no trabalho.

Outros autores (Arenas, 2013; Mansur, 2016; Paoli & Monteiro, 2018) optaram por se aprofundar na temática de saúde dos trabalhadores do judiciário sob o enfoque do assédio moral e/ou organizacional, alertando sobre como este risco psicossocial no trabalho se torna agravado pelo contexto organizacional de controle e pressão sobre os profissionais para cumprimento de metas, bem como as formas de gestão predominantes nessas instituições.

A pesquisa de Amazarray, Oliveira e Feijó (2019) constatou forte associação entre o contexto laboral do judiciário e a potencialização de transtornos mentais e sofrimento psíquico, destacando que a forma como as atividades são divididas, o conteúdo das tarefas, o sistema hierárquico, as formas como as relações socioprofissionais são estabelecidas, e a configuração das relações de poder podem se relacionar a situações de vulnerabilidade da saúde mental desses trabalhadores.

Interessante ainda foi o estudo de Giannini, Sznclwar, Uchida, e Lancman (2019), que procurou elucidar as redes de cooperação entre os magistrados da Justiça do Trabalho de São

Paulo. Eles observaram que a própria organização do trabalho judicial, caracterizada por avaliações individuais quantitativas e divulgação de relatórios mensais sobre o desempenho de cada juiz e desembargador, incentiva a competição e comparação entre os pares. Nesse sentido, eles destacaram como um desafio no judiciário a construção de formas de trabalho que possam promover a saúde e o desenvolvimento dos profissionais.

Em 2017 o CNJ divulgou, por meio do Departamento de Pesquisas Judiciárias (DPJ), as doenças que mais afastaram os trabalhadores do judiciário no ano de 2016, dentre as quais destacaram-se: reações ao estresse, episódios depressivos e transtornos de ansiedade. Esse levantamento demonstrou ainda que os transtornos mentais e comportamentais representaram o quarto grupo de doenças mais significativas responsáveis pelas ausências no trabalho naquele mesmo ano (11,1% dos afastamentos). O documento do CNJ constatou também que, dentre as categorias dos órgãos do judiciário, a Justiça do Trabalho apresentou o segundo maior percentual de ausências no trabalho por transtornos mentais e comportamentais, ficando atrás apenas dos trabalhadores da área da Justiça Estadual.

Já no ano de 2019 o CNJ divulgou nova pesquisa, dessa vez referente aos dados de saúde dos tribunais de 2018, onde os transtornos mentais e comportamentais permaneceram em quarto lugar entre as causas de afastamentos dos trabalhadores do judiciário.

Esses dados chamam atenção e incentivam o debate acerca da saúde física e mental dos servidores e magistrados, sobretudo diante da ocorrência de casos de suicídios de servidores no local de trabalho, a exemplo de episódios ocorridos no Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo em 2014 (<http://sindsef-sp.org.br>, recuperado em 20 de abril, 2019), no Tribunal Regional Federal de Santa Catarina em 2015 (<https://sindjufe-mt.jusbrasil.com.br>, recuperado em 20 de abril, 2019) e no Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba em 2019 (<http://www.tre-pb.jus.br>, recuperado em 20 de abril, 2019). Menciono também no âmbito desse debate, a realização de eventos promovidos pelo Conselho Superior da Justiça do

Trabalho (CSJT) e pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), cujos temas enfocaram a saúde dos trabalhadores do judiciário sob o olhar de diversos estudiosos, tendo a participação de Chistophe Dejours em dois deles: Colóquio sobre Saúde no Poder Judiciário, em 2015; Conferência Saúde Psíquica e Trabalho Judicial, em 2017; e o 1º Seminário sobre a Saúde de Magistrados e Servidores do Poder Judiciário, em 2019.

Esse cenário aponta para a relevância em se aprofundar estudos que abordem o tema saúde mental no contexto de trabalho do judiciário, bem como estimulem o desenvolvimento de práticas que contribuam para a prevenção ou minimização desses quadros de adoecimento.

2.2 Saúde mental e trabalho

O campo específico de estudos sobre saúde mental e trabalho (SM & T) foi originado na França, ao final da Segunda Guerra Mundial, baseando-se nas contribuições de autores como Le Guillant e Claude Veil. O primeiro realizou estudos diagnósticos dos problemas em saúde mental no trabalho e defendeu a importância em se cuidar do trabalho em todos os sentidos (Lima, 2013; 2014), enquanto que o segundo foi considerado um dos fundadores da psicopatologia do trabalho, desenvolvendo reflexões sobre a origem dos transtornos mentais nos contextos de trabalho, as relações entre os espaços profissional e pessoal, e sobre as fronteiras entre normalidade e doença (Lima, 2014).

Essa área de conhecimento se estabeleceu basicamente em torno de duas grandes questões ou objetivos; primeiramente com foco em demonstrar a relação entre os transtornos mentais e o trabalho, e num segundo movimento, pode-se identificar aqueles estudos que se voltam para o desenvolvimento de intervenções para sanar, minimizar ou prevenir os transtornos identificados (Lima, 2014).

No Brasil, preocupações e estudos no campo da SM & T começam a ganhar força a partir da década de 1980, momento em que o campo da Saúde do Trabalhador também se

consolida no país. Também se aponta como um marco nessa época, a realização e deliberações da VIII Conferência Nacional de Saúde e da I Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador (Jacques, 2003; Oliveira & Bastos, 2014), que caracterizaram a mudança do modelo biomédico de doença para uma concepção interdisciplinar. Com isso, destaco que o desenvolvimento da área da Saúde Mental e Trabalho no país se inscreve no âmbito da Saúde do Trabalhador, no contexto dos movimentos sociais em prol de mudanças na situação de saúde dos trabalhadores.

Diante do cenário brasileiro da Saúde Mental e Trabalho, é possível identificar a existência de quatro principais tipos de abordagens (Jacques, 2003; Borsoi, 2007): as teorias sobre o estresse; a abordagem epidemiológica/diagnóstica; os estudos sobre subjetividade e trabalho fundamentadas no materialismo histórico-dialético; e as clínicas do trabalho.

Estudos com base no Modelo epidemiológico e/ou diagnóstico, assim como aqueles que investigam Subjetividade e Trabalho, situam-se nos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural e nas concepções marxistas (Jacques, 2003; Souza, 2013).

A abordagem Epidemiológica/diagnóstica busca produzir conhecimento sobre os aspectos do trabalho que possivelmente se relacionam ao processo saúde-doença e ao planejamento de ações e políticas de saúde. Essa abordagem surgiu ao final do século XVII, com a obra de Bernardino Ramazzini, intitulada “As doenças dos trabalhadores” (Jacques, 2003; Codo, Soratto, & Menezes, 2004). Contudo, a ênfase em conhecer a natureza social e histórica do processo saúde-doença (modelo da escola franco/latino-americana) ganha mais destaque após a Segunda Guerra Mundial, chegando ao Brasil apenas ao final da década de 1980, com o trabalho de Codo e colaboradores (Jacques, 2003; Borsoi, 2007). Para autores desta linha, como Codo, Soratto e Menezes (2004), o sofrimento psicológico e a doença mental são o rompimento da capacidade de construir-se a si próprio e à espécie. Nessa concepção, portanto, predomina a visão de homem como um ser psicossocial e de que o

trabalho é uma categoria central, tanto na constituição do psiquismo, quanto no processo saúde-doença mental.

Quanto aos estudos que articulam a subjetividade e trabalho, fundamentados em princípios marxistas (Jacques, 2003; Borsoi, 2007), estes igualmente consideram o trabalho como eixo na compreensão da subjetividade humana, podendo ele também constituir-se num modo de sofrimento para o trabalhador. Além disso, defendem que o trabalho deve ser considerado como um fenômeno objetivo e subjetivo, posto que os sujeitos tanto provocam transformações na realidade de trabalho, quanto são transformados por esta. A subjetividade, portanto, denomina-se como produto da relação do sujeito com o mundo concreto (Codo, Soratto, & Menezes, 2004). Assim, sob este enfoque é fundamental considerar as vivências e experiências dos indivíduos no mundo do trabalho para se compreender o processo saúde/doença mental.

Na visão de Jacques (2003) e Borsoi (2007) existe ainda no campo da SM & T as Teorias sobre o Estresse. Apesar de não serem o foco deste estudo, elas têm fundamentado grande parte dos estudos no Brasil e contribuído significativamente para o fortalecimento da área de SM & T no país.

As Teorias sobre o Estresse partem de uma perspectiva biológica e adaptacionista, baseada na Psicologia Social científica, de referencial cognitivo-comportamental (Jacques, 2003). No âmbito da pesquisa, voltam-se para a investigação das condições e características do trabalho que contribuem para produção do estresse, sendo este visto como um estado intermediário entre a saúde e a doença (Codo, Soratto, & Menezes, 2004). Já as intervenções neste campo estão mais direcionadas para o gerenciamento individual do estresse, encarando-se o trabalho como um fator desencadeante deste.

Num campo mais atual e inspirado nos paradigmas compreensivos², temos as abordagens clínicas no campo da Psicologia do Trabalho, no qual se situa a Clínica da Atividade. As clínicas do trabalho questionam sobre a produção social do sofrimento neste contexto, considerando as origens e manifestações desse sofrimento. Elas buscam contribuir também na reflexão sobre a relação sujeito-trabalho (Bendassolli & Soboll, 2011).

Como uma abordagem mais recente e que fundamentou o presente estudo, a Clínica da Atividade (CA) foi desenvolvida por Yves Clot no final da década de 1990, na França. Apesar de também estar vinculada às denominadas clínicas do trabalho, a Clínica da Atividade possui suas especificidades, pois fundamenta-se no materialismo histórico de Karl Marx, na Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski e na linguística de Bakhtin (Clot, 2001). No que se refere à compreensão sobre subjetividade e trabalho, a Clínica da atividade não centra sua atenção na luta contra o sofrimento como ponto de partida da mobilização da subjetividade, mas vai além do sofrimento, ao enfatizar a possibilidade de desenvolvimento pessoal e coletivo pela atividade de trabalho, pela ampliação da capacidade de ação e superação das condições do sofrimento pelos sujeitos.

Com o exposto, observa-se que a área SM & T surge numa perspectiva que considera o trabalho como elemento crucial não só para se compreender a subjetividade, mas também o processo saúde/doença mental (Borsoi, 2007). Segundo enfatiza Lima (2013; 2014), os estudos em SM & T que têm se desenvolvido mais rapidamente são aqueles sobre as origens dos transtornos mentais relacionados ao trabalho, os quais têm subsidiado reivindicações importantes e a atuação de profissionais de saúde na identificação do sofrimento e transtornos psíquicos nessa esfera. Apesar disso, existe ainda uma lacuna nesta área no que se refere ao desenvolvimento de formas de intervenção.

² Os paradigmas compreensivos no âmbito da Psicologia do Trabalho, contrariamente aqueles neo-positivistas, recorrem à intencionalidade, à conscientização e ao empoderamento dos sujeitos sobre o trabalho. A psicologia social do trabalho e as clínicas do trabalho podem ser apontadas em suas vinculações a estes paradigmas.

Especificamente, o diálogo com a Clínica da Atividade abre possibilidades para o desenvolvimento teórico e prático da área de Saúde Mental e Trabalho (Lima, 2014), diante da necessidade de se ampliar e produzir novos saberes e práticas que transformem efetivamente a saúde mental dos trabalhadores. Primeiramente, porque a Clínica da Atividade inclui o trabalho como um dispositivo fundamental para a restauração da saúde. Segundo, porque inclui na análise do trabalho o próprio trabalhador, buscando incluí-lo enquanto protagonista e agente na solução dos problemas enfrentados no trabalho.

2.3 Trabalho e subjetividade sob o olhar da Clínica da Atividade

Ressaltando as vinculações da Clínica da Atividade com a Psicologia Histórico-Cultural, Santos e Leão (2012) destacam a compreensão do homem em todas as suas particularidades, com base na existência material, real e atuante no mundo em que vive. Voltando às fontes do pensamento de Vigotski, Clot (2010) vai lembrar que é através da interação, da história transmitida e da linguagem que o ser humano encontra seus recursos para agir no mundo, ou seja, na relação com os outros, sempre mediatizada pela linguagem e pela cultura.

Sob esse enfoque, a noção de homem aparece relacionada à emergência da consciência enquanto um fenômeno historicamente situado e ligado à atividade criadora do ser humano, configurando-se como causa e efeito do agir. “Do ponto de vista psicológico, o indivíduo se torna sujeito quando começa a utilizar, a seu próprio respeito e à sua maneira, as formas de conduta que os outros haviam utilizado anteriormente, para com ele.” (Clot, 2010, p. 61).

Desta forma, a passagem da atividade pessoal para a social consiste numa recriação do mundo exterior pelo interior, numa recíproca constituição entre social e individual, já que para Vigotski o social está presente mesmo quando o indivíduo está sozinho, isto é, podemos dizer que o indivíduo singular também é social (Clot, 2006b), sendo possível perceber as marcas do

social no sujeito. Assim, “o conceito de consciência pressupõe que a relação entre o sujeito e o ambiente altera a subjetividade” (Santos & Leão, 2012). Em outras palavras, o social está sempre inacabado, posto como possibilidade de o sujeito colocar algo seu e recriá-lo, ao mesmo tempo em que se apropria dos recursos que este social lhe dispõe para se constituir como sujeito.

A consciência, na Psicologia Histórico-Cultural, aparece relacionada à ideia de atividade, constituindo-se por meio das relações do homem com a realidade (Vigotski, 2004). Essas relações são mediatizadas por instrumentos psicológicos (signos linguísticos) e materiais, que permitem ao ser humano transformar a natureza para produzir sua existência. Nessa perspectiva, o trabalho é também compreendido como uma atividade humana, que tem uma função psicológica na transformação da realidade material e simbólica pelo homem. A atividade de trabalho se torna central na formação do psiquismo, pois assim como a linguagem, trata-se de uma forma de mediação da consciência. A atividade de trabalho permite o acesso à consciência e à compreensão dos processos de desenvolvimento nos contextos de trabalho.

As relações entre trabalho e subjetividade contemplam a compreensão histórica de como a atividade de trabalho tornou-se central na constituição do sujeito, de como o homem escolhe se desenvolver por meio do trabalho, elegendo-o como recurso para seus engajamentos no mundo. Portanto, o trabalho pode ser definido como “a capacidade de estabelecer engajamentos em uma história coletiva” (Osório da Silva & Ramminger, 2014, p. 4755)

Procurando desenvolver o que seria a função psicológica do trabalho, a Clínica da Atividade o percebe como um fato subjetivo e ao mesmo tempo social. Nesse sentido, Clot (2006) busca resgatar, no âmbito da análise do trabalho, as complexas relações entre atividade e subjetividade. Ele também se apropria dos conceitos da Ergonomia francesa, mas vai além,

ao incluir a dimensão dos afetos no âmbito da atividade, considerando o trabalho como atividade material e simbólica sobre o mundo exterior, sendo ao mesmo tempo constitutivo da sociedade e da vida subjetiva. “Portanto, a função psicológica do trabalho é servir de mediação no processo de objetivação do sujeito e subjetivação do mundo” (Bendassolli & Gondim, 2014a, p. 141).

A Clínica da atividade vai enfatizar ainda a característica do trabalho como uma atividade triplamente dirigida: pelo comportamento do sujeito, para o objeto da tarefa e aos outros. Essa atividade triplamente endereçada é o que deve ser escolhida como unidade elementar de análise, em que cada uma das direções da atividade (do objeto, do sujeito e dos outros) conserva as propriedades do conjunto (Clot, 2006a).

As três direções na atividade de trabalho acontecem com a mediação do que se denomina gênero profissional ou gênero social do ofício (*métier*), o qual remete à memória social do trabalho, isto é, às regras sociais de falar e de trocar de um determinado meio profissional, que servem de mediação entre o indivíduo e o grupo (Clot, 2006a). Tais regras são passadas implicitamente, sendo necessário um tempo para o sujeito ir se apropriando delas. O gênero profissional se constitui num “instrumento coletivo da ação individual que permite cada um se “sintonizar” em situação de trabalho” (Clot, 2010, p. 10). Ele faz com que se tenha o sentimento de viver a mesma história, o que é estruturante no ambiente de trabalho. Na falta de meios para dispor do gênero para se viver no presente, o sujeito sente-se com menor ou maior poder de agir, posto que é ele quem regula as relações entre profissionais e é nele que o trabalhador busca o repertório coletivo dos recursos para ação. O gênero “nos diz de que modo agem aqueles com quem trabalhamos, como agir ou deixar de agir em situações precisas” (Clot, 2006a, p. 50).

A partir do acesso ao gênero, que é sempre inacabado e em construção, o sujeito também pode modificá-lo, por meio dos seus modos singulares de lidar com a atividade,

garantindo seu desenvolvimento e continuidade. É através do que Clot (2006) vai chamar de estilo profissional que o trabalhador reformula o gênero. “O estilo é uma modulação do gênero” (Clot, 2006a, p. 186).

Os artefatos ou ferramentas disponíveis tornam-se recursos para atividade do sujeito (incluindo a atividade de trabalho), quando eles atendem como resposta aos conflitos inerentes à atividade, posto que são estes conflitos que mobilizam o sujeito a transformar o meio em sua volta. Esse processo de apropriação das ferramentas/artefatos em instrumentos envolve a possibilidade de criação e recriação de situações e atividades psicológicas (Clot, 2006b).

O sujeito acaba criando outras funções para suas ferramentas de trabalho, numa mobilização da subjetividade na atividade. As chamadas catacreses subjetivas são formas de mobilização objetivas e subjetivas, baseadas em conversões de usos no curso da atividade (Clot, 2006a).

Percebo, portanto, que a atividade de trabalho não pode ser concebida separada do âmbito subjetivo. Yves Clot busca reformular a questão da subjetividade a partir de uma revisão do conceito de atividade, a qual é abordada de forma ampla, não se limitando àquilo que se faz, mas contemplando também aquilo que não é realizado – o que ele nomeia de real da atividade - aquilo que envolve as impossibilidades, o realizado e o não realizado no contato com as realidades. Sob esse enfoque, as emoções e os afetos perpassam a realização da atividade.

Emoções e afetos possuem conceitos distintos, apesar de serem partes integrantes e interfuncionais da afetividade. Smolka (2016) explicita distinções importantes entre os conceitos de emoções e afetos para Clot. Emoção é um momento da afetividade, que envolve o corporal (organismo, linguagem, história singular e social), reações orgânicas transformadas pelo signo, e serve de instrumento para o sujeito viver os conflitos intrínsecos à atividade;

situa-se na esfera do vivido. Já o afeto se refere à atividade relacionada à ação e apreensão do real; é a relação entre o vivendo e o vivido.

Assim, Clot (2010) reafirma a ligação existente entre atividade e afetividade, a qual é composta por três registros diferentes, porém interdependentes (o afeto, a emoção e os sentimentos), que não podem ser excluídos da análise da atividade de trabalho. Segundo ele, o afeto resulta de um conflito entre a atividade do sujeito e sua organização pessoal. O afeto é a energia e vitalidade que se expressa por meio das emoções e dos sentimentos, e que os impede de se tornarem estáticos e convencionais; está ligado à atividade, à ação, ao que aumenta ou diminui o poder de agir. As emoções seriam as vivências corporais de cada um, que são por sua vez, cultivadas pelos sentimentos. Nesse sentido, os sentimentos³ encontram-se no campo das “representações coletivas que veiculam normas, ideias e valores” (Clot, 2010, p. 9).

Quanto maior a capacidade do sujeito em variar entre esses três registros da afetividade, maior sua capacidade de agir. “Quanto mais um sujeito é capaz de passar do afeto ao intelecto, do afeto à linguagem, mais ele é capaz de variações interfuncionais, mais ele possui tessituras, registros distintos. A consciência é tanto mais desenvolvida quanto maior for a capacidade do sujeito de mudar de registro” (Clot, 2016, p. 90).

Percebo assim o importante papel da linguagem nessa passagem do pensamento à ação, pois é por meio dela que o sujeito consegue passar de um registro a outro, sendo capaz de enfrentar as provas que lhes são colocadas pela atividade. “Ao transformar-se em linguagem, as atividades se reorganizam e se modificam. (...) Graças à linguagem dirigida ao outro, o sujeito realiza no sentido pleno do termo, sua atividade” (Clot, 2010, p. 209). Aqui

³ De acordo com Clot (2010) os sentimentos seriam o meio pelo qual as emoções são nomeadas, construídas, cultivadas e compartilhadas. Os sentimentos seriam instrumentos sociais do pensamento, ou, como enfatizam Sawaia e Magiolino (2016) são emoções que permanecem presentificadas, ligadas à memória, à imaginação e às afetações fossilizadas.

Clot também enfatiza o importante papel do trabalho coletivo, posto que ele ajuda a desenvolver a consciência, na medida em que, ao nos engajarmos com outros sobre o objeto da atividade, numa ação orientada aos outros, surgem conflitos que são fontes de energia para a atividade e para a vida. Assim, a consciência, por não ser algo estático, se desenvolve no movimento, quando se passa de uma atividade à outra.

A compreensão das emoções e dos afetos só é alcançada quando se contempla o real da atividade (Lima, 2014). O real da atividade se situa, então, entre a atividade prescrita (aquilo que deve ser feito) e a atividade realizada (aquilo que se faz), as quais nunca correspondem na prática. Nessa dinâmica de conflitos, paradoxos e dilemas, as atividades suspensas, contrariadas e impedidas devem ser consideradas na análise do trabalho.

A subjetividade e a atividade são, portanto, motor e produto no processo permanente de recriação de novas formas de viver (Osório da Silva, 2014). A forma como as decisões são tomadas, as alegrias, as insatisfações, as possibilidades e as impossibilidades fazem parte da atividade.

Pensando o trabalhador como alguém que se constitui e é constituído pela sua atividade, a Clínica da Atividade propõe situá-lo como analista do próprio trabalho, favorecendo a conscientização sobre suas capacidades de transformar as situações de trabalho, para que passe a ser protagonista nesse processo.

“Assim, é por meio do fazer (atividade) no trabalho que se pode pensar sobre o trabalho e falar sobre ele, dando-lhe um lugar na construção da pessoa como ser moral e social” (Bendassolli & Gondim, 2014a, p. 142). Por esse raciocínio, enfatizo aqui a proposta defendida pela Clínica da Atividade como direção ética, na qual é fundamental a utilização de métodos de intervenção e de pesquisa que possibilitem a transformação das situações de trabalho e o desenvolvimento dos sujeitos envolvidos.

Isso esclarece o motivo pelo qual, na presente pesquisa, procuro enfatizar a visão de que os seres humanos são seres em constante movimento, capazes de criar e recriar as suas próprias histórias e construir novas formas de viver, inclusive nas suas relações com a atividade de trabalho, a qual se constitui numa forma de produção de subjetividades.

Com um olhar que considera o trabalho como elemento crucial não só para se compreender a subjetividade, mas também o processo saúde/doença mental (Borsoi, 2007), a proposta deste estudo é de afirmar uma Psicologia do Trabalho vinculada aos paradigmas compreensivos dessa área, que recorrem à intencionalidade, à conscientização e ao empoderamento dos sujeitos sobre o trabalho, pensando o trabalhador como alguém que se constitui e é constituído pela sua atividade.

2.4. Sofrimento/adoecimento mental no trabalho e impedimento do poder de agir

A noção de saúde, sofrimento e adoecimento aqui abordados se referem às influências na Clínica da Atividade da perspectiva de Georges Canguilhem (2009) acerca do processo saúde-doença como uma configuração dinâmica, que muda conforme o contexto sócio histórico, relacionando-se à atividade, à capacidade de enfrentar os eventos da vida e criar novas normas. Com base nisso, relembro que a noção de saúde aparece vinculada à noção de atividade.

Criticando o modelo biomédico sobre saúde como ausência de doença, Canguilhem (2009) defende que a saúde está ligada ao meio em que se vive e a capacidade de se desenvolver individual e coletivamente para transformar esse meio. Portanto, a doença vai ser vista por ele como uma expressão de sentimento de vida contrariado, como vivência de sofrimento e impotência. A partir dessas ideias podemos considerar o processo saúde-doença numa concepção que se relaciona aos determinantes socioculturais e econômicos, ao processo histórico-social.

Isso remete à ideia de que não se deve separar o psíquico do somático, as doenças mentais e orgânicas, uma vez que o processo-saúde doença deve ser situado historicamente, considerando-se as mediações e construções sociais que o permeia. Quando percebemos o ser humano como um ser histórico, os problemas encontrados no meio laboral, por exemplo, podem ser considerados como passíveis de modificação pela atuação do sujeito (Brito, 2017).

O modelo clássico da clínica e da epidemiologia excluía o sofrimento da esfera do adoecimento mental, pois este era considerado apenas em termos de presença de alterações no funcionamento mental e da duração dessas alterações (Borsoi, 2007). O tema sofrimento mental no trabalho passa a ser foco de discussões apenas na segunda metade do século XX, com as contribuições da Psicologia do Trabalho, desdobrando-se em questões de injustiça social, saúde pública e qualidade de vida (Bendassolli, 2011).

Yves Clot vai afirmar que o sofrimento se produz como efeito do bloqueio do potencial inventivo do trabalhador, pois os elementos relacionados ao bloqueio ou redução do poder de agir no trabalho podem causar incidências psíquicas negativas. Resgatando o conceito de agir em Spinoza, assim como a definição de sofrimento em Ricour, Clot (2001; 2006) destaca uma definição mais ampla de sofrimento, não estando este restrito a dor física ou mental, mas estando atrelado também à diminuição ou destruição da capacidade de agir: “O sofrimento é para Ricoeur uma impotência de dizer, de fazer, de narrar e de se estimar” (p. 174).

Posso pontuar, então, que os processos psíquicos de resposta ao sofrimento, na perspectiva da Clínica da Atividade, se relacionam aos bloqueios ou impedimentos no poder de agir dos sujeitos. O enfraquecimento do coletivo de trabalho e do gênero profissional, muitas vezes impostos pela organização do trabalho, também favorecem o sofrimento, pois impedem que os indivíduos adquiram apoio e recursos para lidar com as situações no trabalho. Isto porque o coletivo possibilita que o sujeito adquira recursos para a agir

individualmente e tome decisões, na forma de diálogo interior, a partir das possibilidades desse repertório coletivo.

Começamos a perder a saúde e corremos o risco de desenvolver uma doença quando já não nos sentimos na origem dos fenômenos e contextos em que vivemos (Clot, 2013). Sob tal lógica, o adoecimento remete à falta de reconhecimento do sujeito na sua própria história de vida e na história coletiva. Canguilhem (2009) aponta a doença como uma norma de vida inferior, uma privação que impõe ao sujeito o aparecimento de uma nova dimensão de vida, constituindo-se simultaneamente como privação e reformulação quanto às normas já existentes.

Pensando no âmbito da atividade de trabalho, o profissional corre o risco de desenvolver uma doença quando deixa de ser criador recorrente de sua tarefa (Clot, 2010), já que a amputação de sua iniciativa gera um esforço e sofrimento para que a criação seja colocada em suspenso (Clot, 2006a). Isto porque a atividade de trabalho não se resume a mera execução da tarefa; durante sua execução está em jogo o uso que cada trabalhador faz de si mesmo, ele faz escolhas, num processo em que sua capacidade inventiva se esforça em resistir à essa pura execução do prescrito (Barros & Benevides, 2007). É na manutenção dessa esfera de invenção de si e do mundo que o trabalho tem uma função importante contra o adoecimento, constituindo-se num recurso para que o trabalhador se (re)crie.

Ao considerar o trabalho como uma atividade humana contínua, que envolve a invenção de novas regras e de renormatização (Barros & Benevides, 2007), nas situações em que não é possível preservar a criação e aumentar o raio de ação dos trabalhadores, a afetividade/atividade fica bloqueada e impedida de ser um recurso de desenvolvimento para o sujeito. Situações de adoecimento no trabalho, sobretudo o adoecimento mental, podem estar relacionados às dificuldades decorrentes do desencontro entre o trabalho prescrito e o trabalho real (atividade efetivamente realizada). Quando ocorre a falta de condições, tanto para que os

trabalhadores realizem suas aspirações, quanto para discutir sobre elas, o trabalho perde sua conexão afetiva com o sujeito, ocorrendo o adoecimento. Portanto, o adoecimento no trabalho acontece quando se perde a relação com os objetivos que são válidos para o sujeito e para os outros. Essa situação remete ao impedimento ou bloqueio da atividade, decorrente da impossibilidade de se trabalhar segundo seus próprios ideais e os do coletivo.

Com o exposto, concluo que para Yves Clot, tanto o adoecimento quanto o sofrimento no trabalho são causados principalmente pelo enfraquecimento ou incapacidade do poder de agir, à atividade impedida e esvaziada; por isso, ele ressalta a importância em se resgatar o sujeito da ação. Ao enfatizar o compromisso ético com a ampliação desse poder de agir no resgate da saúde no trabalho, baseia-se na ideia de Canguilhem (2009) de que o adoecimento diz respeito à passividade e conformidade frente às mudanças do meio, ao passo que a saúde situa-se no movimento de testar possibilidades, se abrir ao risco de enfrentar novas situações de vida. Temos então a noção de vida como uma atividade normativa⁴ (Brito, 2017; Neves, Porcaro, & Curvo, 2017), como potência de produzir novas formas, e uma recusa à fixidez e mera adaptação ao meio.

Por outro lado, a qualidade do trabalho, do ponto de vista da Clínica da Atividade, é vista como potencial fonte de saúde, a qual possui estreitas relações com a atividade e o poder de agir, pois ela diz respeito à capacidade de ultrapassar as dificuldades e criar novos espaços não só de trabalho, mas de vida. Viabilizar a discussão sobre os critérios de qualidade de um trabalho bem feito para os indivíduos e coletivos, configura-se numa condição fundamental para a saúde no trabalho (Bendassolli, 2011). Isto porque os trabalhadores, para além da

⁴ Para Canguilhem a atividade normativa, isto é, a instituição de novas normas, é constitutiva da vida; se trata da capacidade de adaptação do ser vivo às variações do meio interno e externo. Clot (2010) esclarece contudo, que no âmbito da saúde, criar novas normas não se limita ao âmbito das defesas ao meio, mas remete à transformação da doença em novo meio de existir, à transformação de uma experiência vivida em um meio de viver outras experiências.

atividade prescrita, possuem seus critérios próprios para desenvolver um trabalho de qualidade (suas pré-ocupações).

Portanto, cuidar do trabalho e transformar suas condições de realização configura-se como um aspecto fundamental na promoção de saúde no contexto do trabalho. Para se conquistar saúde é necessário criar condições nas quais os sujeitos possam agir diretamente sobre a atividade, individual ou coletivamente (Bendassolli, 2011).

Importante lembrar ainda que a saúde possui um caráter coletivo na Clínica da Atividade, diante da importância dos coletivos de trabalho para esta teoria. Conforme aponta Osório da Silva (2014, p. 84) o coletivo de trabalho “exige uma obra e linguagens comuns a vários trabalhadores, que constituem e são constituídos por determinadas regras de ofício, além do respeito duradouro dessas regras por cada um”. Os coletivos de trabalho teriam uma função de suporte às ações do sujeito, quando este consegue se apropriar do gênero profissional.

Conforme já destaquei, o gênero profissional diz respeito a um repertório de ação e modos de fazer construídos pela história coletiva. De acordo com Clot (2006) sempre que o gênero não existe ou se acha maltratado, a vivência psíquica pessoal é atingida. Sem dispor dos recursos do gênero, a ação individual se desregula, ocorrendo a diminuição do poder de agir. É por isso que a recuperação dos coletivos de trabalho se faz um dispositivo fundamental no enfrentamento dos bloqueios do poder de agir e, por consequência, do adoecimento no trabalho.

Mesmo diante do conflito imposto pela atividade de trabalho, o sujeito tem a capacidade de lutar contra a adversidade; entretanto, a doença configura-se por uma limitação que é imposta ao sujeito, como um sentimento de vida contrariado (Clot, 2010). Quando se consegue ampliar o poder de agir, é possível deslocar o sujeito da posição de quem sofre para ampliar suas capacidades de superação, abrindo-se caminhos para elaborar e transformar as

provações do trabalho em novo meio de existir. Desta forma, o desenvolvimento do poder de agir abre caminho para o que caracteriza a saúde mental pela mobilização de forças na superação das adversidades e no reencontro do sentimento de vida.

Pensando nesses pressupostos no âmbito da realidade dos trabalhadores do judiciário, questionei-me sobre os efeitos para a saúde mental na atual lógica a que estão submetidos. Sob as diretrizes das novas formas de gestão pública, que exacerbam a quantificação do trabalho e implicam uma aceleração dos ritmos, posso dizer que há impedimentos na atividade que chegam a atingir a afetação dos sujeitos e o enfraquecimento dos coletivos de trabalho? Ou ainda, afirmar que as formas de avaliação de desempenho e a existência de rankings de produção entre servidores ou entre setores, e num nível mais amplo, entre tribunais diferentes, incentivam a competitividade e comprometem a manutenção de importantes aspectos no trabalho, assim como a saúde mental?

Tais indagações remetem aos possíveis efeitos da busca incessante por números e cumprimento de metas num curto período, a qual pode reduzir a possibilidade de trocas e a construção/manutenção do gênero profissional, deixando os trabalhadores entregues às dificuldades do trabalho real, sem dispor de recursos subjetivos para enfrentá-las, o que os expõem ao adoecimento, à medida que esta configuração dificulta saídas criativas e diminui o raio de ação dos sujeitos sobre si mesmos, sobre os outros e sobre a atividade.

3 Objetivos

3.1 Objetivo Geral

Compreender o processo saúde-adoecimento mental na atividade de trabalho dos secretários de audiências do Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região, a partir do aporte teórico-metodológico da Clínica da Atividade.

3.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar a categoria profissional dos secretários de audiências;
- Identificar o histórico de adoecimento desses profissionais;
- Analisar a atividade de trabalho dos secretários de audiências trabalhistas;
- Analisar dimensões do coletivo de trabalho;
- Investigar o processo de criação de novos recursos para a realização da atividade de trabalho;
- Analisar o poder de agir dos trabalhadores, considerando os impedimentos e as estratégias utilizadas para seu enfrentamento.

4 Aspectos Metodológicos

4.1 Delineamento do estudo

O estudo apresentou delineamento metodológico do tipo descritivo e transversal, com características de estudo multimétodos sequenciais, todos de abordagem qualitativa. A pesquisa se constituiu numa primeira fase documental, por meio de acesso a dados indiretos constituídos pela temática estudada (normativas, dados nacionais e locais, informações institucionais), e outra fase clínica-interventiva, fundamentada nos momentos metodológicos de uma pesquisa-intervenção em Clínica da Atividade (Batista & Rabelo, 2013; Osório da Silva, 2014), na qual foram realizadas: observação-participante, entrevistas semiestruturadas e aplicação da técnica de instrução ao sócia.

4.2 Participantes

Fizeram parte do estudo 9 servidores públicos em atividade na Justiça do Trabalho da Paraíba, dentre aqueles que estavam exercendo a função de secretário de audiências em uma das 13 (treze) varas do trabalho da cidade de João Pessoa/PB, de acordo com critérios de acessibilidade e indicação com a técnica da bola de neve (quando um participante indica outros possíveis participantes).

A escolha dos secretários de audiência como participantes da pesquisa justificou-se por este ser considerado na instituição um posto de trabalho fundamental para o funcionamento das varas do trabalho, mas também caracterizada pela vulnerabilidade ao adoecimento daqueles que o ocupam, em virtude do intenso ritmo de trabalho e tensões físicas e emocionais a que ficam expostos. Sua atribuição principal é acompanhar o juiz do trabalho para secretariar as audiências, incluindo-se a digitação dos termos de audiências no decorrer

destas (conciliações, depoimentos das partes e testemunhas, entre outros). Também se responsabiliza pelo primeiro contato com as partes antes da audiência trabalhista e por alguns encaminhamentos decorrentes das decisões judiciais.

Os servidores que ocupam a função de secretário de audiências recebem um acréscimo remuneratório de aproximadamente dois mil reais, correspondente a uma função comissionada nomeada por FC4 na estrutura de Carreira dos Servidores do Poder Judiciário da União (Lei nº 11.416/2006).

Cada vara do trabalho conta com seu(s) próprio(s) secretário(s) e com suas próprias salas de audiências, que no fórum trabalhista em questão são organizadas fisicamente por um mesmo padrão. Na foto podemos ver uma dessas salas de audiências, local onde os participantes desse estudo cumprem grande parte das suas tarefas. O posto de trabalho dos secretários localiza-se na mesa mais próxima à janela, logo ao lado da mesa do juiz, que está ao centro e possui 2 monitores de computador, lado a lado. À frente da mesa do magistrado temos ainda o espaço destinado aos advogados, reclamantes e reclamados (trabalhadores e empregadores geralmente).



Figura 1. Uma das salas de audiências do Fórum Trabalhista de João Pessoa/PB

Analisando a descrição formal da atividade de secretário de audiências, é desejável que o servidor que a desempenha tenha nível superior completo (sem área especificada) e experiência em digitação. Além disso, é desejável que tenha domínio aprimorado ou avançado nas áreas de processo civil, direito do trabalho, processo do trabalho – sobretudo, no que se refere à organização eficaz das pautas de julgamento para o juiz - dos sistemas informatizados específicos da justiça (como PJE, AUDI) e do editor de textos LibreOffice Writer. No que se refere às características comportamentais, são referidos nos documentos institucionais que se deve ter um perfil de avançada capacidade de relacionamento interpessoal e de organização do trabalho.

Essas exigências tentam dar conta do que preconiza a descrição sumária das atribuições do secretário de audiências (trabalho prescrito), conforme os manuais descritivos do Tribunal, sendo consideradas com um alto nível de responsabilidade, a saber: “*I- observar*

e cumprir as diretrizes e determinações do juiz titular da vara do trabalho e do juiz do trabalho substituto, quando houver, bem como da Administração do Tribunal; II- registrar, nos sistemas informatizados, os critérios definidos pelos magistrados para as pautas de audiências da unidade judiciária e para as respectivas atas, bem como secretariar os respectivos trabalhos; III- expedir as notificações, as citações e as intimações relativas aos processos em pauta; IV- expedir certidões requeridas, bem como redigir os atos, os termos e as informações processuais relativas aos processos em pauta; V- certificar eventuais alterações, no curso da lide, dos dados que compõem a autuação dos processos que estiverem em pauta; VI- cumprir as determinações e diligências dos processos que estiverem em pauta, inclusive perícias, controlando os respectivos prazos; VII- confeccionar, conferir e encaminhar mandados, editais, ofícios e demais documentos necessários ao cumprimento das diligências determinadas pelos magistrados nos processos que estiverem em pauta; VIII- controlar os fluxos processuais dos processos em pauta; IX- receber, conferir, guardar e conservar, no que couber, documentos dos processos em pauta; X- fazer conclusão dos autos e submeter os expedientes dos processos em pauta para despacho, decisão ou sentença, preferencialmente acompanhado das respectivas minutas; XI – elaborar as memórias de cálculos dos encargos fiscais e previdenciários devidos pelas partes em razão dos acordos homologados na fase de conhecimento; XII- proceder, por determinação ou delegação do juiz competente, consultas aos sistemas judiciais de apoio, tais como BACENJUD, RENAJUD, INFOJUD, SIEL, CNIB, SIARCO, SIMBA, CCS e outros pertinentes, registrando as informações obtidas nos respectivos autos , e XIII – desempenhar outras atribuições decorrentes do exercício do cargo ou que lhe sejam propostas pela autoridade superior.”

Faço a observação aqui que a função de secretário de audiência é descrita também como sendo de alta responsabilidade e como uma ocupação chamada “crítica”, como

referência a este ser um posto de trabalho no qual uma ocasional vacância causará grande prejuízo ao cumprimento dos objetivos do setor.

Diante do exposto, foram considerados para participar da pesquisa os entrevistados que satisfaziam os seguintes critérios de inclusão: (a) atuar como secretário ou secretária de audiência no momento da pesquisa, (b) aceitar participar voluntariamente do estudo, (c) dispor de tempo para a realização de todas as ferramentas metodológicas. E os critérios de exclusão foram: (a) trabalhadores terceirizados, contratados ou que não ocupavam os cargos/funções pré-estabelecidos na pesquisa e, (b) pessoas que não aceitaram participar da pesquisa. O acesso aos participantes foi realizado por meio de convite (verbal ou por escrito) a todos os servidores que se enquadravam no perfil descrito (cerca de 22 servidores), sendo explicitados os propósitos da pesquisa e a participação voluntária.

4.3 Lócus de pesquisa

O campo de pesquisa foi o Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região (Paraíba), órgão que integra a justiça do trabalho brasileira, responsável pelo julgamento de causas trabalhistas de 1º e 2º graus.

Criado em 1985, o Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região (TRT13) possuía inicialmente jurisdição nos Estados da Paraíba e Rio Grande do Norte. Em 1988, a Constituição Federal estabeleceu que cada unidade da federação deveria ter pelo menos um Tribunal Regional do Trabalho, mas somente em 1992 o Rio Grande do Norte passa a ter sede própria, com a criação da 21ª região, ficando o TRT 13 apenas com jurisdição na Paraíba.

Na implantação do processo judicial eletrônico, o TRT 13 colocou em funcionamento em 2008 a primeira Vara do trabalho sem utilizar papel. A partir de 2010, a instituição passou a ser a primeira do poder judiciário no Brasil a ter exclusivamente processos eletrônicos, tanto judiciais quanto administrativos.

Atualmente, o TRT13 possui uma primeira instância de julgamentos formada por 23 varas do trabalho: 13 varas na capital (João Pessoa), 7 em Campina Grande, 2 na cidade de Santa Rita e 5 varas distribuídas nas seguintes cidades do interior da Paraíba: Guarabira, Patos, Catolé do Rocha, Sousa e Itaporanga. Já a segunda instância de julgamento situa-se apenas no edifício-sede, em João Pessoa, e conta com 10 gabinetes de desembargadores, mais duas coordenadorias de turmas recursais. Além disso, o Tribunal também é composto por unidades administrativas que auxiliam a área-fim e outras que lidam com processos de cunho administrativo, ligados a atividades da área meio. De acordo com esta organização, no período em que aconteceu o estudo (2018-2019), o TRT 13 estava composto por cerca de 1050 servidores ativos, dentre os quais cerca de 334 situavam-se atuando nas varas do trabalho (primeira instância); desse universo, 271 ocupavam o cargo de técnico judiciário e 63 de analista judiciário, ambos responsáveis por auxiliar diretamente os juízes do trabalho nas atividades jurisdicionais.

As varas do trabalho são compostas por um juiz do trabalho titular e por um juiz do trabalho substituto. Ambos são auxiliados por servidores que possuem responsabilidades semelhantes nos trâmites processuais das chamadas secretarias das varas. Contudo, há algumas atividades específicas, para as quais os servidores que as ocupam recebem uma gratificação para desempenhá-las, sendo elas indispensáveis ao funcionamento das respectivas unidades. Há os cargos em comissão (CJs): de diretor de secretaria; e de assessor de juiz. E existem aqueles que ocupam as funções gratificadas (FCs): de assistente do diretor de secretaria; de assistente de juiz; de calculista; e de secretário de audiência, a qual será alvo deste estudo, uma vez que se constitui numa atividade que trabalha diretamente, tanto com o público usuário da justiça do trabalho quanto com o juiz.

4.4 Instrumento/técnica

Como a Clínica da Atividade assume uma postura ética com o desenvolvimento da atividade, propõe a utilização de métodos de intervenção e de pesquisa que possibilitem a transformação das situações de trabalho e que o trabalhador elabore sua experiência.

Assim, para cumprir os objetivos da pesquisa utilizei: 1) análise documental; 2) observação-participante, com a utilização de registros em diário de campo; 3) realização de entrevistas semiestruturadas sobre o histórico na atividade, com aplicação da técnica de instrução ao sócio.

Está prevista ainda a formação de um grupo de discussão em momento subsequente a este estudo, como forma de devolutiva aos participantes, mas também buscando subsidiar encaminhamentos coletivos a partir das análises discutidas com estes.

A análise documental e a observação buscaram contemplar a contextualização e aproximação com a realidade estudada. A primeira diz respeito à esfera do prescrito e de como se apresentou o fenômeno num primeiro momento (dados descritivos, normativas, estatísticas). Já a observação ganhou um novo conceito na Clínica da Atividade (Alves & Osório da Silva, 2014) porque esta enfatiza a questão psicológica em jogo. Nesse campo, a postura ética do pesquisador deve ser a de não ocupar o lugar de especialista nem deve basear seu conhecimento apenas em quadros externos ao objeto de estudo. A observação contribui no conhecimento sobre a atividade de trabalho para o pesquisador, mas acaba constituindo-se também como um instrumento tanto de investigação como de intervenção, uma vez que é capaz de produzir efeitos no campo de pesquisa, ao provocar no observado o estabelecimento de um diálogo interior (Conceição, Rosa, & Osório da Silva, 2017).

A entrevista objetivou uma maior aproximação com cada participante, buscando envolvê-los num processo de reflexão sobre aspectos da atividade e suas relações com a saúde. Foram abordados eixos como: histórico na atividade e possíveis vivências de sofrimento e adoecimento relacionados ao trabalho; impedimentos e recursos disponíveis para

a ação no cotidiano de trabalho; relação com os coletivos de trabalho; sentido e concepção de trabalho bem-feito.

Foi acrescida ao momento da entrevista a aplicação da técnica de instrução ao sócia, que se constitui numa ferramenta de formação e desenvolvimento dos sujeitos que permite a elaboração da experiência profissional e a transformação do trabalho (Osório da Silva, 2014). Foi realizada uma entrevista piloto em conjunto com a instrução ao sócia (IaS), o que contribuiu para posteriores ajustes, principalmente na sequência dos pontos a serem abordados com os participantes, assim como qual seria o momento mais adequado para aplicar a instrução ao sócia. A princípio a proposta era que a IaS fosse realizada logo em seguida ao primeiro ponto da entrevista, que trata sobre a história do sujeito na atividade de trabalho. Contudo, após a entrevista piloto percebeu-se uma quebra do fluxo de pensamento do entrevistado, que logo em seguida à IaS teve que retomar sua história na atividade e demais questões que se seguiam.

Sendo assim se definiu, após avaliação da entrevista piloto, que seria realizado o roteiro de entrevista quase em toda sua íntegra, para que depois se aplicasse a IaS, restando ao final apenas uma questão de menor mobilização afetiva.

Considerando a importância dos afetos, a possibilidade de afetar e ser afetado, a técnica de instrução ao sócia é utilizada na Clínica da Atividade com a proposta de que se possa transformar uma experiência vivida em objeto de uma nova experiência, pois permite uma co-análise sobre o desenvolvimento da atividade (Batista & Rabelo, 2013; Almeida & Lima, 2017).

A técnica consiste numa entrevista dialógica, que deve ser gravada, na qual o pesquisador solicita ao trabalhador que ele o diga como deveria se portar em relação a sua atividade de trabalho, supondo que o pesquisador será seu sócia no dia seguinte, de modo que não percebam que se trata de outra pessoa (Osório da Silva, 2014). Na sequência, a entrevista

é transcrita e discutida com o trabalhador, possibilitando a este um novo posicionamento e desenvolvimento. A discussão sobre a transcrição também pode ser realizada com os pares, de forma a enriquecer a técnica, porém optei por sua aplicação de forma individual no momento da entrevista, sendo complementada em momento subsequente com o trabalhador, em que este teve acesso ao material transcrito e era solicitado que este produzisse algum comentário escrito ou verbal sobre suas impressões ao reler o exercício, assim como se constituiu num espaço para que complementassem com que achassem necessário.

A ideia inicial era que fizesse parte desse estudo uma etapa em grupo, a fim de melhor investigar e intervir nos aspectos coletivos da atividade. No entanto, devido ao curto espaço de tempo e da necessidade em se aprofundar nas demais etapas, optei em realizá-la posteriormente, como forma de devolutiva deste estudo ao grupo participante, na intenção de promover reflexões coletivas e (re)construir discussões sobre o trabalho no âmbito dos coletivos, viabilizando a revitalização do gênero profissional, dispositivo fundamental para promoção da saúde mental no trabalho.

Além disso, como havia questões sobre a percepção da categoria dos secretários de audiência enquanto um coletivo de trabalho, as etapas realizadas, sobretudo a de entrevista e instrução ao sócia individuais, possibilitaram uma reflexão inicial dos servidores acerca do que mobilizam e como se engajam na realização de sua tarefa cotidiana, trazendo a atividade para o foco.

4.5 Procedimento de construção de informações (coleta de dados)

Foi elaborado roteiro de entrevista semiestruturado, sendo validado por uma etapa piloto antes da utilização definitiva, juntamente com a instrução ao sócia. O acesso às informações para a etapa documental do estudo aconteceu por meio do Núcleo de Saúde da instituição, do qual também faço parte como psicóloga, e envolveu dados estatísticos e

relatórios sobre afastamentos por doenças, riscos psicossociais mais prevalentes, e indicadores de saúde física e mental dos servidores. Também realizei consulta a documentos institucionais sobre o trabalho prescrito dos secretários de audiência, e a normativas locais e nacionais relacionadas ao tema desta dissertação.

Nas etapas de observações, entrevistas e instrução ao sócia foi possível fazer registros das observações e conversas mais marcantes em diário de campo. Fiz primeiramente um levantamento junto aos setores sobre quais seriam os possíveis participantes, isto é, todos os secretários de audiência lotados no mencionado Fórum, os quais totalizavam 22 servidores, distribuídos nas 13 varas do trabalho da capital da Paraíba.

Para facilitar o acesso aos secretários de audiências, fiz contatos com cada vara do trabalho do Fórum Trabalhista de João Pessoa, através de visita direta e/ou contato telefônico para prestar informações sobre o estudo, coletar a identificação dos sujeitos com perfil de participação e horários mais apropriados para encontrá-los. Quando já era possível numa primeira ocasião o contato direto com o participante em potencial, fazia o convite e agendamento conforme a viabilidade dos horários (tanto para os participantes quanto para mim). Por outro lado, quando os servidores que preenchiam os requisitos para participarem do estudo não se encontravam no local de trabalho ou estavam indisponíveis para um contato direto (muitas vezes estavam fechados cumprindo suas tarefas nas salas de audiências), eram fornecidas a quem estivesse acessível no setor (em geral o diretor de vara ou outro colega servidor), as informações sobre a pesquisa e deixados os telefones e e-mails para esclarecimento de dúvidas e agendamentos, se assim o desejassem.

Os agendamentos das entrevistas e instruções ao sócia foram iniciados logo que houve o aceite de uma primeira servidora. Ao fim desse encontro inicial em que foram realizadas a entrevista e instrução ao sócia, já foi agendado um segundo momento para que houvesse a leitura da transcrição e uma reflexão sobre a instrução ao sócia. Também foi feito, a partir da

primeira entrevistada, o questionamento acerca do interesse de participação de seu colega da mesma atividade no setor, ao que prontamente foi sinalizado positivamente, sendo reforçado por ela o melhor dia para encontrá-lo. Desta forma, se seguiu com os demais participantes, acontecendo também a indicação não só dos pares de mesma atividade, mas até de outros servidores que divulgavam a pesquisa, ao que também houve procura espontânea para participação.

A limitação dessa etapa se deu pelo acesso aos participantes no horário de expediente deles, já que muitos passavam horas nas audiências, num dia-a-dia muito corrido, o que por vezes resultou numa inviabilidade para o agendamento, numa falta de horário compatível, ou ainda, coincidindo com períodos de afastamento de alguns. Assim, estabeleci uma data limite para finalização dos agendamentos para aqueles que desejassem participar, sendo esta data informada por comunicado via e-mail institucional a todos os secretários de audiência, finalizando-se então com o número de 9 participantes, para os quais, para fins de preservar suas identidades, foram feitos os seguintes procedimentos durante os trechos transcritos neste trabalho: substituição de seus nomes próprios e de outras pessoas que tenham mencionado por outros fictícios, assim como a utilização de nomenclaturas genéricas de cidades, estados e de setores e instituições pelos quais fizeram menção e que pudessem de alguma maneira comprometer o sigilo de suas participações.

Após a conclusão da pesquisa, haverá etapa devolutiva dos resultados para os participantes, por meio da constituição de um grupo de discussão, no qual buscarei fomentar encaminhamentos possíveis junto à instituição quanto a transformações concretas no trabalho da categoria aqui estudada.

4.6 Procedimentos éticos

O projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFRN (CEP – UFRN) sob o parecer número 3.325.829. Os participantes foram esclarecidos sobre o objetivo da pesquisa e assinaram, conforme sua livre vontade em participar, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Autorização para gravação de voz e Termo de Confidencialidade. No que diz respeito aos riscos, a participação no estudo apresentou um risco leve, dos quais foram resguardados do direito de desistência a qualquer momento do estudo.

4.7. Procedimentos de análise

Baseando-se nas vinculações teórico-epistemológicas da Clínica da Atividade com a Psicologia Histórico-Cultural, a construção dos dados buscou perceber o desenvolvimento do fenômeno e a transformação da realidade, não apenas descrevê-los. Isso corrobora com a noção de que é preciso compreender os seres humanos em sua totalidade, enquanto construção social e histórica, na sua relação com o mundo.

Desta forma, procurei na análise documental descrever os documentos de forma articulada com contexto histórico e situá-los em suas articulações com o tema de pesquisa. Já as informações construídas na etapa clínica-interventiva voltaram sua atenção aos núcleos ou eixos de significação (Aguiar, Soares, & Machado, 2015), que organizam o modelo de produção teórica e possibilitam o acesso a outros sentidos. Esse processo se constituiu em três etapas fundamentais: 1) levantamento de pré-indicadores (identificação de unidades do discurso que já revelam indícios da forma de pensar, sentir e agir do sujeito); 2) sistematização de indicadores (por similaridade, complementaridade ou contraposição); e 3) sistematização dos núcleos de significação, a partir dos indicadores, articulando os aspectos reveladores do sujeito com o todo (aproximação dos sentidos que o sujeito constitui para a realidade na qual atua).

Cabe destacar, porém, que a análise e interpretação dos núcleos de significação busca analisar o sujeito, não apenas o discurso. A partir de leituras flutuantes acompanhadas da escuta dos áudios, busquei recortar as unidades do discurso que revelassem o todo, por meio de temas que apareceram reiteradas vezes ou com uma ênfase emocional na fala dos sujeitos. A concepção de sujeito aqui é de um sujeito que se constitui historicamente, a partir de múltiplas relações. Coube a mim, como pesquisadora portanto, apreender as particularidades desse sujeito na dinâmica das mediações, tentando se aproximar de uma explicação que considere a totalidade do fenômeno, para além da aparência, considerando aspectos como a historicidade, a contradição, os sentidos e os significados nas falas desses sujeitos.

Os materiais originados da entrevista e da instrução ao sócia foram analisados e organizados de forma a se apreender as ideias centrais e as estruturas significativas, realizando as articulações com os referenciais teóricos e com os objetivos da pesquisa.

5. Resultados e Discussões

5.1 Análise documental

Ao serem analisados documentos institucionais, tais como relatórios estatísticos e diagnósticos de saúde física e mental de servidores e magistrados, do período de 2015 a 2018 relacionados à temática de pesquisa, foram encontradas informações relevantes sobre o cenário estudado. As informações foram obtidas junto ao Núcleo de Saúde do Tribunal Regional do Trabalho (TRT-13), com a devida anuência da instituição.

Observei nos registros que, em avaliação realizada por fisioterapeutas do Tribunal em 2015, as unidades judiciárias de primeira instância da capital (Fórum de João Pessoa) apresentaram os piores indicadores de saúde física (prevalência de sintomas de dor e desconforto em determinados segmentos corporais), comparando-se com outros setores.

Nos dados de afastamentos médicos dos servidores da instituição referentes aos anos de 2016 e 2017 foi possível observar um expressivo destaque de doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (grupo M pelo código Internacional de doenças – CID), sendo o grupo de adoecimento que afastou por mais dias os servidores da instituição. No mesmo período, o número de dias de afastamentos por transtornos mentais e comportamentais (grupo F) desses trabalhadores aparece em segundo lugar, com destaque para quadros de depressão, ansiedade e estresse, conforme representado na Tabela 1 a seguir (*Afastamentos por CID em 2017 no TRT 13*). Ressalto que houve um aumento na quantidade de dias de ausências pelo grupo F de 2016 para 2017, que passou de 1672 para 2037 dias em 2017.

Tabela 1

Afastamentos por CID em 2017 no TRT13

Afastamentos por CID em 2017 – TRT 13			
Grupo do CID		Duração do Afastamento em Dias	Percentual
M	Doenças do Sistema Osteomuscular e do Tecido Conjuntivo	2451	19,32
F	Transtornos Mentais e Comportamentais	2037	16,06
Z	Fatores que influenciam o Estado de Saúde e o contato com os Serviços de Saúde	1838	14,49
S	Lesões, envenenamento e algumas outras consequências de causas externas	1285	10,13
H	Doenças do olho e anexos	837	6,60
K	Doenças do Aparelho Digestivo	656	5,17
G	Doenças do Sistema Nervoso	597	4,71
J	Doenças do Aparelho Respiratório	537	4,23
C	Neoplasias (tumores)	531	4,19
I	Doenças do Aparelho Circulatório	385	3,04
N	Doenças do Aparelho Geniturinário	331	2,61
O	Gravidez, parto e puerpério	292	2,30
D	Neoplasias (tumores) / Doenças do Sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários	196	1,55
A / B	Algumas doenças infecciosas e parasitárias	311	2,45
R	Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório, não classificadas em outra parte	152	1,20
E	Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas	98	0,77
L	Doenças da pele e do tecido subcutâneo	88	0,69
T	Lesões, envenenamento e algumas outras consequências de causas externas	42	0,33
Y / X / W	Causas externas de morbidade e de mortalidade	20	0,16
Q	Malformações congênitas, deformidades e anomalias cromossômicas	1	0,01
Total Resultado		12685	100

Ainda do ano de 2017, há registros de diagnósticos ergonômicos realizados em algumas varas do trabalho da capital que caracterizam as atividades desenvolvidas pelos magistrados e servidores como repetitivas, com um risco de desenvolvimento/agravamento de doenças musculoesqueléticas elevado, quando associado a fatores organizacionais e cognitivos: *“necessidade de alta concentração na tarefa, memória, tomada de decisão, estresse por cobrança de metas, dificuldade de pausas para magistrados e secretários de audiências, fragilidade tecidual decorrente do sedentarismo e da somatização muscular”*.

Em continuidade aos registros do ano de 2017, existem observações similares de duas áreas de saúde (fisioterapia e psicologia) à função de secretário de audiência. Nelas são ressaltados a necessidade da realização de pausas durante as audiências, e o estímulo ao uso de microfones headset e programa conversor de voz em texto, de forma a minimizar fatores de adoecimento no trabalho destes profissionais que digitam nas audiências.

Ainda no mesmo ano, um levantamento do setor de psicologia do Núcleo de Saúde do tribunal junto a servidores da primeira instância, descreve os seguintes fatores negativos em relação ao trabalho: *“sobrecarga de trabalho e/ou de responsabilidades que se agrava com a alta cobrança pelo cumprimento de metas e prazos, audiências sem interrupções e atendimento ao público, equipe reduzida, dificuldades no manejo e falhas no sistema do PJe (processo judicial eletrônico), envelhecimento da força laboral (a média de idade das pessoas que compõem o TRT 13 é de 51 anos); intensificação dos ritmos de trabalho, falta ou inadequação de equipamentos e recursos de trabalho, má distribuição de tarefas, impossibilidade de participação nos processos de tomada de decisão operacionais, inexistência de mecanismos de consulta e participação, estrutura de comunicação organizacional deficitária, falta de reconhecimento no trabalho.”* O documento também menciona sentimentos negativos descritos por alguns desses servidores nesse contexto: *“ansiedade, solidão, insegurança, autocobrança para não cometer erros, esgotamento*

profissional, aversão ao trabalho, impotência, lentidão diante das novas exigências, irritabilidade, falta de controle, sensação constante de não cumprimento das tarefas.” Além disso, também destaca sintomas físicos nesses trabalhadores, tais como *“falta de ar, insônia e cansaço”*.

Esses registros documentais do TRT 13 vão ao encontro do que mencionam outras pesquisas realizadas em órgãos judiciários, tais como a de Fonseca e Carlotto (2011), que ratificam as atividades desempenhadas pelos servidores do judiciário em suas intensas cargas de trabalho e com complexa exigência cognitiva. Também corroboram com o levantamento do CNJ (2017) que destacou os órgãos da justiça do trabalho como os que apresentaram o segundo maior percentual de ausências no trabalho por transtornos mentais e comportamentais, em comparação com os demais ramos da justiça brasileira no mencionado ano.

Por outro lado, aparecem nos mesmos registros documentais do TRT 13 (relatório de um levantamento do setor de psicologia) os seguintes momentos positivos do trabalho, segundo os próprios trabalhadores da primeira instância da instituição: *“satisfação ao observar os resultados do que desenvolve; sentir autocontrole sobre o trabalho; momentos que os trabalhadores sentem confiança e ou percebem reconhecimento do trabalho; quando têm liberdade em alguns setores da instituição para expor ideias.”*

Em dados institucionais mais recentes (2018), foram encontrados ainda o levantamento dos principais riscos psicossociais verificados no Tribunal no mesmo ano, que apontam elevadas exigências laborais (cognitivas e emocionais) e acelerado ritmo de trabalho. Esses riscos tiveram níveis mais altos nas varas do trabalho de João Pessoa, possivelmente sinalizando uma maior carga de trabalho nesse segmento de atividade na instituição, em conformidade com os resultados obtidos por Fonseca e Carlotto (2011), no seu estudo sobre saúde mental e afastamento do trabalho em servidores do judiciário no Rio Grande do Sul.

Com base nessas informações, percebo que elas corroboram com achados de estudos anteriores no judiciário, com semelhança dos fatores que influenciam a saúde mental no trabalho e aumento dos períodos de afastamento por motivo de doenças mentais e comportamentais que podem ter associação com os aspectos negativos descritos nos documentos.

As dificuldades relatadas podem estar provocando expressões de sofrimento no trabalho e incidindo em adoecimentos não só mentais, mas também físicos, uma vez que os sintomas correspondentes a tais enfermidades podem encobrir os psicológicos, resultando numa subnotificação e difícil reconhecimento do quadro em sua vinculação com o trabalho (Andrade, 2011; Fonseca & Carlotto, 2011).

Especificamente na instituição onde ocorreu a pesquisa, encontrei significativo conteúdo sobre a função de secretário de audiência, conforme exposto, o que pode indicar uma maior fragilização no que tange a esse coletivo profissional e precarização da atividade. Apesar de serem relevantes, é importante ir além desses dados, posto que a lógica deste estudo não busca reforçar a retórica do sofrimento, o sujeito como ser vulnerável e o trabalho como fator de adoecimento e ameaça apenas (Bendassolli, 2011). Há que se reconhecer que o trabalho pode ser fonte de sofrimento, mas também se pode apostar no resgate de seu papel enquanto operador de saúde, de lugar de criação coletiva e pessoal (Osório da Silva & Ramminger, 2014).

Deve-se escapar do mal-estar e adoecimento pela via dos aspectos da atividade como fonte de saúde, de criação e de novas formas de vida, que passa pela esfera pessoal, interpessoal, transpessoal e impessoal (Clot, 2013), pelo acesso ao real da atividade (Clot, 2006a), abertura às possibilidades – resgate da função psicológica do trabalho como meio de desenvolvimento.

Portanto, as demais etapas da pesquisa se fizeram importantes para uma maior aproximação da atividade de trabalho dos servidores do judiciário, enfocando especificamente nos aspectos da atividade do secretário de audiência no que se refere aos construtos da Clínica da Atividade.

5.2 Observação-participante

A observação-participante, foi feita inicialmente em duas manhãs numa vara do trabalho, num período em que aconteciam audiências trabalhistas, sendo viável acompanhar *in loco* as atividades do secretário de audiência. Os dois momentos foram combinados previamente com um dos secretários que aceitou participar do estudo, com a anuência do juiz titular da vara do trabalho correspondente.

Durante esses primeiros contatos no campo ocorreram breves relatos/comentários de servidores e, também de juízes sobre a função do secretário de audiência. Esses conteúdos e impressões foram registrados em diário de campo, sendo possível perceber algumas relações destes com o conteúdo das entrevistas e instrução ao sócia.

Destaca-se que, apesar de terem sido agendados momentos para realização dessas observações, conforme descritos anteriormente, a imersão no campo de pesquisa, as observações e registros das impressões fizeram parte de todo o processo de pesquisa.

Os movimentos, questionamentos e implicações ao longo do meu percurso nesse estudo nortearam os passos seguidos, bem como os resultados aqui discutidos, já que não se pode deixar de considerar a ligação pesquisador-campo, sobretudo pela minha implicação e lugar ocupado na instituição, que são anteriores à pesquisa.

Contudo, para além do contato prévio na instituição, destaco que os encontros e olhares que tive durante a realização desse estudo permitiram um novo encontro e um olhar sob uma diferente perspectiva, que foi possibilitada pela aproximação com as realidades e

cotidianos de trabalho desses servidores públicos, em suas histórias singulares, em seus enfrentamentos cotidianos no trabalho, assim como com as saídas que cada um encontra para enfrentar as dificuldades e se reinventar a cada dia. Essas histórias remetem à uma realidade material, concreta, construída no dia-a-dia e a partir da apropriação que cada um desses trabalhadores tem das realidades laborais, em conjunto com o percurso individual e acesso aos instrumentos coletivos para ação.

A partir do momento de divulgação e convite para participação na pesquisa em cada setor onde havia possíveis participantes, estabeleci diálogos e observações acerca da atividade de secretário de audiências, não só com os ocupantes dessa atividade, que muitas vezes estavam ocupados e fechados nas salas de audiências, mas também com colegas servidores, gestores e juízes, que prontamente se dispunham a prestar informações acerca dos melhores horários para o contato direto com os secretários, bem como já tratavam de tecer comentários a respeito da atividade alvo da pesquisa. Alguns pontos que me marcaram nessa experiência, a partir das observações nas varas do trabalho e do contato com servidores e juízes, são expostos a seguir:

a) Descrição da atividade do secretário de audiência por aqueles que a desenvolvem

e pelos juízes: A função de secretário está na *“linha de frente”*; recebe grande carga emocional; *“é penosa”*. Está entre as atividades mais tensas no judiciário trabalhista. *“É um sofrimento para todos a audiência.”* Alguns servidores não suportam a pressão emocional, mas essa tensão pode ser amenizada de acordo com a postura do juiz com quem eles trabalham, segundo relatos dos próprios juízes e de alguns secretários de audiências.

b) É desejável e esperado do secretário de audiência, sob a visão dos próprios

secretários de audiência e de colegas do setor: Que seu papel seja *“fazer o possível*

para não interferir em nada"; *"ser um facilitador absoluto"*; *"deixar tudo pronto para o juiz"*. Isso remete a uma despersonalização de quem faz esse trabalho, sob o olhar deles mesmos - *"não são pessoas, são instrumentos"* (secretário de audiências referindo-se a sua própria atividade e dos pares) – e dos outros - *"Ele é um robzinho, está vendo?"* (colega do setor ao apontar o secretário de audiências em atividade).

- c) **Nos primeiros contatos com alguns secretários de audiências, percebi que, para além do prescrito, o lado subjetivo da atividade sempre aparece, em conformidade ao que diz Clot (2010), de que mesmo no trabalho a subjetividade não é uma projeção mecânica da atividade:** Mais do que ser um instrumento, estão numa posição em que observam aquilo que o juiz muitas vezes não vê na dinâmica da audiência e o avisam. Também prestam informações às partes após a audiência junto com o juiz. *"Não é só chegar e digitar"*. *"Enquanto humano, não posso deixar de ver algumas coisas"* (comentários de secretários de audiências acerca da atividade que desempenham).
- d) **Breves comentários sobre sintomas como dores de cabeça que diminuem em períodos que não estão trabalhando, bem como uma tensão prévia ao momento de comparecer ao trabalho:** Esses comentários também aparecem posteriormente no conteúdo das entrevistas, ao enfatizarem o estresse que envolve a tarefa dos secretários nos momentos prévios às audiências, na dinâmica durante o desenrolar destas, assim como os desdobramentos decorrentes de seus desfechos.
- e) **Dificuldade para se alimentar, beber água, ir ao banheiro, já que muitas vezes as audiências se estendem e são realizadas uma após a outra:** Isto foi observado no campo. Notou-se que um dos secretários utilizava uma espécie de contenção no braço,

ao que disse ser por causa de uma epicondilite.⁵ Esse episódio pode ser um exemplo de que esses trabalhadores permanecem na atividade mesmo doentes, o que se confirmou em alguns relatos nas entrevistas e pode indicar uma subnotificação dos casos de adoecimento nessa função, já que estes trabalhadores dificilmente se ausentam/se afastam do trabalho.

Os pontos até aqui levantados remetem a impressões a partir de observações e diálogos breves com pessoas que fizeram parte do campo de pesquisa. Esses aspectos puderam ser mais bem complementados e aprofundados na realização das demais etapas do estudo, e serão discutidos nas seções seguintes.

5.3 Caracterização dos participantes

A etapa de realização de entrevistas semiestruturadas e de aplicação da técnica de instrução ao sócia foi realizada individualmente e por agendamento, entre os meses de junho a outubro de 2019, com cada secretário de audiência que se disponibilizou a participar nesse período, num total de 9 trabalhadores dentre os 22 atuantes na época.

Ao todo foram 9 participantes, com uma representatividade de 6 setores (varas do trabalho) diferentes, dentre os quais apenas 2 eram os únicos no setor que ocupavam esta função, já que os demais contavam com 1 ou 2 colegas para dividir as tarefas de secretário na vara do trabalho a que estavam vinculados.

A pesquisa contou com 4 servidoras do sexo feminino e 5 do masculino; todos ocupavam o cargo de técnico judiciário e estavam exercendo a função de secretário de audiência numa das varas do trabalho de João Pessoa, com a ressalva de que dois deles acumulavam esta atribuição com a de assessor de juiz, mas ambos se identificaram como

⁵ Lesão crônica que causa dor no pulso por esforço repetitivo.

secretários de audiência ao aceitarem participar do estudo, informando no decorrer da entrevista a especificidade de alternar-se entre essas duas ocupações na vara do trabalho.

As idades dos entrevistados variaram entre 35 a 59 anos, sendo que 6 deles possuíam mais de 40 anos e 3 deles abaixo dessa idade; 6 deles possuíam mais de 20 anos de trabalho no judiciário e mais de 10 anos na atividade de secretário de audiências. A formação escolar dos participantes se caracterizou por 1 com nível médio e 8 com nível superior. Alguns deles, antes de ingressar no judiciário, chegaram a exercer atividades nas áreas de saúde, agropecuária, magistério, setor bancário e comércio.

5.4 Núcleos de significações a partir das entrevistas e Instruções ao Sósia

As informações acessadas a partir das entrevistas semiestruturadas e das Instruções ao Sósia foram analisadas pela metodologia dos Núcleos de Significação, que considera a necessidade de se aproximar das determinações sociais e históricas do fenômeno pesquisado (Aguilar, Soares, & Machado, 2015).

O material transcrito de cada entrevista e instrução ao sósia passou por uma fase de leitura flutuante, juntamente com a escuta do áudio, a fim de se apreender as palavras ou frases que chamaram atenção por se repetirem, complementarem ou contradizerem, ou ainda que indicavam uma carga emocional (fala emocionada). Esse primeiro passo consistiu na construção de pré-indicadores, “um momento da pesquisa que visa a apreender não simplesmente as afirmações verbais do sujeito, mas também as significações da realidade que se revelam por meio das expressões verbais, que são sempre carregadas de afeto” (Aguilar, Soares, & Machado, 2015, p.64).

O pré-indicadores foram reagrupados na forma de indicadores temáticos, no sentido de avançar nas significações trazidas pelos sujeitos. Os indicadores e pré-indicadores identificados nas etapas aqui descritas, encontram-se nos apêndices deste trabalho, que por

fim foram sintetizados novamente para a construção dos núcleos de significação comuns a todo o material. Nesse processo, a articulação de uma fala com as demais revela o contexto social mais amplo em que se inserem os sujeitos históricos, incluindo as contradições que essas falas revelam. Dessa forma, foram gerados 9 núcleos de significação, que serão discutidos na sequência.

5.4.1 Núcleo 1: O serviço público como perspectiva de mudar de vida e o encontro com o trabalho real

Diante da insegurança no mundo do trabalho contemporâneo, marcada pela dificuldade de inserção profissional e permanência no setor privado, a perspectiva de ocupar um cargo estável, com uma boa remuneração e a possibilidade de seguir carreira são uns dos principais atrativos para que as pessoas busquem ingressar no serviço público, mesmo que em cargo diferente da formação (Albrecht & Krawulski, 2011; Ribeiro & Mancebo, 2013). A mudança na história profissional por causa de aprovação em concurso público apareceu em várias entrevistas, com destaque para alguns servidores com formações iniciais e experiências profissionais bem distintas do Direito, conforme descrevi anteriormente na caracterização dos participantes, com destaque para as seguintes falas:

“Trabalhei no **comércio e trabalhei em sala de aula**, já dei aula” (Luíza)

“**eu me formei em farmácia, trabalhei em farmácia de bairro**, farmácia de rede. Depois disso, **prestei vestibular pra administração, fiquei na metade do curso e passei no judiciário**” (Moisés)

“**trabalhei no banco antes**, por 1 ano e 6 meses, antes de... de entrar no TRT.” (Mônica)

“Bem, então eu **sou formada em odontologia**, me formei em 2007. E aí eu trabalhei durante 3 anos e meio mais ou menos, 4 anos na área e aí **eu resolvi fazer concurso.**” (Sofia)

“**Foi 10 anos numa empresa agropecuária**, que eu entrei em 84 (...) A empresa cresceu muito, aí... **eu adorava**, né? (...) tanto é que eu comecei a

trabalhar, eu ia... lá pro TST, **eu ia de bota (risos), porque acostumado a andar no mato** [...] Mas aí foi 10 anos numa agropecuária, mexendo com adubo, fertilizante, depois eles começaram a mexer com fazenda, plantação de soja, arroz. **Aí de lá eu mudei pro judiciário. Foi bem diferente** (risos).” (Roberto)

Uma exceção é o caso de Bianca, que teve sua formação em Direito, chegou a advogar, mas, mesmo assim almejava a carreira no serviço público, conforme declarou:

“Eu **advoguei um período pequeno** e estudava pra concurso.” (Bianca)

Muito da influência da história profissional aparece na fala de uma das servidoras, Luíza, que já foi professora, ao se preocupar com a didática das instruções que deveria dar a sua sócia:

“Eu acho que eu falo muito rápido, eu fico preocupada se a pessoa realmente tá conseguindo alcançar o que eu tô dizendo, se eu estou conseguindo, né? **Se eu tô conseguindo a didática de passar**, porque tem isso também.” (Luíza)

A decisão de optar pelos estudos com enfoque em ingressar numa carreira como servidor público se evidencia na fala de Mônica, sob a perspectiva de mudar de vida, de ter estabilidade, inclusive na aposentadoria:

“E **trabalhei no comércio por muito tempo**, sempre em escritório. Aí depois eu resolvi estudar pra ter um emprego melhor, né? Uma melhor garantia na minha velhice, eu pensava assim, né? **Eu voltei a estudar pensando na minha aposentadoria. Então eu comecei a estudar pra concurso.**” (Mônica)

Esse aspecto corrobora com o que Albrecht e Krawulski (2011) constataram como atrativo principal para a carreira no setor público: 89% pela estabilidade e 83% pela remuneração. Assim, as garantias e vantagens possibilitadas pelo serviço público tornam-se destaque; porém, assim como no estudo desses autores, também não foi relatado como fator motivador pelos participantes, a natureza da tarefa a ser realizada depois do ingresso.

A trajetória como servidor do judiciário que percebi no presente estudo envolve a ida

para cidades diferentes daquelas de origem dos entrevistados, desde cidades do interior do estado a metrópoles e grandes capitais; também inclui passagens por instituições públicas diferentes, não só da Justiça do Trabalho, mas também de diferentes ramos da justiça (alguns iniciaram na Justiça Eleitoral, por exemplo). Essas mudanças envolvem adaptações às culturas regionais e, também organizacionais, bem como às diferentes ferramentas e sistemas de trabalho. Isso pode ser exemplificado nas falas de Luíza e Sofia, chegando a ser relacionado ainda a episódio de adoecimento exposto por Mônica, na sequência:

“Eu inicialmente, quando eu **passei no concurso, eu fui pro interior.**” (Luíza)

“E foi uns 5 anos e meio assim, bem complicados. ((risos)) Mas **não foi só pelo desafio de tá lá numa terra totalmente diferente, de culturas bem estranhas**” (Sofia)

“**eu adoeci, porque dava assim, uma angústia**, quando era o dia de... primeiro a redistribuição, eu **tive que reaprender tudo aqui**, aí aquilo me angustiava, porque parecia que eu não sabia de nada, o sistema tudo novo, tudo diferente” (Mônica)

Há também aqueles que ingressaram formalmente no mundo do trabalho diretamente no Poder Judiciário, como Matheus:

“É, na verdade, emprego formal mesmo... O **primeiro emprego formal foi aqui no TRT da Paraíba** [...] Em termos profissionais, minha vida resume-se a isso porque **esse foi meu único emprego, praticamente.**” (Matheus)

Arlindo, outro secretário de audiências, também iniciou sua trajetória profissional diretamente no serviço público, mas não em órgão do Poder judiciário; e por ter tido essa vivência no serviço público anterior ao seu ingresso num Tribunal, apontou uma problemática dessa realidade no tocante ao mau aproveitamento da força de trabalho:

“eu trabalhei no órgão Z há um tempo, antes daqui e existiam pessoas efetivamente arquivadas no trabalho, o arquivo vivo. [...] Ao meu ver **a administração tá jogando fora a força de trabalho**, relevando a força de trabalho por preguiça e desorganização.” (Arlindo)

Nessa outra fala, ainda sobre sua experiência em órgãos públicos, o mesmo servidor ressaltou certas peculiaridades na gestão dos recursos humanos dessas instituições. Destacou que as gestões não procuram aproveitar, cobrar ou treinar aqueles menos qualificados – os que ficam “escanteados” - ao passo que aqueles mais comprometidos e capacitados no trabalho acabam ficando sobrecarregados:

“Eu não posso contar com fulano pra determinada coisa. Ao invés da administração procurar qualificar fulano pra aproveitar, porque na verdade é paga para fazer, não é para ser relevado o serviço dela. Ao invés disso faz: **procura fulano que faz ((risos)) e fulano vai ficando escanteado.**” (Arlindo)

A fala de Arlindo toca na importância de se implementar treinamentos e programas de socialização de servidores recém-chegados nas instituições públicas, bem como da necessidade de se conhecer as trajetórias profissionais e direcionar os servidores para tarefas mais compatíveis com seus potenciais (Albrecht & Krawulski, 2011).

A sobrecarga e volume de trabalho impactou alguns dos servidores entrevistados ao ingressarem no cargo público, em contraposição à imagem que tinham de que os trabalhadores de órgãos públicos não possuem muitas atribuições. Aqui é possível observar o estereótipo depreciativo que predomina em relação ao perfil do trabalhador dos órgãos públicos, conforme apontou Ribeiro e Mancebo (2013). Nesse sentido, ficou perceptível na fala dos servidores a surpresa logo que se depararam com a realidade do trabalho, pois viram o quanto o judiciário os demandou em conhecimentos e habilidades variadas, chegando a ser necessário muitas vezes ultrapassar o horário regular de expediente para dar conta do serviço. O encontro com o trabalho real passou a ser vivenciado como sacrificante, como algo que se acumula constantemente sem que se consiga colocar as tarefas em dia.

“Então, o trabalho era... era... posso dizer assim, **meio sacrificante**, sabe? Eu pensava assim “meu Deus, **o povo disse que servidor público não faz nada**, ((risos)) eu tô trabalhando mais do que quando eu trabalhava no escritório do comércio [...] Eu **passava muito do horário pra poder dar conta do serviço**, porque era muita coisa sobre uma pessoa só [...] porque **eu pedia pra ir**

trabalhar no sábado pra poder me organizar pra segunda... pra próxima semana, aí trabalhava no sábado até uma hora, duas horas da tarde às vezes, ou mais. **Era muito trabalho.**” (Mônica)

“Comecei a ficar num balcão, trabalhando na secretaria, atendendo o pessoal e ... **fazia tudo.** [...] Era muito corrido. Eu nunca entrei... do dia... primeiro dia que eu entrei no tribunal, até hoje, eu nunca parei um dia pra falar, "eita, o quê que eu vou fazer hoje?", nunca. Um dia desses eu tava até conversando com um colega, **a gente chega, tem muito trabalho, sai, ainda tem muito trabalho. Quando não tá tudo em dia, mas sabe que amanhã vai ter muito trabalho, né?** ((risos))” (Roberto)

Um outro aspecto relevante refere-se ao entrelaçamento da história profissional com as próprias histórias de vida de cada um, especialmente no caso da servidora Mônica, que foi tomando decisões muitas vezes relacionadas à fase que se encontrava no papel de mãe, chegando a deixar por um tempo o trabalho remunerado para cuidar dos filhos pequenos; já em outro momento do desenvolvimento desses, isso serviu de estímulo para ela encarar novos desafios relacionados ao seu próprio desenvolvimento pessoal e profissional, situação em que decide cursar uma universidade:

“Eu iniciei trabalhando como secretária no sindicato. No sindicato. Acho que trabalhei um... não sei se 2 ou 3 anos. Aí parei, tive filhos, né? **Casei, tive filhos, parei um pouco** [...] Aí depois de um tempo, acho que, bom, não sei qual ano, em 1998 ou mais, 98, 99 ou 2000, **aí eu resolvi fazer o curso de direito, pra eu entender melhor o meu trabalho, sabe?** Também pra incentivar meus filhos a fazer uma faculdade, porque eu os via assim, sem interesse, né? De continuar depois do segundo grau. Aí eu... **eles já estavam crescidos**, eu digo “eu vou entrar na universidade”. (Mônica)

No discurso de Mônica, percebo também o quanto o trabalho real a convocou a procurar outros conhecimentos, pois ela sentiu que sua preparação para o concurso público apenas não foi suficiente para dar conta de suas tarefas:

“não sabia o que era processo, fui aprendendo aos poucos, perguntando às pessoas pra poder não fazer as coisas erradas, né? Porque eu não tinha conhecimento, **estudei pra passar no concurso, mas processo eu não sabia nada**” (Mônica)

Ainda sobre o encontro com o trabalho real, chamou a atenção a experiência de uma das secretárias de audiência, Sofia, cujo relato foi muito emocionado, ao lembrar a época em que foi vítima de assédio moral logo que ingressou no judiciário, o que trouxe muitos danos para sua saúde mental, assim como fez com que se mudasse da instituição na qual isso aconteceu. Apesar dessa experiência de Sofia remontar a uma fase profissional em que ela ainda não ocupava a função de secretária de audiências, ressalto que tal fato ocorreu no início de sua carreira como servidora do judiciário, o que faz refletir sobre as circunstâncias e consequências em que o assédio moral pode ocorrer nesse contexto.

Ressalto as consequências maléficas do assédio moral no ambiente de trabalho, cujas sequelas podem permanecer por algum tempo naqueles que foram alvos, sendo necessário em alguns casos tratamentos e medicações a longo prazo para sua superação, como foi o caso de Sofia:

“ele (o psiquiatra) disse que eu tava com um **quadro depressivo** e que iria me afastar do trabalho. Eu me recusei porque eu disse “**eu não... eu não aceito que eu tenha esse diagnóstico**” e eu voltei a trabalhar. [...] tive uma **crise de pânico** dentro do avião, eu já estava indo pra casa, não tinha motivo nenhum de eu ter tido uma... uma crise, e eu tive que eu **não conseguia sentir minhas mãos**, eu não sentia os pés, eu não... escutava o que as pessoas diziam, escutava bem longe, a **vista escureceu**, foi assim, uma coisa que eu **perdi totalmente o controle**. [...] Aí eu fiz até o ano passado tratamento com o psiquiatra, ainda tô, mas assim, é uma vez perdida assim, é uma... uma vez a cada 6 meses. Com o tratamento psicológico, medicação e tô ainda em tratamento. [...] era uma coisa que me preocupava muito porque eu dizia, cara, quando você chega **num nível já de precisar de medicação**, eu nunca gostei de remédio, já era uma... assim, **eu tô no último nível** (choro). [...] Então você se sente frágil, vulnerável. Mas a partir do momento que você diz assim “calma, são pessoas, todos têm limitação, então aceite as suas”. Então, essa é uma coisa que você vai adquirindo aos poucos, principalmente **quando você é atacado**, então sempre fica um **fantasminha**.” (Sofia)

O assédio moral sofrido por Sofia acabou sendo motivo para mudar de instituição e até apareceu como possibilidade a desistência da carreira no judiciário:

“... eu fui pedir a minha exoneração, porque eu já tava já num ponto que eu disse “cara, eu não quero mais isso pra minha vida, não compensa, eu não

quero isso, **eu não estudei tanto tempo da minha vida pra tá sendo maltratada aqui** numa terra longe e longe da minha fami... dos meus familiares. [...] a minha vontade era só de ser curada e **sair daquela situação o mais rápido possível**” (Sofia)

Percebo na fala de Sofia o quanto o assédio moral se trata de algo importante a ser enfrentado num ambiente de trabalho, sobretudo pela ameaça e sequelas que pode causar à saúde e integridade mental dos profissionais. Essas falas corroboram com os estudos realizados por Arenas (2013) e Paoli e Monteiro (2018) acerca das relações entre o assédio moral e a saúde de servidores no poder judiciário. Arenas (2013) deparou-se com 67% dos participantes de sua pesquisa já tendo sido alvo de assédio moral, com predominância entre os servidores com menor tempo no serviço judiciário (até 3 anos), como foi o caso de Sofia aqui descrito. Já Paoli e Monteiro (2018) evidenciaram adoecimentos entre as vítimas, tais como depressão, ansiedade, insônia, problemas digestivos e tensão muscular, havendo necessidade de tratamento psiquiátrico e psicológico em decorrência de agravos.

Esse problema, quando acontece em ambientes como no serviço público, possui uma faceta diferente, no sentido de que esses servidores se veem dificultados a deixar o emprego diante da estabilidade que possuem, o que pode estender o sofrimento por muito tempo. É necessário lembrar ainda que o agressor, nesses casos, também goza de estabilidade, somado à ocupação de um cargo de confiança. Assim, esse fenômeno aponta para algo mais amplo na lógica de funcionamento dos órgãos judiciários, que são marcados por uma organização do trabalho hierarquicamente rígida, com base em relações entre chefias e subordinados baseadas em disciplina, obediência e controle em vários níveis, regidos por normas e regulamentos (Arenas, 2013). Tal hierarquia rígida, associada à organização do trabalho orientada para cumprimentos de metas do CNJ pode permitir o abuso de poder por parte de algumas chefias, o que requer estratégias de atuação para a prevenção e acolhimento nessas situações nos órgãos judiciários.

A partir dos relatos deste primeiro núcleo de significação, é perceptível que os sentimentos dos profissionais ao ingressarem no judiciário corrobora com o que Clot diz acerca do desencontro sempre existente entre o trabalho prescrito (tarefa) e o trabalho real (atividade efetivamente realizada). Assim, para dar conta das dificuldades impostas desse desencontro, o sujeito aparece como agente de seu próprio ato no trabalho, já que ele precisa fazer escolhas e criar soluções (Osório da Silva & Ramminger, 2014).

Com o passar do tempo esses desafios foram se modificando e surgindo outros novos, como o de assumir uma função considerada fundamental para a dinâmica no judiciário trabalhista: a de secretário de audiências. Ao assumir tal desafio, esses servidores contaram o quanto passaram a vivenciar uma lógica de trabalho bem específica e que se tornou marcante, tanto para eles como para os colegas de trabalho, como será visto no próximo núcleo.

5.4.2 Núcleo 2: De datilógrafo a secretário de audiências, uma história que marca

Retomando Clot (2013), é importante ver que para a manutenção da saúde o sujeito precisa se reconhecer na sua própria história de vida e na história coletiva do ofício. Diante disso, a composição deste Núcleo de significação foi fundamentada nos discursos que expressaram aspectos da função de secretário de audiências, desde a própria história da atividade à forma como ela deixa suas marcas naqueles que a desempenham. Isso porque a atividade de trabalho possui uma esfera transpessoal, que se constitui pelo atravessamento pela história coletiva do trabalho.

Observei que a maioria dos entrevistados possuía um longo tempo de experiência na função, desde quando esta se intitulava “datilógrafo de audiência” e era utilizada uma máquina de escrever no lugar do computador para o cumprimento das tarefas. Alguns passaram a ocupar a função de secretário de audiências pouco depois que ingressaram no judiciário, no tribunal em que ficaram lotados originalmente; outros, por sua vez, só

assumiram-na por ocasião em que mudaram de instituição (remoção ou redistribuição para tribunal de outro estado) ou até mesmo diante de relocação para outro setor dentro de um mesmo órgão.

O “audiencista” Moisés, por exemplo, veio redistribuído para Paraíba de um tribunal de outro estado, onde exercia outra atividade, e acabou ficando numa segunda vaga de secretário de audiências que surgiu na vara do trabalho em que ficou lotado em João Pessoa:

“Aí vim pra cá, fiquei na “N” Vara, inicialmente conhecendo e depois lá dentro do esquema da Vara aí tinha um secretário de audiência e foi... **apareceu essa vaga pro 2º secretário. Aí foi aí que eu entrei na secretaria e tô até agora, né?**” (Moisés)

No geral os participantes acabaram ficando na função de secretário/secretária em substituição a algum afastamento do secretário de audiências titular (férias ou outro tipo de afastamento) – como foram as experiências de Sofia e Arlindo - ou por iniciativa própria, como foi o caso de Luíza, que sentiu necessidade de conhecer o setor de audiências:

“eu fiquei no TRT trabalhando na parte da secretaria do TRT da Vara e depois eu fiquei... **eu assumi na... na área de audiência, tirando férias da colega.**” (Sofia)

“Eu ingressei no judiciário trabalhista em 1999, **com 16 dias fui substituir uma colega na sala de audiência e lá fiquei. (...) De lá pra cá são 20 anos** trabalhando dentro dessa perspectiva.” (Arlindo)

“em média 12 anos atrás, eu acredito que seja mais, não sei, **eu pedi pra... um setor que eu ainda não tinha ido, era anexo da audiência, digitar audiência** (...) mas foi por iniciativa minha, né? Aí foi um colega se ausentando, outro colega indo pra outra Vara, outros setores. Aí acabei ficando no setor de audiência” (Luíza)

Ficou perceptível no discurso desses profissionais que, ao assumirem tal responsabilidade, acabaram ficando marcados e identificados por onde passam como “secretários de audiência”, o que dificulta mudar de função ou até mesmo deixar o setor em que se encontram lotados. Nesse sentido, mesmo que tenham ficado como secretários de

audiência substitutos a princípio, acabaram permanecendo enquanto tais quando demonstraram habilidades para realizar a tarefa. Isto acaba sendo contraditório, uma vez que assumir esta responsabilidade acabou impedindo-os de se desenvolverem de outras formas na instituição, mesmo sendo o desejo de alguns, como Roberto, de assumir outras funções. Essa dificuldade parece se acentuar diante da resistência de outros servidores em aceitarem a atribuição de secretário, posto que há um imaginário negativo em torno dela:

“porque **o/a juiz/juíza quer você**, por conta das suas qualidades, não sei que, e não tem ninguém pra ficar no teu lugar, com as mesmas qualidades. [...] **Eu tinha interesse em trabalhar que não fosse pra audiência**. Aí eu percebi que eu adorei execução. Trabalhei muito, minha produção era muito boa, né? Ajudava muita gente também. [...] Aí me chamaram, **mas também pra secretário de audiência**. [...] tem servidor que foge dessa atividade como diabo foge da cruz [...] Pra mim, foi a primeira vez que aconteceu isso, de **eu querer sair de um ambiente, e as outras pessoas me convidando pra trabalhar**.” (Roberto)

“é muito comum a audiência ser uma das últimas coisas que as pessoas querem ir na Vara, ou é... a audiência e contadoria, fica de escanteio lá” (Moisés)

“tem gente que nem gosta de sala de audiência, lá mesmo no trabalho diz “aff Maria, **tudo, menos ir pra sala de audiência**” (Luíza)

Apesar do discurso negativo que circula na instituição sobre ocupar a função de audiencista, Luíza optou por enfrentar o desafio e suas próprias limitações:

“A única coisa que eu tinha restrição, porque apesar de eu ser uma pessoa muito **comunicativa**, eu sou **tímida**, entendeu? [...] Eu nunca fui, será que **é esse bicho que o povo fala?**” (Luíza)

A servidora Mônica, assim como Luíza, também optou por assumir os desafios como secretária de audiências; ela relatou como essa nova atribuição lhe exigiu muito também nesse início, especificamente pelas características dessa atividade, as quais serão melhor detalhadas adiante. Mônica, a exemplo de outros colegas do Tribunal e até dos próprios magistrados da instituição, percebe a dificuldade que existe para encontrar servidores dispostos a assumir sua

função nas audiências trabalhistas, sobretudo nas unidades judiciárias do interior, o que ela e Matheus, também secretário de audiência, colocam a seguir:

“É, na realidade eu fui inserido nessa função em virtude da **dificuldade do TRT em mandar funcionários**, digamos assim, capacitados para essa função porque ninguém queria sair da capital, não queria ir **para o interior**.” (Matheus)

“eu pedi pra fazer a experiência pra ir pra audiência, né? Que também era **difícil alguém também querer ficar em audiência porque fica muito preso**. [...] Aí essa foi a... a minha lida. E **o tempo todo trabalhando em audiência, e era sacrificante**, porque **eu chegava em casa moída, muito cansada, porque ficava muito tempo sentada, os móveis não eram assim, adequados**, né? O mobiliário eu acho que não era adequado, eu **não tinha apoio, um bom apoio, né? Para os braços, não... não tinha um fisioterapeuta que fosse lá pra dar uma orientação, não existia isso**.” (Mônica)

Na fala anterior de Mônica percebo a ressalva quanto aos cuidados com a saúde dos trabalhadores do judiciário, incluindo os aspectos ergonômicos, os quais eram bem escassos ou inexistentes na época em que ela ingressou; esses fatores agravavam ainda mais os reflexos da jornada na saúde desses trabalhadores, percebida como cansativa e sacrificante.

Há ainda aqueles servidores que relembaram as condições de trabalho como secretário de audiências na época em que a função possuía outro nome: *Datilógrafo de audiências*, pois para executar a tarefa de escrita dos termos e acordos trabalhistas era utilizada a máquina de escrever como ferramenta. Além disso, essas lembranças remontam à época em que os processos eram físicos, compostos por imensos volumes de papeis. Essas circunstâncias de trabalho relacionavam-se a outros enfrentamentos necessários, já que o contato com o público acabava sendo ainda mais intenso, pois os interessados não tinham acesso eletronicamente à tramitação do processo trabalhista.

“Era o tempo que **juntava folha no processo, uma lapa de folha**” (Arlindo)

“**O computador, inicialmente era só pra consultar o processo**, consultava, aí tinha... tinham poucas informações, né? Pra ver se conseguia localizar processo, era atender no balcão, receber petição, protocolar petição, **era tudo feito na Vara**. [...] **Existia discussão de advogado com o servidor** no balcão, já presenciei, sabe? **Na época mais que o processo não era totalmente**

eletrônico, mas hoje são raros. (Mônica)

“Na Vara de cidade I foi como **iniciei como digitador ou como Secretário de Audiência, que na época era Datilógrafo de Audiência**” (Matheus)

“No começo assim **foi difícil porque a gente nem usava computador ainda, eram aquelas máquinas elétricas**, né? Mas aí eu fui me adaptando bem a tudo, não tive muita, assim, dificuldade.” (Renato)

No entanto, Arlindo relatou uma outra dificuldade no ingresso e desempenho da atividade - a falta de treinamento:

“A gente **tem pouco treinamento também**, tudo que eu aprendi praticamente na sala de audiência, foi na tora mesmo, não tem nada de treinamento praticamente.” (Arlindo)

Esse aspecto também foi reforçado por Bianca, ao refletir que as instruções que passou ao sócia se tratava de coisas que ela mesma gostaria de ter tido acesso quando iniciou, concluindo de forma semelhante a Arlindo, afirmando que no fim de tudo a prática é que ensina:

“Eu dei instruções assim, que **eu gostaria de ter recebido quando eu comecei**, mas a gente sabe que é... qualquer atividade que a gente vai fazer **é a prática mesmo do dia a dia que ensina como a gente deve se comportar**.” (Bianca)

Ao contrário da experiência de Arlindo e Bianca, que não tiveram tanto tempo para se preparar para assumir a atividade, Sofia passou por um tempo acompanhando a colega a quem iria substituir na sala de audiências. Além disso, ela contou muito com a ajuda de várias pessoas da vara do trabalho da qual fazia parte na época, incluindo o juiz, cooperação esta percebida como fundamental para sua adaptação na nova função, remetendo ao que Clot (2006) enfatiza sobre a cooperação exercendo um papel de equilíbrio aos conflitos enfrentados pelo trabalhador:

“logo que eu entrei, lá em cidade M, eu fiquei observando a princípio, né? Como é que era a... como é que eram as atividades e depois eu fui ficando um pouco sozinha, mas assim, sempre sob supervisão da... da então secretária de audiência, e assim, como era **tudo muito novo, tanto vocabulário**, né? Quanto a própria dinâmica mesmo, rotina deles, no início foi **um pouco assustador, mas assim, nada que eu pensasse “eu não vou dar conta”** [...] Então era uma coisa que saía um pouquinho da rotina, então eu **pedia ajuda**, e sempre tavam

todos dispostos a ajudar. Então **pra mim não foi tão agressivo** assim, foi... foi bom [...] O juiz também era um amor de pessoa, qualquer um, **qualquer um que estivesse lá dava uma força**, tanto o diretor, quanto o... o su... o subchefe, né?” (Sofia)

Além desse apoio descrito por Sofia ao ingressar no trabalho em sala de audiência, outro ponto positivo desse momento foi a sensação de sentir-se mais livre na atividade, colocado por Matheus. Esse relato é contrário à imagem negativa que a função transmite a muitos colegas que não desejam assumi-la:

“foi ele/ela (juiz/juíza) que me inseriu pela primeira vez em Sala de Audiência e não senti dificuldades. Pelo contrário, **passei a me sentir mais à vontade dentro do meu trabalho. Fiquei com contato direto interagindo com as partes, com advogados, com magistrados, eu me senti até mais livre.**” (Matheus)

Ainda na concepção de Matheus, ser secretário de audiência lhe possibilitou uma maior adequação ao seu jeito de ser, pois em vez de sentir-se preso, ele se percebeu com maior liberdade, sobretudo por ter maior necessidade de contato com as pessoas, de circular por outros espaços do trabalho para além da unidade em que realiza suas tarefas. Além disso, essa liberdade também se expressa na relação com o/a juiz/juíza a quem auxilia, pois consegue levantar-se e ausentar-se do seu posto quando tem oportunidade durante as audiências:

“Às vezes **o/a juiz/juíza está conversando aqui com os advogados, eu me levanto, vou ali para fora e fico conversando** com o povo lá ou então eu vou lá para dentro da cozinha, aí ele/ela sai gritando aqui me procurando (risos).” (Matheus)

Por outro lado, a dificuldade pessoal de Matheus em ficar muito tempo parado numa atividade ou numa sala impossibilita-o de cumprir com uma outra face das obrigações do secretário de audiências – o cumprimento das determinações do juiz logo após a realização destas:

Bem, eu por ser uma pessoa muito impulsiva, é, inquieto mesmo, na realidade, **eu deixo a desejar no cumprimento imediato de certas determinações**. Me acomodo um pouco, na verdade... Logo que termina as audiências, ela pode terminar de 8, ela pode começar de 8 e terminar de 8 e meia da manhã, **eu não sei ficar quieto sentado em uma cadeira. Eu me retiro, vou andar e depois que volto**, aí eu acho que eu deixo uma lacuna nesse sentido.” (Matheus)

Dentre as limitações descritas pelos profissionais no ingresso na função de secretário, muitas delas ainda perduram e são mais detalhadas nos próximos núcleos de significação a serem discutidos. Tais dificuldades estão presentes no cotidiano desses servidores públicos, sendo por eles enfrentadas muitas vezes sob formas criativas e saudáveis, ou em forma de sofrimento ou adoecimento, conforme veremos mais adiante.

5.4.3 Núcleo 3: As situações que chegam às audiências, as relações interpessoais que se estabelecem e seus reflexos na saúde dos servidores

Clot (2010) procura retomar a ideia de Vigotski acerca do adoecimento psíquico, vendo-o como vivência de que o sujeito não dispõe de sua atividade para viver outras experiências, mas que ele adoce quando passa a ficar à disposição dessa atividade de forma passiva: “O sujeito já não dispõe de sua atividade, mas está à sua disposição” (p.62).

Considerando que se deve buscar as causas das doenças na experiência dos sujeitos e nas relações que estes estabelecem com o meio (Neves, Porcaro, & Curvo, 2017), apreendi que os profissionais das audiências do TRT vivenciaram situações em que adoeceram, que precisaram se afastar de suas atividades, ou ainda, mesmo diante de um quadro grave nesse sentido, permaneceram em seus postos com grande esforço. É possível também relacionar os relatos sobre acometimentos como ansiedade, pressão alta e taquicardia, a períodos em que os servidores enfrentavam dificuldades nas relações interpessoais com algum superior (juiz ou diretor de vara) ou diante de situações impactantes presenciadas por eles nas audiências

trabalhistas.

“Já vi todo tipo de caso que você imaginar. Até o último, parecia que eu... eu falei, "eu nunca vi um caso nesse sentido", mas eu acabei vendo (...) Aí pronto, eu falei, "pronto, agora eu posso me aposentar porque **eu já vi de tudo**". ((risos)) (Roberto)

“Foi uma ocasião de uma audiência em que o reclamante é...**era um detendo**. Então nesse dia da audiência... eu fiquei chocada com... ele chegou algemado, com 2 policiais, lógico, né, que tem que ser assim eu sei, mas você ver isso dói.(...) o problema foi depois que terminou a audiência, que ele saiu, ele tava saindo com os policiais, eu vi que **a mãe aproveitou... e abraçou o filho...** (choro)... aí assim, aquilo me deixou muito triste... eu **passei o dia péssima...** lembrando daquela situação (...) claro que eu não precisei de afastamento, nadinha não, que foi só momentâneo mesmo. Mas aquilo ali é triste, não me deixou bem, não me deixou legal” (Luíza)

“às vezes demora um pouco a audiência pra começar outra. Então **as partes já chegam ansiosas** e fica aquele.... Então é muito... **dia de audiência eu diria que o estresse é sempre muito alto** assim.[...] E algumas audiências são difíceis também, aí **as partes já brigam, os advogados ficam muito emocionados ali**. Então nessas audiências, que são as mais perigosas, é que **você tem que tá mais tranquilo** pra pôr o que realmente aconteceu na ata [...] tem esse **estresse**, é sempre... tanto que em dia de audiência... a gente faz duas vezes por semana, **em dia de audiência** a gente... é aquele **estresse**, você já vem mais... **você vem com outro ânimo**” (Moisés)

A fala anterior de Moisés remete a outro fator envolvido nas audiências: o estresse. O estresse é citado por ele em vários momentos, como algo anterior ao momento de audiência, ao momento que ela ocorre e após sua finalização, ocasião em que o secretário precisa cumprir as determinações e deliberações ocorridas ali, sob a condução e decisão final do juiz do trabalho. Contudo, torna-se conflituosa a posição necessária que o secretário precisa ocupar nessa situação, pois ao mesmo tempo em que eles narram o quanto ficam afetados pelo que está em jogo nos julgamentos, admitem ser necessário e imprescindível que esse afeto não transpareça no desenvolver da tarefa, pois podem ficar propensos ao erro e comprometerem um outro papel que acabam exercendo: o de propiciar ao público um ambiente favorável e menos agressivo possível, auxiliando na resolução do conflito ali estabelecido, prestando auxílio às pessoas envolvidas, conforme relatos de Renato, Sofia e Mônica:

“quando fala assim “ah, você vai pra justiça” a pessoa já fica com aquele impacto, né? **Tem gente que passa até mal**, a pressão sobe.[...] Então às vezes uma nem fala com a outra, o que é ruim, porque além... por mais que você **faça um acordo**, por mais que você tenha uma sentença, aquilo ali vai ficar com a pessoa sendo remoída, sendo... não é resolvido. Então, a gente tenta **formar um ambiente menos agressivo** [...] Mas se você for uma pessoa impaciente, carrancuda, que não tenha paciência, você acaba se prejudicando porque **você acaba sendo a esponja daquilo** ali, porque a pessoa tá com raiva, você acaba ficando com raiva, quando, na verdade, você tá ali pra **solucionar problemas.**” (Sofia)

“Às vezes, já aconteceu muitas vezes de uma parte passar mal e tal e a gente tem que levar aqui no setor médico. O **setor médico também atende os... as partes**, né? (...) Aí tu toma a iniciativa, né? Ou dá um copo d’água, às vezes tá muito nervosa, né? É que **tem testemunha que chega muita nervosa**, vai testemunhar e tá... fica tremendo e tal, num chega nem a falar direito. [...] Geralmente, **se a pessoa tá nervosa a gente fala: fica tranquilo aí**, né, só falar a verdade aí, responder o que juiz perguntar, né, não tem nada demais, né? Deixar a pessoa à vontade, que a pessoa fica mais tranquila e tal. Porque **às vezes a pessoa chega lá e tá todo mundo sério lá**, né? Aí você já vai testemunhar com medo, o pessoal não tem muito entendimento dessa dinâmica do direito e tal” (Renato)

“Porque **as pessoas vêm lá de fora também com seus problemas, e tem pessoas que não tem um autocontrole (...)** E a gente precisa tá preparado pra certas reações [...] você pode transmitir algo e a pessoa não entendeu e **você precisa ter paciência pra repetir, pra explicar.** E nós lidamos também com pessoas que não conhece nada de processo [...] no trabalho a gente **tem que se policiar**, porque a **gente tá lidando com outras pessoas** que chegam com... com seus sentimentos, com seus problemas do dia a dia e às vezes a gente precisa até **tá preparado pra acalmar essa pessoa.**” (Mônica)

Foram narrados além disso, mal-estares relacionados às relações interpessoais (discussões com colegas ou superiores, temperamento difícil de juízes ou servidores na função de gestores). Esse item merece uma atenção especial, visto que se relaciona a intenso sofrimento por parte dos servidores que já enfrentaram tais situações:

“o mal-estar acontece assim, dependendo das pessoas com quem a gente tá se relacionando, né? Porque **às vezes existe pessoas mais... mais difíceis**, né? De... de temperamento mais difíceis, né? E não só na... na audiência, mas em conjunto, né? Na secretaria e tudo [...] ele/ela (juiz/juíza) já tinha histórico, né? Das **pessoas adoecerem trabalhando com ele/ela**, por causa do temperamento dele/dela, mas eu... eu tinha que trabalhar, né? [...] o dia que deu o pico (de pressão alta) a primeira vez, a língua ficou grossa que quase eu não chamava a parte, quase que... **eu respirei fundo, respirei fundo, aí chamei a pessoa, mas**

aquele... sabe aquela agonia? Aquela aper... aperto? **E eu tendo que cumprir minha atividade?**” (Mônica)

“Eu tive um mal-estar logo quando eu vim pra cá pra Paraíba, porque tinha um/uma juiz/juíza titular aqui da Vara que era o/a doutor/doutora Z, e ele/ela **era uma pessoa um pouco difícil**.[...] Era **ansiedade**, achando que ia assim, a qualquer momento ia ter uma confusão na Vara. Tá entendendo? Esperando com quem era que ele/ela (juiz/juíza) ia brigar.” (Bianca)

“foi uma com o/a juiz/juíza, que ele/ela era muita polêmico/a, né, a primeira vez, ele/ela era muito polêmico/a, assim, se irritava com tudo... e eu, **por eu ser muito calmo, aguentava**, entra aqui, sai aqui, mesmo você fazendo as coisas certo, tal. Aí eu comecei a ter... como é que fala? **Taquicardia**, do nada, em casa ficava **nervoso**. E eu indo trabalhar, que eu via que aquele negócio... eu ia... sabe aquela coisa que **não tinha mais vontade de trabalhar, por conta dessa chefia**, né? [...] Pela forma que ele/ela (juiz/juíza) tratava as pessoas no turno dele/dela, as partes, né? Aquilo lá me incomodava. Porque você via que não tinha nexa aquilo, era totalmente insalubre pra todo mundo, até as pessoas que entravam, e principalmente pra mim que tava lá o dia todo, acompanhando aquilo. **Aquilo lá me fez muito mal**. [...] **não chegava a adoecer, mas começou umas dores de cabeça esquisitas**, e chegava em casa e o coração... eu ia falar alguma coisa sobre o que aconteceu, todo dia sempre tinha alguma notícia ruim, aí **o coração começava a palpitar**, aí eu "pá" ficava aquela coisa, aquela agonia.” (Roberto)

O estresse e ansiedade gerados por esses conflitos ficavam ainda maiores pela dificuldade em conseguir mudar de setor na época, como relatado por Arlindo, ainda quando ocupava a função de secretário de audiências num outro Tribunal Regional do Trabalho:

“não é ganhar a queda de braço, porque não se ganha uma queda de braço dessa, você fica numa situação chata, pra sempre, dentro da secretaria. Aí teve outras coisinhas, minando e tal não sei o que, e **eu insisti de novo, “eu quero ir embora daqui”**, fiquei naquela. “Não vai não.” O/a juiz/juíza, né, **“eu não libero não”** (Arlindo)

A situação de estresse vivenciado por Arlindo foi muito intenso, no período que ele descreveu em que teve conflitos com um gestor, o que só foi amenizado quando finalmente conseguiu sair do setor em que trabalhava, situação que só foi resolvida definitivamente após um ano:

“Sim, **foi estressante**, quando eu fui pra cidade A... pra você ter uma ideia, **levaram psicóloga pra lá, pra conversar com todo mundo** (...) Aí quando foi

um ano e pouco depois que eu tava lá em cidade A já, que o/a corregedor/corregedora do TRT do Estado A chegou lá, ele/ela disse “libera o rapaz pra cidade A”. (Arlindo)

Nesses casos, além do sofrimento que acompanha os conflitos vivenciados, pode ainda haver a persistência das consequências para a saúde dos servidores, a exemplo do que destacou Mônica, que tinha picos de pressão alta quando estava em audiência ao lado de um/uma juiz/juíza que a deixava tensa, e que mesmo após a pressão arterial ser estabilizada, relatou continuar sentindo por um tempo os sintomas:

“Eu **continuava sentindo... tendo os sintomas**, né? Da pressão alta, o **zumbido no ouvido, uma pressão na cabeça**” (Mônica)

Observa-se o reavivamento dessas situações traumáticas no trabalho, que persistem por um tempo ainda, atingindo a saúde do trabalhador como um todo, mesmo já tendo passado o que originou o sofrimento. Roberto reviveu as sensações ruins que tinha na época de trabalho com um/uma juiz/juíza em um momento posterior, já em outro setor e com outra chefia de juiz/juíza conduzindo audiência:

“Tive um dia **um outro problema com outro/outra juiz/juíza, mas ele/ela tava num dia muito ruim, eu acho**, que não era normal. Que aí eu até cheguei pra ele/ela [...] eu falei, "doutor/a, o/a senhor/a tá precisando... **o/a senhor/a tá parecendo até aquele/a juiz/juíza**" (...) aí quando acabou as audiências, **pediu desculpa**. (...) mas até eu falar isso, até acabar, **eu fiquei com aquela sensação como se tivesse voltado** aquele/a juiz/juíza.” (Roberto)

Os servidores participantes do estudo descreveram também as formas de enfrentamento que se utilizaram diante dessas situações de sofrimento e adoecimento no trabalho. Alguns recorriam a suporte externo, com a família, amigos, atividades religiosas, tratamentos médicos. Mesmo sabendo que a causa principal do sofrimento estava no ambiente de trabalho, muitos desses audiencistas adotaram uma postura de suportar a situação até que ela se resolvesse por si só, não sendo mencionadas ações no âmbito institucional para que

fosse solucionada a questão, conforme relatos de Mônica e Sofia:

“eu **ficava em oração, se eu passasse a noite sem dormir**, - que eu ficava a noite sem dormir -, aí eu ficava em oração pra superar essa situação, porque eu não queria tomar medicamento, não é? Pra me deixar muito... **o medicamento não ia resolver porque eu sabia que não era problema que eu resolvia com... com medicamento**, né? Eu tinha que sair (do setor), né? [...] **O setor eu não podia deixar, eu tinha que assumir minha responsabilidade**, saber esperar” (Mônica)

“Com **medicação e com igreja, com amigos**, né? Tentando deixar as coisas do trabalho, no trabalho. Depois que saía da Vara, **tentava esquecer tudo** que tinha acontecido.” (Bianca)

A dificuldade de sair do setor, já pontuada no núcleo de significação anterior a este, agravou ainda mais os impedimentos para ação dessas servidoras, sendo perceptível uma paralisação e um sentido de ter que suportar enquanto podiam as dificuldades, não abandonando suas responsabilidades profissionais. Por outro lado, Roberto e Arlindo adotaram uma postura diferente, mobilizando-se para saírem do ambiente que os estava prejudicando, procurando junto à administração do tribunal providências:

“Eu vou atrás do tribunal e pedir pra sair daqui e vou ter que explicar essa situação que eu estou vivendo aqui, **eu não tenho um bom relacionamento com o/a diretor/diretora e eu não sou obrigado a levar uma vida funcional com estresse diariamente** [...] E **eu botei no papel**, justamente, agora sim, você pode dizer que eu tô sendo bem incisivo no negócio [...] a menina dos recursos humanos quando disse, “vamos deixar isso de lado e tal, não sei o quê”. Digo, “não, **eu vou até onde for**, porque eu não... **eu não aceito**”. (Arlindo)

“Eu chegava, "doutor/a, eu vou ter que fazer isso, **entrar com uma ação no tribunal pedindo pra eu sair**, porque assim, aconteceu isso, isso, isso, e o/a senhor/a não quer deixar eu sair.” (Roberto)

Apesar de muitas negativas e empecilhos para conseguirem êxito, ambos servidores conseguiram sair dos locais de trabalho na época, com respaldo da administração, a partir dos efeitos de suas inquietações junto ao Tribunal onde trabalhavam na época do ocorrido. No caso de Roberto, resultou até em laudos de saúde de uma comissão do próprio Tribunal

atestando a necessidade de sua saída para preservação de sua saúde mental, o que foi decisivo para a resolução da questão, conforme ele descreveu:

“Aí quando o pessoal do tribunal juntou... vendo que tava sendo negado todos os meus pedidos pra sair, aí... e todo mundo sabia... [...] **chamou um grupo lá do tribunal**, - que eu cheguei até falar pra esse grupo - era... tinha psicólogo, psiquiatra... **tinha psicólogo, tinha médico, tinha várias pessoas, diretores**, não sei o quê (...) Eles tavam preocupados, achei muito bacana aquilo, né? E aí eles sentaram comigo, como você tá assim, aí eu tive que explicar tudo, passo a passo o que tava acontecendo. [...]E **aí veio um laudo deles falando que realmente eu deveria sair porque tava acontecendo isso comigo**, tal. Eu falei no dia que **eu não tinha mais força pra continuar**” (Roberto).

Ainda sobre a questão dos relacionamentos interpessoais no trabalho influenciando na saúde mental do servidor, há um importante destaque acerca da importância da comunicação com os juízes e as juízas. Quando o relacionamento com os magistrados que presidem a audiência é tranquilo e respeitoso, a atividade de trabalho acaba tendo um sentido positivo, sendo vista como um meio de se desenvolver, sabendo que podem contar com a ajuda e apoio desses mesmos magistrados para enfrentar as dificuldades:

“Porque os **juízes daqui** são... são atípicos, né? Eles/elas têm uma **convivência muito maravilhosa** com a gente, não tem essa de ser juiz ou juíza.” (Luíza)

“Aí pra mim, o que vier de novidade é só pra **desenvolver e buscar o conhecimento**, com quem? Por exemplo, se eu tenho uma dificuldade, daí eu falo com a... com o juiz, com a juíza, né? E aí a gente resolve.” (Mônica)

“eles/elas (juízes/juízas com quem trabalha) **respeitam muito os funcionários**. E eu sento, **faço a audiência tranquilo**, saio do jeito que eu tô aqui, como se eu tivesse chegado.” (Roberto)

Apesar disso, os audiencistas fazem a ressalva acerca dos cuidados e a postura que eles devem manter nesse relacionamento, não perdendo de vista os papéis profissionais e hierárquicos que cada um ocupa nessa relação. Adotar uma postura de cautela também causa impasses e pode ser vivenciado de forma conflituosa por estes servidores, na medida em que precisam ser próximos ao juiz, mas com relativa distância ao mesmo tempo.

“o/a juiz/juíza tem... tem as atividades dele/dela, eu tenho que saber, eu acho **que como a gente tem o relacionamento com outra pessoa, a gente tem que saber os limites**, né?[...] É, minha sócia, ela tem... eu acho assim, como ela tá submetida ao/à juiz/juíza, né? Trabalha junto, ela **tem que ser cuidadosa**, né? Com o trato. ((risos))” (Mônica)

“eu sempre tive assim, de **ter consciência de até onde eu posso ir**, no diálogo, que como uma coisa... aquela coisa que eu já disse outra vez, que **o gargalo aqui é muito longo, existe o juiz lá na estratosfera e a gente na hierarquia, aqui bem embaixo**, não tem... é diferente da maioria dos órgãos públicos [...] O **juiz** é aquele cidadão que tá ocupando **uma função pública que é muito, mas muito diferente na... na realidade da sua** [...] eu cuidei de trabalhar isso na minha cabeça, de **manter o distanciamento necessário** porque ele é o Estado, eu sou um funcionário do Estado, ele é o Estado, eu **não posso ter um nível de intimidade como eu tenho um colega de trabalho**, que senão de uma hora pra outra você leva um fora bem grande. Vê... como o audiencista, ele **trabalha dentro desse pisar em ovos**” (Arlindo)

Principalmente no relato de acima de Arlindo, percebo como as peculiaridades desta relação com o magistrado torna-se fundamental para esses servidores, o que está ligado diretamente à lógica de funcionamento das instituições judiciárias no tocante à estrutura fortemente hierarquizada, com uma distância estrutural e inerente a tal funcionamento, entre magistrados e servidores.

A secretária de audiências Sofia, enfatiza por outro lado, a necessidade de haver essa separação e de uma postura de humildade e respeito para com os magistrados, considerando as diferenças reais de lugar que cada um ocupa na instituição:

“tem que ser humilde, que é o/a juiz/juíza, você **tem que fazer o que ele/ela determina**. E você não vai bater de frente com ele/ela, muito menos numa sala de audiência. [...] Então assim, **existem os limites**, você não pode desrespeitar ninguém, quem quer que seja, muito menos no ambiente de trabalho que você passa muito tempo da sua vida trabalhando com as pessoas, e cara, não é hierarquia, mas é uma questão de... realmente de conhecimento [...] Então, **se ele/ela(juiz/juíza) estudou praquilo ali ninguém melhor pra julgar do que ele/ela.**” (Sofia)

Desta forma, essa comunicação com o juiz, para os secretários de audiência, é vista como fundamental não só para o desempenho deles na atividade, mas para todos que estão

participando da audiência. E essa comunicação se torna mais facilitada quando o secretário de audiências conhece bem o magistrado que auxilia, contribuindo para construir uma relação ao mesmo tempo de respeito e amizade:

“eu acho que **o contato que a gente tem com o magistrado** que tá presidindo as audiências também **afeta muito** em como o secretário de audiências tá aqui fazendo o trabalho dele.” (Bianca)

“Prestar atenção também no/na juiz/juíza, porque **cada juiz trabalha de uma forma**. Tem um/uma que gosta que eu já escreva no momento que a pessoa tá falando, já outros dizem “ó, segura um pouquinho e só escreve quando eu disser [...] Então você tem que realmente saber com quem você tá trabalhando [...] Então assim, é uma questão muito de... de **troca**, isso seria a palavra. Mas **o comportamento com eles/elas é de respeito, é de respeito e amizade também**.” (Sofia)

“a **forma que um juiz trata o servidor e as partes...** não é só o servidor não, as partes, **mexe com a pessoa que tá fazendo o auxílio**, né? [...] Mas eu reparei, o **juiz, quando... dependendo da audiência, ele mexe muito com todos na sala, não é só com o secretário não**. Se ele tá normal, **as pessoas sentem**, se ele tá irritado, eles sentem também, se tá nervoso, ele também passa pras pessoas. Audiência é coisa complicada, viu? ((risos))” (Roberto)

Diante dos pontos levantados aqui, percebo a importância de envolver várias esferas na resolução de conflitos, considerando que o cuidado com o trabalho e transformação das condições em que ele é realizado relaciona-se à saúde nesse contexto (Silva, 2014). Assim, para garantir esse cuidado, as instituições precisam ser envolvidas nesse processo, pois ao se cuidar do trabalho, possibilita-se que se reduzam os impedimentos na atividade e os trabalhadores podem se desenvolver por meio dela.

Aqui retomo Clot (2010) sobre a questão do sofrimento enquanto incapacidade de se exprimir, um impedimento. Nos relatos dos profissionais se observa muitas vezes um sofrer solitário diante de uma falta aparente de um coletivo de referência que pudesse sustentar uma resistência aos conflitos interpessoais enfrentados e até a possíveis situações de violências no trabalho. Diante dessas situações, o sujeito fica impedido de se colocar na atividade, pois se vê limitado a ter que suportar em silêncio, não havendo espaço para se reconhecer na ativida-

de. O reconhecimento, nesse sentido, é uma peça fundamental para a manutenção da saúde mental, visto que se trata de se reinventar, de colocar algo seu no trabalho, de fazer as coisas terem sentido para si e para os outros (Clot, 2013). Situações de adoecimento podem surgir justamente pela privação (Canguilhem, 2009); nesse caso, a privação de ter que colocar em suspenso sua iniciativa e sua criação.

Não perdendo de vista também a dimensão interpessoal do ofício (o trabalho sempre é endereçado a alguém), esses servidores, ao se depararem com restritas oportunidades de diálogos e interações com outros profissionais, acabam tendo um reduzido poder de agir e limitado acesso aos repertórios de ação que os possibilitaria lidar de forma diferente com as adversidades.

Lembrando que a saúde remete à produção de novos contextos para viver, à atividade, e esta por sua vez é sempre coletiva, é o estabelecimento e manutenção de engajamentos (Clot, 2006), destaco o quanto um coletivo enfraquecido ou até inexistente daqueles que desempenham a atividade de secretário de audiências (aspecto que será discutido melhor no Núcleo 8) pode estar favorecendo o adoecimento e sofrimento no trabalho dos audiencistas, uma vez que promovem o sentimento de solidão, de estranhamento naquilo que fazem (falta de reconhecimento no conceito da Clínica da Atividade), e a falta de apoio mútuo. O coletivo, enquanto memória coletiva de uma obra e linguagens comuns a vários trabalhadores (Osório da Silva, 2014), teria justamente uma função de suporte às ações do sujeito para criar seus modos singulares de lidar com a atividade – o estilo profissional (Clot, 2006a).

Além disso, as peculiaridades relatadas acerca do relacionamento e influência do comportamentos dos juízes no ambiente de trabalho como um todo, pode remeter ainda a outros aspectos a serem investigados, sobretudo no tocante à própria saúde mental dos juízes, bem como o papel simultâneo que precisam assumir enquanto quem julga e ao mesmo tempo precisa ser gestor à frente de uma equipe.

Além das situações presenciadas nas audiências e dos conflitos interpessoais, ficou presente nos discursos uma vinculação do estresse à atividade de audiencista, o que será discutido a seguir, no núcleo de significação sobre o estresse, o cansaço e a ansiedade inerentes ao fazer profissional dessa categoria.

5.4.4 Núcleo 4: Fazer audiência diariamente aumenta o estresse, o cansaço, e gera ansiedade: a importância de ter alguém com quem revezar e de fazer pausas

O estresse próprio do trabalho em audiência aparece em falas relacionadas a não poder cometer erros na tarefa e a ter que estar atento a tudo que se passa na audiência para evitar que esses erros aconteçam. Essa característica própria da função parece contribuir para o que a torna muitas vezes cansativa e expõe seus ocupantes a um cansaço mental, principalmente quando há muitas audiências para acontecerem num mesmo dia, e quando a maioria delas se constitui num conteúdo mais intenso e prolongado:

“você tem que tá prestando atenção em tudo, **não pode errar**, porque a oportunidade da audiência as pessoas estão ali, então como tudo tá sendo falado ali, tudo bem, só que a hora que eles vão embora, aí pra trocar uma linha daquela ata, é um documento público, aí tem que chamar [...] **a audiência é aquela coisa, ela em si você já tá achando que 90, 95% de estresse ali**, você tem que tá prestando muita atenção, **sempre olhando tudo que tá acontecendo**” (Moisés)

“Então assim, a gente tem que ir aprimorando a forma de escutar e a gente vai dando o melhor da gente. Só que às vezes isso fica muito **cansativo**.” (Sofia)

“Às vezes acontece de eu ficar mais dispersa quando a... as audiências tão muito carregadas, tem muitas instruções. Então, **a gente fica muito tempo digitando, então, chega uma hora que às vezes parece que desliga a mente**, aí eu fico pedindo pro/pa juiz/juíza repetir. [...] às vezes na audiência **você tem que digitar muito rápido**, você tem que tá **prestando atenção em tudo**.” (Bianca)

“Você fica meio ansioso. Aliás, agitado, né, dá aquele lapso de memória, essas coisas assim. Só acho que umas duas vezes deu aquele, que eu fiquei meio... **cansaço mental**, né?” (Renato)

Deparei-me também com a temática sobre acometimentos físicos relacionados aos movimentos repetitivos, e outros de causas psicossomáticas; eles aparecem sendo relacionados tanto a situações vivenciadas em algum momento no trabalho, como a problemas de ordem pessoal, ou ainda, à soma de ambos.

O excesso de atribuições no trabalho muitas vezes é visto como um empecilho ao autocuidado para a prevenção de adoecimentos, ou até mesmo como uma impossibilidade de se ausentar do trabalho, fazendo com que muitas vezes esses servidores se sintam na obrigação de comparecer ao trabalho, mesmo doentes:

“Tem do dia-a-dia da gente, que **digita muito**, né, aí...Tem a postura, tem a mão que você, é... tem que exercitar, que você, **por mais que você saiba que tem que exercitar**, que tem que fazer isso, **você nunca faz**, porque é tanta coisa, que você já chega pra trabalhar, pra... ir direto ao trabalho” (Luíza)

“Às vezes eu **sinto um pouquinho aqui na musculatura**, mas eu acho que é por causa do **movimento repetitivo**, né?” (Renato)

Contudo, nas falas a seguir de Mônica e Renato, eles ressaltam que eram mais comuns antigamente as queixas sobre os adoecimentos físicos na função de secretário:

“tinham muitas **pessoas que se queixavam**, né? Da... dos problemas, **problemas mais físicos.**” (Mônica)

“Há um tempo atrás, alguns reclamavam que era muito corrido, entendeu? Que tinha um **cansaço mental, a LER, a lesão do esforço repetitivo.**” (Renato)

Mônica lembra ainda de um período em que vivia muito cansada e adoecida, tanto pelo excesso de trabalho quanto por questões pessoais, entre elas o peso de dar conta de responsabilidades e preocupações com os filhos:

“eu me sentia muito cansada, mas eu não me entregava não ((risos)). Porque eu **era pai e mãe e eu não podia fraquejar. Eu ia trabalhar doente, ia trabalhar do jeito que eu tivesse, se eu suportasse estar no trabalho, eu estaria lá [...]** minha imunidade baixou tanto, porque também eu tive **problemas pessoais (...)** **Cabelo caía** aos tufos, sentia muita **dor na articulação**, eu saía à força pra trabalhar, era um esforço assim, quase... era... era um **esforço muito grande, mas eu ia trabalhar.**” (Mônica)

O secretário de audiências Renato menciona um único episódio em que precisou se afastar por causa de uma labirintite, episódio já ocorrido há alguns anos e num tribunal de uma cidade onde já ficou lotado numa época, onde também ocupava a função de secretário de audiências:

“Só foi uma vez, em cidade T, eu tive uma crise de **labirintite**, sabe? Só isso. Que eu tive, né... que eu tava... Por causa desse movimento, eu acho, brusco, aí eu tive essa crise de labirintite aí passei **uma semana afastado só**.” (Renato)

Renato relaciona seu episódio de labirintite mencionado acima, ocorrido há alguns anos, a um período de estresse no trabalho em audiências, numa época em que o número de audiências realizadas num dia era muito maior do que ele se depara hoje. Isso reforça a ideia de que o número e complexidade de audiências num dia tem um peso fundamental para a saúde desses trabalhadores do judiciário. Além disso, esse quadro se agrava quando é necessário participar de audiências diariamente, sem intervalos na semana.

“Eu acho que **o estresse também**, né. Porque há um tempo, quando eu digo, era demais. **Era 20 processos, 30 por dia e era todos os dias, a semana toda**. Aí num dava tempo... às vezes nem o que eu tinha que fazer, às vezes eu extrapolava o horário de trabalho pra poder cumprir as obrigações dos processos da audiência, aí era bem estressante, né? Mas hoje tá bem tranquilo. [...] tem audiência que já demorou cinco horas. Depende. E **hoje tá melhor porque hoje a gente tá revezando**, aqui. Os pares são dois dias e os processos ímpares mais outros dois dias, só que com outro é... com Michele⁶, né, no caso.” (Renato)

Em conformidade ao que disse Renato sobre ter outra pessoa com quem revezar os dias de audiência, Luíza também coloca:

“eu passei um período sendo só da sala de audiência, mas aí veio **outro colega**, depois veio outro colega, agora que **eu tô dividindo a sala de audiência com ele**, aí **amenizou muito**.” (Luíza)

⁶ Michele é um nome fictício para designar a colega de Renato que também é secretária de audiências na mesma vara do trabalho.

Já outro secretário, Roberto, ainda sente essa carga nos dias de hoje, posto que não conta com alguém constantemente para revezar no seu setor, por uma situação peculiar:

“porque quando você **começa uma audiência de manhã...** você começa, por exemplo, oito horas, aí **quando acaba, de meio dia, ou até duas horas**, que isso acontece muito, ou até, esporadicamente, cinco da tarde. Já perdi às vezes, mas **já aconteceu de você começar de manhã e acabar cinco horas.** [...] Mas tem... uma coisa que me dificulta são... é mais isso, é uma colega, por conta que a minha colega, ela tem uns problemas de natureza pessoal (...) ela se ausenta muito. [...] porque ela tem os problemas, às vezes ela... você não pode ter certeza que ela vai tá no outro dia, né? (...) Aí... mas eu sei que **se eu tivesse mais o apoio dela, ia trabalhar bem menos, né?**” (Roberto)

Desta forma, ficou enfatizado que fazer audiência diariamente aumenta o estresse, o cansaço e gera ansiedade:

“Aí, por exemplo, quando a Luíza sai de férias, né? A outra secretária, aí você já fica com aquela **ansiedade**, porque você vai **ter que fazer audiência todo dia**. Esse é um problema, né? Fazer audiência todo dia nunca é bom.” (Moisés)

“essas três semanas que eu passei com Cristiane⁷ de férias, foi... foi bem intenso, porque foram três semanas com ele/ela (juiz/juíza), de segunda a quinta. Então assim, eu tava já... eu chegava em casa, eu capotava, eu estava **supercansada** [...] a audiência em si, ela já é intensa, e **de segunda a quinta**, eu realmente fiquei **exausta**.” (Sofia)

Moisés destaca um outro período em que precisam participar diariamente de audiências, as chamadas semanas de conciliação, que acontecem periodicamente em todas as varas do trabalho, em determinadas épocas do ano, como uma ação institucional para incentivar a conciliação para a resolução dos conflitos judiciais que chegam ao TRT 13.

“**tem épocas que acaba isso acumulando.** Por exemplo: teve a semana de conciliação. É uma coisa nova dentro de todo esse ambiente e aí atrasa tudo. Isso aí já **gera um estresse maior no dia a dia em si e nos dias de audiência também, porque você tá fazendo audiência, você não pode cumprir outras coisas.** [...] Aí nisso você faz todo dia audiência. Aí que eu acho que... mesmo

⁷ Cristiane (nome fictício) é a outra secretária de audiência do setor que Sofia trabalha.

dividindo. Aí são muitos processos, aí você divide, mas você... aí chegou na segunda-feira, **aí faz um monte de audiência. Aí você tem que fazer o resíduo da audiência** e fazer os do dia a dia, porque tem processo sendo marcado pra frente [...] você tem que **trabalhar naquele processo, tem que trabalhar em audiência, e no outro tem audiência de novo e no outro dia, no outro dia**. Isso é... é uma semana tudo que vem a mais, aquele estresse que já é um pouco alto, sempre vai... vai ficando a mais, né?” (Moisés)

A questão dos cuidados com alimentação, hidratação e realização de pausas foi outra questão presente no discurso dos entrevistados. A dificuldade para realizar atos simples e fundamentais para a saúde, alimentar-se e ir ao banheiro torna-se frequente, muitas vezes justificado pelos servidores pelo volume, conduzido também, não só pelos juízes com os quais eles trabalham e estão subordinados, mas também por um próprio ritmo que estes trabalhadores acabam se impondo. Por outro lado, há também a longa duração de algumas audiências, que acabam fazendo com que o horário de refeições seja negligenciado, e que o servidor fique por longas horas sentado sem se alimentar, o que pode ocasionar sérias complicações de saúde.

“uma vez **eu senti uma dor muito forte, sentada o tempo todo, né?** Almoçava... **almoçava muito rápido, voltava**, porque alguém me substituí, era só substituir pra... eu... que **eu não aguentava mais esperar pra almoçar**, que a audiência ia rolar até tarde adentro. [...] Aí uma vez eu senti uma dor muito forte, eu não sabia o que era, já era... era **problema de vesícula e eu não sabia**.” (Mônica)

“Você precisa de uma pessoa só... ou do seu **tempo** natural de descanso, aí, um **tempo** pra ir ao toalete, um **tempo** pra ir pegar uma água, um **tempo**... e voltar pra sala de audiência.” (Luíza)

Para a servidora Bianca, foi necessário criar uma estratégia para driblar a dificuldade de se levantar ou se ausentar da sala de audiências quando sente fome ou sede. Ao dar instruções a sua possível sócia, ela enfatiza a importância de não se esquecer destes itens no trabalho:

“Lembre da sua água e do seu lanche. (...) Normalmente, eu trago alguma coisa que dê pra eu comer aqui. Então assim, eu já trago de casa separado, o

iogurte que eu já boto no pote, iogurte com alguma fruta e umas sementes do lado, semente de girassol com linhaça, misturo, aí eu posso ir digitando aqui, **comendo aqui e vou digitando.**” (Bianca)

A importância da realização de pausas para a prevenção de doenças/agravos musculoesqueléticos e amenizar o cansaço mental alegado por muitos, foi percebida pela equipe de saúde ocupacional do Tribunal, equipe da qual faço parte como psicóloga, atuando em conjunto com outros profissionais de saúde, incluindo fisioterapeutas. Observamos essa dificuldade entre os servidores do tribunal, principalmente na realidade dos secretários de audiências, ainda num levantamento realizado no ano de 2017, o que nos mobilizou a levá-la à alta administração do Tribunal; como resultado, no ano seguinte houve a publicação de regulamentação interna, na forma do Ato TRT GP 311/2018, que instituiu a obrigatoriedade de se realizar pausas de dez minutos a cada noventa minutos de trabalho no âmbito do TRT13.

Contudo, o cumprimento dessa normativa formal esbarra com a atividade real, no que se refere aos impedimentos e enfrentamentos dela. Essas pausas durante o trabalho são mais dificultadas quando não se tem com quem revezar, de acordo com as declarações dos secretários de audiência, bem como diante de suas constantes preocupações com os resultados dos seus trabalhos – preocupações estas que serão discutidas mais adiante.

Em relação a isso, Roberto descreve a seguir seu cotidiano quando a colega com quem se reveza não está presente. Esses períodos implicam para ele um acúmulo do cumprimento de suas obrigações além da sala de audiências, em que precisa dar seguimento às determinações do/da juiz/juíza. Ele esclarece ainda as impossibilidades com que se depara, pois não consegue realizar tudo que gostaria em tempo hábil:

“Aí eu vou fazendo, né? Aí eu **levanto menos, fico mais na mesa, tomo menos café.** Aí eu procuro fazer aquela coisa bem concentrada, assim mais rápido... assim, tento ser mais direto, dinâmico, né? Aí vai fazendo, vai conseguindo [...] às vezes **você deixa de fazer alguma coisa** não por, é... ser relapso, mas pela correria, **pela falta talvez de ajuda de colegas,** e de conscientização, né? Ou **pela carga,** é, também de trabalho só, talvez, em cima

de mim.” (Roberto)

No caso de Matheus, que só há ele no setor fazendo audiências, ele conta que costuma não se levantar para nada, não vai ao banheiro, nem toma água durante as audiências, mesmo possuindo uma garrafa que poderia manter consigo. Passar do horário de expediente também é comum, não só para ele, como também para os demais colegas de atividade:

“Eu **não faço questão se passar do horário**, para mim tanto faz; não peço a juiz/juíza para parar, a parada que eu tenho legalmente nunca pedi, **tiro direto, não peço para parar para almoço** [...] minha garrafa eu comprei tá com oito meses, nem usei ainda.” (Matheus)

Essa permanência prolongada digitando durante horas, sem fazer uso de água ao seu alcance, nem parada para levantar-se, eu pude presenciar na fase de observação inicial deste estudo, em que observei um servidor na execução de suas tarefa ao longo de toda manhã durante a realização de audiências, conforme exposto em capítulos anteriores. Cabe destacar, contudo, que nesta fase de observação também se tratava de um setor em que só havia este único profissional para desempenhar esta atribuição.

Discorreram também sobre possíveis soluções que acreditam que amenizaria esse contexto, dentre as quais aparecem sugestões de cunho mais pessoal, como também mudanças no âmbito institucional, como ter mais uma pessoa de suporte em períodos de maior realização de audiências, como semana de conciliação, ou não ser exigido que quem fica em audiência cumpra outras obrigações fora dali:

“É, além da paciência, ser humilde e não se cobrar tanto, porque eu me cobro. (...) Então **vá no seu ritmo. Tem dias que você produz mais, tem dias que você produz menos** e tem que respeitar seus limites.” (Sofia)

“falando em termos de resolução mesmo seria **ter mais uma pessoa** pra fazer... ajudar a fazer esse... esses resíduos, **principalmente nessas épocas (semana de conciliação)**, né?” (Moisés)

“a única coisa que eu acho que dificulta mais é que **tem que ter dois na sala de audiência pra realizar e um terceiro dando suporte**, entendeu? Sempre

precisa desse **suporte** [...] Pra dentro de uma sala de audiência **eu acredito**. Um dá conta, **eu acredito que um dá conta**, mas um, eu acredito que um dê conta **se ele só fazer aquilo**, se ele tiver as outras pessoas pra cumprir tudo, ele fica só livre.” (Luíza)

Apesar desse comentário de Luíza, de que o ideal seria alguém ficar exclusivamente em sala de audiências, Moisés coloca um outro ponto interessante de ter que dar conta de outras obrigações em dia em que não está em audiência. Ele acredita que consegue descansar a mente nesses dias, já que a audiência para ele é um dia que envolve muita tensão e estresse. Isso corrobora com a fala de Roberto, na sequência, de que conseguiria dar conta de suas obrigações (dentro e fora da sala de audiências) se tivesse apenas a presença constante da colega para revezar:

“na segunda **eu descanso a mente desse processo** e na quarta também, e continuo **fazendo as outras coisas** que a audiência... a audiência, ela gera muita coisa pós audiência. Aí você faz nesses outros dias.” (Moisés)

“**É mais um apoio mesmo assim, rotineiro**, de rotina. Porque eu reparo que quando essa minha colega vai todos os dias durante uma semana, que é difícil, aí eu consigo fazer tudo dentro do meu horário, né?” (Roberto)

Se faz importante comentar ainda o caso de Matheus, que apesar de negar que tenha tido qualquer problema de saúde ou sofrimento relacionado ao trabalho, disse que não demonstra no setor quando não está bem:

“Não... em termos de doenças durante minha vida profissional, dentro do TRT, nunca nunca passei por nada não, nunca senti nada. **Fiquei afastado em alguns momentos, mas em virtude de acidentes tudo fora do trabalho**. Dentro do trabalho nada até hoje não me atingiu não. [...] A única pessoa que não se percebe aqui dentro desse ambiente de trabalho, se está bem humorado ou mal humorado, a única pessoa que você nunca vai perceber sou eu porque eu sempre sou o mesmo. **Eu posso estar com milhões de problemas, mas passei daquela porta pra cá ninguém tem nada a ver.**” (Matheus)

Contudo, ao final do exercício de instrução ao sócia, ressaltou uma prática diária de fazer uso de bebida alcoólica logo que sai do Fórum:

“E não esqueça que se quer ser minha sócia, logo que terminar o serviço aqui,

independente do horário, **vai embora**, vai de pés como eu vou daqui para ali, eu fico ali... eu entro ali no mercadinho, **tomo seis latinhas e vou embora para casa**, pego um uber e vou para casa (risos). [...] Todo dia. Aí pego o uber e vou para casa.” (Matheus)

Fica interrogado se esse tipo de prática como a de Matheus se trata de uma forma de se expressar quanto ao sofrimento para além do local de trabalho, posto que ele declarou não exteriorizar de outras formas quando não está bem. Essa pausa que ele faz para uso de bebida fica então num intervalo que demarca o limite trabalho-casa, podendo se tratar de um escape para os problemas, tanto aqueles laborais que enfrentou ao longo do dia, quanto para os pessoais com que irá se deparar na volta para casa.

Uma outra forma de tentar dar um destino às inquietações após o dia de trabalho também aparece no relato de Roberto, que opta muitas vezes por voltar caminhando para casa, como forma de sentir-se bem:

“Eu acho tão bom caminhar. Eu sempre venho de carro, é claro, né? Mas aí quando acaba o dia assim, eu vou pra casa... claro que eu tenho carona. Tem três colegas que moram ali vizinho a mim, eu falo, "**não, hoje eu vou a pé**", eles ficam até rindo, né? Aí eu vou a pé... esse sapato aqui tem amortecedor. **Às vezes eu venho de tênis, quando não tem audiência**. Aí é muito bom. Parece que você fica mais leve quando chega em casa. Eu adoro caminhar.” (Roberto)

Essas distintas formas de se comportar dão pistas sobre como esses audiencistas podem estar tentando escapar aos obstáculos da atividade e aos seus respectivos impedimentos, pois a ação do sujeito tem sua fonte nas atividades contrariadas (Clot, 2006a). Essas atividades contrariadas não cessam de exercer seus efeitos sob o sujeito, considerando que a atividade não se resume ao que se pode observar (à atividade realizada), mas também envolve as impossibilidades, o realizado e o não realizado, emoções e afetos.

Assim, as emoções e os afetos que perpassam o real da atividade (Lima, 2014) são melhor compreendidos na análise da atividade dos secretários de audiências quando

consideramos a dinâmica de conflitos, paradoxos e dilemas, as atividades suspensas, contrariadas e impedidas, para além do que está prescrito.

5.4.5 Núcleo 5: A sala de audiências não é só uma sala de audiências, ela é a porta de entrada para a Justiça do Trabalho

Uma atividade vai ser sempre resposta à atividade dos outros, conforme destaca Clot (2006). A atividade de trabalho, especificamente, caracteriza-se por ser triplamente dirigida: pelo próprio comportamento do sujeito, por meio do objeto da tarefa e, também direcionada para a atividade dos outros. Foi possível observar essas configurações no presente estudo, por meio das significações que os secretários de audiência construíram acerca de sua atividade de trabalho. De acordo eles, a sala de audiências não é só uma sala de audiências, pois no decorrer da atividade de secretário é necessário, tanto se preparar para o dia da realização da audiência, como dar encaminhamento ao que foi resolvido nela, conforme exemplifica Luíza:

“porque a sala de audiência não é só uma sala de audiência, tá... ali nasce muita coisa pra você cumprir. Tanto nasce pra você cumprir, como antes de ir pra ali tem muita coisa pra se cumprir, tá entendendo?” (Luíza)

Portanto, há tarefas a serem cumpridas pelo secretário antes, durante e após as audiências trabalhistas. Por essa característica da função eles denominam como sendo necessário que o profissional seja “multitarefas”, inclusive com alguns percebendo a necessidade de levar trabalho para casa, o que acabam fazendo diante de certas situações, para que consigam cumprir as atribuições além da audiência:

“até chegar ali no dia da audiência, aí tem o papel do secretário de audiência, que é pegar o processo, abrir a inicial, ver se tem algum pedido urgente, alguma tutela de urgência, tal, pedindo alguma coisa urgente, um plano de saúde que cortaram ou seguro desemprego, FGTS, aí a gente que tem que ver e passar logo pra frente pro pessoal resolver de imediato.” (Roberto)

“é multitarefas, você tem... tá ali, aí tá fazendo, o/a juiz/juíza tá falando, a

outra pessoa tá falando, aí aquela ali virou acordo vai pra outra sala, aí você tem que informar outro colega que vai fazer na outra sala. Então é... **é muito dinâmico**” (Moisés)

“**no final das audiências você vai ter que cumprir** toda aquela... o que que foi determinado durante todas elas, né? Então se eu tenho que intimar um perito, notificar alguma parte que faltou ou então notificar alguma testemunha pra vir na outra audiência, eu tenho que cumprir toda aquela ata.” (Sofia)

“Quando termina as audiências, remetemos todas as atas para que o juiz assine e pronto, terminou as audiências, **o Secretário de Audiência tem obrigação de cumprir a pauta**, todas as determinações que estão nos processos.” (Matheus)

“Porque eu **trabalho aqui e trabalho muito em casa também**. Porque, por exemplo, essa que adiou aí hoje... eu já ligo pro pessoal, gente que vem de São Paulo... imagine o prejuízo, né? Advogado, tal. E aí **eu tenho muito cuidado negócio de audiência**, a pauta de duas semanas **eu sempre olho pra ver se não tem... tá tudo ok**, né?” (Roberto)

Expressaram também uma preocupação em não cometer erros, pois sabem que têm consequências para os outros, tanto para os demais colegas da vara do trabalho que pegarão no processo na fase seguinte (chamada execução), como para as partes (trabalhadores, empregadores, advogados) que terão prejuízo e transtorno se não forem notificadas a tempo, em caso de adiamento da audiência. Essas preocupações retomam a questão do lugar dos outros na atividade profissional, isto é, percebe-se o quanto uma atividade é endereçada a vários destinatários, constituindo-se sempre em uma resposta à atividade dos outros.

Nos discursos a seguir, noto ainda o sentido que esses trabalhadores atribuem para o que fazem dentro do contexto processual, comparando ainda o fluxo do trabalho a um organismo em funcionamento:

“A importância pra mim porque **tudo vai nascer dali**, né? **Aquele processo, desenrolar**, você tem que verificar, as partes têm que tá bem qualificadas, todos os dados inicial ali, a **sua função é extremamente essencial**, entendeu? [...] Ai, eu acho muito importante, muito, muito. E até porque **eu adoro**, né? [...] É porque assim, **eu gosto do trabalho, eu gosto do que eu faço**” (Luiza)

“... eu acho assim, eu acho que **cada atividade ali dentro da Vara, é como se**

fosse um organismo, né?... Então, por exemplo, você faz um acordo, se os termos desse acordo não tão bons, hoje você fez e passou e tá assinado, mas a execução lá na frente, daqui a três, quatro, cinco, 10 meses, porque tem acordo de 15, 20 vezes, aí eles falam, “puxa, mas aqui não ficou quem que vai pagar isso” ou “aqui não teve a multa”. Então **se você não faz bem agora, lá na frente.... Então tem feedback (...) É como se fosse o início e vai espalhando ou coisas boas ou coisas ruins, né? Pra Vara” (Moises)**

“Veja bem, **a sala de audiência eu considero a porta de entrada da Justiça do Trabalho** porque aqui a parte não comparecendo o processo vai automaticamente ao arquivo. Aqui as partes chegando a se comporem, a conciliar, pronto, já acaba-se o litígio por aqui mesmo. [...] Eu acho que **o coração da justiça começa aqui na sala de audiência** porque tudo o que vai acontecer na execução vai depender do que aconteceu preliminarmente na sala de audiência. Portanto, na minha opinião, **Sala de Audiência é 70% importante dentro do trâmite** de um processo da justiça do trabalho.” (Matheus)

“Eu acho que é **uma das mais importantes é essa e a parte da assistência do juiz**, né, tanto na audiência como na produção de despachos. Mas os outros não deixam de ser tão importante, mas **é que é a entrada do processo, que começa aquela visão tal do processo.**” (Renato)

Esse “espalhar de coisas” também acaba sendo um dos motivos que os faz perceber a importância da atividade, a qual muitos admitiram gostar muito, e percebem que é na audiência o lugar onde nascem muitas coisas, é o início de tudo, da visão de cada processo judicial que irá tramitar no Tribunal. Além disso, pensam no colega que vai dar continuidade ao processo, nos efeitos para as partes, para as pessoas que estão pedindo seus direitos na justiça:

“O colega que vai continuar na sala vizinha, entendeu? Porque não tem razão, enquanto as partes tão conversando, você ficar parada, **você vai sempre adiantando**, porque tanto **facilita pra você como pro colega** [...] Eu **adianto** e salvo aquele arquivo pro colega não precisar de novo pedir a documentação das partes” (Luíza)

“**quando você faz a notificação...** às vezes eu faço a notificação de empregada doméstica pra uma reclamada que mora num local bem simples, num bairro bem simples, aí **eu fico dobrando e vendo o endereço, aí parece que eu já tô vendo a pessoa recebendo** uma noti... uma reclamação, aí eu já fico, “ai, deve ser muito chato receber essa notificação numa quinta ou sexta-feira”, não é não?” (Roberto)

As falas citadas remetem ao que Clot (2006) afirma de que o trabalho “requer a capacidade de realizar coisas úteis, de estabelecer e manter engajamentos, de prever com outros e para outros algo que não tem vínculo diretamente consigo” (p.73). Deixar de realizar alguma etapa de suas obrigações possui um peso grande, na medida em que esses profissionais sabem suas responsabilidades quando cometem erros ou esquecem de algo, e ainda, já imaginam os efeitos que terá na vida dos envolvidos no processo, incluindo possíveis prejuízos, como Luíza e Roberto declaram:

“aquela audiência **não foi culpa do reclamado que ele não veio, ou foi falha nossa** porque deixou de notificar ou então o endereço foi incorreto” (Luíza)

“Aí tem todo esse lado, intimar a testemunha. **Se você deixa de intimar uma testemunha**, vem todo mundo, cadê? Eita, deixaram de intimar. Quem foi?, foi você. Aí todo mundo, “vamos adiar”, aí pessoal sai **todo mundo que se prepara pra ir pra lá**, né? Porque se preparam, **chama advogado, briga em casa, falta emprego, falta trabalho**. Aí se o **secretário errar, é prejuízo pra todo mundo**, aí isso fica na minha cabeça, “pô, se eu deixar...”. (Roberto)

Assim, se percebe o compromisso desse último servidor (Roberto) em especial para realizar bem seu trabalho, no intuito de não causar danos aos envolvidos. Tal preocupação com o público acaba ainda sendo o motivo para que acabe prolongando a jornada de trabalho para o lar:

“Nunca o/a diretor/a me pediu pra trabalhar em casa, eu faço por minha conta mesmo, né? Porque como é audiência, eu **fico preocupado com isso**, pessoal... eu liguei, falei, “ó, fulano não veio não”, eu já acabei, liguei pra todos os advogados, cinco de um lado e um de outro, mas agradeceram, “obrigado, tal”, **já tavam organizando vinda de testemunha. (...) vem de longe, tal. Mas aí ficou tudo avisado, aí eu já aliviei**” (Roberto)

O cuidado com as pessoas envolvidas no processo acabou sendo algo que o mesmo secretário, Roberto, só se deu conta durante a reflexão acerca da Instrução ao Sósia, num segundo encontro, quando se deparou com o conteúdo da transcrição:

“eu falando e eu falando e a gente esquece e **às vezes a gente esquece até porque tem tanto cuidado de observar as diligências pra ser feitas**, porque

realmente, você deixa de fazer alguma coisa no processo aí lá na frente **vem alguém de longe**, de outro estado chega e quando vê, é, **foi deixado de fazer alguma coisa**, alguma intimação, algum ofício, alguma coisa que, pra dá prosseguimento no dia” (Roberto)

Aqui, nos deparamos com um possível efeito da técnica de Instrução ao Sósia, que viabiliza a tomada de consciência a partir do aumento da percepção do trabalhador sobre seus modos de trabalhar, de como desenvolve a atividade. O entrevistado precisa nesse exercício se perceber e pensar sobre o que está falando, e a ampliação da consciência acerca da atividade aparece ao se perceber a partir de outra atividade.

As falas revelam ainda o quanto os trabalhadores têm um conceito próprio do que seria um trabalho bem-feito, e esta concepção dos padrões de qualidade para cada um perpassa a importância do debate coletivo acerca de tais critérios. Quando os indivíduos e coletivos são impedidos de discutir sobre os critérios para um trabalho bem-feito, ou ainda, quando a organização do trabalho não oferece recursos para que os profissionais consigam realizar o trabalho conforme suas aspirações, a atividade fica bloqueada ou impedida, fica vazia de significado, se desvitaliza (Bendassoli, 2011), o que abre espaço para que se perca a saúde no trabalho.

Conforme apreendo a fala de Moisés, a seguir, há igualmente uma preocupação nos efeitos de seu trabalho, porém relacionados à continuidade das tarefas dos colegas do setor. Assim, para um trabalho ser de qualidade na atividade de secretário de audiências, é preciso considerar a atividade em sua interligação com os demais, como resposta à expressão dos outros à atividade, aos efeitos que sua atividade provoca nos demais, enquanto atividade sempre endereçada a outros e enquanto resposta a atividade dos outros:

“por exemplo, você faz um acordo e esse acordo não gera problemas pra execução. **Ele tá bem-feito, as partes pagam, é como se fosse um caminho. (...) Ou seja, tudo que era pra ser feito ficou bem descrito ali. Então a outra pessoa lá na frente vai conseguir fazer.**” (Moisés)

Apreendo também que os critérios de qualidade do trabalho são relacionados por eles à rapidez e ao não cometimento de falhas, pois isto atinge diretamente o público destinatário do serviço, aos trabalhadores que esperam um resultado do seu processo na justiça:

“E eu acho que é isso assim, o dia a dia você **fazer o que você faz e tentar entregar o mais rápido possível, sem erros**. Porque também não adianta você fazer... a gente faz muito certidão de seguro-desemprego, assinatura de ata, aí você fala, “ó, aqui ó, consegui ó”, cinco minutos eu te dei isso aqui. Aí ele desce... quer dizer, é no Ministério do Trabalho que é o seguro-desemprego, aí ele vai lá no centro, chega lá no centro pra dar o processamento, “ah, não, mas aqui sua carteira ficou errada” ou “aqui não sei o que”, quer dizer, aí não adianta, né?” (Moisés)

“quando termina rápido a audiência, eu acho que eu fiz **um trabalho rápido, bem-feito**. Porque a ideia, eu tenho uma ideia na minha cabeça em relação à sala de audiência que é: ninguém é pra tá ali, nem eu, nem o juiz, nem as partes. [...] **a audiência é uma coisa necessária, mas não é pra alongar**, só alonga se for necessário mesmo alongar. Então, se eu conseguir fazer com que as pessoas saiam o quanto antes dali de dentro, eu vou ter feito um papel importante, porque eles não... ninguém é pra tá ali.” (Arlindo)

“o trabalho é bem feito quando eu faço, chego lá e digo olha, já fiz. [...] aí digo que cumpri a ata, **cumpri sem ninguém me pedir**, aí digo que está bem-feita.” (Matheus)

“Eu considero que fiz um trabalho bem feito **quando a gente termina a audiência cedo**, ver que os **processos eram bem complexos e a gente desenvolveu tudo direito**, sai tudo já marcadinho, né, não teve nenhum adiamento, **não teve nenhum problema que tenha sido acarretado pelo esquecimento de algum procedimento do processo**, aí eu acho que o trabalho foi bem feito, dá aquela sensação de dever cumprido.” (Renato)

O trabalho bem feito remete à possibilidade de reconhecer-se no trabalho, tanto individual quanto coletivamente, fazendo com que o trabalhador se sinta pertencente e responsável pela história profissional do ofício (Clot, 2010). Nesse sentido, percebo a importância para os servidores de não receber um feedback negativo do trabalho, de não ser chamado a atenção por seus superiores, por seus pares, nem pelas partes processuais na audiência. Os critérios para um trabalho bem feito para esses secretários de audiência remete ainda ao reconhecimento no trabalho, não só por eles mesmos, segundo seus critérios, mas

pelos outros a quem o trabalho é endereçado, conforme declaram Mônica e Roberto:

“Eu considero que eu faço o **trabalho bem feito** quando eu **não tô sendo chamada atenção**” (Mônica)

“Uai, quando deu tudo certo, **nada atrasou**, nada... **ninguém reclamou de nada**, né? Eu acho que quando o serviço é bem feito, é assim, né? **Quando você entra tranquilo e sai tranquilo.**” (Roberto)

Contudo, só é possível executar a tarefa com os critérios de qualidade descritos acima quando há condições necessárias para isso, o que Bianca enfatiza ser nas ocasiões em que consegue se concentrar bem:

“são dias que eu tô **mais concentrada**, que eu não me disperso muito, né?” (Bianca)

Uma forma de melhorar essa concentração é mencionada por Sofia, a qual relaciona à alimentação no horário adequado para que se mantenha bem durante a audiência:

“eu já levo um lanche, eu almo... eu **tomo café da manhã bem**, no horário do almoço eu... os/as juízes/juízas já me conhecem, então **passou de meio-dia e meia, se eu não almoçar eu não consigo trabalhar**, a minha **concentração vai lá pra baixo (...)** “ó, deu-meio dia e meia” se não tiver... “**assume um pouquinho, em 10 minutos eu almoço e volto**”. (Sofia)

Portanto, diante de tantas atribuições e das várias exigências no curso da atividade de audiencista, se faz imprescindível garantir condições para amenizar o cansaço mental que poderia afetar a atenção dos servidores, o que os deixaria vulneráveis a cometerem os erros descritos por eles mesmos anteriormente. Assim, remeto novamente à importância da realização de pausas e do revezamento com outros servidores na mencionada atividade, conforme já discutido no Núcleo de significação 4. Isto porque, apesar de ser uma função na qual existem muitos procedimentos já estabelecidos e que segue os ritos do judiciário, trabalhar na sala de audiências vai além de digitar o que se diz e reproduzir o que já está estabelecido. Existem outras nuances que exigem de quem realiza a atividade, movimento

subjetivo constante e atenção, conforme veremos a seguir.

5.4.6 Núcleo 6: Passar despercebido é uma condição para a atividade, mas não deve ser um trabalho automatizado, pois o secretário de audiências deve ser um facilitador

Apesar de serem exigidos em “multitarefas”, em ter muita habilidade e cumprimento a etapas rígidas no desenvolvimento de suas atividades laborais, os secretários de audiências não devem ter um trabalho automatizado, conforme Arlindo destacou:

“Eu acho que o trabalho da sala de audiência é menos automatizado do que se imagina, assim, o trabalho mais eficaz, mais... que atinge mais o objetivo, **ele não é um trabalho automatizado.** [...] a **gente é muito mais facilitador** do que qualquer outra coisa **dentro sala de audiência. Digitar, qualquer pessoa pode digitar**, qualquer pessoa consegue digitar a audiência tranquilo, não tem... hoje em dia, pelos programas, a gente **não precisa de um digitador exímio** não, o cara que digite rápido demais, ele **precisa de alguém que conheça bem os procedimentos.**” (Arlindo)

Isso remete à impossibilidade das prescrições da tarefa darem conta de todas as situações do cotidiano de trabalho. Diante da defasagem entre a atividade prescrita e a realizada é necessário a emergência dos trabalhadores como seres ativos nesse processo, existe mobilização cognitiva e afetiva, por mais que uma tarefa seja repetitiva. No caso da tarefa dos secretários de audiências, eles precisam aparecer o mínimo possível, mas se fazerem atentos, presentes e necessários ao mesmo tempo; devem aparecer em momentos cruciais, auxiliando o trabalho do juiz, que é o responsável e autoridade na condução da audiência:

“Na audiência em si, **tentar assim, não aparecer muito.** Primeiro... são o/a juiz/juíza e as partes que é a tríades do processo, você tá ali só pra redigir o que eles falaram.” (Moisés)

“Só falar quando for perguntando alguma coisa, **só falar o necessário**, entendeu? Porque aqui, quem preside são os juízes, né? **A gente tá pra auxiliar e relatar tudo** que aconteceu. Então, é **ficar atento.**” (Bianca)

“Porque **não é nada demais, qualquer um faz**, só que é **meio cansativo**, você tem que **ficar prestando atenção**, mas qualquer um faz audiência.” (Roberto)

Ao mesmo tempo que dizem que o trabalho é simples, que qualquer um pode fazer, que é só digitar conforme aconteceu na audiência, há outras esferas do trabalho em que há ação, atividade, criação do servidor. Eles acabam se fazendo necessários ao trabalho do juiz em outros aspectos, sobretudo quanto à atenção redobrada que precisam ter ao que acontece a sua volta para justamente intervirem em situações bem específicas, auxiliando as partes e o juiz no que lhes couber:

“Você **fica um pouco distante** até porque, se, por exemplo, é falado o procedimento que não é comum, aí **você tá ali com a cabeça mais fria pra falar “ó, aqui a gente faz assim”** ou “não sei o que”, “olha, tem que fazer isso aqui ainda e tal”. Então você consegue **dar dicas pras partes, até pra juiz também** disso daqui.” (Moises)

Apreende-se que a atividade adquire um sentido de que o servidor deve ficar despercebido na audiência, mas simultaneamente deve exercer o papel de um facilitador, que deve estar ainda mais atento que as partes e o juiz em alguns casos. Desta forma, a atividade é comparada por Arlindo a um árbitro de futebol:

“Assista 100% da audiência, a audiência inteira. Assista mais de que o juiz. [...] e outra coisa: passe o máximo possível **despercebido. É como um árbitro de futebol, no jogo, se o árbitro não aparecer é porque ele foi muito bem**, ele fez muito bem, ninguém percebeu que tinha um árbitro, que tinha alguém digitando, que tinha não, porque ele foi ótimo [...] você **não pode tá aparecendo na audiência**, você tem que ser o mais discreto possível.” (Arlindo)

A atenção é algo extremamente exigido no cotidiano da atividade, inclusive em procedimentos um pouco antes de iniciar a audiência, como estar atento e conferir os participantes da audiência trabalhista conforme documentos:

“aí você vai ver, é seu Matheus “seu Matheus, o senhor poderia me dar seus documentos de identificação?”. Que **eu não sei se seu Matheus é seu Matheus**, né? **Aí ele lhe dá identidade, CPF e carteira de trabalho.** [...] Então **são todos esses detalhes que tem que olhar**, entendeu? Tanto da parte autora, quanto da parte de ré.” (Luíza)

O secretário de audiências Moisés orienta sempre que deve chegar cedo para realizar a conferência de documentos, por exemplo, e deixar algumas coisas já quase prontas para evitar erros e não perder tempo. O que eles chamam de “qualificar as partes”, portanto, se constitui nessa conferência de documentos e preenchimento dos dados necessários às atas e acordos realizados no decorrer da audiência trabalhista:

“Antes da audiência, pra deixar meio pronto. Por quê? Quando você chama as partes e elas sentam, **se você não tem nada de dados, elas já começam a falar e aí o/a juiz/juíza já quer tocar a audiência** e você tá ali querendo qualificar as partes, ou seja, você trava uma coisa, que se já tivesse pronto ali, pelo menos você já jogava e conferia [...] Então, essa **coleta de dados antes**, a gente confere o processo, faz arquivos e aí você só confere, pede o RG, as coisas e só confere a numeração, até **pra não digitar errado na hora, né?”** (Moisés)

Assim, é fundamental sempre se antecipar, como forma de não dificultar o bom andamento da audiência. É preciso também que o secretário cuide do ambiente e equipamentos necessários à realização da audiência, assim como é ele que chama as partes do processo para comparecerem à sala de audiências (o chamado pregão):

“Você olha se os monitores, todos os monitores **estão ligados**, tanto monitor que dá visibilidade pra parte, como o do juiz, você tem que ir **abrir a porta da sala de audiência** e verificar se a pauta do telão está disposta às partes lá fora. [...] você tem que **ligar o microfone**, que é que você vai fazer o pregão. Muito importante (...) então você tem que ligar pra **você fazer o pregão das partes** [...] Outro detalhe, é que você tem que **fazer o pregão três vezes**, porque às vezes a parte tá mais distante, não entra, entendeu? Aí eu, geralmente, eu faço “atenção para última chamada” que eu tô avisando que eu tô chamando já pela terceira vez, sempre tem que fazer três vezes, até as partes sentar” (Luíza)

“veja se de manhã a sala tá organizada, lembrar de ligar os computadores.” (Bianca)

Nesse contexto se faz necessário cumprir atentamente os procedimentos, e ainda buscar as devidas soluções em caso de qualquer contratempo. Para que tudo transcorra bem, sem atropelos e estresses maiores aos já inerentes às situações judiciais que chegam à justiça do trabalho, os audiencistas enfatizam a importância em se chegar cedo, como forma de

sempre se antecipar na atividade:

“O **monitor** de fora você vai ver lá que tem pra... pro corredor das varas, você tem... **se ele tiver com algum problema**, aí você vai, avisa ao diretor que o diretor vai fazer... acessar o pessoal responsável” (Luíza)

“Então, o que que eu acho importante? **Eu chego sempre antes**, ligo todos os equipamentos pra ver se tá funcionando [...] a **audiência já é um estresse, se você chegar em cima e não funcionar o computador, aí aquilo já desanda o dia**” (Moisés)

“Seja pontual, de preferência consiga **chegar um pouco antes**, dê uma olhada nos processos que serão analisados, né? Serão... tão fazendo parte da pauta do dia. Veja as vagas das audiências, porque pode ser que aconteça que alguma audiência seja adiada, ou precisa remarcar a audiência, veja previamente as vagas” (Bianca)

“Eu mesmo, particularmente, eu **saio lá nos corredores já procurando as partes para ver se tem algum acordo já para adiantar**. Se tiver algum acordo eu já venho para cá pego todos os dados do acordo e **quando o/a juiz/juíza chegar está pronto**.” (Matheus)

Há ainda a preparação mencionada por Sofia para que ela não fique cansada nem se atrase no dia da audiência:

“E **chegar cedo, dormir bem**, né? Já que eu vou ficar na audiência, eu já sei o dia que eu vou ficar na audiência, então vou **dormir mais cedo**, acordo mais cedo pra chegar mais tranquila no trabalho” (Sofia)

Complementando, Moisés fala ainda que a pior coisa que pode acontecer é justamente chegar atrasado, sob pena de gerar estresse para todos:

“**nunca chegar atrasado**, porque seria assim... eu acho que **é a pior coisa que pode acontecer**. Por quê? Porque, primeiro: **você não faria essas coisas prévias**, então já taria uma coisa errada; segundo: se você chegando atrasado, nada vai tá ligado, aí o juiz vai tá ali, as partes vão tá ali. Quer dizer, o **tumulto generalizado**.” (Moisés)

Em casos muito peculiares, esses servidores acabam intervindo na audiência, por uma necessidade que percebem de “ampliar os sentidos do juiz”, já que observam tudo que se pas-

sa no andamento da audiência. Isso acaba sendo um aspecto da atividade que surge para além do trabalho prescrito:

“Ou seja, é um... **é como se expandisse os sentidos do juiz durante a audiência**, pra isso serve também o assistente da audiência [...] Não é função exatamente minha, mas **é preciso que você esteja integrado com tudo que está acontecendo na sala.**” (Arlindo)

Assim, em ocasiões em que percebem ser imprescindível para que se complete esse papel de facilitador do juiz em seu trabalho, esses servidores acabam não sendo tão imperceptíveis na sua atividade de trabalho, não se limitando tanto a apenas digitar, conforme exemplificado a seguir:

“às vezes acontece, doutor/doutora L tá aqui perguntando à testemunha, tá, e eu tô assistindo, vendo, verificando, vejo quem tá lá atrás, aí às vezes tem uma pessoa que entra na sala, sai e entra, sai e entra, sai e eu chego aqui do lado, “doutor/doutora, o rapaz lá atrás, de azul, que já saiu umas quatro vezes da audiência” [...] **esporadicamente acontece uma situação em que você vai participar discretamente** e instruindo o/a juiz/juíza em determinada situação. [...] A participação sua é quando você vai... aquilo que eu disse, um **instrumento de trabalho do juiz**, pra que o juiz não seja feito de besta, não seja... você tá ali pra isso, pra que o juiz tenha uma facilitação no trabalho dele, **um encaminhamento mais rápido, uma dinâmica melhor**, é esse o trabalho do assistente de audiência ao meu ver.” (Arlindo)

Muitas vezes esses profissionais auxiliam o juiz em outros aspectos da audiência além do prescrito, inclusive testemunhando algumas situações em que o magistrado pode não estar presente na sala de audiências. Portanto, a participação deles acaba sendo fundamental nessa dinâmica de facilitação que mencionam:

“E o meu olhar daqui é uma coisa, o olhar dele/dela (juiz/juíza) aqui é outra, às vezes ele/ela pode tá só olhando pra testemunha e não tá olhando ao redor o que tá se passando, e aí **a gente conversa às vezes**” (Sofia)

“Então se tiver alguma coisa a falar, alguma observação que tenha feito, eu posso dizer o/a juiz/juíza: eu acho isso aqui [...] Aí você **dá sua opinião sincera de como você viu, de como você percebeu**, o que você achou se estava mentindo se não estava, se ouviu algum comentário. O/a juiz/juíza saiu para assinar alguma coisa lá no gabinete, aí o advogado vai lá e reclama dizendo que a

outra parte conversou com o advogado orientando, aí **o/a juiz/juíza vai perguntar se você presenciou isso mesmo**” (Matheus)

Ao lembrar que o prescrito jamais coincide com o real, já que a atividade vai além das normas descritas, incluindo as possibilidades e um constante vir a ser, percebe-se na atividade de secretário de audiências o movimento de se comparecer subjetivamente na atividade, mesmo com as limitações que esta impõe. Isso porque “a vida não cabe em normas pré-estabelecidas. Sempre as extrapola, as desvirtua, transborda todos os parâmetros” (Neves, Porcaro & Curvo, 2017, p. 33).

Por fim, é apreensível a partir da fala de Arlindo, a seguir, que ele acaba dando um sentido de maior responsabilidade ao secretário de audiências, na medida em que o coloca como responsável até por mudar o humor do juiz:

“O bom digitador de audiência, **ele muda o humor do juiz**, ((risos))” (Arlindo)

Percebe-se que o papel do audiencista acaba sendo visto como facilitador do comportamento de todos os participantes da audiência: juízes, advogados, trabalhadores e representante dos trabalhadores no litígio. Uma forma de contribuir para facilitar o clima entre as pessoas na audiência, pode ser vista na afirmação de Matheus, que se coloca como alguém que consegue quebrar até a formalidade, considerando de extrema importância que o servidor que exerce a função deve ser observador, conforme dito anteriormente, mas também espontâneo e bem-humorado:

“Tem que quebrar os parâmetros, tem que ser bem natural mesmo. Não precisa desse formalismo todo dentro da justiça do trabalho [...] quando as partes chegar, da mesma forma, principalmente os advogados, que eu conheço quase todos, uma pequena minoria que eu não tenho um acesso mais direto. **Falo com todos com brincadeira e tudo, com o/a juiz/juíza presente ou não.[...] Eu brinco** com os advogados, eu brinco com os advogados demais, eu brinco com ele/ela (juiz/juíza) [...] E se alguém faz isso aqui sou eu, que **tenho**

o conhecimento que eu tenho, é o de quebrar a formalidade com os juízes.”
(Matheus)

Matheus orienta, portanto, que o sósia deve ter uma atenção muito aguçada quanto ao que acontece nas audiências trabalhistas, utilizando sempre de bom-humor com as pessoas:

“Eu diria a ela (sósia) que fosse sempre atenta e observadora como sou, não deixo passar nada, principalmente detalhes pessoais de cada um. Roupas, acessórios e solte sua piadinha sempre.” (Matheus)

Aqui é possível enfatizar a importância do gênero profissional para que o trabalhador possa ter uma referência do que deve fazer ou evitar fazer na atividade, bem como do estilo profissional enquanto modulador do gênero (Clot, 2006a). Com o passar dos anos e da apropriação que esses profissionais vão tendo de sua atividade, vão desenvolvendo seus próprios meios de viver o trabalho; vemos aí que o estilo profissional constitui-se num estilo de ação, criado no interior de um dado gênero, dando vida a este: “O estilo individual é antes de tudo a transformação de gêneros da história real das atividades em meio de agir” (Clot, 2006a, p. 196).

Ao refletir sobre o gênero profissional do secretário de audiências, percebo que há um engajamento deles numa história coletiva e um reconhecer-se nessa história, sobretudo para aqueles que estão há muitos anos nessa função. Eles possuem uma linguagem própria, um *métier* e ferramentas de trabalho próprias, dos quais muitos não são partilhados com os demais profissionais do setor; se assim não fosse, qualquer um dos colegas poderia substituí-los na atividade, o que na maioria das vezes se torna uma tarefa muito difícil. Portanto, os audiencistas em muitos momentos de fala fazem um resgate a esse pertencimento a um ofício comum, porém fica perceptível também a necessidade em se fortalecerem como coletivo para viabilizar a renovação do gênero e a colocação do ofício em movimento, (Clot, 2010), pois quando esse movimento é impedido ou contrariado, torna-se um risco pra a saúde.

Mônica observa que a função de secretário de audiências se torna necessária, justamente pela necessidade de ter uma pessoa auxiliando o juiz, apesar de se cogitar a utilização de equipamentos ou softwares que substituam ou diminuam algumas tarefas do secretário de audiência, como a digitação, por exemplo:

“é uma função necessária, né? **O juiz/a juíza não pode... não consegue fazer a audiência sozinho/sozinha**, né? Precisa de alguém pra auxiliá-lo/la, não é? Inclusive **já se cogita até gravar**, né? Audiência, tem o equipamento que pode deixar... transcrever, alguma coisa assim, mas o auxiliar, o **secretário de audiência precisa estar ao lado do juiz pra auxiliá-lo**, né? Conversar a respeito dos processos, da retaguarda” (Mônica)

Observo ainda que, apesar dos impedimentos e limitações que fazem parte da atividade, há ainda uma outra faceta em jogo, que se constrói no encontro do sujeito com a realidade de trabalho: a abertura para possibilidades de criação para dar conta dos desafios no cotidiano de trabalho, apontando para o que Canguilhem (2009) sinaliza sobre a busca de cada um em ser produtor de normas. Na situação de trabalho, também é preciso instaurar novas normas (renormatizações), para além das regras prescritas, fazer uso de suas potencialidades e de seus recursos próprios. Essa criação é primordial para que se fale em saúde no trabalho.

5.4.7 Núcleo 7: A novidade, o inesperado e a criação, apesar dos impedimentos e limitações

O destino que cada um dá ao enfrentamento dos empecilhos cotidianos pode ser vivenciado como sofrimento, isto é, como dor física ou mental, como diminuição ou destruição da capacidade de agir (Clot 2001; 2006). Por outro lado, também pode ser o ponto de partida para a invenção de outras formas de vida, sobretudo no trabalho.

Já vimos que é fundamental para o secretário de audiência o cumprimento das tarefas com rapidez, porém sem o cometimento de erros, uma vez que possíveis erros vão se espalhando no “organismo” da vara do trabalho e no trâmite processual. Assim, observa-se que o tempo é um impedimento e uma preocupação constante para esses trabalhadores do judiciário,

uma vez que devem cumprir também os prazos processuais, mas na maioria das vezes não dispõem de tempo suficiente para realizar o trabalho como gostariam, constituindo-se num dos principais impedimentos na atividade:

“Porque **o correto**, correto, correto é o quê? Quando chega o processo, você... por exemplo, pauta de **no mínimo 15 dias com antecedência**, no mínimo, **você olhar todos os processos daquela pauta**, se as partes foram notificadas, entendeu? Se o processo tá... tá de acordo com a nova lei, tudo isso, das exigências. Então **nem sempre dá tempo você olhar tudo isso**.” (Luíza)

“Como um trabalho malfeito é... ou não é nem malfeito, é que **às vezes também é muito rápido, você acaba cometendo alguns erros e esses erros vão lá pra frente**.” (Moisés)

“Aí como é muita gente, **muito processo e poucos funcionários**, aí de fato **tem processo que atrasa** um pouco o cumprimento.” (Matheus)

“Às vezes é por o tempo é muito exímio, **não dá tempo de você terminar os processos no mesmo dia**, deixa para outro dia, entendeu? Às vezes eu **esqueço um processo que tinha que fazer um ofício**, uma coisa aí eu deixo passar e esqueço, aí quando vejo tá a audiência em cima. Na realidade, **a dificuldade é mais essa, o tempo, né?**” (Renato)

“E às vezes eu fico, me pego assim, "por que que eu nunca parei pra fazer isso?", é porque hoje não teve audiência, né? Mas eu já vim pensando em fazer várias coisas, ligar pra São Paulo, pro Rio, pra Osasco, pedindo coisas que mandamos pra lá, eles não mandaram até hoje. Mas **não deu tempo**, porque eu me atrasei no dentista, né? Mas **a gente sempre fica tentando fazer, mas não consegue, né?**” (Roberto)

Em muitas das situações esses servidores não podem ir além do prescrito, por questões da própria natureza da função que ocupam e da estrutura do judiciário, o que reduz muito o raio de ação na atividade de trabalho. Um exemplo disso é que, mesmo percebendo que poderia ser feito algo diferente na condução de um processo trabalhista, não compete a eles intervir, devem ficar contidos, pois não faz parte das atribuições do cargo e devem respeitar a autoridade do magistrado, que é o responsável por tomar decisões nesse sentido. Conforme os próprios audiencistas apontam, estão ali para digitar o que as testemunhas, reclamantes e reclamados falam, assim como advogados, e o juiz.

Eles devem digitar o que realmente aconteceu e auxiliar o juiz da melhor forma. Mesmo assim, muitas vezes isso incomoda esses profissionais, visto que estão ali observando tudo e percebem a existência de vários caminhos possíveis, principalmente por alguns deles possuírem também a formação na área do direito. Nesse sentido, acabam tendo uma atividade contrariada, como afirma Clot, já que são obrigados a fazer algo diferente da forma que gostariam de fazer, mas não podem.

“Não boto nada além, **se ele esquecer de dizer uma vírgula você nem... aí, isso me dá uma agonia**, porque eles passam direto, sabe? **Mas não sou eu quem vai...** entendeu? Tudo que ele vai dizendo “ponto, vírgula” tudo que ele vai dizendo” (Luiza)

“no direito, se você colocar qualquer coisa ou se você se insinuar “olha, ele falou pra outra parte” tem todo um... uma coisa, né? Então você tem que fazer realmente o que aconteceu, né? E auxiliar o/a juiz/juíza no melhor jeito ali.” (Moisés)

“**como a gente se emociona, se relaciona com o que tá acontecendo**. Muitas vezes a instrução tá acontecendo e você vê nos depoimentos, o/a juiz/juíza não vai ser 100% perceber tudo, o ser humano, mas você vê que lá no outro depoimento tem uma contradição, que se fizer uma pergunta aqui, se fizer uma pergunta agora, mata a charada, mas aí **você fica se moendo, não posso, não posso interferir nessas coisas.**” (Arlindo)

“eu tenho que captar toda a ideia que foi passada, tudo... **tudo que a pessoa fala, da melhor maneira possível** [...] Ele tem que ser realmente **um trabalho que exija atenção** e que exija eu acho que a questão de respeito mesmo, você não pode fazer de qualquer jeito, você tem que realmente colocar o que foi dito corretamente. Também não posso, sei lá, passar por alguma informação que ele deu e diz “ah, não entendi o que ele disse, não vou botar”. Não. Eu paro “desculpa, não entendi, foi rápido e eu não consegui alcançar”. (Sofia)

Além disso, os secretários de audiência precisam lidar com suas próprias limitações, o que é indicado por eles como lentidão, tanto na realização de procedimentos do processo, quanto na digitação:

“Porque pra mim era **uma dificuldade**, eu **olhava pro teclado** pra... **ainda hoje olho**, né? Porque eu não sou datilógrafa, eu sou dedógrafa. ((risos)) (Mônica)

“Eu **gostaria de ser mais ágil na digitação** ((risos), mas é porque eu acho que

isso é só uma questão de prática, de tempo, né” (Sofia)

“uma coisa que eu gostaria mais assim, eu **gostaria de saber digitar sem olhar pro teclado**, pronto. Isso é uma coisa que me incomoda hoje.” (Bianca)

Outra restrição que os incomoda é o conhecimento limitado em Direito, posto que, na medida que alguns possuem essa formação, outros não a possuem, já que não é um requisito para ocupação do cargo público nesta situação. Contudo, se percebe nos relatos que esses profissionais se utilizam do apoio de outras pessoas que possam ajudá-los em suas dificuldades:

“**não sabia o que era processo**, fui aprendendo aos poucos, perguntando às pessoas pra poder não fazer as coisas erradas, né? Porque eu não tinha conhecimento, **estudei pra passar no concurso, mas processo eu não sabia nada**” (Mônica)

“chega algum **processo**, você fica às vezes na... naquela **responsabilidade de dar seguimento correto**, né? Então às vezes tem coisas que você faz “ah, será que é assim mesmo?”. Então assim, a gente sempre **pede ajuda**” (Sofia)

“Às vezes eu **sou muito limitado**, questão do... por exemplo, eu **não sou formado em direito**, mas praticamente eu faço tudo em audiência, despacho, tal.” (Roberto)

“Quando tem muitos títulos, vai requerer mais tempo seu. Como **eu sou muito lenta**, eu sou muito lenta porque eu sou detalhista, aí eu peço a um colega, “enquanto eu tô terminando o acordo, veja quanto é que dá de previdência” (Luíza)

Luíza aponta que os secretários de audiência acabam ficando restritos e “presos” à audiência, sem contato com os demais colegas do setor, podendo ser um dos motivos que afasta muitos servidores de aceitar ocupar a função:

“Mas eu acho que isso aí tá ligado só em **a pessoa ficar presa ali (...) você fica sem contato com o povo lá fora**. Acredito que alguém ache restrição quanto a isso.” (Luíza)

Por outro lado, é possível perceber nas falas de Matheus e de Bianca satisfação em ter maior contato com outras pessoas, com o público para o qual a instituição presta o serviço,

para quem a atividade é endereçada ao final:

“É bom ser Secretário de Audiência. Você tem um contato direto com a massa mesmo, com o trabalhador, mesmo na expressão da palavra.” (Matheus)

“eu gosto do movimento das audiências, eu gosto de ter contato com os advogados, com as partes, entendeu?” (Bianca)

Já Renato e Roberto enfatizam a novidade e o inesperado como coisas positivas, e que trabalhar como secretário de audiências é uma atividade diferente das outras nesse sentido. Roberto aconselha ainda que seu sócio tenha uma grande variedade de modelos de documentos, que são elaborados por ele conforme acontecem situações diferentes:

“todo dia tem uma novidade, é algo diferente, sai do mecânico.” (Renato)

“Copie mais modelo. ((risos)) Modelo de coisas que acontecem rotineiramente... eu tenho muitos modelos, né? Mas... parece mentira, mas todo dia acontece alguma coisa nova” (Roberto)

Alguns participantes da pesquisa também percebem no trabalho que desempenham uma forma de crescimento profissional e pessoal, uma oportunidade para aprender:

“Ah, eu hoje eu tô muito segura com o que eu faço, sabe? Me sinto assim, aprendi, né? A trabalhar aqui e **me sinto muito bem,** não... assim, não falta mais... tô perto de me aposentar [...] Aí pra mim, o que vier de novidade é só pra **desenvolver e buscar o conhecimento** [...] a importância é o **conhecimento** que a gente adquire” (Mônica)

“Mas veja, eu não estudei pra isso, eu não tenho conhecimento, mas na conversa, ele/ela (juiz/juíza) vai me explicar “Sofia, é porque ele tinha que ter feito isso” sei lá “tinha que ter assinado a carteira em tantos dias”, sabe? Então assim, **o conhecimento dele/dela (juiz/juíza) vai agregando ao meu.”** (Sofia)

Há ainda o caso específico de dois dos entrevistados, que não são exclusivamente secretários de audiência, apesar de terem se identificado como tal ao participarem da pesquisa. Ambos exercem a função de audiencista, simultaneamente com a ocupação de assistente de juiz, que consiste numa tarefa mais próxima do magistrado no que remete à elaboração das

sentenças trabalhistas. Cabe aqui destacar que tais servidores enfatizaram a importância para a assistência jurídica ao juiz suas participações também nas audiências, como secretários, em determinados dias da semana. Eles percebem de uma forma mais completa e concreta o processo judicial, com destaque para fala de Bianca, que afirma que “você pega um processo, são só nomes ali, quando você tá na sala de audiência, você vê que são pessoas”. A atividade aqui, pode ser vista em sua continuidade e o mesmo trabalhador tem a oportunidade de fazê-lo, o que dá um caráter peculiar na experiência desses dois servidores:

“o fato de eu ser **assistente de juiz** é um diferencial importante porque vem os processos, a gente auxilia fazendo relatório, minuta, essas coisas.[...] Então, é um **diferencial** realmente, quando você trabalha fazendo minuta, embargos e tal e trabalhos dentro da sala de audiência, já é outro... **é outra perspectiva**. A maioria dos assistentes de juiz não faz isso, na verdade. Eu tô falando assim, é uma experiência minha de vivenciar isso.” (Arlindo)

“Pra mim, assim, eu acho interessante que é como se complementasse a parte da análise dos processos, entendeu? E você ter o contato com as partes, né? Porque assim, **você pega um processo, são só nomes ali, quando você tá na sala de audiência, você vê que são pessoas**, entendeu? Você vê o rosto delas, você vê as reações.” (Bianca)

Para Clot (2013) é importante os trabalhadores se sentirem na origem dos fenômenos e dos contextos em que vivem para que não percam a saúde, ou seja, é fundamental que eles se reconheçam na atividade. Nesse sentido, percebo algumas formas interessantes de escapar às limitações da atividade por parte dos participantes desse estudo. Isso se dá muitas vezes pelos instrumentos que criam ou que se utilizam para driblar não só suas limitações pessoais, como a dificuldade de ser mais rápido, como também uma forma de se reinventar, de colocar algo seu no trabalho, fazer as coisas terem sentido e reconhecimento, não só para os outros, mas também para eles mesmos.

Em conformidade ao pensamento de Canguilhem (2009), isso remete ao caráter da saúde enquanto criadora de novos contextos e formas de viver, que permite ao sujeito se reconhecer na sua própria história e na história coletiva. É necessário estar na origem das coisas,

se perceber como agente que liga os elementos do ofício, estar ativo, é disso que trata o reconhecimento no trabalho: primeiramente se reconhecer nele.

Quando o trabalhador não é impedido de agir, ele não cessa de reinventar as funções sociais da ferramenta (Clot, 2010). Os secretários se utilizam muito dos recursos do próprio sistema informatizado de audiências, o AUDI, que facilita a criação de documentos próprios em cada situação, facilitando resgatar quando há necessidade. Usam também de modelos de textos criados por eles próprios ao longo dos diferentes tipos de audiências realizadas:

“às vezes pra você escrever se tornam trechos grandes. Então você já vai, às vezes faz uma tecla de atalho. Então eu já deixo uma tecla de atalho... de atalho já pra não passar muito tempo digitando, já que eu não tenho tanta habilidade...então assim, eu **já uso dessa tecnologia do AUDI pra me ajudar** [...] no próprio AUDI, digamos, sei lá, gerente administrativo, eu coloco G1. Então pra mim, pra eu digitar G1 é muito mais rápido do que gerente administrativo. Então isso eu já **vou ganhando um tempo**. Porque eu já conheço as minhas limi... as minhas limitações, **então eu uso de outros... outras fontes pra me ajudar**.” (Sofia)

“**na minha pasta você vai ver que tem esse texto**, aí você bota “advogados”, pesquisa no F4. Que aí ele vai levar o texto. (...) O **F4 é pra pesquisa**. Então se botar “texto advogados” aí ele aparece [...] um exemplo “ah, o preposto da empresa E que é um só, eu já sei que é ele. Então eu vou **“empresa E”, aí o textinho que eu procurei** naquela... **no meu arquivo, eu boto F4**, empresa E, aí já vem, presença, quem é o preposto da empresa E, geralmente desacompanhado de advogado ou então qual dos advogados têm lá também [...] você vai no meu arquivo, aí tem “modelo de acordo” se é com liberação de fundo de garantia, se é com habilitação de seguro-desemprego, qualquer obrigação que tenha de fazer, anotação do (CTPS), nos meus arquivos você vai achar modelo e acordo” (Luíza)

“Tem um **arquivo de modelos**, não é? Modelos que eu abro.[...] Eu já deixo o modelo aberto lá num ícone, já deixo ele aberto e ele fica minimizado no computador, e qualquer dificuldade eu olho, e também já tenho autos textos (...) aí eu já **tenho aquela palavrinha que eu dou um F3 e puxo aquele texto, e só faço a complementação** ou as modificações que ele/ela (juiz/juíza) achar necessário.” (Mônica)

“Aí eu já deixo tudo separado, **já tenho os modelos**, eu já... eu deixo tudo marcado numa ata que eu tiro pra mim, eu já deixo todo qual vai ser o andamento do processo. [...] Eu **criei os modelos pra mim**, assim, eu tenho já uma série de modelos, de perícia, de instrução, de tudo. Eu **não utilizo do tribunal, utilizo o meu**, sabe? Porque já é o entendimento também do/da juiz/juíza, né?” (Renato)

“eu tenho um papelzinho com os modelinhos. **Eu ponho aqui, porque qualquer coisa eu já procuro.** [...] aí tem um papelzinho assim que tem CTPS, F3, sentença, você põe, "CTPS, sentença, F3", 'pul', aí já aparece mais ou menos [...] Você só muda as datas, algum detalhe, valor de custa, tal, né? Aí eu tenho muitos assim. [...] Criar mais modelos, né? É isso. Que ajuda muito, né?” (Roberto)

Com isso se vê a mobilização psíquica que permanece, mesmo diante das adversidades (Clot, 2010). O conflito na atividade coloca o sujeito diante de sua capacidade de recriar técnicas, de fazer uso deslocado e subversivo destas (catacreses) conforme suas necessidades. Esse processo envolve a transformação de uma atividade aparentemente passiva e submissa em atividade inventiva e criativa.

Realizar anotações no decorrer da atividade constitui-se também numa forma de se organizar, de ter controle; facilita os audiencistas em situações posteriores e auxilia o resgate de informações:

“Então **eu anoto tudo**, é uma das... das coisas também, é você anotar. Eu tenho uma agenda, então se ficou... hoje foi feita a audiência e tem lá um prazo, eu coloco na minha **agenda**, não deixo num papel solto, eu boto na minha agenda o dia do final do prazo “tal processo observar isso” (...) Então é uma coisa que sempre tá organizado, é uma coisa que tá... eu tenho sob meu controle. [...] outra instrução também é, as minhas pautas de audiência eu guardo todas, e eu anoto tudo nelas, se ficou pra intimidar alguém, eu coloco do lado, **tudo eu anoto, porque justamente, você não vai confiar tudo na sua cabeça** [...] Então **se for acordo, eu coloco verde, se for pra julgamento, eu já boto azul, se for alguma coisa pendente, eu boto de vermelho.** Então eu tra... minha pauta é toda colorida, porque aquilo ali chama atenção e **às vezes eu não preciso nem ler, só pela cor eu já identifico.** [...] quando eu saio do trabalho eu **não deixo a mesa bagunçada**, eu deixo tudo no seu lugar, a agenda eu não deixo exposta, eu deixo na gaveta, as canetas todas no lugar, não deixo sujeira. Então eu acho que aquela forma, quando... quando eu saio, né? Que tá tudo organizado, **quando eu chego no ambiente organizado, eu já digo assim “bem-vinda”.** (Sofia)

“eu já aproveito que quando eu vou fazer o **PDF do processo**, eu já olho e já anoto na minha pauta que eu **geralmente levo uma caneta e faço minhas observações.**” (Luíza)

“No dia a dia, **quando eu comecei, você faz umas coisas mais erradas** e não sei o que, mas aí **vai tentando anotar pra não errar de novo e vai alinhando, até uma hora que chega num processo bom.**” (Moisés)

Inventividade para organizar o trabalho, criação de novas ferramentas, isso passa pela saúde no trabalho, criar formas de vida, também no trabalho, não paralisar nem se conformar com as normas já existentes, mas criar outras. Essa criação pode ser individual, a partir da necessidade e inventividade de cada trabalhador, porém é necessário servir-se de recursos coletivos para esta inventividade. Para que se preserve o caráter saudável e criativo no ambiente de trabalho, é necessário garantir o acesso ao gênero profissional e ao fortalecimento dos coletivos de trabalho no contexto laboral do judiciário, conforme discutiremos no núcleo de significação 8.

5.4.8 Núcleo 8: Estamos no mesmo barco, é preciso ter solidariedade

Conforme relembra Almeida e Lima (2017), o coletivo de trabalho detém a história do pensar sobre o trabalho e é o alicerce para a atividade individual. Como Osório da Silva (2014) relembra, “O trabalhar é sempre coletivo, mesmo que se realize por um único trabalhador” (p. 83). No processo de criação ou transformação de ferramentas ou objetos do trabalho conforme sua necessidade, é importante que o profissional possa contar com o suporte dos colegas de ofício para endossar a utilização desses instrumentos em situações semelhantes. O coletivo proporciona também um repertório de onde o sujeito busca elementos para tomar suas decisões e enfrentar as adversidades no cotidiano da atividade, sendo, portanto, uma fonte protetiva de sua saúde mental no trabalho.

Nas reflexões dos servidores acerca da sua atividade de trabalho, vimos que no geral não percebem que há uma troca entre os pares que cumprem as mesmas tarefas que eles, sobretudo com aqueles que as exercem em setores (varas do trabalho) distintas. Essa ausência de contato é atribuída pela falta de tempo e do grande volume de atribuições a serem cumpridas diariamente por todos eles:

“Eu **quase não tenho contato**, mas assim, quando eu encontro sempre... **a gente nunca fala de trabalho**, né? **Apesar de trabalhar no mesmo**, a gente nunca se encontra [...] Então eu **nunca sei como o colega tá**. Do meu trabalho eu sei, da minha mesma unidade judiciária, mas **de outras unidades eu não sei**” (Luíza)

“É **muito isolado**. Então você chega, você vai pra sua Vara, como eu falei, tem um monte de coisa pra fazer, **você acaba nem saindo dali**, né? Tanto é que eu não conheço nenhum... nenhum outro secretário de audiência. Não sei se é porque eu tô há pouco tempo também, né?” (Moisés)

“Só do setor, **não conheço os outros secretários não**, eu só escuto a voz, mas eu não sei de quem... a quem pertence aquela voz, eu não sei quem é a pessoa.” (Sofia)

“É só, **"oi, tudo bom?"**, e quando tem pedido do psicólogo, tem o pedido do psiquiatra, eu vou atrás deles pra saber se tem perito. [...] Os **peritos. Que todo mundo tem dificuldade**. Aí o pessoal me liga, "Roberto, tem algum perito psiquiatra?", "não", "psicólogo?", "tem um...", ou, "tem um né... tem um tecnológico? Tal". É mais isso. E **no corredor assim, "oi, tudo bem?"**. Não dá nem pra bater papo. Porque **é tão corrido**, né?” (Roberto)

Conforme a última das falas anteriores, a do secretário de audiências Roberto, o encontro entre colegas audiencistas de outras varas do trabalho resume-se a um breve cumprimento e, em algumas situações, ele percebe uma procura recíproca entre os colegas quando há necessidade de encontrar um perito para dar encaminhamento nas diligências do processo, o que costuma ser uma dificuldade comum a todos.

Naquelas unidades em que há mais de um secretário de audiências, muitos destacaram que há uma troca apenas com os colegas com os quais se revezam, assim como com os colegas que exercem outras atribuições no mesmo setor (a equipe da mesma vara do trabalho):

“A gente... a nossa equipe é muito boa, a nossa equipe trabalha de forma assim, sabe? Em **cooperação uns com os outros, eu vejo isso aqui**. [...] Aqui, o relacionamento entre os colegas, eu acho assim, muito bom, aqui todo... existe uma... uma união entre os colegas, **a gente é uma equipe**.” (Mônica)

“A gente trabalha lá de um jeito... na “N” Vara pelo menos, de um jeito que **a gente se reconhece como grupo**. Então, fica muito mais fácil trabalhar, mesmo eu tendo essas responsabilidades pelos meus processos, acaba se **eu vejo um processo de outro** que o despacho foi assim, foi assado, eu vou lá e acabo

“olha, esse despacho aqui que você fez, eu acho que não sei o que”, **ao invés de fechar os olhos**” (Moisés)

“Então, isso pra mim é **gratificante**, é você **poder tá num ambiente que todos dão as mãos**, eu acho que isso lá (no setor onde trabalha) é super comum acontecer.” (Sofia)

“Com os secretários, **eu tenho contato com o pessoal daqui que digita**, né? Eu pergunto alguma coisa, “ó, tão... qual perito que tá disponível agora?”, pergunto alguma coisa assim. Ah, tô com alguma dúvida, aí eu chego e pergunto. **A gente vai trocando ideia.**” (Bianca)

Destaco que quando as pessoas se percebem enquanto grupo e as atitudes reforçam a cooperação, são favorecidas as referências coletivas para que cada trabalhador se reconheça naquilo que faz e na história daquele grupo, além de fornecer recursos para que cada integrante da vara do trabalho possa agir em situações mais difíceis. O suporte do coletivo enriquece os instrumentos individuais dos trabalhadores nessa dinâmica, assim como contribui para o fortalecimento do gênero profissional. Isso se exemplifica num segundo encontro, em que o servidor Moisés fez algumas reflexões por escrito sobre a técnica de Instrução ao Sósia, complementando o que já havia destacado antes sobre a vara “N” em que trabalha:

“você tem como se fosse uma família, então agimos como se fossemos uma só pessoa. Por exemplo: se eu vejo um processo errado, que sei que é de responsabilidade de outra pessoa da VT, ou eu já tento arrumar a incorreção, ou falo com a pessoa sobre. Pois quando isso acontecer do lado inverso, ou seja, quando em um processo sob minha responsabilidade contém alguma incorreção, tenho certeza que o mesmo procedimento será tomado” (comentário escrito de Moisés)

No tocante ao gênero profissional, apreende-se que o coletivo de referência acaba sendo a equipe da vara de trabalho como um todo, já que os entrevistados remetem muitas vezes ao apoio e preocupações com a continuidade do trabalho no interior da própria unidade onde estão lotados. Nesses contextos, é possível perceber nos discursos que há um sentido maior de coletivo entre todos.

Entretanto, conforme Arlindo destacou, até mesmo com a proximidade cotidiana no mesmo ambiente, a cooperação pode deixar a desejar. Lembrando que a vida coletiva é de extrema importância para a saúde mental no trabalho, podendo ser simultaneamente fonte de atividade individual e recurso para uma mesma atividade (Osório da Silva, 2014), percebe-se no discurso desse secretário de audiência que as relações com os pares podem adquirir um sentido de distanciamento, tanto dentro quanto fora da unidade em que se trabalha:

“a gente conhecer, saber qual é o dia a dia do outro, gera uma intimidade natural, né, aquela intimidade de **solidariedade quase**, né, nós somos... **estamos no mesmo barco**, mas não temos amizades, não se constrói amizades em torno disso, sabe.? [...] **não existem grupos, rede social**, coisa mais natural do mundo, mais fácil do mundo se fazer um grupo de pessoas na rede social, mas não existe [...] **não tem aquele grupo que você possa tá debatendo**, por exemplo, “pessoal eu tô com um... apareceu uma questão aqui (...) O que que vocês tão... vocês encontraram com relação a essa situação aí, o que que vocês têm por aí” [...] É, **dentro da mesma unidade também** tem, sabe? Tem um **certo distanciamento**. (...) a gente se dá muito bem, todo mundo se dá bem, não tem nenhum problema um com outro não, mas **não temos essa... essa coisa de discutir a situação**, discutir uma coisa ou outra, o que é que... uma coisa que tá pegando, uma coisa que tá... uma dificuldade e tal que o outro possa ajudar” (Arlindo)

Além disso, cabe destacar que a cooperação entre servidores de diferentes varas do trabalho pode ser ainda mais dificultada pela lógica de funcionamento do judiciário, que pressupõe a independência de cada juiz atuando de forma independente, assim como a cultura de competição (Giannini, Sznelwar, Uchida, & Lancman, 2019) entre as unidades que cada magistrado está à frente, posto que cada uma delas acaba tendo resultados diversos e podem ser comparadas em rankings de seu desempenho institucional.

“**cada um tá no seu ambiente**, né? Aqui é o meu ambiente de trabalho, cada um cumprindo com suas funções, não é? Nos seus departamentos. Lá é como se fosse um... eu acho assim, **é uma empresa dentro de outra empresa**, porque cada juiz tem seu jeito” (Mônica)

Entretanto, considero que, para manter a para saúde do ofício e consequentemente dos trabalhadores, é importante se estimular as construções coletivas, o estímulo ao debate sobre a

atividade de trabalho, incentivando a solidariedade e cooperação entre os pares, que são elementos para que o gênero profissional não seja maltratado. Quando o acesso ao gênero está impedido pela falta de debate, abre-se espaço para que haja sofrimento psíquico, já que o sujeito fica limitado em sua capacidade para dar sentido à atividade e se desenvolver (Osório da Silva, 2014). Além disso, a criação na atividade também pode ser potencializada pela experiência coletiva, já que implica o encontro consigo mesmo e com o outro (Barros & Benevides, 2007). A abertura a processos que façam aumentar o pensar e o fazer sobre o trabalho pode contribuir para aumentar a autonomia desses trabalhadores, assim como pode favorecer a superação de situações de sofrimento. Nesse sentido, Arlindo reflete em suas declarações o quanto oportunizar uma maior aproximação entre os coletivos de trabalho no judiciário, em especial na atividade que realiza, seria de grande importância ao enriquecimento das trocas no ambiente laboral e à saúde dos trabalhadores do judiciário:

“Eu sei que a aproximação, ela sempre vai **tornar eficiente a coisa**, vai dar mais eficiência à coisa, **quando se aproxima grupos**. Porque uma cabeça, você pode... é aquilo que eu tava falando, você pode fazer muita coisa boa sozinho, mas se você tiver um grupo junto, vai ter algumas coisas que você julgava vai ser muito boas, que não são tão boas não, na **percepção do coletivo**. [...] eu acho que o órgão, o organismo, TRT, ele deveria ter um banco de boas práticas, mais efetivo, não é só coisa de clichê não, banco de boas práticas. O que é que **o servidor da audiência da N Vara faz de muito bom que precisa ser feito em todas as Varas? O que que eu faço de muito bom que tem um monte de Vara aí que deveria fazer** pra que as coisas, juntando uma coisa com a outra vire uma eficiência gigantesca.” (Arlindo)

Apesar dos pares que trabalham num mesmo setor/vara constituírem um coletivo de referência para esses servidores, não se pode desconsiderar a importância do fortalecimento ou até mesmo construção de um coletivo de secretários de audiência. Clot (2006) fala que a pertinência simultânea numa atividade, a dois ou mais gêneros distintos - o cruzamento entre os diferentes gêneros profissionais - é que vai enriquecer a criação de um estilo específico. Justamente por esse pertencimento a diversos gêneros simultaneamente, é que um coletivo de

secretários de audiência poderia se beneficiar de um enriquecimento proporcionado por momentos de debate sobre a atividade.

Arlindo, que já possui duas décadas de experiência na atividade de secretário de audiências, percebe ainda a importância do olhar de quem acaba de chegar a um determinado local de trabalho para exercer a tarefa, destacando o quanto este novo servidor pode se atentar para coisas que já estão estagnadas e imperceptíveis ao mais antigos:

“muitas vezes **você já tá dentro do sistema, trabalhando dentro do sistema sem poder... você começa a não perceber mais o que deveria ser mudado**, de repente, entra um **servidor novo** aí, entra ali e vai fazer bem melhor do que eu, apesar da minha experiência, ele chega e **consegue visualizar o que eu tô um bobão**, fazendo umas coisas bobas ali que não deveriam tá sendo feitas.”
(Arlindo)

Aqui vemos a importância da renovação do gênero, o qual não é algo estático, ele está sempre em movimento, mudando conforme as transformações históricas e os sujeitos vão se apropriando dele, e ao mesmo tempo, dando suas contribuições para desenvolvê-lo. Portanto, é fundamental se apropriar do gênero profissional e renová-lo para se cuidar do trabalho. A construção do gênero é algo coletivo, que acontece no encontro com o real da atividade, a partir dos erros, dos acertos, das modificações que vão sendo feitas ao longo da história de um ofício, que se inscreve num dado contexto maior:

“Eu acho que quando você faz uma coisa, principalmente depois de um tempo, e você... é difícil saber tudo, mas você sabe 80%, você sente mais confortável e como você ver que aquilo tá dando certo pra você e tá dando certo pro grupo que você trabalha [...] acho que **qualquer local do setor público, você chega zero, você não tem nada e você tem a experiência das outras pessoas que já passaram** em arquivos e eles passam esses arquivos. É extremamente comum, você chega, eles passam os arquivos. E esses arquivos, eles ajudam pra deixar a coisa mais rápida, mais autônoma e **você consegue ir modificando e deixando do seu jeito**. [...] você acaba tendo que remodelar, fazer de novo com relação aos novos... aos novos procedimentos, sabe?”
(Moisés)

Nos comentários escritos sobre a instrução ao sócia, Moisés atribui uma grande ênfase ainda a esse aspecto da atividade de trabalho, ao que vemos abaixo:

“são feitos (modelos de documentos) a partir da experiência de digitadores anteriores, é o que fica como padrão textual para a audiência, e que, com o tempo, você vai moldando em relação a novos procedimentos, mudanças legislativas no CPC⁸, por exemplo” (comentário escrito)

Novamente pode-se apontar o estilo profissional de cada um nesse processo de criação, a forma como cada sujeito se afeta a cada vez e se apropria da experiência, modificando a atividade e simultaneamente se modificando por meio dela. Temos aqui a atividade de trabalho de fato, como uma atividade construtora de subjetividades e de objetividades.

A questão da saúde e da criação mais uma vez pode ser mencionada, na medida em que a saúde vai além de se conformar e se adaptar à norma; ela remete ao poder de ação sobre si e sobre o mundo, o qual se adquire com outros (Clot, 2010). Assim, o diálogo entre profissionais acerca da atividade possibilita transformar a experiência em meio de vida, auxiliando o reencontro do sujeito com o sentimento de vida e por consequência com a saúde. O incentivo às trocas no âmbito dos coletivos se faz, portanto, algo de suma importância no contexto dos trabalhadores do judiciário.

5.4.9 Núcleo 9: A elaboração da experiência e os efeitos da Instrução ao Sócia (IaS)

A técnica de instrução ao Sócia possibilita a produção de um diálogo sobre a ação do trabalhador na medida em que este reelabora sua atividade. No presente estudo, o instrumento favoreceu especialmente um breve acesso às atividades que prevalecem sobre as outras possíveis. Os trabalhadores falaram ao sócia (pesquisadora) o que é ideal fazer em algumas situações, mas orientaram o que acabam fazendo na prática, o que escolhem continuar

utilizando como ferramenta útil no seu trabalho, bem como o que preferem adaptar e criar conforme suas necessidades e/ou do magistrado com quem trabalham diretamente, pensando num destinatário final do que será produzido.

Com alguns servidores ficou evidente uma maior afetação e envolvimento no momento da IaS, na medida em que faziam pausas e esforços para tentar passar da melhor forma possível as nuances de sua atividade. Por outro lado, o exercício também representou surpresa e desafio no momento de realização, como exemplificado na fala de Roberto:

“Essa pergunta é muito boa, viu? ((risos)) Fazer essa lá em casa (...) **é difícil.**”
(Roberto)

Acrescenta-se que houve um encontro sequencial com cada entrevistado para leitura da transcrição do material da entrevista e para que eles fizessem comentários verbais ou escritos sobre o conteúdo da Instrução ao Sósia. Esse segundo encontro também se constituiu num momento de reflexão e fechamento desta etapa da pesquisa com os participantes, assim como foram esclarecidas possíveis dúvidas e fornecidas explicações sobre próximas etapas e desdobramentos do estudo, dentre as quais a realização de um momento em grupo para devolutiva e discussão sobre os resultados da pesquisa.

Ao refletirem sobre seus próprios posicionamentos no primeiro momento da IaS, por meio do contato com o material transcrito, os secretários de audiências evidenciaram a necessidade de auto avaliação que o exercício causou, fazendo com que eles percebessem o porquê de algumas ações na atividade de trabalho; outros, como Matheus, admitiram inclusive ter tido que repassar seus segredos de trabalho:

“É, tive que fazer uma **autoanálise** daquilo que seria importante pra mim, dentro da minha atividade, o que torna importante o que eu faço, **o que torna o que eu sou**, né? Aqui dentro. Essas coisas que você me perguntou, que eu deveria que você fizesse, e o que você deveria fazer, **me fez pensar no que, de repente, desenha o que eu sou de verdade.** (Arlindo)

“A candidata à sócia **me fez me auto avaliar, me auto intitular**, talvez e até **passar alguns segredos** (risos), que não é segredo nenhum, mas que eu gosto de **ser confrontado ou até mesmo desafiado**.” (Matheus)

“parece que eu tava tentando... de volta pro futuro, você olha a pessoa, é você mais velho ou mais novo. É interessante, eu achei bacana. Nunca ninguém me falou isso não. ((risos)) [...] E **com relação a eu dar conselho a mim** mesmo eu achei interessante porque aí a gente vê que realmente, isso **é bom às vezes** fazer uma pergunta dessa, por conta de a gente se autoconhecer, **autoconhecimento**.” (Roberto)

A sensação de estar dando “conselho a si mesmo” descrita por Roberto remete ao efeito da IaS, em seu papel de provocar um deslocamento do sujeito sobre sua atividade. No contexto da clínica da atividade, este método possibilita que o profissional possa pensar diferente sobre sua própria atividade e se desenvolva, na medida em que explica sua atividade a partir de uma perspectiva externa. Desta forma, percebi neste estudo como o método da IaS, assim como outros métodos na perspectiva da Clínica da Atividade, consegue produzir um deslocamento do trabalhador para o lugar de observador ou analista do seu próprio trabalho (Osório da Silva, 2014), abrindo espaço para a reflexão e tomada de consciência no estabelecimento de um diálogo sobre sua atividade com o pesquisador.

Apesar da IaS ter acontecido sob a configuração de conversa apenas entre a pesquisadora e o trabalhador, não contando com o dispositivo dos pares, percebi que esse se constituiu num importante instrumento para provocar uma atividade sobre outra atividade. A IaS permite que o profissional se coloque como observador de seu próprio trabalho, relembrando que “A clínica da atividade é centrada sobre o desenvolvimento do vivendo para transformar o vivido” (Clot, 2016), num recurso para que os sujeitos possam dar conta do vivido a partir do vivendo.

Os potenciais efeitos dessa técnica apontam para possibilidades de uma maior elaboração, num próximo encontro, dessa vez em grupo, a partir da mobilização dos secretários de audiência no momento de devolução da pesquisa. Esse posterior momento

deverá considerar o ofício em sua configuração de constante movimento, na tentativa de mobilizar o coletivo de trabalho, acionando o gênero profissional e o estilo de cada trabalhador. Assim, poderá se constituir uma possibilidade para construções junto com os próprios trabalhadores, em desdobramentos acerca de mudanças concretas na realidade de trabalho a partir desse estudo.

5.5 Análise da implicação – a pesquisadora ou a psicóloga?

No processo de produção do conhecimento é comum se fazer a separação entre a figura do pesquisador (gerador de conhecimento oriundo da academia) e o profissional prático (aquele que atua no campo e aplica os conhecimentos produzidos pelo primeiro). Essa diferenciação reflete uma tradicional posição dicotômica entre teoria e prática (Bendassolli & Gondim, 2014b). A proposta das clínicas do trabalho, contudo, na qual também se insere a Clínica da Atividade, sugere um reposicionamento do lugar do pesquisador, a partir da consideração de que o conhecimento se dá na interação pesquisador-participantes, numa co-construção entre eles. Assim sendo, a Clínica da Atividade se desvincula da visão positivista de neutralidade do pesquisador, na medida em que toda atividade, incluindo a do pesquisador, “se expressa de forma única em função de seu endereçamento, jamais encontrando situações e/ou destinatários idênticos.” (Conceição, Rosa, & Osório da Silva, 2017, p. 26).

Ao se desmistificar a visão de neutralidade e dualidade entre pesquisador e pesquisado, bem como entre o profissional prático e o pesquisador acadêmico, consideramos que o profissional da Psicologia do Trabalho não pode deixar de ser um pesquisador, diante da necessidade em sua prática cotidiana de investigar, problematizar e se posicionar criticamente no campo em que atua, não devendo se resumir a um mero aplicador de teorias. Bendassolli e Gondim (2014b) apontam a importância do pesquisador-profissional na proposta das clínicas

do trabalho “como integrando um mesmo personagem, e o trabalhador como protagonista e destinatário de todo o conhecimento produzido” (p. 22)

Sob este prisma, o profissional-pesquisador, a partir de sua experiência no campo, realiza um recorte da realidade, devendo adotar uma posição ético-política que contempla o desenvolvimento dos trabalhadores e a intervenção nas dimensões psicossociais na situação de trabalho, na medida em que o conhecimento válido, isto é, com sentido, é aquele que contribui para potencializar a ação e transformar as situações de bloqueio do poder de agir (Bendassolli & Gondim, 2014b). Desta forma, apesar dos riscos dos pré-conceitos e dos vieses subjetivos das mais diversas ordens, devemos considerar que o conhecimento produzido sob essa perspectiva é construído a partir das interações entre os sujeitos no campo de pesquisa, incluindo o pesquisador fazendo parte desse campo.

Nesse sentido, cabe uma ressalva no tocante ao meu lugar enquanto pesquisadora e, também, enquanto psicóloga da instituição em que se realizou a pesquisa, o TRT 13. As afetações para realizá-la aparecem perpassadas pelos meus questionamentos e movimentos enquanto protagonista na implantação de uma política de atenção à saúde destes trabalhadores, considerando o contexto no qual o profissional de psicologia passa a fazer parte do quadro de servidores que compõe a equipe mínima de saúde nos tribunais brasileiros. Essa inserção não se dá de forma isolada e restrita ao TRT 13; ela é resultado de uma construção e de diversos debates no judiciário acerca das condições de saúde dos trabalhadores dessas instituições, culminando na Política de Atenção Integral à Saúde de Magistrados e Servidores no ano de 2015, em âmbito nacional, conforme destaquei em capítulos anteriores.

Minha atuação profissional favoreceu o acesso preliminar à realidade do judiciário e a identificação de algumas nuances desse contexto que resultaram nas questões norteadoras para este estudo. A aproximação com os servidores e magistrados que atuam no Fórum Trabalhista de João Pessoa em todas as fases da pesquisa foi facilitada em grande parte por eu

já fazer parte da instituição, mas em determinados momentos foram necessários cautela e redirecionamentos no tocante ao manejo da pesquisa, a exemplo das mudanças quanto ao local onde se realizaram as entrevistas e instruções ao sósia, que foi pensado a cada vez, de forma a deixar o participante mais à vontade possível. As impressões e experiências que vivenciei nesse processo foram sendo registradas em diário de campo e discutidas com a professora orientadora, bem como no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre o Trabalho (GEPET) da UFRN, ao longo da pesquisa.

Fui percebendo a importância de ressaltar sempre a participação voluntária no estudo, uma vez que há a cultura institucional desses profissionais serem convocados em caráter obrigatório para participarem de certas atividades, o que foi exemplificado na fala de um dos participantes que, ao ser informado de que numa etapa posterior haveria a discussão em grupo da presente pesquisa, sugeriu agendar uma reunião em caráter obrigatório para haver a participação de todos os secretários de audiência, revelando uma prática recorrente, *“só vai maioria se for de cima para baixo”*, mas que não consiste na lógica de intervenção deste estudo, em que se faz necessário o engajamento dos participantes.

Por outro lado, apesar da dificuldade de horários e em parar suas tarefas, observei uma abertura para a participação de muitos servidores, bem como o repasse das informações sobre a pesquisa entre eles, incluindo os que não eram público-alvo, já que em alguns setores não consegui o contato direto com os audiencistas, dependendo da divulgação do convite e meu contato pelos seus colegas presentes, o qual deixava verbalmente e por escrito. A partir da circulação dessas informações surpreendeu-me a procura espontânea de alguns para participar, não deixando de considerar, por outro lado, a esquivas de outros, a ausência nos horários agendados para as entrevistas ou pedidos de um segundo agendamento com a repetição da ausência. Ressalto ainda, a indicação pelos pares, geralmente do mesmo setor, para que eu procurasse determinado profissional para participar, sendo indicado muitas vezes as melhores

ocasiões para viabilizar a participação, ficando evidente a disponibilidade em ajudar na concretização da pesquisa por parte dos meus colegas de instituição.

Cabe interrogar ainda o lugar em que me percebi sendo colocada durante a pesquisa, o de psicóloga, para além de pesquisadora. A forma como se construíram as relações com os participantes não pode deixar de ser vista sob o lugar em que pareceu estar sendo endereçada a fala dos secretários de audiência, posto que muitas vezes destacavam questões de ordem psicológica no diálogo, que talvez se estivessem diante de outro pesquisador poderiam não ter sido evidenciadas. Por outro lado, essa fala endereçada à psicóloga também não pode deixar de ser vista como o posicionamento que eu posso ter tido em vários momentos, visto que este papel é algo que faz parte da minha história e inserção no campo, fazendo parte da construção da experiência com estes profissionais, ao passo que também posso me apreender endereçada a um dos gêneros profissionais que atravessa o trabalho dos secretários de audiências, o que diz respeito ao gênero dos servidores e trabalhadores do judiciário, não perdendo de vista os apontamentos de Clot (2006) de que um sujeito faz parte de vários gêneros simultaneamente. Assim, há que se atentar para um certo compartilhamento de situações desses trabalhadores com alguém que em alguma instância também se constitui num par.

Minha implicação subscreve a pesquisa sob o que Carreteiro e Barros (2014) assinalam sobre a possibilidade de se construir um engajamento subjetivo e intersubjetivo, o qual se constitui num instrumento que determina o tipo de escuta e de análise da situação. As autoras apontam ainda que é importante ter o equilíbrio entre simpatia e distanciamento. A simpatia configura-se como o interesse do pesquisador ao ser atravessado pelas mesmas problemáticas que afetam os participantes, não podendo o pesquisador se furtar a seu próprio questionamento. Já o distanciamento remete a se afastar para refletir sobre o fazer. Sendo assim, não posso deixar de enfatizar que as interpretações e análises das informações construídas nesse estudo se configuraram a partir do meu olhar de pesquisadora-psicóloga,

uma vez que este é o lugar de onde pude me posicionar e tecer as reflexões, com as possibilidades e limitações a que este posicionamento singular pôde viabilizar.

O desenvolvimento dessa pesquisa abriu possibilidades de reflexões e enfrentamentos no tocante à saúde mental nesse ambiente laboral, que remetem ainda a uma maior aproximação com meu próprio fazer profissional, com a atividade em si e com as suas possibilidades ainda não realizadas – o real da atividade de psicólogo no contexto do judiciário. As afetações presentes nesse âmbito têm produzido inquietações, ampliando minhas perspectivas para agir e dar outros destinos a partir desse estudo, o qual poderão ser oportunizados em encontros posteriores com os atores que compõe o cenário de pesquisa: não só os próprios secretários de audiências, mas também gestores, magistrados e os outros profissionais de saúde que também se engajam na temática em questão.

6 Considerações finais

A realização deste trabalho trouxe contribuições importantes sobre o conhecimento da saúde mental dos trabalhadores do judiciário, constituindo-se num ponto de partida para intervenções nessa área por meio da clínica da atividade. O objetivo da pesquisa de compreender o processo saúde-adoecimento mental dos secretários de audiência do TRT13 permitiu caracterizar o histórico da atividade profissional, incluindo a identificação de fatores que influenciam fortemente o sofrimento e o adoecimento no trabalho.

Ao analisar a atividade desses profissionais, foi possível perceber nuances relacionadas às dimensões do coletivo, aos processos de criação, às formas de enfrentamento diante das adversidades. Ficou perceptível o quanto o incentivo às trocas no âmbito dos coletivos se faz de suma importância no contexto da saúde mental dos trabalhadores do judiciário. Destaco que, no âmbito da função dos secretários de audiência, a qualidade das

relações interpessoais que se estabelecem, sejam elas com superiores, colegas ou público externo a quem atendem, adquirem relevância no processo de saúde/adoecimento, especialmente quando se estabelecem conflitos direcionados ao relacionamento com juízes.

O excesso de atribuições, a impossibilidade de contar com os pares e de realizar pausas durante a execução das tarefas também foram indicados como causadores ou agravantes de quadros de ansiedade e estresse, assim como podem favorecer vivências de sofrimento e impotência em relação ao trabalho.

Por outro lado, os enfrentamentos e limitações, com que esses profissionais se deparam, além de resultar em sofrimento e adoecimento mental, também podem ser o ponto de partida para a criação na atividade. Devemos lembrar que a Clínica da Atividade vai além da concepção de trabalho apenas como causa de sofrimento; ela busca resgatar seu papel como operador de saúde, de lugar de criação coletiva e pessoal.

Contudo, no âmbito do judiciário, o enfraquecimento dos coletivos e do gênero pode estar abrindo caminho para o sofrimento e o adoecimento no trabalho para aqueles que desempenham o ofício de secretário de audiência. Para que se resgate a função do trabalho como operador de saúde, destaco a necessidade de maior articulação e fortalecimento dos coletivos de trabalho nesse contexto. Uma vez que a saúde se constitui como recurso coletivo, é preciso ampliar os recursos psicossociais para ação desses trabalhadores por meio de ações que incentivem a cooperação, em contrário à lógica de competição e isolamento das formas de gestão no judiciário. Também enfatizo a necessidade de mais pesquisas que aprofundem a temática sobre a relação juiz-secretário, bem como de intervenções institucionais que facilitem tal relação, diante da sua importância para a manutenção da saúde do próprio ofício. Além disso, aponto que a viabilização de mais de um profissional para a função de audiencista numa mesma unidade (vara do trabalho), favorecendo o revezamento desses

profissionais nos dias de audiência, poderá contribuir para amenizar o sofrimento e o adoecimento no trabalho.

Há que se considerar ainda, o momento específico pelo qual vem passando o ramo da justiça do trabalho, sobretudo a partir de 2017, com os efeitos da reforma trabalhista sobre o público ao qual atende e para o própria perspectiva de funcionamento no âmbito da justiça trabalhista, o que inclui momentos de incertezas quanto a seu próprio futuro e enquanto justiça garantidora dos direitos dos trabalhadores. Tais repercussões foram observáveis na fala de alguns participantes, no sentido de destaque à diminuição recente no número de processos e até de audiências realizadas.

Devo lembrar também que esta pesquisa aconteceu no momento anterior à situação de pandemia de COVID-19 que atingiu todo o mundo, incluindo suas consequências para o mundo do trabalho. Especificamente no ano de 2020, quanto à atividade dos secretários de audiências trabalhistas, o que tem sido modificado a partir das novas exigências de distanciamento social foi a dinâmica de funcionamento das audiências, que passaram a ser realizadas remotamente, a partir de dispositivos de conferências online em tempo real. Assim, tais mudanças provavelmente implicam outras maneiras de vivenciar a atividade por parte desses servidores em seus enfrentamentos e impedimentos, o que remete ao caráter processual e histórico da atividade de trabalho, bem como à necessidade em se realizarem novos estudos que contemplem essas mudanças e aprofundem os aspectos até aqui levantados.

Referências

- Aguiar, W. M. J., Soares, J. R., & Machado, V. C. (2015). Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. *Cadernos de Pesquisa*, 45(155), 56-75.
- Albrecht, P. A. T., & Krawulski, E. (2011). Concurseiros e a busca por um emprego estável: reflexões sobre os motivos de ingresso no serviço público. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 14(2), 211-226.
- Almeida, A.P. C., & Lima, M. E. A. (2017). A instrução ao sócia no contexto da pesquisa: diferentes modos de apropriação do instrumento. *Horizontes*, 35(3), 58-70.
- Alves, E. A. P., & Osório da Silva, C. (2014). Clínica da atividade e oficina de fotos: eletricitas em foco. *Revista Psicologia e Saúde*, 6(2), 62-71.
- Amazarray, M. R., Oliveira, G. F., & Feijó, F. R. (2019). Contexto de Trabalho e Transtornos Mentais Comuns em Trabalhadores do Judiciário Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 19(3), 687-694.
- Andrade, P. P. (2011). *Sentimento de (In) justiça na Justiça: fatores (des) estruturantes de QVT sob a ótica dos servidores de um órgão do Poder Judiciário* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Arenas, M. V. S. (2013). *Assédio moral e saúde no trabalho do servidor público do judiciário: implicações psicossociais* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

- Barros, M. E. B., & Benevides, R. (2007). Da dor ao prazer no trabalho. In S. B. Santos-Filho & M. E. B. Barros (Org.), *Trabalhador da saúde: muito prazer!: protagonismo dos trabalhadores na gestão do trabalho em saúde* (pp. 61-71). Ijuí: Unijuí.
- Batista, M.; & Rabelo, L. (2013). Imagine que eu sou seu sócia... Aspectos técnicos de um método em clínica da atividade. *Revista Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 16(1), 1-8.
- Bellusci, S. M., & Fischer, F. M. (1998). *Envelhecimento e condições de trabalho em servidores de uma instituição judiciária - Tribunal Regional Federal da 3ª Região* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Bendassolli, P. F. (2011). Mal-estar no trabalho: do sofrimento ao poder de agir. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 10(1), 63- 98.
- Bendassolli, P. F., & Gondim, S. M. G. (2014a). Significados, sentidos e função psicológica do trabalho: discutindo essa tríade conceitual e seus desafios metodológicos. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 32(1), 131-147.
- Bendassolli P. F, & e Gondim, S. M. G (2014b). Projeto de cientificidade das clínicas do trabalho e seus desafios no campo da Psicologia Organizacional e do Trabalho. In P. F. Bendassolli & L. A. P. Soboll (Org.), *Métodos de pesquisa e intervenção em Psicologia do Trabalho: clínicas do trabalho* (pp. 3-31). São Paulo: Atlas.
- Bendassolli, P. F., & Soboll, L. A. P. (2011). Clínicas do trabalho: filiações, premissas e desafios. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 14(1), 59-72.
- Borsoi, I. C. F. (2007). Da relação entre trabalho e saúde à relação entre trabalho e saúde mental. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 103-111.

- Bresser Pereira, L. C. (2001). Uma nova gestão para um novo Estado: liberal, social e republicano. *Revista do Serviço Público*, 52(1), 5- 24.
- Brito, J. (2017). Saúde: uma relação com o meio e os modos de vida. *Laboreal*, 13(1), 100-103.
- Canguilhem, G. (2009). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Carreiro, T. C. O., & Barros, V. A. (2014). Intervenção psicossociológica. In P. F. Bendassolli & L. A. P. Soboll (Org.), *Métodos de pesquisa e intervenção em Psicologia do Trabalho: clínicas do trabalho* (pp. 102-128). São Paulo: Atlas.
- Clot, Y. (2001). Clínica do trabalho, clínica do real. Tradução de Kátia Santorum e Suyanna Linhares Barker. *Le journal des psychologues*, 185, 48-51.
- Clot, Y. (2006a). *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Clot, Y. (2006b). Vygotski: Para além da psicologia cognitiva. *Pro-posições*, 17 (2), 19-30.
- Clot, Y. (2010). *Trabalho e poder de agir*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Clot, Y. (2013). O ofício como operador de saúde. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 16, 1-11.
- Clot, Y. (2016). A interfuncionalidade dos afetos, das emoções e dos sentimentos: o poder de ser afetado e o poder de agir. In L. Banks-Leite, A. L. B. Smolka & D. D. dos Anjos (Orgs.), *Diálogos na perspectiva histórico-cultural: interlocuções com a clínica da atividade* (pp. 87-95). Campinas: Mercado de Letras.

- Codo, W., Soratto, L., & Menezes, I. O. (2004). Saúde mental e trabalho. In J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade & A. V. B. Bastos (Orgs.), *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil* (pp. 276- 299). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Conceição, C. L., Rosa, R. P. F., Osório da Silva, C. (2017). A clínica da atividade no Brasil: por uma outra psicologia do trabalho. *Horizontes*, 35(3), 23-37.
- Conselho Nacional de Justiça. (2017). *Justiça em Números 2017: ano-base 2016*. Brasília: Autor.
- Conselho Nacional de Justiça. (2017). *Saúde de magistrados e servidores: Resolução CNJ n. 207/2015*. Brasília: Autor.
- Conselho Nacional de Justiça. (2019). *Saúde de magistrados e servidores: Resolução CNJ n. 207/2015*. Brasília: Autor.
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm
- Donato, V.C.C. (2006). *O Poder Judiciário no Brasil: Estrutura, críticas e controle*. (Dissertação de mestrado). Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE.
- Emenda constitucional, n. 45, de 30 de dezembro de 2004. Versa sobre a ampliação das competências da Justiça do Trabalho e sobre outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc45.htm
- Fernandes, L.C., & Ferreira, M.C. (2015) Qualidade de vida no trabalho e risco de adoecimento: estudo no poder judiciário brasileiro. *Psicol. USP*, 26(2), 296-306.

- Fonseca, R. M. C., & Carlotto, M. S. (2011). Saúde mental e afastamento do trabalho em servidores do judiciário do Estado do Rio Grande do Sul. *Psicologia e pesquisa (UFJF)*, 5(02), 117-125.
- Jacques, M. G. C. (2003). Abordagens teórico metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. *Psicologia e Sociedade*, 15(1), 97-116.
- Giannini, R., Sznclwar, L. I., Uchida, S., & Lancman, S. (2019). A cooperação como instrumento de enfrentamento do real: o caso dos magistrados do trabalho no Brasil. *Laboreal*, 15(1), 1-19.
- Lima, M. E. A. (2013). Saúde mental e trabalho: limites, desafios, obstáculos e perspectivas. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 16, 91-98.
- Lima, M. E. A. (2014). As questões metodológicas em saúde mental e trabalho – avanços, retrocessos, perspectivas. In P. F. Bendassolli & L. A. P. Soboll (Org.), *Métodos de pesquisa e intervenção em Psicologia do Trabalho: clínicas do trabalho* (pp. 187-208). São Paulo: Atlas.
- Mansur, J. E. A. (2016). Metas de produtividade no Poder Judiciário: entre o aprimoramento da gestão e a potencialização dos riscos de assédio moral no trabalho. In B. Farah (Org.), *Assédio moral e organizacional: novas modulações do sofrimento psíquico nas empresas contemporâneas* (pp. 107-123). São Paulo: Ltr.
- Neves, T. I., Porcaro, L. A., & Curvo, D. R. (2017). Saúde é colocar-se em risco: normatividade vital em Georges Canguilhem. *Saúde e Sociedade*, 26 (3), 626-637.

- Oliveira, A. A. S.; Bastos, J. A. (2014). Saúde mental e trabalho: descrição da produção acadêmica no contexto da pós-graduação brasileira. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 17(2), 239-254.
- Osório da Silva, C. (2014). Pesquisa e intervenção em clínica da atividade: a análise do trabalho em movimento. In P. F. Bendassolli & L. A. P. Soboll (Org.), *Métodos de pesquisa e intervenção em Psicologia do Trabalho: clínicas do trabalho* (pp. 82-99). São Paulo: Atlas.
- Osório da Silva, C.; & Ramminger, T. (2014). O trabalho como operador de saúde. *Ciência e saúde coletiva*, 19(12), 4751-4758.
- Pai, D., Lautert, L., Tavares, J. P., Souza Filho, G. A. E., Dornelles, R. A. N., & Merlo, A. R. C. (2014). Repercussões da aceleração dos ritmos de trabalho na saúde dos servidores de um juizado especial. *Saúde e Sociedade*, 23, 942-952.
- Paraguay, A. I. I. B., & Tavares, D. S. (2000). *Sondagem preliminar sobre a percepção da relação saúde e trabalho no Tribunal Regional Federal da 3ª região*. Projeto de Pesquisa CGIO (Concepção, Gestão e Inovação Organizacional).
- Resolução Nº 207 do Conselho Nacional de Justiça, de 15 de outubro de 2015. Institui Política de Atenção Integral à Saúde de Magistrados e Servidores do Poder Judiciário. Recuperado de <http://www.cnj.jus.br/busca-atos-adm?documento=3011>
- Ribeiro, C. V. S., & Mancebo, D. (2013). O servidor público no mundo do trabalho do século XXI. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(1), 192-207.

- Santos, L. G., & Leão, I. B. (2012). O inconsciente sócio-histórico: notas sobre uma abordagem dialética da relação consciente – inconsciente. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), 638-647.
- Sawaia, B. B., & Magiolino, L. L. S. (2016). As nuances da afetividade: emoção, sentimento e paixão em perspectiva. In L. Banks-Leite, A. L. B. Smolka & D. D. dos Anjos (Orgs.), *Diálogos na perspectiva histórico-cultural: interlocuções com a clínica da atividade* (pp. 61-86). Campinas: Mercado de Letras.
- Seligmann-Silva, E.; Bernardo, M. E.; Maeno, M.; Kato, M. (2010). O mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador. *Revista brasileira de saúde ocupacional*, 35 (122), 187-191.
- Smolka, A. L. B. (2016). A dinâmica afetiva no desenvolvimento humano: esforços de compreensão e conceitualização. In L. Banks-Leite, A. L. B. Smolka & D. D. dos Anjos (Orgs.), *Diálogos na perspectiva histórico-cultural: interlocuções com a clínica da atividade* (pp. 97-107). Campinas: Mercado de Letras.
- Souza, W. F. (2013). Transtornos mentais e comportamentais relacionados aos trabalho: o que a psicologia tem a dizer e a contribuir para a saúde de quem trabalha? *Fractal, Revista de Psicologia*, 25(1), 99-108.
- Tavares, D. S. (2003). *O sofrimento no trabalho entre servidores públicos: Uma análise psicossocial do contexto de trabalho em um tribunal judiciário federal* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Vigotski, L. S. (2004). O problema da consciência. In L. S. Vigotski, *Teoria e método em psicologia* (pp.171-189). São Paulo: Martins Fontes.

ANEXOS

ANEXO 1 – Parecer consubstanciado do CEP

UFRN - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO
NORTE - LAGOA NOVA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Sofrimento, adoecimento mental e poder de agir: um estudo de caso com servidores públicos do judiciário trabalhista

Pesquisador: ROSANE HELENA CARDOSO DE MELO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 08007018.2.0000.5537

Instituição Proponente: Programa de Pós-graduação em Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.325.829

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa de mestrado, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em psicologia da UFRN.

Projeto de pesquisa com delineamento descritivo e interventivo, vinculado à abordagem qualitativa, com características de estudo de caso. O campo de pesquisa será o Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região (Paraíba), tendo por participantes, vinte e dois servidores do judiciário que estejam exercendo atividade de secretário de audiência em uma das 11 (onze) varas do trabalho da cidade de João Pessoa/PB, de acordo com critérios de acessibilidade. Para cumprir os objetivos da pesquisa, será utilizada análise documental, realização de entrevistas semiestruturadas com os participantes da pesquisa, abordando-se informações sociodemográficas e laborais, bem como aplicação da técnica de instrução ao sósia. Todos os preceitos éticos serão respeitados. Será elaborado roteiro de entrevista semiestruturado, que deverá ser validado por uma etapa de pré-teste antes da utilização definitiva. Para tratamento dos dados documentais, entrevistas e instrução ao sósia, será utilizada a análise de conteúdo temática clássica, com análise das categorias formadas com base em unidades temáticas.

>Metodologia Proposta:

Será utilizada análise documental, realização de entrevistas semiestruturadas com os participantes da pesquisa, abordando-se informações sociodemográficas e laborais, bem como aplicação da técnica de instrução ao sósia, que se constitui num método de formação e desenvolvimento dos

Endereço: Av. Senador Salgado Filho, 3000

Bairro: Lagoa Nova

CEP: 59.078-970

UF: RN

Município: NATAL

Telefone: (84)3215-3135

Fax: (84)99193-8268

E-mail: cepufm@reitoria.ufrn.br

**UFRN - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO
NORTE - LAGOA NOVA**



Continuação do Parecer: 3.325.829

sujeitos que permite a elaboração da experiência profissional e a transformação do trabalho (Osório da Silva, 2014). A técnica de instrução ao sócio consiste numa entrevista dialógica, que deve ser gravada, na qual o pesquisador solicita ao trabalhador que ele o diga como deveria se portar em relação a sua atividade de trabalho, supondo que o pesquisador será seu sócio no dia seguinte, de modo que não percebam que se trata de outra pessoa (Osório da Silva, 2014). Na sequência, a entrevista é transcrita e discutida com o trabalhador, possibilitando a este um novo posicionamento e desenvolvimento.

Critério de Inclusão:

(a) diversidade de unidades de lotação dos participantes, de modo a priorizar a representação de todas as 11 varas do trabalho e, (b) servidores públicos com, pelo menos, um ano na atividade realizada.

Critério de Exclusão:

(a) trabalhadores terceirizados, contratados ou que não ocupam os cargos pré-estabelecidos na pesquisa e, (b) pessoas que não aceitem participar da pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender o processo saúde-adoecimento mental no contexto de trabalho dos servidores públicos do Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região, a partir da análise de uma intervenção em Clínica da Atividade.

Objetivos Secundários:

- . Analisar a organização da atividade e os aspectos do coletivo profissional;
- . Investigar os sentidos que os servidores atribuem a sua saúde mental no contexto de trabalho;
- . Caracterizar a categoria profissional quanto ao histórico de adoecimento;
- . Investigar o processo de criação de novos recursos para a atividade de trabalho;
- . Analisar o poder de agir dos trabalhadores, considerando os impedimentos e as estratégias utilizadas para seu enfrentamento.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

De acordo com a pesquisadora, o envolvimento dos participantes da pesquisa com o trabalho proposto apresenta um risco leve, tais como sensibilização dos participantes, os quais poderão ser minimizados com posterior acompanhamento/encaminhamento psicológico e outros

Endereço: Av. Senador Salgado Filho, 3000

Bairro: Lagoa Nova

CEP: 59.078-970

UF: RN

Município: NATAL

Telefone: (84)3215-3135

Fax: (84)99193-6266

E-mail: cepufm@reitoria.ufrn.br

**UFRN - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO
NORTE - LAGOA NOVA**



Continuação do Parecer: 3.325.829

encaminhamentos que se fizerem necessários, bem como serão resguardados do direito de desistência a qualquer momento. do estudo.

Benefícios:

A pesquisa poderá contribuir para a reflexão e desenvolvimento dos trabalhadores participantes, bem como fomentar práticas institucionais mais saudáveis.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa irá contribuir com medidas para melhoramento da qualidade de vida e trabalho dos servidores.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes documentos obrigatórios:

PB_Projeto de pesquisa, roteiro de entrevista, carta de anuência, termo de confidencialidade, termo de concessão (assinada pelo representante do núcleo da saúde), autorização para gravação e voz, formulário CEP, declaração de não ter iniciado a pesquisa, Projeto na íntegra TCLE e folha de rosto.

Recomendações:

Recomendamos que a pesquisadora atente para as listas de pendências e inadequações. O projeto só poderá ser iniciado após as pendências serem atendidas.

Cumpra ao pesquisador enviar os relatórios parcial e final da pesquisa. Ver modelos em <www.cep.propesq.ufrn.br>.

Qualquer mudança no protocolo aprovado, antes deve ser solicitada através de emenda, via Plataforma Brasil. Ver manuais em <www.cep.propesq.ufrn.br>.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Segue a análise das respostas às pendências:

a. Em relação ao desenvolvimento do projeto, mais precisamente o Local de realização da pesquisa: João Pessoa. Por que a pesquisa será desenvolvida em João Pessoa uma vez que a instituição proponente é a UFRN? Quem irá fazer o arrolamento dos participantes da pesquisa? Em

Endereço: Av. Senador Salgado Filho, 3000

Bairro: Lagoa Nova

CEP: 59.078-970

UF: RN **Município:** NATAL

Telefone: (84)3215-3135

Fax: (84)99193-6266

E-mail: cepufrn@reitoria.ufrn.br

**UFRN - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO
NORTE - LAGOA NOVA**



Continuação do Parecer: 3.325.829

nenhum momento a pesquisadora descreve a justificativa da pesquisa ser desenvolvida em João Pessoa.

b. Em relação à carta de anuência: O campo de assinaturas está assinado digitalmente pelo desembargador presidente do Tribunal Regional do Trabalho de JP.

c. TCLE: o documento apresenta-se bem elaborado e estruturado, no entanto, a pesquisadora descreve ao longo do texto do documento que "Alguns gastos pela sua participação nessa pesquisa, eles serão assumidos pelo pesquisador e reembolsado para vocês", sem, no entanto, indicar quais possíveis gastos os participantes da pesquisa teriam. O pesquisador deverá identificar os possíveis gastos para os participantes da pesquisa. o documento requer numeração de páginas, por exemplo, 1/4, 2/4, 3/4 e 4/4.

-- Resposta do CEP: A pesquisadora respondeu a contento às pendências anteriormente listadas.

O projeto está aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Em conformidade com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde - CNS e Manual Operacional para Comitês de Ética - CONEP é da responsabilidade do pesquisador responsável:

1. elaborar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa, ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador responsável, ou pela (s) pessoa (s) por ele delegada(s), devendo as páginas de assinatura estar na mesma folha (Res. 466/12 - CNS, item IV.5d);
2. desenvolver o projeto conforme o delineado (Res. 466/12 - CNS, item XI.2c);
3. apresentar ao CEP eventuais emendas ou extensões com justificativa (Manual Operacional para Comitês de Ética - CONEP, Brasília - 2007, p. 41);
4. descontinuar o estudo somente após análise e manifestação, por parte do Sistema CEP/CONEP/CNS/MS que o aprovou, das razões dessa descontinuidade, a não ser em casos de justificada urgência em benefício de seus participantes (Res. 446/12 - CNS, item III.2u) ;
5. elaborar e apresentar os relatórios parciais e finais (Res. 446/12 - CNS, item XI.2d);
6. manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa (Res. 446/12 - CNS, item XI.2f);
7. encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto (Res. 446/12 - CNS, item XI).

Endereço: Av. Senador Salgado Filho, 3000

Bairro: Lagoa Nova

CEP: 59.078-970

UF: RN **Município:** NATAL

Telefone: (84)3215-3135

Fax: (84)99193-6266

E-mail: cepufrn@reitoria.ufrn.br

**UFRN - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO
NORTE - LAGOA NOVA**



Continuação do Parecer: 3.325.829

2g) e,

8. justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou não publicação dos resultados (Res. 446/12 - CNS, item XI.2h).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMações BÁSICAS_DO_PROJETO_1269977.pdf	25/03/2019 15:42:49		Aceito
Outros	Resposta_s_pendencias.docx	25/03/2019 15:41:43	ROSANE HELENA CARDOSO DE	Aceito
Outros	Resposta_pendencias.pdf	24/03/2019 21:00:31	ROSANE HELENA CARDOSO DE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_modificado.doc	24/03/2019 20:59:07	ROSANE HELENA CARDOSO DE MELO	Aceito
Outros	Roteirodeentrevista.pdf	12/02/2019 21:53:37	ROSANE HELENA CARDOSO DE	Aceito
Outros	Termodeanuencia.doc	12/02/2019 21:48:17	ROSANE HELENA CARDOSO DE	Aceito
Outros	Termodeanuenciaassinado.pdf	12/02/2019 21:47:40	ROSANE HELENA CARDOSO DE	Aceito
Outros	Termodeconfidencialidade_ass.pdf	12/02/2019 21:46:47	ROSANE HELENA CARDOSO DE	Aceito
Outros	Termoconcessao.pdf	12/02/2019 21:44:55	ROSANE HELENA CARDOSO DE	Aceito
Outros	ConcessaopesquisaTRT.docx	12/02/2019 21:28:21	ROSANE HELENA CARDOSO DE	Aceito
Outros	gravacao_de_voz.docx	16/12/2018 20:18:36	ROSANE HELENA CARDOSO DE	Aceito
Outros	TermodeConfidencialidade.docx	16/12/2018 20:10:12	ROSANE HELENA CARDOSO DE	Aceito
Outros	Formulrio_CEP_CENTRAL_UFRN_2018.docx	16/12/2018 20:08:25	ROSANE HELENA CARDOSO DE	Aceito
Outros	Formulario_CEPufm.pdf	16/12/2018 20:07:22	ROSANE HELENA CARDOSO DE	Aceito
Outros	Declaracaodenaoinicio.docx	16/12/2018 20:04:55	ROSANE HELENA CARDOSO DE	Aceito
Outros	Declaracaodenaoinicio.pdf	16/12/2018 20:04:23	ROSANE HELENA CARDOSO DE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.doc	16/12/2018 20:03:38	ROSANE HELENA CARDOSO DE MELO	Aceito

Endereço: Av. Senador Salgado Filho, 3000

Bairro: Lagoa Nova

CEP: 59.078-970

UF: RN

Município: NATAL

Telefone: (84)3215-3135

Fax: (84)99193-6266

E-mail: cepufm@reitoria.ufrn.br

**UFRN - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO
NORTE - LAGOA NOVA**



Continuação do Parecer: 3.325.829

Folha de Rosto	Folhaderostoassinada.pdf	16/12/2018 18:32:14	ROSANE HELENA CARDOSO DE	Aceito
----------------	--------------------------	------------------------	-----------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

NATAL, 14 de Maio de 2019

**Assinado por:
LÉLIA MARIA GUEDES QUEIROZ
(Coordenador(a))**

Endereço: Av. Senador Salgado Filho, 3000

Bairro: Lagoa Nova

CEP: 59.078-970

UF: RN

Município: NATAL

Telefone: (84)3215-3135

Fax: (84)99193-6266

E-mail: cepufrn@reitoria.ufrn.br

ANEXO 2 – Carta de Anuência



TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO – 13ª REGIÃO
Avenida Corálio Soares de Oliveira, s/n, Centro – João Pessoa/PB
CEP: 58013-260

CARTA DE ANUÊNCIA

Por ter sido informado verbalmente e por escrito sobre os objetivos e metodologia da pesquisa intitulada “Sofrimento, adoecimento mental e poder de agir: um estudo de caso com servidores públicos do judiciário trabalhista”, desenvolvida pela mestranda Rosane Helena Cardoso de Melo, sob a orientação da Profa. Dra. Tatiana de Lucena Torres, concordo em autorizar as seguintes etapas da pesquisa no âmbito do Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região:

1) Análise documental relativa a indicadores de saúde física e mental dos servidores e riscos psicossociais mais prevalentes.

2) Realização de entrevistas e técnica de análise psicológica do trabalho (instrução ao sócio) com servidores (técnicos e/ou analistas judiciários) integrantes das varas de trabalho de João Pessoa/PB.

Esta Instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Esta autorização está condicionada à aprovação prévia da pesquisa citada por um Comitê de Ética em Pesquisa e ao cumprimento das determinações éticas propostas na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS e suas complementares.

O descumprimento desses condicionamentos assegura-me o direito de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa.

João Pessoa/PB, 07 de fevereiro de 2019.



Assinado digitalmente por
WOLNEY DE MACEDO
CORDEIRO:103147770
Data: 2019-02-07 17:07:58

Wolney de Macedo Cordeiro

CPF: 569.507.054-68

Matrícula: 103.147.770

Desembargador Presidente

ANEXO 3 – Termo de Confidencialidade

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Mediante este termo eu, Rosane Helena Cardoso de Melo e minha orientadora Profa Dra. Tatiana de Lucena Torres, comprometemo-nos a guardar sigilo absoluto sobre os dados coletados junto ao Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região, os quais serão utilizados para o desenvolvimento da pesquisa intitulada "Sofrimento, adoecimento mental e poder de agir: um estudo de caso com servidores públicos do judiciário trabalhista", durante e após a conclusão da mesma.

Asseguramos que os dados coletados serão utilizados exclusivamente para a execução do projeto em questão e serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador(a) da pesquisa, Rosane Helena Cardoso de Melo e, após esse período, serão destruídos.

Asseguramos, ainda, que as informações geradas somente serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar os participantes da pesquisa e a Instituição.

João Pessoa, 03 de dezembro de 2018.

Rosane Helena Cardoso de Melo

Rosane Helena Cardoso de Melo

Tatiana de Lucena Torres

Tatiana de Lucena Torres

ANEXO 4 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa: Sofrimento, adoecimento mental e poder de agir: um estudo de caso com servidores públicos do judiciário trabalhista, que tem como pesquisadora responsável Rosane Helena Cardoso de Melo.

Esta pesquisa pretende compreender o processo saúde-adoecimento mental no contexto de trabalho dos servidores públicos do Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região (PB), a partir da análise de uma intervenção em Clínica da Atividade.

O motivo que nos leva a fazer este estudo é a necessidade de se ampliar e produzir novos saberes e práticas que contribuam na promoção da saúde mental dos trabalhadores do judiciário, uma vez que estes desempenham atividades de intensa carga de trabalho e complexidade cognitiva.

Caso você decida participar, deverá conceder entrevista e participar da técnica de análise do trabalho (instrução ao sócio) que terá o registro das informações a partir da gravação de voz, que precisa da sua autorização prévia por meio da assinatura desse termo.

Para garantir a sua privacidade, a realização da pesquisa será em ambiente adequado e reservado.

Durante a pesquisa poderão ocorrer eventuais desconfortos e possíveis riscos, de natureza leve, tais como sensibilização dos participantes, que poderão ser minimizados com posterior acompanhamento/encaminhamento psicológico e outros encaminhamentos que se fizerem necessários.

A pesquisa poderá contribuir para sua reflexão e desenvolvimento no trabalho, bem como fomentar práticas institucionais mais saudáveis.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para Rosane Helena Cardoso de Melo, residente a Rua Derlópidas Gomes Neves, 237, apto 302, Bancários, João Pessoa-PB, e-mail nane_melo@hotmail.com, telefone (84) 99950-7535.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Os dados que você irá nos fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, sempre de forma anônima, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar. Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos.

Se você sofrer qualquer dano decorrente desta pesquisa, sendo ele imediato ou tardio, previsto ou não, você será indenizado.

Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa você deverá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa - instituição que avalia a ética das pesquisas antes que elas comecem e fornece proteção aos participantes das mesmas – da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos telefones (84) 3215-3135 / (84) 9.9193.6266, através do e-mail cepufrn@reitoria.ufrn.br. Você ainda pode ir pessoalmente à sede do CEP, de segunda a sexta, das 08:00h às 12:00h e das 14:00h às 18:00h, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Av. Senador Salgado Filho, s/n. Campus Central, Lagoa Nova. Natal/RN.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável Rosane Helena Cardoso de Melo.

Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa, Sofrimento, adoecimento mental e poder de agir: um estudo de caso com servidores públicos do judiciário trabalhista, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Assinatura do participante da pesquisa

Impressão
datiloscópica do
participante

Declaração do pesquisador responsável

Como pesquisador responsável pelo estudo Sofrimento, adoecimento mental e poder de agir: um estudo de caso com servidores públicos do judiciário trabalhista, declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido estarei infringindo as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

João Pessoa ____ de _____ de 2019.

Rosane Helena Cardoso de Melo

ANEXO 5 – Termo de autorização para gravação de voz

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, _____, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada “Sofrimento, adoecimento mental e poder de agir: um estudo de caso com servidores públicos do judiciário trabalhista” poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora Rosane Helena Cardoso de Melo a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
5. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade da pesquisadora coordenadora da pesquisa Rosane Helena Cardoso de Melo, e após esse período, serão destruídos e,
6. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

João Pessoa, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro de Entrevista

Cargo/função:	Idade:
Sexo:	Tempo na atividade atual:

História na atividade:

1. Conte como foi sua trajetória profissional até chegar a atual atividade que exerce.
2. Como foi o processo de início nesta atividade?

Histórico de adoecimento/sofrimento relacionado ao trabalho:

3. Conte-me sobre alguma experiência em que você vivenciou um mal-estar relacionado ao trabalho. (Chegou a adoecer ou precisou se afastar de suas atividades profissionais? Quais aspectos do trabalho contribuíram para isso? O que costumava sentir? Como superou a situação?)

Impedimentos, enfrentamentos e recursos para a ação:

4. Pensando no trabalho que você desenvolve hoje, em quais aspectos você sente que não tem conseguido realizar algo da forma que gostaria?
5. O que poderia ser feito na prática, para que você conseguisse realizar essas atividades da forma que gostaria?

Gênero, coletivo, pares:

6. Como é o contato com os outros profissionais que desempenham a mesma atividade que você?

Sentido do trabalho:

7. Que importância você atribui à atividade que desenvolve?

Instrução ao sócia:

8. Suponha que eu seja idêntica a você (sócia) e que amanhã vou substituí-lo em seu local de trabalho. Quais instruções você deveria me transmitir para que ninguém perceba a substituição? (para passar essas instruções, tente imaginar uma sequência do trabalho com que esteja habituado).

9. O que esse exercício causou em você?

Concepção de trabalho bem-feito:

10. Quando você considera que fez um trabalho bem feito?

Entrevistador: _____ Data: ____/____/____

Observações: _____

Apêndice B – pré-indicadores e indicadores

Pré-indicadores da Entrevista e Instrução ao Sósia nº1
“Trabalhei no comércio e trabalhei em sala de aula , já dei aula”
“aí quando o governo atual da época assumiu, (botou) 28 mil pra fora , foi ótimo, porque aí eu fiz o concurso e passei”
“Eu inicialmente, quando eu passei no concurso, eu fui pro interior . Então no interior eu fui trabalhar no protocolo normal da vara”
“em média 12 anos atrás, eu acredito que seja mais, não sei, eu pedi pra... um setor que eu ainda não tinha ido, era anexo da audiência, digitar audiência (...)mas foi por iniciativa minha, né? Aí foi um colega se ausentando, outro colega indo pra outra Vara, outros setores. Aí acabei ficando no setor de audiência”
“Foi uma ocasião de uma audiência em que o reclamante é... era um detendo . Então nesse dia da audiência... eu fiquei chocada com... ele chegou algemado, com 2 policiais, lógico, né, que tem que ser assim eu sei, mas você ver isso dói.(...) o problema foi depois que terminou a audiência, que ele saiu, ele tava saindo com os policiais, eu vi que a mãe aproveitou... e abraçou o filho... (choro)... aí assim, aquilo me deixou muito triste... eu passei o dia péssima... lembrando daquela situação (...)claro que eu não precisei de afastamento, nadinha não, que foi só momentâneo mesmo. Mas aquilo ali é triste, não me deixou bem, não me deixou legal”
“Tem do dia-a-dia da gente, que digita muito , né, aí...Tem a postura, tem a mão que você, é... tem que exercitar, que você, por mais que você saiba que tem que exercitar , que tem que fazer isso, você nunca faz , porque é tanta coisa, que você já chega pra trabalhar, pra... ir direto ao trabalho”
“A única coisa que eu tinha restrição, porque apesar de eu ser uma pessoa muito comunicativa , eu sou tímida , entendeu?”
“eu passei um período sendo só da sala de audiência, mas aí veio outro colega , depois veio outro colega, agora que eu tô dividindo a sala de audiência com ele , aí amenizou muito .”
“a única coisa que eu acho que dificulta mais é que tem que ter dois na sala de audiência pra realizar e um terceiro dando suporte , entendeu? Sempre precisa desse suporte .”
“porque a sala de audiência não é só uma sala de audiência , tá... ali nasce muita coisa pra você cumprir . Tanto nasce pra você cumprir, como antes de ir pra ali tem muita coisa pra se cumprir , tá entendendo?”
“é tanto que o colega que dá suporte, quando tira férias é ruim , porque você faz o seu e o que ele faria por você”
“Porque o correto , correto, correto é o quê? Quando chega o processo, você... por exemplo, pauta de no mínimo 15 dias com antecedência , no mínimo, você olhar todos os processos daquela pauta , se as partes foram notificadas, entendeu? Se o processo tá... tá de acordo com a nova lei, tudo isso, das exigências. Então nem sempre dá tempo você olhar tudo isso .”
“Eu quase não tenho contato , mas assim, quando eu encontro sempre... a gente nunca fala de trabalho , né? Apesar de trabalhar no mesmo , a gente nunca se encontra”
“Então eu nunca sei como o colega tá . Do meu trabalho eu sei, da minha mesma unidade judiciária, mas de outras unidades eu não sei .”
“Pra dentro de uma sala de audiência eu acredito . Um da conta, eu acredito que um dá conta , mas um, eu acredito que um dê conta se ele só fazer aquilo , se ele tiver as outras pessoas pra cumprir tudo, ele fica só livre.”
“Você precisa de uma pessoa só... ou do seu tempo natural de descanso, aí, um tempo pra ir

ao toalete, um tempo pra ir pegar uma água, um tempo ... e voltar pra sala de audiência.”
“ eu acredito , pessoa só digitando e depois fica livre, né? Você só fazer o trâmite do processo normal e não cumprir, eu acredito que não... não cause nenhum dano não , não sei, cada pessoa tem uma estrutura, né? Tem uma carga diferente de trabalho, não sei te dizer.”
“Ai, eu acho muito importante, muito, muito. E até porque eu adoro , né? Eu digo, eu não sei... tem gente que nem gosta de sala de audiência , lá mesmo no trabalho diz “aff Maria, tudo, menos ir pra sala de audiência ”
“É porque assim, eu gosto do trabalho, eu gosto do que eu faço , não sei se eu consigo passar, né? E acho assim, não sei se a pessoa vai se desesperar pela quantidade de informação.”
“Eu nunca fui, será que é esse bicho que o povo fala? ”, né? Mas eu acho que isso aí tá ligado só em a pessoa ficar presa ali , porque aí você fica livre, você fica sem contato com o povo lá fora . Acredito que alguém ache restrição quanto a isso. Mas eu não, eu gosto, sabe? A importância pra mim porque tudo vai nascer dali , né? Aquele processo, desenrolar , você tem que verificar, as partes têm que tá bem qualificadas, todos os dados inicial ali, a sua função é extremamente essencial , entendeu?
“No dia anterior, claro, sempre no dia anterior você tira a pauta do dia seguinte , porque através daquela pauta do dia seguinte você vai ver os processos que você vai trabalhar com ele e juntar todas as petições que as partes juntam no dia da audiência. Alguns juntam antes, outros juntam depois. Então você vai acessar o sistema PJE, com sua pautinha em mãos e olhar processo por processo .”
“ na sala de audiência tem o meu computador que as partes têm o acesso àquela tela que eu mesmo tenho, o monitor, o monitor que é aberto pra mim, é aberto pras partes. Então é um monitor pras partes, pra mim e pro juiz. Então tudo que eu fizer, as partes vão tendo acesso e o juiz também .”
“Olhando processo por processo, você vai juntar as peças que essas partes juntaram, dali você vai fazer um PDF numa pasta que tem PDF’s da semana que é só de sala de audiência essa pasta.(...) Então ele (o juiz) vai só olhar o processo do dia...”
“ esses PDF’s que eu faço antes da sala de audiência, justamente é pra facilitar . Eu junto todas as petições e faça já os PDF’s pro juiz e pras partes .”
“Feito esses PDF’s que eu falei a você, eu vou agora abrir outro sistema que é o AUD. O AUD é um programa onde são realizadas as audiências.”
“Do AUD aí eu carrego a pauta do dia , certo? A pauta daquele dia. A pauta daquele dia vai trazer todos aqueles processos que eu tenho naquela pauta das cópias em meio físico pra eu acompanhar, que eu tirei no dia anterior que eu falei a você, todo dia anterior eu tiro a pauta do dia seguinte. Aí carrego a pauta, então me dá todos aqueles processos. Como eu já carreguei a pauta, fiz os PDF’s pro juiz , chegada a hora da audiência eu já início a audiência, né?”
“eu já aproveito que quando eu vou fazer o PDF do processo , eu já olho e já anoto na minha pauta que eu geralmente levo uma caneta e faço minhas observações .”
“Então eu já observo... pra facilitar pra mim e pro juiz na hora da audiência , quando eu tô fazendo o PDF eu já olho se tem defesa, o advogado na contestação tá pedindo intimação exclusiva, quando eu vou olhar, ele quer intimação exclusiva, mas não apresentou procuração, como é que você vai ter direito a representar alguém, ter poderes... uma exclusividade se nem a parte lhe concedeu essa habilitação? Você tem que nomear, (pra ter) exclusividade. Então são todos esses detalhes que tem que olhar , entendeu? Tanto da parte autora, quanto da parte de ré.”
“Sempre olhando... até o horário da audiência, você olhando o andamento do processo , porque às vezes a parte não juntou antes da audiência, como eu fiz o PDF, às vezes ele juntou

na hora da audiência... Aí começou a audiência, ele tem outra... outra... outra peça juntada, se eu não fiz o PDF o juiz não vai ter acesso.
“Então eu posso fazer esses PDF’s no dia anterior, mas como as partes juntam petições e documentos até o horário da sessão, a fim de evitar refazer esse trabalho, prefiro baixar esses arquivos poucos instantes antes da audiência. ”
“...ele espera, ele vê, porque o que tem na sua tela o juiz tem também ”
“Aí você vai pedir pra ele ficar de costas pro advogado e só se reportando ao juiz, vai ficar de frente pra você. Dali o juiz começa, aí você naquela barrinha de ferramenta tem “depoimento do autor”
“Quando o juiz pergunta, que o juiz obtém a resposta, aí o juiz vai se dirigir a você que tá digitando a audiência e ele vai ver... dizer o que é que você coloque”
“ eu já sei , quando o juiz pergunta, geralmente, ele pergunta “o senhor começou a trabalhar na empresa que dia?”. Então enquanto o juiz tá perguntando eu já adianto, que eu já sei, né? “Que comecei a trabalhar a partir...” eu já vou botando antes do juiz dizer... ”
“Agora, tem fatos pontuais que só o juiz acha... dependendo do que o juiz acha pertinente ou não, aí eu não adianto, entendeu? Como eu já sei mais ou menos o perfil de doutor/doutora Y , que eu trabalho mais com doutor/doutora Y”
“Então tem coisas que eu sei que ele/ela vai colocar , eu já vou adiantando “que trabalha... trabalha na empresa”, porque às vezes ainda tá trabalhando “que trabalha na empresa desde de tanto, tal” às vezes é o preposto, às vezes é a testemunha da empresa. Então como eu já sei que inicia o depoimento, aí... quando é o reclamante “que trabalhou na empresa de tanto a tanto”, entendeu? “Que começava a trabalhar a partir das oito”, ou então “que sua carga horária era”. Aí eu já boto esse textinho que eu já sei que ele/ela vai botar. Já me adianta.”
“ Quando é um juiz que fala muito rápido , aí você vai botando o que você lembra e diz “doutor, olhe como tá o texto, se eu esqueci alguma coisa”
“Sempre o seu monitor é disponível pra... pras partes, virado pra lá e um pro juiz . O juiz tem dois monitores: o dele, que ele olha o processo em reservado, certo? E o do que é disponível pra todo mundo.”
“Você olha se os monitores , todos os monitores estão ligados , tanto monitor que dá visibilidade pra parte, como o do juiz, você tem que ir abrir a porta da sala de audiência e verificar se a pauta do telão está disposta às partes lá fora.”
“O monitor de fora você vai ver lá que tem pra... pro corredor das varas, você tem... se ele tiver com algum problema , aí você vai, avisa ao diretor que o diretor vai fazer... acessar o pessoal responsável”
“você tem que ligar o microfone , que é que você vai fazer o pregão. Muito importante, uma coisa que eu... então você tem que ligar pra você fazer o pregão das partes . Certo? Iniciou a audiência, o pregão, onde você faz você seleciona P júri... P jurídica, porque lá tem várias telinhas, mas você só aperta o P jurídica e o sistema de microfonia vai dar que você tá liberada a chamar.”
“Então você faz o pregão, né? “Comparecer à sala de audiência 1, da “N” Vara do Trabalho, as partes do processo.” Aí dá o número do processo e o nome das partes.”
“Outro detalhe, é que você tem que fazer o pregão três vezes , porque às vezes a parte tá mais distante, não entra, entendeu? Aí eu, geralmente, eu faço “atenção para última chamada” que eu tô avisando que eu tô chamando já pela terceira vez, sempre tem que fazer três vezes, até as partes sentar”
“aí você vai ver, é seu Matheus “seu Matheus, o senhor poderia me dar seus documentos de identificação?”. Que eu não sei se seu Matheus é seu Matheus , né? Aí ele lhe dá identidade, CPF e carteira de trabalho . O advogado, aí você confirma “é doutor fulano de tal?”. Ele

vai dizer “não, quem tá é fulano”. Aí você apaga o que tem lá e coloca quem tá presente, do advogado do autor.”
“Tudo você dá ciente, tudo você bota. Aí é o que eu digo: nada que você escrever de mais é a mais, entendeu? De informação que puder ajudar.(...) E claro, com autorização do/da juiz/juíza, né? Sempre eu pergunto a ele/ela “posso colocar isso?”, ele/ela “pode”. ”
“ na minha pasta você vai ver que tem esse texto , aí você bota “advogados”, pesquisa no F4. Que aí ele vai levar o texto. (...) O F4 é pra pesquisa . Então se botar “texto advogados” aí ele aparece.”
“um exemplo “ah, o preposto da empresa E” que é um só, eu já sei que é ele. Então eu vou “empresa E”, aí o textinho que eu procurei naquela... no meu arquivo, eu boto F4 , empresa E, aí já vem, presença, quem é o preposto da empresa E, geralmente desacompanhado de advogado ou então qual dos advogados têm lá também.”
“você não precisa se preocupar, basta só você moldar ” (...) Ou o juiz vai dizer como é que ele quer , ou quando ele falar mais ou menos como é, você vai no meu arquivo, aí tem “modelo de acordo” se é com liberação de fundo de garantia, se é com habilitação de seguro-desemprego, qualquer obrigação que tenha de fazer, anotação do (CTPS), nos meus arquivos você vai achar modelo e acordo”
“você vai no arquivo que eu disse a você e olha se tem alguma coisa que você vai moldar, se a obrigação de fazer de anotação de carteira de trabalho, de seguro-desemprego e habilitação de seguro-desemprego e liberação do FGTS”
“mas aí tudo isso você tem que olhar e perguntar se o/a juiz/juíza concorda e se as partes concordam também, entendeu? O prazo de pagamento dessas parcelas, o valor. Tudo isso tem que tá bem atenta ”
“Eu adianto e salvo aquele arquivo pro colega não precisar de novo pedir a documentação das partes”
“O colega que vai continuar na sala vizinha, entendeu? Porque não tem razão, enquanto as partes tão conversando, você ficar parada, você vai sempre adiantando , porque tanto facilita pra você como pro colega ”
“Não boto nada além, se ele esquecer de dizer uma vírgula você nem... aí, isso me dá uma agonia , porque eles passam direto, sabe? Mas não sou eu quem vai... entendeu? Tudo que ele vai dizendo “ponto, vírgula” tudo que ele vai dizendo”
“Porque os juizes daqui são... são atípicos, né? Eles/elas têm uma convivência muito maravilhosa com a gente, não tem essa de ser juiz ou juíza.”
“Quando tem muitos títulos, vai requerer mais tempo seu. Como eu sou muito lenta, eu sou muito lenta porque eu sou detalhista, aí eu peço a um colega, “enquanto eu tô terminando o acordo, veja quanto é que dá de previdência”
“eu não espero outra pessoa fazer porque às vezes uma pessoa vai fazer quando terminou o expediente. (...) Por medida de economia . (...) Desligo, a sala e vou pra minha sala fazer todo o cumprimento no meu (birô).
“é bem-feito quando não teve nenhum atropelo, que o prazo foi legal, foi dentro do prazo correto, que foi satisfatório pras partes”(...) Sem contar quando tem um elogio, né? “Eita, saiu ótimo”
“aquela audiência não foi culpa do reclamado que ele não veio, ou foi falha nossa porque deixou de notificar ou então o endereço foi incorreto”
“Eu acho que eu falo muito rápido, eu fico preocupada se a pessoa realmente tá conseguindo alcançar o que eu tô dizendo, se eu estou conseguindo, né? Se eu tô conseguindo a didática de passar , porque tem isso também.”

Indicadores da entrevista e Instrução ao Sósia nº1

Pré-indicadores	Indicador
“Trabalhei no comércio e trabalhei em sala de aula , já dei aula”	Histórico profissional e o serviço público
“aí quando o governo atual da época assumiu, (botou) 28 mil pra fora , foi ótimo, porque aí eu fiz o concurso e passei”	
“Eu inicialmente, quando eu passei no concurso, eu fui pro interior . Então no interior eu fui trabalhar no protocolo normal da vara”	
“Eu acho que eu falo muito rápido, eu fico preocupada se a pessoa realmente tá conseguindo alcançar o que eu tô dizendo, se eu estou conseguindo, né? Se eu tô conseguindo a didática de passar , porque tem isso também.”	

Pré-indicadores	Indicador
“em média 12 anos atrás, eu acredito que seja mais, não sei, eu pedi pra... um setor que eu ainda não tinha ido, era anexo da audiência, digitar audiência (...) mas foi por iniciativa minha, né? Aí foi um colega se ausentando, outro colega indo pra outra Vara, outros setores. Aí acabei ficando no setor de audiência”	Ingresso na atividade de secretário de audiência: sentimentos, primeiras experiências
“A única coisa que eu tinha restrição, porque apesar de eu ser uma pessoa muito comunicativa , eu sou tímida , entendeu?”	
“Eu nunca fui, será que é esse bicho que o povo fala? ”	

Pré-indicadores	Indicador
“Foi uma ocasião de uma audiência em que o reclamante é... era um detendo . Então nesse dia da audiência... eu fiquei chocada com... ele chegou algemado, com 2 policiais, lógico, né, que tem que ser assim eu sei, mas você ver isso dói.(...) o problema foi depois que terminou a audiência, que ele saiu, ele tava saindo com os policiais, eu vi que a mãe aproveitou... e abraçou o filho... (choro)... aí assim, aquilo me deixou muito triste... eu passei o dia péssima... lembrando daquela situação (...)claro que eu não precisei de afastamento, nadinha não, que foi só momento mesmo. Mas aquilo ali é triste, não me deixou bem, não me deixou legal”	Experiências de Mal-estar no trabalho: não me deixou bem, não me deixou legal
“Tem do dia-a-dia da gente, que digita muito , né, aí...Tem a postura, tem a mão que você, é... tem que exercitar, que você, por mais que você saiba que tem que exercitar , que tem que fazer isso, você nunca faz , porque é tanta coisa, que você já chega pra trabalhar, pra... ir direto ao trabalho”	

Pré-indicadores	Indicador
“Porque o correto , correto, correto é o quê? Quando chega o processo, você... por exemplo, pauta de no mínimo 15 dias com antecedência , no mínimo, você olhar todos os processos daquela pauta , se as partes foram notificadas, entendeu? Se o processo tá... tá de acordo com a nova lei, tudo isso, das exigências. Então nem sempre dá tempo você olhar tudo isso. ”	

“Você precisa de uma pessoa só... ou do seu tempo natural de descanso, aí, um tempo pra ir ao toalete, um tempo pra ir pegar uma água, um tempo ... e voltar pra sala de audiência.”	Impedimentos e enfrentamentos na atividade relacionados à falta de tempo
“Não boto nada além, se ele esquecer de dizer uma vírgula você nem... ai, isso me dá uma agonia , porque eles passam direto, sabe? Mas não sou eu quem vai... entendeu? Tudo que ele vai dizendo “ponto, vírgula” tudo que ele vai dizendo”	
“Quando tem muitos títulos, vai requerer mais tempo seu. Como eu sou muito lenta, eu sou muito lenta porque eu sou detalhista, aí eu peço a um colega, “enquanto eu tô terminando o acordo, veja quanto é que dá de previdência”	

Pré-indicadores	Indicador
“eu passei um período sendo só da sala de audiência, mas aí veio outro colega , depois veio outro colega, agora que eu tô dividindo a sala de audiência com ele , aí amenizou muito. ”	A importância de ter outro colega para revezar na sala de audiências e um terceiro dando suporte fora
“a única coisa que eu acho que dificulta mais é que tem que ter dois na sala de audiência pra realizar e um terceiro dando suporte , entendeu? Sempre precisa desse suporte. ”	
“é tanto que o colega que dá suporte, quando tira férias é ruim , porque você faz o seu e o que ele faria por você”	
“Pra dentro de uma sala de audiência eu acredito . Um dá conta, eu acredito que um dá conta , mas um, eu acredito que um dê conta se ele só fazer aquilo , se ele tiver as outras pessoas pra cumprir tudo, ele fica só livre.”	
“ eu acredito , pessoa só digitando e depois fica livre, né? Você só fazer o trâmite do processo normal e não cumprir, eu acredito que não... não cause nenhum dano não , não sei, cada pessoa tem uma estrutura, né? Tem uma carga diferente de trabalho, não sei te dizer.”	

Pré-indicadores	Indicador
“porque a sala de audiência não é só uma sala de audiência , tá... ali nasce muita coisa pra você cumprir . Tanto nasce pra você cumprir, como antes de ir pra ali tem muita coisa pra se cumprir , tá entendendo?”	A sala de audiência não é só uma sala de audiência...
“A importância pra mim porque tudo vai nascer dali , né? Aquele processo, desenrolar , você tem que verificar, as partes têm que tá bem qualificadas, todos os dados inicial ali, a sua função é extremamente essencial , entendeu?”	
“Ai, eu acho muito importante, muito, muito. E até porque eu adoro , né? Eu digo, eu não sei... tem gente que nem gosta de sala de audiência , lá mesmo no trabalho diz “aff Maria, tudo, menos ir pra sala de audiência ”	
“É porque assim, eu gosto do trabalho, eu gosto do que eu faço , não sei se eu consigo passar, né? E acho assim, não sei se a pessoa vai se	

desesperar pela quantidade de informação.”	
Mas eu acho que isso aí tá ligado só em a pessoa ficar presa ali (...) você fica sem contato com o povo lá fora. Acredito que alguém ache restrição quanto a isso.	
“Você olha se os monitores , todos os monitores estão ligados , tanto monitor que dá visibilidade pra parte, como o do juiz, você tem que ir abrir a porta da sala de audiência e verificar se a pauta do telão está disposta às partes lá fora.”	
“O monitor de fora você vai ver lá que tem pra... pro corredor das varas, você tem... se ele tiver com algum problema , aí você vai, avisa ao diretor que o diretor vai fazer... acessar o pessoal responsável”	
“você tem que ligar o microfone , que é que você vai fazer o pregão. Muito importante (...) então você tem que ligar pra você fazer o pregão das partes.	
“Então você faz o pregão , né? “Comparecer à sala de audiência 1, da “N” Vara do Trabalho, as partes do processo.” Aí dá o número do processo e o nome das partes.”	
“Outro detalhe, é que você tem que fazer o pregão três vezes , porque às vezes a parte tá mais distante, não entra, entendeu? Aí eu, geralmente, eu faço “atenção para última chamada” que eu tô avisando que eu tô chamando já pela terceira vez, sempre tem que fazer três vezes, até as partes sentar”	
“aí você vai ver, é seu Matheus “seu Matheus, o senhor poderia me dar seus documentos de identificação?”. Que eu não sei se seu Matheus é seu Matheus , né? Aí ele lhe dá identidade, CPF e carteira de trabalho.	
“aquela audiência não foi culpa do reclamado que ele não veio, ou foi falha nossa porque deixou de notificar ou então o endereço foi incorreto”	
“Então são todos esses detalhes que tem que olhar , entendeu? Tanto da parte autora, quanto da parte de ré.”	

Pré-indicadores	Indicador
“Eu quase não tenho contato , mas assim, quando eu encontro sempre... a gente nunca fala de trabalho , né? Apesar de trabalhar no mesmo , a gente nunca se encontra”	Apesar de trabalhar no mesmo a gente nunca se encontra: o coletivo de secretários de audiência?
“Então eu nunca sei como o colega tá . Do meu trabalho eu sei, da minha mesma unidade judiciária, mas de outras unidades eu não sei. ”	

Pré-indicadores	Indicador
“...ele espera, ele vê, porque o que tem na sua tela o juiz tem	

também”	A importância da comunicação com o juiz
“Quando o juiz pergunta, que o juiz obtém a resposta, aí o juiz vai se dirigir a você que tá digitando a audiência e ele vai ver... dizer o que é que você coloque”	
“Quando é um juiz que fala muito rápido, aí você vai botando o que você lembra e diz “doutor, olhe como tá o texto, se eu esqueci alguma coisa”	
Sempre eu pergunto a ele/ela “posso colocar isso?”, ele/ela “pode”. ”	
“Porque os juízes daqui são... são atípicos, né? Eles/elas têm uma convivência muito maravilhosa com a gente, não tem essa de ser juiz ou juíza.”	

Pré-indicadores	Indicador
“Então eu já observo... pra facilitar pra mim e pro juiz na hora da audiência , quando eu tô fazendo o PDF eu já olho se tem defesa, o advogado na contestação tá pedindo intimação exclusiva, quando eu vou olhar, ele quer intimação exclusiva, mas não apresentou procuração, como é que você vai ter direito a representar alguém, ter poderes... uma exclusividade se nem a parte lhe concedeu essa habilitação? Você tem que nomear, (pra ter) exclusividade. Então são todos esses detalhes que tem que olhar , entendeu? Tanto da parte autora, quanto da parte de ré.”	O que é possível antecipar por já conhecer o trabalho e o juiz
“ eu já sei , quando o juiz pergunta, geralmente, ele pergunta “o senhor começou a trabalhar na empresa que dia?”. Então enquanto o juiz tá perguntando eu já adianto, que eu já sei, né? “Que comecei a trabalhar a partir...” eu já vou botando antes do juiz dizer... ”	
dependendo do que o juiz acha pertinente ou não, aí eu não adianto, entendeu? Como eu já sei mais ou menos o perfil de doutor/doutora Y , que eu trabalho mais com doutor/doutora Y”	
“Então tem coisas que eu sei que ele/ela vai colocar , eu já vou adiantando “que trabalha... trabalha na empresa”, porque às vezes ainda tá trabalhando “que trabalha na empresa desde de tanto, tal” às vezes é o preposto, às vezes é a testemunha da empresa. Então como eu já sei que inicia o depoimento, aí... quando é o reclamante “que trabalhou na empresa de tanto a tanto”, entendeu? “Que começava a trabalhar a partir das oito”, ou então “que sua carga horária era”. Aí eu já boto esse textinho que eu já sei que ele/ela vai botar. Já me adianta.”	

Pré-indicadores	Indicador
“No dia anterior, claro, sempre no dia anterior você tira a pauta do dia seguinte , porque através daquela pauta do dia seguinte você vai ver os processos que você vai trabalhar com ele e juntar todas as petições que as partes juntam no dia da audiência. Alguns juntam antes, outros juntam depois. Então você vai acessar o sistema PJE, com sua pautinha em mãos e olhar processo por processo. ”	

“Olhando processo por processo, você vai juntar as peças que essas partes juntaram, dali você vai fazer um PDF numa pasta que tem PDF’s da semana que é só de sala de audiência essa pasta.(...) Então ele (o juiz) vai só olhar o processo do dia...”	Passo-a-passo da atividade: Os usos dos sistemas e ferramentas de trabalho (PJE, AUDI) e a criação de novas ferramentas
“esses PDF’s que eu faço antes da sala de audiência, justamente é pra facilitar. Eu junto todas as petições e faço já os PDF’s pro juiz e pras partes.”	
“Feito esses PDF’s que eu falei a você, eu vou agora abrir outro sistema que é o AUD. O AUD é um programa onde são realizadas as audiências.”	
“Do AUD aí eu carrego a pauta do dia, certo? A pauta daquele dia. A pauta daquele dia vai trazer todos aqueles processos que eu tenho naquela pauta das cópias em meio físico pra eu acompanhar, que eu tirei no dia anterior que eu falei a você, todo dia anterior eu tiro a pauta do dia seguinte”	
Como eu já carreguei a pauta, fiz os PDF’s pro juiz, chegada a hora da audiência eu já inicio a audiência, né?”	
“eu já aproveito que quando eu vou fazer o PDF do processo, eu já olho e já anoto na minha pauta que eu geralmente levo uma caneta e faço minhas observações.”	
“Sempre olhando... até o horário da audiência, você olhando o andamento do processo, porque às vezes a parte não juntou antes da audiência, como eu fiz o PDF, às vezes ele juntou na hora da audiência... Aí começou a audiência, ele tem outra... outra... outra peça juntada, se eu não fiz o PDF o juiz não vai ter acesso.”	
“Então eu posso fazer esses PDF’s no dia anterior, mas como as partes juntam petições e documentos até o horário da sessão, a fim de evitar refazer esse trabalho, prefiro baixar esses arquivos poucos instantes antes da audiência.”	
“na minha pasta você vai ver que tem esse texto, aí você bota “advogados”, pesquisa no F4. Que aí ele vai levar o texto. (...) O F4 é pra pesquisa. Então se botar “texto advogados” aí ele aparece.”	
“um exemplo “ah, o preposto da empresa E” que é um só, eu já sei que é ele. Então eu vou “empresa E”, aí o textinho que eu procurei naquela... no meu arquivo, eu boto F4, empresa E, aí já vem, presença, quem é o preposto da empresa E, geralmente desacompanhado de advogado ou então qual dos advogados têm lá também.”	
“você não precisa se preocupar, basta só você moldar” (...) Ou o juiz vai dizer como é que ele quer, ou quando ele falar mais ou menos como é, você vai no meu arquivo, aí tem “modelo de acordo” se é com liberação de fundo de garantia, se é com habilitação de seguro-desemprego, qual-	

quer obrigação que tenha de fazer, anotação do (CTPS), nos meus arquivos você vai achar modelo e acordo”	
--	--

Pré-indicadores	Indicador
“O colega que vai continuar na sala vizinha, entendeu? Porque não tem razão, enquanto as partes tão conversando, você ficar parada, você vai sempre adiantando , porque tanto facilita pra você como pro colega ”	A atividade endereçada a outros
“Eu adianto e salvo aquele arquivo pro colega não precisar de novo pedir a documentação das partes”	
“Sempre o seu monitor é disponível pra... pras partes, virado pra lá e um pro juiz. ”	
“ na sala de audiência tem o meu computador que as partes têm o acesso àquela tela que eu mesmo tenho, o monitor, o monitor que é aberto pra mim, é aberto pras partes. Então é um monitor pras partes, pra mim e pro juiz. Então tudo que eu fizer, as partes vão tendo acesso e o juiz também. ”	

Pré-indicadores da Entrevista e Instrução ao Sósia nº2
“eu me formei em farmácia, trabalhei em farmácia de bairro, farmácia de rede. Depois disso, prestei vestibular pra administração, fiquei na metade do curso e passei no judiciário, no TRT-“n” (região) lá em (cidade C).”
“Aí depois disso, aí eu e minha esposa a gente resolveu é... tava prestando outros concursos, acabou vindo pra cá pra João Pessoa, gostou, gostamos de Natal também. E aí tinha uma colega lá que era daqui, ela tinha feito a transferência, tinha uma outra colega de Natal tinha vindo todos pra Paraíba, eu falei, “ah, vamos ver como funciona” aí consegui essa transferência.”
“Aí vim pra cá, fiquei na “N” Vara, inicialmente conhecendo e depois lá dentro do esquema da Vara aí tinha um secretário de audiência e foi... apareceu essa vaga pro 2º secretário. Aí foi aí que eu entrei na secretaria e tô até agora, né?”
“Mal-estar, assim, depende de que nível assim, talvez estresse (...)você tem que tá prestando atenção em tudo, não pode errar, porque a oportunidade da audiência as pessoas estão ali, então como tudo tá sendo falado ali, tudo bem, só que a hora que eles vão embora, aí pra trocar uma linha daquela ata, é um documento público, aí tem que chamar.(...) é multitarefas, você tem... tá ali, aí tá fazendo, o/a juiz/juíza tá falando, a outra pessoa tá falando, aí aquela ali virou acordo vai pra outra sala, aí você tem que informar outro colega que vai fazer na outra sala. Então é... é muito dinâmico”
“às vezes demora um pouco a audiência pra começar outra. Então as partes já chegam ansiosas e fica aquele.... Então é muito... dia de audiência eu diria que o estresse é sempre muito alto assim.”
“um dos fatores é exatamente esse, é o fazer todo dia (...) na segunda eu descanso a mente desse processo e na quarta também, e continuo fazendo as outras coisas que a audiência... a audiência, ela gera muita coisa pós audiência. Aí você faz nesses outros dias. Esse é um fator, né?”
“tem épocas que acaba isso acumulando. Por exemplo: teve a semana de conciliação. É uma coisa nova dentro de todo esse ambiente e aí atrasa tudo. Isso aí já gera um estresse maior no dia a dia em si e nos dias de audiência também, porque você tá fazendo audiência, você não pode cumprir outras coisas. Então, esse período... aí é como se fosse residual”
“Aí nisso você faz todo dia audiência. Aí que eu acho que... mesmo dividindo. Aí são muitos processos, aí você divide, mas você... aí chegou na segunda-feira, aí faz um monte de audiência. Aí você tem que fazer o resíduo da audiência e fazer os do dia a dia, porque tem processo sendo marcado pra frente”
“você tem que trabalhar naquele processo, tem que trabalhar em audiência, e no outro tem audiência de novo e no outro dia, no outro dia. Isso é... é uma semana... tudo que vem a mais, aquele estresse que já é um pouco alto, sempre vai... vai ficando a mais, né?”
“falando em termos de resolução mesmo seria ter mais uma pessoa pra fazer... ajudar a fazer esse... esses resíduos, principalmente nessas épocas, né?”
“Aí quando eu tô de férias não tem que faça em dia de audiência, quem faz é a Luíza, aí ela fica com duas salas de audiência e o Eduardo ajudando. Então, a gente não tem uma reposição. Não é que tá ruim, ruim, mas se tivesse essa peça de reposição seria muito mais... pelo menos ficaria no mesmo nível de estresse, né? Aí, por exemplo, quando a Luíza sai de férias, né? A outra secretária, aí você já fica com aquela ansiedade, porque você vai ter que fazer audiência todo dia. Esse é um problema, né? Fazer audiência todo dia nunca é bom.”
“é muito isolado. Então você chega, você vai pra sua Vara, como eu falei, tem um monte de

coisa pra fazer, você acaba nem saindo dali , né? Tanto é que eu não conheço nenhum... nenhum outro secretário de audiência. Não sei se é porque eu tô há pouco tempo também, né?”
“... eu acho assim, eu acho que cada atividade ali dentro da Vara, é como se fosse um organismo , né?... Então, por exemplo, você faz um acordo, se os termos desse acordo não tão bons, hoje você fez e passou e tá assinado, mas a execução lá na frente, daqui a três, quatro, cinco, 10 meses, porque tem acordo de 15, 20 vezes, aí eles falam, “puxa, mas aqui não ficou quem que vai pagar isso” ou “aqui não teve a multa”. Então se você não faz bem agora, lá na frente.... Então tem feedback , né? (...) É como se fosse o início e vai espalhando ou coisas boas ou coisas ruins , né? Pra Vara. (...) Como um trabalho malfeito é... ou não é nem malfeito, é que às vezes também é muito rápido, você acaba cometendo alguns erros e esses erros vão lá pra frente. ”
“por exemplo, você faz um acordo e esse acordo não gera problemas pra execução. . Ele tá bem-feito, as partes pagam, é como se fosse um caminho. (...) Ou seja, tudo que era pra ser feito ficou bem descrito ali. Então a outra pessoa lá na frente vai conseguir fazer. ”
“E eu acho que é isso assim, o dia a dia você fazer o que você faz e tentar entregar o mais rápido possível, sem erros . Porque também não adianta você fazer... a gente faz muito certidão de seguro-desemprego, assinatura de ata, aí você fala, “ó, aqui ó, consegui ó”, cinco minutos eu te dei isso aqui. Aí ele desce... quer dizer, é no Ministério do Trabalho que é o seguro-desemprego, aí ele vai lá no centro, chega lá no centro pra dar o processamento, “ah, não, mas aqui sua carteira ficou errada” ou “aqui não sei o que”, quer dizer, aí não adianta, né?”
“Então, o que que eu acho importante? Eu chego sempre antes , ligo todos os equipamentos pra ver se tá (funcionando).”
“Já aconteceu inclusive, de eu chegar antes, a hora que você vai ligar, o computador não funciona, o som não sai, lá na frente tem um visor, aí o visor tá falhando, não passa as audiências. Quer dizer, você chegar em cima e ver isso em cima, é aquela ideia: você... a audiência já é um estresse, se você chegar em cima e não funcionar o computador, aí aquilo já desanda o dia ”
“Tem juízes que gostam do processo pronto, PDF pronto, então baixar todos os PDF’s, colocar na pasta do juiz que ele vai chegar “ah, salvou?”, “não, tá aqui”. E já, - talvez por ter esse costume -, eu já costumo baixar todos os PDF’s mesmo, já deixar aberto, porque às vezes PJE cai, aí você já tem o PDF do processo , de repente, dá pra você continuar audiência e....”
“ Antes da audiência, pra deixar meio pronto . Por quê? Quando você chama as partes e elas sentam, se você não tem nada de dados, elas já começam a falar e aí o/a juiz/juíza já quer tocar a audiência e você tá ali querendo qualificar as partes, ou seja, você trava uma coisa, que se já tivesse pronto ali, pelo menos você já jogava e conferia”
“Então assim, geralmente, olhar o outro, né? ”
“E você pede na hora, aí se já tá pronto, você só faz a conferência . Se você digita na hora, - como eu falei essa coisa do estresse -, você pode digitar errado, né?”
“Na audiência em si, tentar assim, não aparecer muito . Primeiro... são o/a juiz/juíza e as partes que é a tríades do processo, você tá ali só pra redigir o que eles falaram. ”
“Você fica um pouco distante até porque, se, por exemplo, é falado o procedimento que não é comum, aí você tá ali com a cabeça mais fria pra falar “ó, aqui a gente faz assim” ou “não sei o que”, “olha, tem que fazer isso aqui ainda e tal”. Então você consegue dar dicas pras partes, até pra juiz também disso daqui.”
“a gente, com o tempo, consegue entender como que é o esquema de uma audiência . Então tem um corpo, aí tudo que começa a sair fora desse corpo, você já fica vendo “opa, por

que que é isso? Por que que tá falando isso? Por que que... vamos ver se é isso mesmo”. Se é uma situação excepcional, aí você analisa “ah, é, realmente parece que vai ser disso”. “Tem certeza, doutor?”, “é”, “não, é isso mesmo”. Então vamos colocar na ata.”
“ nunca chegar atrasado , porque seria assim... eu acho que é a pior coisa que pode acontecer . Por quê? Porque, primeiro: você não faria essas coisas prévias , então já taria uma coisa errada; segundo: se você chegando atrasado, nada vai tá ligado, aí o juiz vai tá ali, as partes vão tá ali. Quer dizer, o tumulto generalizado .”
“o outro secretário vai te substituir, aí você estragou aquele dia que ele descansa a mente e faz o trabalho dele lá. Então, isso daí é uma... eu acho que é uma das piores coisas, você chegar atrasado . Ou se precisar faltar é até melhor do que chegar atrasado, porque se você falta, você fala antes, aí a pessoa já fala “não, realmente não vai poder vir, eu já fiz fico”
“No dia a dia, quando eu comecei, você faz umas coisas mais erradas e não sei o que, mas aí vai tentando anotar pra não errar de novo e vai alinhando, até uma hora que chega num processo bom . A gente tem textos, né, em Word, BR Office, pré-fabricados pré-prontos lá, que isso também facilita na hora, né?”
“querendo ou não, nessas partes específicas, o Judiciário é muito repetitivo, né? Ele faz... a defesa sempre vai ser os mesmos dizeres, “recebida a defesa” e dá prazo pra outra parte falar, né? Então nessas coisas mais autômatas assim, você consegue deixar pronto e tira o estresse do... de fazer na hora”
“Tanto que esses textos já vêm sendo elaborados pelos erros (...) Então são textos prontos já com todos os dizeres que, os órgãos que... por exemplo, a Caixa, o Ministério do Trabalho, já falaram “ó, sem isso aqui não vai pra frente não”. Então, já é um molde, né?”
“Eu gosto. Eu gosto. Eu acho que quando você faz uma coisa, principalmente depois de um tempo, e você... é difícil saber tudo, mas você sabe 80%, você sente mais confortável e como você ver que aquilo tá dando certo pra você e tá dando certo pro grupo que você trabalha, é uma satisfação você passar pra outra pessoa uma coisa que tá dando certo.”
“A gente tem pastas lá, que é uma construção também . Então, por exemplo, quando eu cheguei, eu não tinha nada , né? A Luiza me passou, o Eduardo me passou todos os arquivos deles, aí você vai adaptando, vai fazendo os seus arquivos ”
“o prévio da instrução, que eu acho muito importante, justamente porque já ocorre... ocorreram muitas... às vezes o som não funciona, o computador não funciona, então você tem que conseguir deixar isso tudo pronto, né? ”
“Porque, por exemplo, às vezes não tem um... o som não tem, então não é que você que resolve, aí você tem que ligar em outro lugar”
Com relação à coleta de dados das pessoas antes, a maioria das Varas eu acho que não faz , a gente pegou algumas atas que inclusive, não tem nem o RG ou CPF na qualificação.
Então, essa coleta de dados antes, a gente confere o processo, faz arquivos e aí você só confere, pede o RG, as coisas e só confere a numeração, até pra não digitar errado na hora, né?
Quando você chega... acho que qualquer local do setor público, você chega zero, você não tem nada e você tem a experiência das outras pessoas que já passaram em arquivos e eles passam esses arquivos. É extremamente comum, você chega, eles passam os arquivos. E esses arquivos, eles ajudam pra deixar a coisa mais rápida, mais autônoma e você consegue ir modificando e deixando do seu jeito .
você acaba tendo que remodelar, fazer de novo com relação aos novos... aos novos procedimentos, sabe?
A gente trabalha lá de um jeito... na “N” Vara pelo menos, de um jeito que a gente se reconhece como grupo . Então, fica muito mais fácil trabalhar, mesmo eu tendo essas responsabilidades pelos meus processos, acaba se eu vejo um processo de outro que o despacho

foi assim, foi assado, eu vou lá e acabo “olha, esse despacho aqui que você fez, eu acho que não sei o que”, ao invés de fechar os olhos
a audiência é aquela coisa, ela em si você já tá acho que 90, 95% de estresse ali, você tem que tá prestando muita atenção, sempre olhando tudo que tá acontecendo
E algumas audiências são difíceis também, aí as partes já brigam, os advogados ficam muito emocionados ali . Então nessas audiências, que são as mais perigosas, é que você tem que tá mais tranquilo pra pôr o que realmente aconteceu na ata
E auxiliar o/a juiz/juíza no melhor jeito ali.
“é muito comum a audiência ser uma das últimas coisa que as pessoas querem ir na Vara , ou é... a audiência e contadoria, fica de escanteio lá”
a nossa é menos volume, mas coisas agudas . Então se você erra alguma coisa aqui, já começa... fica muito tumultuado, né?
tem esse estresse, é sempre... tanto que em dia de audiência... a gente faz duas vezes por semana, em dia de audiência a gente... é aquele estresse, você já vem mais... você vem com outro ânimo
<i>“Essa fase é primordial para um dia de audiências mais tranquilo, pois o foco fica somente em realizar as audiências, fica só o stress da audiência em si.”</i> (comentário escrito sobre se antecipar)
<i>“Com os dados do RG, CPF, CTPS e PIS já salvos em um arquivo Writer, fica muito mais fácil e diminui o stress da audiência, pois na hora é só conferir o que já está salvo no arquivo, informações que foram retiradas do processo, e conferir com os originais apresentados, ver se os dados batem.”</i> (comentário escrito sobre se antecipar ao momento da audiência)
<i>“são feitos a partir da experiência de digitadores anteriores, é o que fica como padrão textual para a audiência, e que, com o tempo, você vai amoldando em relação a novos procedimentos, mudanças legislativas no CPC, por exemplo”</i> (comentário escrito sobre os textos pré prontos que utiliza como ferramenta durante a audiência)
<i>“você tem como se fosse uma família, então agimos como se fossemos uma só pessoa. Por exemplo: se eu vejo um processo errado, que sei que é de responsabilidade de outra pessoa da VT, ou eu já tento arrumar a incorreção, ou falo com a pessoa sobre. Pois quando isso acontecer do lado inverso, ou seja, quando em um processo sob minha responsabilidade contém alguma incorreção, tenho certeza que o mesmo procedimento será tomado”</i> (comentário escrito sobre ter recebido materiais de trabalho dos antigos secretários de audiência do setor)

Indicadores da entrevista e Instrução ao Sósia nº2

Pré-indicadores	Indicador
“eu me formei em farmácia, trabalhei em farmácia de bairro, farmácia de rede. Depois disso, prestei vestibular pra administração, fiquei na metade do curso e passei no judiciário ”	Histórico profissional e o serviço público
“eu e minha esposa a gente resolveu é... tava prestando outros concursos, acabou vindo pra cá pra João Pessoa ”	
“E aí tinha uma colega lá que era daqui, ela tinha feito a transferência, tinha uma outra colega de Natal tinha vindo todos pra Paraíba, eu falei, “ah, vamos ver como funciona” aí consegui essa transferência. ”	

Pré-indicadores	Indicador
“Aí vim pra cá, fiquei na “N” Vara, inicialmente conhecendo e depois lá dentro do esquema da Vara aí tinha um secretário de audiência e foi... apareceu essa vaga pro 2º secretário. Aí foi aí que eu entrei na secretaria e tô até agora, né? ”	Ingresso na atividade a partir da necessidade de um 2º secretário

Pré-indicadores	Indicador
“Mal-estar, assim, depende de que nível assim, talvez estresse (...)você tem que tá prestando atenção em tudo, não pode errar , porque a oportunidade da audiência as pessoas estão ali, então como tudo tá sendo falado ali, tudo bem, só que a hora que eles vão embora, aí pra trocar uma linha daquela ata, é um documento público, aí tem que chamar.(...)”	O estresse sempre é muito alto em dia de audiência
“a audiência é aquela coisa, ela em si você já tá acho que 90, 95% de estresse ali, você tem que tá prestando muita atenção, sempre olhando tudo que tá acontecendo ”	
“às vezes demora um pouco a audiência pra começar outra. Então as partes já chegam ansiosas e fica aquele.... Então é muito... dia de audiência eu diria que o estresse é sempre muito alto assim.”	
“E algumas audiências são difíceis também, aí as partes já brigam, os advogados ficam muito emocionados ali . Então nessas audiências, que são as mais perigosas, é que você tem que tá mais tranquilo pra pôr o que realmente aconteceu na ata”	
“tem esse estresse , é sempre... tanto que em dia de audiência... a gente faz duas vezes por semana, em dia de audiência a gente... é aquele estresse , você já vem mais... você vem com outro ânimo ”	

Pré-indicadores	Indicador
“Como um trabalho malfeito é... ou não é nem malfeito, é que às vezes também é muito rápido, você acaba cometendo alguns erros e esses erros vão lá pra frente. ”	
a nossa é menos volume, mas coisas agudas . Então se você erra alguma coisa aqui, já começa... fica muito tumultuado, né?	

“no direito, se você colocar qualquer coisa ou se você se insinuar “olha, ele falou pra outra parte” tem todo um... uma coisa, né? Então você tem que fazer realmente o que aconteceu, né? E auxiliar o/a juiz/juíza no melhor jeito ali. Mas é... eu acho que a audiência... tanto que é muito comum a audiência ser uma das últimas coisa que as pessoas querem ir na Vara, ou é... a audiência e contadoria, fica de escanteio lá”	O acúmulo de trabalho e a necessidade de ter mais uma pessoa
“falando em termos de resolução mesmo seria ter mais uma pessoa pra fazer... ajudar a fazer esse... esses resíduos, principalmente nessas épocas (semana de conciliação), né?”	
Aí, por exemplo, quando a Luíza sai de férias, né? A outra secretária, aí você já fica com aquela ansiedade, porque você vai ter que fazer audiência todo dia. Esse é um problema, né? Fazer audiência todo dia nunca é bom.”	
“tem épocas que acaba isso acumulando. Por exemplo: teve a semana de conciliação. É uma coisa nova dentro de todo esse ambiente e aí atrasa tudo. Isso aí já gera um estresse maior no dia a dia em si e nos dias de audiência também, porque você tá fazendo audiência, você não pode cumprir outras coisas.	
“Aí nisso você faz todo dia audiência (semana de conciliação). Aí que eu acho que... mesmo dividindo. Aí são muitos processos, aí você divide, mas você... aí chegou na segunda-feira, aí faz um monte de audiência. Aí você tem que fazer o resíduo da audiência e fazer os do dia a dia, porque tem processo sendo marcado pra frente”	
“você tem que trabalhar naquele processo, tem que trabalhar em audiência, e no outro tem audiência de novo e no outro dia, no outro dia. Isso é... é uma semana...(semana de conciliação) tudo que vem a mais, aquele estresse que já é um pouco alto, sempre vai... vai ficando a mais, né?”	

Pré-indicadores	Indicador
“Na audiência em si, tentar assim, não aparecer muito. Primeiro... são o/a juiz/juíza e as partes que é a tríades do processo, você tá ali só pra redigir o que eles falaram.”	Você tá ali só pra redigir o que eles falaram – os limites e possibilidades na atividade
“Você fica um pouco distante até porque, se, por exemplo, é falado o procedimento que não é comum, aí você tá ali com a cabeça mais fria pra falar “ó, aqui a gente faz assim” ou “não sei o que”, “olha, tem que fazer isso aqui ainda e tal”. Então você consegue dar dicas pras partes, até pra juiz também disso daqui.”	

Pré-indicadores	Indicador
-----------------	-----------

“é multitarefas, você tem... tá ali, aí tá fazendo, o/a juiz/juíza tá falando, a outra pessoa tá falando, aí aquela ali virou acordo vai pra outra sala, aí você tem que informar outro colega que vai fazer na outra sala. Então é... é muito dinâmico”	Você pode espalhar coisas boas ou coisas ruins para o organismo da vara
“na segunda eu descanso a mente desse processo e na quarta também, e continuo fazendo as outras coisas que a audiência... a audiência, ela gera muita coisa pós audiência. Aí você faz nesses outros dias.”	
“... eu acho assim, eu acho que cada atividade ali dentro da Vara, é como se fosse um organismo, né?... Então, por exemplo, você faz um acordo, se os termos desse acordo não tão bons, hoje você fez e passou e tá assinado, mas a execução lá na frente, daqui a três, quatro, cinco, 10 meses, porque tem acordo de 15, 20 vezes, aí eles falam, “puxa, mas aqui não ficou quem que vai pagar isso” ou “aqui não teve a multa”. Então se você não faz bem agora, lá na frente.... Então tem feedback (...) É como se fosse o início e vai espalhando ou coisas boas ou coisas ruins, né? Pra Vara”	
“por exemplo, você faz um acordo e esse acordo não gera problemas pra execução. . Ele tá bem-feito, as partes pagam, é como se fosse um caminho. (...)Ou seja, tudo que era pra ser feito ficou bem descrito ali. Então a outra pessoa lá na frente vai conseguir fazer.”	

Pré-indicadores	Indicador
“é muito isolado. Então você chega, você vai pra sua Vara, como eu falei, tem um monte de coisa pra fazer, você acaba nem saindo dali, né? Tanto é que eu não conheço nenhum... nenhum outro secretário de audiência. Não sei se é porque eu tô há pouco tempo também, né?”	O coletivo: a gente se reconhece como grupo (na VT)
A gente trabalha lá de um jeito... na “N” Vara pelo menos, de um jeito que a gente se reconhece como grupo. Então, fica muito mais fácil trabalhar, mesmo eu tendo essas responsabilidades pelos meus processos, acaba se eu vejo um processo de outro que o despacho foi assim, foi assado, eu vou lá e acabo “olha, esse despacho aqui que você fez, eu acho que não sei o que”, ao invés de fechar os olhos	
<i>“você tem como se fosse uma família, então agimos como se fossemos uma só pessoa. Por exemplo: se eu vejo um processo errado, que sei que é de responsabilidade de outra pessoa da VT, ou eu já tento arrumar a incorreção, ou falo com a pessoa sobre. Pois quando isso acontecer do lado inverso, ou seja, quando em um processo sob minha responsabilidade contém alguma incorreção, tenho certeza que o mesmo procedimento será tomado”</i> (comentário escrito)	

Pré-indicadores	Indicador
“Então, o que que eu acho importante? Eu chego sempre antes, ligo todos os equipamentos pra ver se tá (funcionando).”	
“a audiência já é um estresse, se você chegar em cima e não funcionar o computador, aí aquilo já desanda o dia”	

“Antes da audiência, pra deixar meio pronto. Por quê? Quando você chama as partes e elas sentam, se você não tem nada de dados, elas já começam a falar e aí o/a juiz/juíza já quer tocar a audiência e você tá ali querendo qualificar as partes, ou seja, você trava uma coisa, que se já tivesse pronto ali, pelo menos você já jogava e conferia”	O mais importante é chegar antes, se antecipar
“E você pede na hora, aí se já tá pronto, você só faz a conferência. Se você digita na hora, - como eu falei essa coisa do estresse -, você pode digitar errado, né?”	
“nunca chegar atrasado, porque seria assim... eu acho que é a pior coisa que pode acontecer. Por quê? Porque, primeiro: você não faria essas coisas prévias, então já taria uma coisa errada; segundo: se você chegando atrasado, nada vai tá ligado, aí o juiz vai tá ali, as partes vão tá ali. Quer dizer, o tumulto generalizado.”	
“o outro secretário vai te substituir, aí você estragou aquele dia que ele descansa a mente e faz o trabalho dele lá. Então, isso daí é uma... eu acho que é uma das piores coisas, você chegar atrasado.	
“querendo ou não, nessas partes específicas, o Judiciário é muito repetitivo, né? Ele faz... a defesa sempre vai ser os mesmos dizeres, “recebida a defesa” e dá prazo pra outra parte falar, né? Então nessas coisas mais autômatas assim, você consegue deixar pronto e tira o estresse do... de fazer na hora”	
“Porque, por exemplo, às vezes não tem um... o som não tem, então não é que você que resolve, aí você tem que ligar em outro lugar”	
Então, essa coleta de dados antes, a gente confere o processo, faz arquivos e aí você só confere, pede o RG, as coisas e só confere a numeração, até pra não digitar errado na hora, né?	
às vezes o som não funciona, o computador não funciona, então você tem que conseguir deixar isso tudo pronto, né?”	
“<i>Essa fase é primordial para um dia de audiências mais tranquilo, pois o foco fica somente em realizar as audiências, fica só o stress da audiência em si.</i>” (comentário escrito)	
“<i>Com os dados do RG, CPF, CTPS e PIS já salvos em um arquivo Writer, fica muito mais fácil e diminui o stress da audiência, pois na hora é só conferir o que já está salvo no arquivo, informações que foram retiradas do processo, e conferir com os originais apresentados, ver se os dados batem.</i>” (comentário escrito)	

Pré-indicadores	Indicador
“No dia a dia, quando eu comecei, você faz umas coisas mais erradas e não sei o que, mas aí vai tentando anotar pra não errar de novo e vai alinhando, até uma hora que chega num processo bom.”	
“Tanto que esses textos já vêm sendo elaborados pelos erros (...)Então são textos prontos já com todos os dizeres	
Eu acho que quando você faz uma coisa, principalmente depois de um tempo, e você... é difícil saber tudo, mas você sabe 80%, você sente mais confortável e como você ver que aquilo tá dando	

certo pra você e tá dando certo pro grupo que você trabalha “A gente tem pastas lá, que é uma construção também. Então, por exemplo, quando eu cheguei, eu não tinha nada, né? A Luiza me passou, o Eduardo me passou todos os arquivos deles, aí você vai adaptando, vai fazendo os seus arquivos” Com relação à coleta de dados das pessoas antes, a maioria das Varas eu acho que não faz, a gente pegou algumas atas que inclusive, não tem nem o RG ou CPF na qualificação. “acho que qualquer local do setor público, você chega zero, você não tem nada e você tem a experiência das outras pessoas que já passaram em arquivos e eles passam esses arquivos. É extremamente comum, você chega, eles passam os arquivos. E esses arquivos, eles ajudam pra deixar a coisa mais rápida, mais autônoma e você consegue ir modificando e deixando do seu jeito.” você acaba tendo que remodelar, fazer de novo com relação aos novos... aos novos procedimentos, sabe? <i>“são feitas a partir da experiência de digitadores anteriores, é o que fica como padrão textual para a audiência, e que, com o tempo, você vai amoldando em relação a novos procedimentos, mudanças legislativas no CPC, por exemplo”</i> (comentário escrito)	Os usos das ferramentas de trabalho e a criação de novas ferramentas
---	--

Pré-indicadores	Indicador
“E eu acho que é isso assim, o dia a dia você fazer o que você faz e tentar entregar o mais rápido possível, sem erros. Porque também não adianta você fazer... a gente faz muito certidão de seguro-desemprego, assinatura de ata, aí você fala, “ó, aqui ó, consegui ó”, cinco minutos eu te dei isso aqui. Aí ele desce... quer dizer, é no Ministério do Trabalho que é o seguro-desemprego, aí ele vai lá no centro, chega lá no centro pra dar o processamento, “ah, não, mas aqui sua carteira ficou errada” ou “aqui não sei o que”, quer dizer, aí não adianta, né?”	Trabalho bem feito é fazer o que você faz e tentar entregar o mais rápido possível, sem erros.

Pré-indicadores da Entrevista e Instrução ao Sósia nº 3
“Eu inicieei trabalhando como secretária no sindicato. No sindicato. Acho que trabalhei um... não sei se 2 ou 3 anos. Aí parei, tive filhos, né? Casei, tive filhos, parei um pouco. Depois eu fui trabalhar no comércio, né? Como atendente, né?”
“E trabalhei no comércio por muito tempo, sempre em escritório. Aí depois eu resolvi estudar pra ter um emprego melhor, né? Uma melhor garantia na minha velhice, eu pensava assim, né? Eu voltei a estudar pensando na minha aposentadoria. Então eu comecei a estudar pra concurso.”
E trabalhei no comércio por muito tempo, sempre em escritório. Aí depois eu resolvi estudar pra ter um emprego melhor, né? Uma melhor garantia na minha velhice, eu pensava assim, né? Eu voltei a estudar pensando na minha aposentadoria. Então eu comecei a estudar pra concurso.”
“voltei a estudar, e ia fazer 30 anos que eu tinha parado de estudar. Aí com 35 eu assumi no TRT lá em (nome do Estado A) ((riso)) E aí entrei... aí é tudo novo, né? Não conhecia nada, estudei pra passar no concurso. Aí lá começou a minha trajetória.”
“O computador, inicialmente era só pra consultar o processo, consultava, aí tinha... tinham poucas informações, né? Pra ver se conseguia localizar processo, era atender no balcão, receber petição, protocolar petição, era tudo feito na Vara.”
Então, o trabalho era... era... posso dizer assim, meio sacrificante, sabe? Eu pensava assim “meu Deus, o povo disse que servidor público não faz nada, ((risos)) eu tô trabalhando mais do que quando eu trabalhava no escritório do comércio”
“trabalhei no banco antes, por 1 ano e 6 meses, antes de... de entrar no TRT.”
“eu pedi pra fazer a experiência pra ir pra audiência, né? Que também era difícil alguém também querer ficar em audiência porque fica muito preso.”
“Porque pra mim era uma dificuldade, eu olhava pro teclado pra... ainda hoje olho, né? Porque eu não sou datilógrafa, eu sou dedógrafa. ((risos)) Então, eu me superei, né? Muitas dificuldades. Eu me sinto assim, bem nesse sentido”
“Não sabia, não com... não sabia o que era processo, fui aprendendo aos poucos, perguntando às pessoas pra poder não fazer as coisas erradas, né? Porque eu não tinha conhecimento, estudei pra passar no concurso, mas processo eu não sabia nada”
“aí eu resolvi fazer o curso de direito, pra eu entender melhor o meu trabalho, sabe? Também pra incentivar meus filhos a fazer uma faculdade, porque eu os via assim, sem interesse, né? De continuar depois do segundo grau. Aí eu... eles já estavam crescidos, eu digo “eu vou entrar na universidade”
“Aí essa foi a... a minha (lida). E o tempo todo trabalhando em audiência, e era sacrificante, porque eu chegava em casa moída, muito cansada, porque ficava muito tempo sentada, os móveis não eram assim, adequados, né? O mobiliário eu acho que não era adequado,

eu não tinha apoio, um bom apoio, né? Para os braços, não... não tinha um fisioterapeuta que fosse lá pra dar uma orientação, não existia isso.”
Depois é que foram, né? Melhorando, vendo um pouco mais os audiencistas (...) porque tinham muitas pessoas que se queixavam , né? Da... dos problemas, problemas mais físicos .
“o mal-estar acontece assim, dependendo das pessoas com quem a gente tá se relacionando , né? Porque às vezes existe pessoas mais... mais difíceis, né? De... de temperamento mais difíceis, né? E não só na... na audiência, mas em conjunto , né? Na secretaria e tudo”
“mas eu conseguia superar , sabe? Consequia me aproximar... porque assim, eu sempre observo o limite das pessoas, né? Porque cada pessoa tem sua... seu jeito de ser, né”
“Eu passava muito do horário pra poder dar conta do serviço , porque era muita coisa sobre uma pessoa só”
“porque eu pedia pra ir trabalhar no sábado pra poder me organizar pra segunda... pra próxima semana, aí trabalhava no sábado até uma hora, duas horas da tarde às vezes, ou mais. Era muito trabalho. ”
“eu me sentia muito cansada, mas eu não me entregava não. ((risos)) Porque eu era pai e mãe e eu não podia fraquejar . Eu ia trabalhar doente, ia trabalhar do jeito que eu tivesse, se eu suportasse estar no trabalho, eu estaria lá ”
“uma vez eu senti uma dor muito forte, sentada o tempo todo , né? Almoçava... almoçava muito rápido, voltava , porque alguém me substituí, era só substituir pra... eu... que eu não aguentava mais esperar pra almoçar , que a audiência ia rolar até tarde adentro.”
“Aí uma vez eu senti uma dor muito forte, eu não sabia o que era, já era... era problema de vesícula e eu não sabia. Aí fui lá, o setor médico, o setor médico deu um remediozinho, eu deitei pra ver se passava aquela dor, voltei pra trabalhar , nem um atestado ninguém cogitou a me dar, sabe? Eu tive dengue , eu ia trabalhar arrasada.”
“minha imunidade baixou tanto, porque também eu tive problemas pessoais , questão de... de filhos adolescentes, preocupações, né? Cabelo caía aos tufos, sentia muita dor na articulação , eu saía à força pra trabalhar, era um esforço assim, quase... era... era um esforço muito grande, mas eu ia trabalhar. ”
“o médico não me deu licença. Hoje, né? As pessoas quando tem a suspeita de dengue, né? Já recebe a licença porque precisa ficar em casa, né? Pra se restabelecer, mas eu não tive essa licença. Aí isso... eu achava estranho, mas também não reclamava não, se eu podia ir, eu ia. ”
“o que eu achei muito difícil quando eu vim trabalhar aqui (...) eu adoeci, porque dava assim, uma angústia, quando era o dia de... primeiro a redistribuição, eu tive que reaprender tudo aqui, aí aquilo me angustiava, porque parecia que eu não sabia de nada , o sistema tudo novo, tudo diferente, eu vim aprender tudo, porque lá era tudo diferente”
“eu adoeci, tive um pico de... de pressão alta em audiência e eu não sabia. (...) Mas ele/ela (juiz/juíza) já tinha histórico, né? Das pessoas adoecerem trabalhando com ele/ela , por cau-

sa do temperamento dele/dela, mas eu... eu tinha que trabalhar, né? Enfrentar a situação, eu ia fazer o quê? Não posso mudar o jeito das pessoas serem ”
porque ele/ela gritava, ele/ela gritava com advogado, ele/ela ia dizer um negócio pra gente assim, ele/ela gritava, e ao... depois ele/ela abaixava a voz, sabe? Ou dava uma risada.
o dia que deu o pico a primeira vez, a língua ficou grossa que quase eu não chamava a parte, quase que... eu respirei fundo, respirei fundo, aí chamei a pessoa, mas aquele... sabe aquela agonia? Aquela aper... aperto? E eu tendo que cumprir minha atividade?
Aí no outro dia eu ia fazer audiência com ele/ela de novo. Aí quando eu senti que ia acontecer isso, que eu podia desmaiar ali, eu senti que eu podia desfalecer ali. Aí eu disse “eu não tô me sentindo bem”
eu já tinha dito ao/à diretor/diretora, o/a diretor/diretora me apoiava muito, porque eu queria... se eu pudesse eu saia da Vara. Aí ele/ela disse “aguarda, espera um pouquinho”
“Aí quando cheguei lá, aí que aferiu a pressão, tava 17 por 12, por não sei quanto, eu sei que tava altíssima.(...) Eu continuava sentindo... tendo os sintomas , né? Da pressão alta, o zumbido no ouvido, uma pressão na cabeça , mas ela (médica) percebeu que a minha pressão já tava normalizada.”
“aí eu superei, continuei fazendo audiência com ele/ela, sabe? Mas era... era o jeito dele/dela e a gente sabia, mas se a gente precisa, a gente enfrenta ”
“eu ficava em oração, se eu passasse a noite sem dormir , - que eu ficava a noite sem dormir -, aí eu ficava em oração pra superar essa situação, porque eu não queria tomar medicamento, não é? Pra me deixar muito... o medicamento não ia resolver porque eu sabia que não era problema que eu resolvia com... com medicamento , né? Eu tinha que sair, né?”
“ O setor eu não podia deixar, eu tinha que assumir minha responsabilidade , saber esperar, e o/a meu/minha diretor/diretora me ajudou muito, muito, porque depois que terminava a audiência aí eu ia fazer outros serviços, tentar aprender mais coisas, sabe? E aí outro dia enfrentava novamente .”
“Ah, eu hoje eu tô muito segura com o que eu faço , sabe? Me sinto assim, aprendi, né? A trabalhar aqui e me sinto muito bem , não... assim, não (falta mais)... tô perto de me aposentar”
“Mas o trabalho aqui eu não tô sentindo dificuldade nenhuma não. Eu enfrento com tranquilidade porque tem... se tiver alguma dificuldade aí eu trabalho junto com... com o juiz/a juíza, né?”
“Que eu sou a secretária da audiência, mas também eu sou da retaguarda dos processos de audiência, eu tomo conta, né? (...) do cumprimento, né, das atividades... das determinações, né, do/da juiz/juíza. Então, a gente que impulsiona, né? O processo.”
“Aí pra mim, o que vier de novidade é só pra desenvolver e buscar o conhecimento, com quem? Por exemplo, se eu tenho uma dificuldade, daí eu falo com a... com o juiz, com a juíza, né? E aí a gente resolve. O/a diretor/diretora. A gente... a nossa equipe é muito boa, a nossa

equipe trabalha de forma assim, sabe? Em cooperação uns com os outros, eu vejo isso aqui.”
“Aqui, o relacionamento entre os colegas, eu acho assim, muito bom, aqui todo... existe uma... uma união entre os colegas, a gente é uma equipe. ”
“ cada um tá no seu ambiente , né? Aqui é o meu ambiente de trabalho, cada um cumprindo com suas funções, não é? Nos seus departamentos. Lá é como se fosse um... eu acho assim, é uma empresa dentro de outra empresa , porque cada juiz tem seu jeito”
“a importância é o conhecimento que a gente adquire”
“é uma função necessária, né? O juiz/a juíza não pode... não consegue fazer a audiência sozinho/sozinha , né? Precisa de alguém pra auxiliá-lo/la, não é? Inclusive já se cogita até gravar , né? Audiência, tem o equipamento que pode deixar... transcrever, alguma coisa assim, mas o auxiliar, o secretário de audiência precisa estar ao lado do juiz pra auxiliá-lo , né? Conversar a respeito dos processos, da retaguarda”
“Eu tenho que chegar, abrir o computador e entrar lá no sistema de audiência, entro também no arquivo onde estão os processos da pauta , salvo aqueles processos, deixo num canto lá pra o/a juiz/juíza acessa-los com maior facilidade ”
Tem um arquivo de modelos , não é? Modelos que eu abro.
Eu já deixo o modelo aberto lá num ícone, já deixo ele aberto e ele fica minimizado no computador, e qualquer dificuldade eu olho, e também já tenho autos textos (...) aí eu já tenho aquela palavrinha que eu dou um F3 e puxo aquele texto, e só faço a complementação ou as modificações que ele/ela (juiz/juíza) achar necessário.
“Cumprimentar a todos e passar pra preparar o ambiente de trabalho pra quando o/a juiz/juíza chegar, estar tudo pronto , tudo que ele/ela precisar, ou os processos que ele/ela vai... vai acessar”
eu tenho a minha tela que eu compartilho com os advogados , na hora que o advogado tá olhando o processo na minha tela, eu não posso trabalhar no mesmo computador, porque ele está olhando o processo. Então, eu tenho um arquivo, ele precisa consultar, aí eu abro pra ele fazer a consulta do processo e ele pode manusear o mouse e... e olhar o processo à vontade.
“ Não pode se fazer outra coisa , porque inclusive, o/a juiz/juíza com quem eu trabalho, ele/ela às vezes, por exemplo, se ele/ela tá conversando ou fazendo uma instrução, conversando, tá demorando mais, eu já até abri um arquivo, tô precisando consultar algo, ele/ela já me chamou a atenção pra não fazer mais isso, porque ele/ela diz que tira a concentração do advogado naquele ato , naquele momento do pensamento dele, pode atrapalhar. Aí a gente não pode fazer nada, tem que esperar, enquanto está na audiência, tá fazendo a instrução, ele/ela tá conversando com ele(advogado) pra formar, né? A ideia, pra colocar na ata”
o/a juiz/juíza tem... tem as atividades dele/dela, eu tenho que saber, eu acho que como a gente tem o relacionamento com outra pessoa, a gente tem que saber os limites , né?
naquela hora, daquela atividade, estão todos ali pra resolver uma situação, né? Uma ques-

tão que não conseguiu se resolver fora da justiça, né? Então há uma solenidade naquele momento. Então ali a gente é só profissional.
Eu... eu ajo assim, com educação, com simpatia, com paciência, não é? Porque as pessoas vêm lá de fora também com seus problemas, e tem pessoas que não tem um autocontrole, não é? Às vezes são mais soberbas e... e transparece numa comunicação, né? Às vezes o interlocutor pode se ofender, não é? E a gente precisa tá preparado pra certas reações
“você pode transmitir algo e a pessoa não entendeu e você precisa ter paciência pra repetir, pra explicar. E nós lidamos também com pessoas que não conhece nada de processo”
“Às vezes em conversa, aí fala do advogado, “porque meu advogado fez errado, não sei o que”, aí a gente vai tentar explicar pra ele não sair com aquela... eu faço isso, não sair com aquela impressão, né? Do... do advogado, não vou... a gente não vai colocar mais lenha na fogueira”
Mas antes existia muito, sabe? Existia discussão de advogado com o servidor no balcão, já presenciei, sabe? Na época mais que o processo não era totalmente eletrônico, mas hoje são raros.
É, minha sócia, ela tem... eu acho assim, como ela tá submetida ao/à juiz/juíza, né? Trabalha junto, ela tem que ser cuidadosa, né? Com o trato. ((risos))
“E seguir as orientações dele/dela porque na hora o/a juiz/juíza... aquilo que ele/ela não tá de acordo, ele/ela é enfático, chama atenção mesmo. E tem uns que chama atenção na frente de todo mundo sem... sem restrição nenhuma, né?”
no trabalho a gente tem que se policiar, porque a gente tá lidando com outras pessoas que chegam com... com seus sentimentos, com seus problemas do dia a dia e às vezes a gente precisa até tá preparado pra acalmar essa pessoa.
“Eu considero que eu faço o trabalho bem feito quando eu não tô sendo chamada atenção”

Indicadores da entrevista e Instrução ao Sósia nº3

Pré-indicadores	Indicador
“Eu iniciei trabalhando como secretária no sindicato. No sindicato. Acho que trabalhei um... não sei se 2 ou 3 anos. Aí parei, tive filhos, né? Casei, tive filhos, parei um pouco	Histórico profissional e o serviço público como perspectivas de melhorias
“ trabalhei no banco antes , por 1 ano e 6 meses, antes de... de entrar no TRT.”	
“E trabalhei no comércio por muito tempo , sempre em escritório. Aí depois eu resolvi estudar pra ter um emprego melhor, né? Uma melhor garantia na minha velhice, eu pensava assim, né? Eu voltei a estudar pensando na minha aposentadoria. Então eu comecei a estudar pra concurso. ”	
“Então, o trabalho era... era... posso dizer assim, meio sacrificante , sabe? Eu pensava assim “meu Deus, o povo disse que servidor público não faz nada , ((risos)) eu tô trabalhando mais do que quando eu trabalhava no escritório do comércio”	

Pré-indicadores	Indicador
“eu pedi pra fazer a experiência pra ir pra audiência, né? Que também era difícil alguém também querer ficar em audiência porque fica muito preso. ”	Ingresso na atividade de secretário de audiência foi sacrificante
“Aí essa foi a... a minha lida. E o tempo todo trabalhando em audiência, e era sacrificante , porque eu chegava em casa moída, muito cansada, porque ficava muito tempo sentada, os móveis não eram assim, adequados , né? O mobiliário eu acho que não era adequado, eu não tinha apoio, um bom apoio, né? Para os braços, não... não tinha um fisioterapeuta que fosse lá pra dar uma orientação, não existia isso. ”	

Pré-indicadores	Indicador
“tinham muitas pessoas que se queixavam , né? Da... dos problemas, problemas mais físicos. ”	Adoecimentos: Se eu suportasse estar no
“o mal-estar acontece assim, dependendo das pessoas com quem a gente tá se relacionando, né? Porque às vezes existe pessoas mais... mais difíceis , né? De... de temperamento mais difíceis, né? E não só na... na audiência, mas em conjunto, né? Na secretaria e tudo”	
“eu me sentia muito cansada, mas eu não me entregava não. ((risos)) Porque eu era pai e mãe e eu não podia fraquejar. Eu ia trabalhar doente, ia trabalhar do jeito que eu tivesse, se eu	

suportasse estar no trabalho, eu estaria lá”	trabalho, eu estaria lá...
“uma vez eu senti uma dor muito forte, sentada o tempo todo , né? Almoçava... almoçava muito rápido, voltava , porque alguém me substituí, era só substituir pra... eu... que eu não aguentava mais esperar pra almoçar , que a audiência ia rolar até tarde adentro.”	
“Aí uma vez eu senti uma dor muito forte, eu não sabia o que era, já era... era problema de vesícula e eu não sabia .”	
“minha imunidade baixou tanto, porque também eu tive problemas pessoais (...) Cabelo caía aos tufos, sentia muita dor na articulação , eu saía à força pra trabalhar, era um esforço assim, quase... era... era um esforço muito grande, mas eu ia trabalhar .”	
“ eu adoeci, porque dava assim, uma angústia , quando era o dia de... primeiro a redistribuição, eu tive que reaprender tudo aqui , aí aquilo me angustiava, porque parecia que eu não sabia de nada, o sistema tudo novo, tudo diferente”	
“ele/ela (juiz/juíza) já tinha histórico, né? Das pessoas adoecerem trabalhando com ele/ela , por causa do temperamento dele/dela, mas eu... eu tinha que trabalhar, né?”	
“o dia que deu o pico (de pressão alta) a primeira vez, a língua ficou grossa que quase eu não chamava a parte, quase que... eu respirei fundo, respirei fundo, aí chamei a pessoa, mas aquele... sabe aquela agonia? Aquela aper... aperto? E eu tendo que cumprir minha atividade?	
Eu continuava sentindo... tendo os sintomas , né? Da pressão alta, o zumbido no ouvido, uma pressão na cabeça ”	
“eu ficava em oração, se eu passasse a noite sem dormir , - que eu ficava a noite sem dormir -, aí eu ficava em oração pra superar essa situação, porque eu não queria tomar medicamento, não é? Pra me deixar muito... o medicamento não ia resolver porque eu sabia que não era problema que eu resolvia com... com medicamento , né? Eu tinha que sair (do setor), né?”	

Pré-indicadores	Indicador
“ O computador, inicialmente era só pra consultar o processo , consultava, aí tinha... tinham poucas informações, né? Pra ver se conseguia localizar processo, era atender no balcão, receber petição, protocolar petição, era tudo feito na Vara .”	

Tem um arquivo de modelos , não é? Modelos que eu abro.	O judiciário antes do Processo eletrônico e as ferramentas utilizadas hoje na atividade
Eu já deixo o modelo aberto lá num ícone, já deixo ele aberto e ele fica minimizado no computador, e qualquer dificuldade eu olho, e também já tenho autos textos (...) aí eu já tenho aquela palavrinha que eu dou um F3 e puxo aquele texto, e só faço a complementação ou as modificações que ele/ela (juiz/juíza) achar necessário.	
Existia discussão de advogado com o servidor no balcão, já presenciei, sabe? Na época mais que o processo não era totalmente eletrônico , mas hoje são raros.	

Pré-indicadores	Indicador
“Eu passava muito do horário pra poder dar conta do serviço , porque era muita coisa sobre uma pessoa só”	A sobrecarga de trabalho
“porque eu pedia pra ir trabalhar no sábado pra poder me organizar pra segunda... pra próxima semana, aí trabalhava no sábado até uma hora, duas horas da tarde às vezes, ou mais. Era muito trabalho. ”	
“Que eu sou a secretária da audiência, mas também eu sou da retaguarda dos processos de audiência, eu tomo conta , né? (...) do cumprimento, né, das atividades... das determinações, né, do/da juiz/juíza. Então, a gente que impulsiona, né? O processo.”	

Pré-indicadores	Indicador
“Porque pra mim era uma dificuldade , eu olhava pro teclado pra... ainda hoje olho , né? Porque eu não sou datilógrafa, eu sou dedógrafa. ((risos))	Impedimentos e enfrentamentos relacionados à digitação e ao conhecimento jurídico
“ não sabia o que era processo , fui aprendendo aos poucos, perguntando às pessoas pra poder não fazer as coisas erradas, né? Porque eu não tinha conhecimento, estudei pra passar no concurso, mas processo eu não sabia nada ”	
Aí depois de um tempo, acho que, bom, não sei qual ano, em 1998 ou mais, 98, 99 ou 2000, aí eu resolvi fazer o curso de direito, pra eu entender melhor o meu trabalho, sabe? Também pra incentivar meus filhos a fazer uma faculdade, porque eu os via assim, sem interesse, né? De continuar depois do segundo grau. Aí eu... eles já estavam crescidos, eu digo “eu	

vou entrar na universidade”.	
“mas eu conseguia superar , sabe? Conseguia me aproximar... porque assim, eu sempre observo o limite das pessoas, né?”	
“ O setor eu não podia deixar, eu tinha que assumir minha responsabilidade , saber esperar”	

Pré-indicadores	Indicador
A gente... a nossa equipe é muito boa, a nossa equipe trabalha de forma assim, sabe? Em cooperação uns com os outros, eu vejo isso aqui. ”	O coletivo: dentro do mesmo setor há percepção de cooperação, mas quanto aos demais colegas secretários, é uma empresa dentro de outra empresa
“Aqui, o relacionamento entre os colegas, eu acho assim, muito bom, aqui todo... existe uma... uma união entre os colegas, a gente é uma equipe. ”	
“ cada um tá no seu ambiente , né? Aqui é o meu ambiente de trabalho, cada um cumprindo com suas funções, não é? Nos seus departamentos. Lá é como se fosse um... eu acho assim, é uma empresa dentro de outra empresa , porque cada juiz tem seu jeito”	

Pré-indicadores	Indicador
O juiz/a juíza não pode... não consegue fazer a audiência sozinho/sozinha , né? Precisa de alguém pra auxiliá-lo/la, não é? Inclusive já se cogita até gravar , né? Audiência, tem o equipamento que pode deixar... transcrever, alguma coisa assim, mas o auxiliar, o secretário de audiência precisa estar ao lado do juiz pra auxiliá-lo , né? Conversar a respeito dos processos, da retaguarda”	O secretário de audiência precisa preparar o ambiente de trabalho, estar ao lado do juiz pra auxiliá-lo e seguir suas orientações
“Eu tenho que chegar, abrir o computador e entrar lá no sistema de audiência, entro também no arquivo onde estão os processos da pauta , salvo aqueles processos, deixo num canto lá pra o/a juiz/juíza acessá-los com maior facilidade ”	
“Cumprimentar a todos e passar pra preparar o ambiente de trabalho pra quando o/a juiz/juíza chegar, estar tudo pronto , tudo que ele/ela precisar, ou os processos que ele/ela vai... vai acessar”	

“E seguir as orientações dele/dela porque na hora o/a juiz/juíza... aquilo que ele/ela não tá de acordo, ele/ela é enfático, chama atenção mesmo. E tem uns que chama atenção na frente de todo mundo sem... sem restrição nenhuma, né?” “é uma função necessária, né? O juiz/a juíza não pode... não consegue fazer a audiência sozinho/sozinha, né? Precisa de alguém pra auxiliá-lo/la, não é? Inclusive já se cogita até gravar, né? Audiência, tem o equipamento que pode deixar... transcrever, alguma coisa assim, mas o auxiliar, o secretário de audiência precisa estar ao lado do juiz pra auxiliá-lo, né? Conversar a respeito dos processos, da retaguarda”	
--	--

Pré-indicadores	Indicador
“Ah, eu hoje eu tô muito segura com o que eu faço, sabe? Me sinto assim, aprendi, né? A trabalhar aqui e me sinto muito bem, não... assim, não (falta mais)... tô perto de me aposentar”	O aprendizado que a atividade oferece
“Aí pra mim, o que vier de novidade é só pra desenvolver e buscar o conhecimento, com quem? Por exemplo, se eu tenho uma dificuldade, daí eu falo com a... com o juiz, com a juíza, né? E aí a gente resolve.”	
“a importância é o conhecimento que a gente adquire”	

Pré-indicadores	Indicador
“Eu considero que eu faço o trabalho bem feito quando eu não tô sendo chamada atenção”	Trabalho bem feito

Pré-indicadores	Indicador
“eu tenho a minha tela que eu compartilho com os advogados, na hora que o advogado tá olhando o processo na minha tela, eu não posso trabalhar no mesmo computador, porque ele está olhando o processo. Então, eu tenho um arquivo, ele precisa consultar, aí eu abro pra ele fazer a consulta do processo e ele pode manusear o mouse e... e olhar o processo à vontade.”	

“tô precisando consultar algo, ele/ela (juiz/juíza) já me chamou a atenção pra não fazer mais isso, porque ele/ela diz que tira a concentração do advogado naquele ato, naquele momento do pensamento dele, pode atrapalhar. Aí a gente não pode fazer nada, tem que esperar, enquanto está na audiência, tá fazendo a instrução, ele/ela tá conversando com ele(adogado) pra formar, né? A ideia, pra colocar na ata”	No trabalho a gente tá lidando com outras pessoas – os juízes, advogados, público em geral
“o/a juiz/juíza tem... tem as atividades dele/dela, eu tenho que saber, eu acho que como a gente tem o relacionamento com outra pessoa, a gente tem que saber os limites, né?”	
“É, minha sócia, ela tem... eu acho assim, como ela tá submetida ao/à juiz/juíza, né? Trabalha junto, ela tem que ser cuidadosa, né? Com o trato. ((risos))”	
“Eu... eu ajo assim, com educação, com simpatia, com paciência, não é? Porque as pessoas vêm lá de fora também com seus problemas, e tem pessoas que não tem um autocontrole (...) E a gente precisa tá preparado pra certas reações”	
“você pode transmitir algo e a pessoa não entendeu e você precisa ter paciência pra repetir, pra explicar. E nós lidamos também com pessoas que não conhece nada de processo”	
“no trabalho a gente tem que se policiar, porque a gente tá lidando com outras pessoas que chegam com... com seus sentimentos, com seus problemas do dia a dia e às vezes a gente precisa até tá preparado pra acalmar essa pessoa.”	

Pré-indicadores da Entrevista e Instrução ao Sósia nº 4

“Eu ingressei no judiciário trabalhista em 1999, com 16 dias **fui substituir uma colega na sala de audiência e lá fiquei.** A juíza fez a audiência comigo e já na semana seguinte pediu pra moça ir pra execução, ir pra secretaria e eu ficar na sala de audiência. **De lá pra cá são 20 anos** trabalhando dentro dessa perspectiva.”

“eu sempre trabalhei dentro da lógica de perceber quais são as necessidades reais do trabalho e dentro da sala da audiência, as necessidades reais são de facilitação, a gente facilita o trabalho do juiz.”

“Eu acho que o trabalho da sala de audiência **é menos automatizado do que se imagina,** assim, **o trabalho mais eficaz,** mais... que atinge mais o objetivo, **ele não é um trabalho automatizado.**”

“Eu trabalhei no Ministério do Trabalho, em recursos humanos, trabalhava no setor de pensão e aposentadoria, no Ministério do Trabalho (...) Também **era concursado lá no Ministério do Trabalho**”

“eu **percebi que existiam tarefas que estavam sendo feitas desnecessárias.**(...) É que a gente no dia a dia às vezes vê o serviço sendo feito e a gente se envolve, tá dentro da sistemática, e às vezes não percebe que tem coisa sobrando, e **essa percepção de quem acabou de chegar,** ajudou a fazer essa alteração e ela... eu notei, percebi que ela (juíza) ficou muito, assim, ficou feliz”

“a **gente é muito mais facilitador** do que qualquer outra coisa **dentro sala de audiência. Digitar, qualquer pessoa pode digitar,** qualquer pessoa consegue digitar a audiência tranquilo, não tem... hoje em dia, pelos programas, a gente **não precisa de um digitador exímio** não, o cara que digite rápido demais, ele **precisa de alguém que conheça bem os procedimentos.**”

“você tá **pra facilitar e ser um instrumento do trabalho dele,** na verdade. É como eu vejo o audiencista, ele é um instrumento do trabalho do juiz pra que a coisa flua”

“eu sempre tive assim, de **ter consciência de até onde eu posso ir,** no diálogo, que como uma coisa... aquela coisa que eu já disse outra vez, que **o gargalo aqui é muito longo, existe o juiz lá na estratosfera e a gente na hierarquia, aqui bem embaixo,** não tem... é diferente da maioria dos órgãos públicos”

“O **juiz** é aquele cidadão que tá ocupando **uma função pública que é muito, mas muito diferente na... na realidade da sua. O juiz é o Estado**, se você for pensar por esse lado, sem entrar se isso tá certo, se tá errado, se é isso, se é aquilo, mas é o Estado, e nessa qualidade, a gente tem que... a gente tem que levar em conta que **existe essa distância**.”

“é ali onde o juiz, ele se humaniza mais, e nessa condição de mais humanizado, aí ele precisa baixar a guarda dele. Aí pra baixar a guarda, ele precisa fazer amizade. Ou ele tem um **bom relacionamento de amizade com o audiencista** ou ele simplesmente manda trocar, ((risos)) ele não aguenta viver a vida todinha com um audiencista que ele não tolere do lado, uma pessoa que ele não... assim... seja eficiente, mas não tolere. **Ele precisa de alguém** que tenha um certo nível de... sabe aquela pessoa que possa... **com que ele possa, no meio da audiência, desabafar** alguma coisa, **como ser humano, ele precisa**”

“eu cuidei de trabalhar isso na minha cabeça, de **manter o distanciamento necessário** porque ele é o Estado, eu sou um funcionário do Estado, ele é o Estado, eu **não posso ter um nível de intimidade como eu tenho um colega de trabalho**, que senão de uma hora pra outra você leva um fora bem grande. Vê o... como o audiencista, ele **trabalha dentro desse pisar em ovos**”

“tem muita gente que diz, “ah, mas doutor fulano é gente boa demais, cara simples, um cara atencioso, educado e tal”, mas **se você ultrapassar um determinado limite, você vai levar um fora bem grande dele**, você vai ver, como diz o Ricardo Coutinho, “o satanás na sua frente”. ((risos))

“Era o tempo que **juntava folha no processo, uma lapa de folha**”

“não é ganhar a queda de braço, porque **não se ganha uma queda de braço dessa**, você fica numa situação chata, pra sempre, dentro da secretaria. Aí teve outras coisinhas, minando e tal não sei o que, e eu insisti de novo, “eu quero ir embora daqui”, fiquei naquela. “Não vai não.” O/a juiz/juíza, né, “**eu não libero não**”

“Eu vou atrás do tribunal e pedir pra sair daqui e vou ter que explicar essa situação que eu estou vivendo aqui, eu não tenho um bom relacionamento com o/a diretor/diretora e eu não sou obrigado a levar uma vida funcional com estresse diariamente, não sou, eu tenho que procurar o que é melhor pra mim.” “Ah, você tem razão, mas **eu não vou lhe liberar não e tal**”

“Depois de uns 15 anos eu fui perceber isso, que ninguém, ninguém, não tem um deles que saia, que não me chame pra ir, diz assim, “você quer ir comigo? Eu tô indo pra tal lugar”. Quando eu percebi, fiquei até com o ego inflado”

“E **eu botei no papel**, justamente, “agora sim, você pode dizer que eu tô sendo bem incisivo no negócio”.

“Mas eu, igual a menina dos recursos humanos quando disse, “vamos deixar isso de lado e tal, não sei o quê”. Digo, “não, eu vou até onde for, porque eu não... eu não aceito”

“existe uma **sistemática de trabalho que precede** a todos nós”

“muitas vezes **você já tá dentro do sistema, trabalhando dentro do sistema sem poder... você começa a não perceber mais o que deveria ser mudado**, de repente, entra um **servidor novo** aí, entra ali e vai fazer bem melhor do que eu, apesar da minha experiência, ele chega e **consegue visualizar o que eu tô um bobão**, fazendo umas coisas bobas ali que não deveriam tá sendo feitas.”

“eu acho que o órgão, o organismo, TRT, ele deveria ter um banco de boas práticas, mais efetivo, não é só coisa de clichê não, banco de boas práticas. O que é que **o servidor da audiência da 6ª Vara faz de muito bom que precisa ser feito em todas as Varas? O que que eu faço de muito bom que tem um monte de Vara aí que deveria fazer** pra que as coisas, juntando uma coisa com a outra vire uma eficiência gigantesca.”

“é justamente tentar perceber o que é que eles querem que eu faça pra que eles não... eles juízes, mais tarde, **não precisem estar perdendo tempo.**”

“**com certeza absoluta nessas 13 Varas, sempre vai ter algum procedimento de algum diretor que seja melhor do que todos os outros**, determinado procedimento, e ele já tenha um ou outro procedimento que não seja bom, tão eficiente, e que outro diretor tenha uma coisa muito melhor. Então, assim **também o é na audiência**, a forma de conduzir”

“A gente tem pouco treinamento também, tudo que eu aprendi praticamente na sala de audiência, foi na tora mesmo, não tem nada de treinamento praticamente.”

“a gente conhecer, saber qual é o dia a dia do outro, gera uma intimidade natural, né, aquela intimidade de solidariedade quase, né, nós somos... **estamos no mesmo barco, mas não temos amizades, não se constrói amizades em torno disso**, sabe.?”

“**não existem grupos, rede social**, coisa mais natural do mundo, mais fácil do mundo se fazer um grupo de pessoas na rede social, mas não existe. De assistente de juiz, por exemplo, não tem, todos somos assistentes de juiz, não tem. Aqui o pessoal, contador, parece que tem um

grupo”
“ não tem aquele grupo de você possa tá debatendo , por exemplo, “pessoal eu tô com um... apareceu uma questão aqui sobre honorários periciais e uns tal pela reforma nova. O que que vocês tão... vocês encontraram com relação a essa situação aí, o que que vocês têm por aí”
“É, dentro da mesma unidade também tem, sabe? Tem um certo distanciamento . Porque, por exemplo, aqui tem a Bianca, que a gente se dá muito bem, todo mundo se dá bem, não tem nenhum problema um com outro não, mas não temos essa... essa coisa de discutir a situação , discutir uma coisa ou outra, o que é que... uma coisa que tá pegando, uma coisa que tá... uma dificuldade e tal que o outro possa ajudar”
“Eu sei que a aproximação, ela sempre vai tornar eficiente a coisa , vai dar mais eficiência à coisa, quando se aproxima grupos . Porque uma cabeça, você pode... é aquilo que eu tava falando, você pode fazer muita coisa boa sozinho, mas se você tiver um grupo junto, vai ter algumas coisas que você julgava vai ser muito boas, que não são tão boas não, na percepção do coletivo .”
“O bom digitador de audiência, ele muda o humor do juiz, ((risos))”
“Às vezes a pauta tá muito ruim, travada, muita questão, chega aquele... tá no ar o estresse, e um digitador de audiência atento a essa situação, mais focado até em função disso, ele consegue melhorar a situação do ambiente. O juiz, com a bronca que ele tinha pra resolver, de repente, ele olha, o assistente já encaminhou uma ideia, já fez, entendeu?”
“Mas somos esse facilitador que eu tô falando. Você tá ali como... percebendo o que tá acontecendo”
“o fato de eu ser assistente de juiz é um diferencial importante porque vem os processos, a gente auxilia fazendo relatório, minuta, essas coisas.”
“Então, é um diferencial realmente, quando você trabalha fazendo minuta, embargos e tal e trabalhos dentro da sala de audiência, já é outro... é outra perspectiva . A maioria dos assistentes de juiz não faz isso, na verdade. Eu tô falando assim, é uma experiência minha de vivenciar isso.”
“Assista 100% da audiência, a audiência inteira. Assista mais de que o juiz. (...) “e outra coisa: passe o máximo possível despercebido. É como um árbitro de futebol, no jogo, se o árbitro não aparecer é porque ele foi muito bem , ele fez muito bem, ninguém percebeu que

tinha um árbitro, que tinha alguém digitando, que tinha não, porque ele foi ótimo.”
“às vezes acontece, doutor/doutora L tá aqui perguntando à testemunha, tá, e eu tô assistindo, vendo, verificando, vejo quem tá lá atrás, aí às vezes tem uma pessoa que entra na sala, sai e entra, sai e entra, sai e eu chego aqui do lado, “doutor/doutora, o rapaz lá atrás, de azul, que já saiu umas quatro vezes da audiência”, aí tá certo.”
“Ou seja, é um... é como se expandisse os sentidos do juiz durante a audiência, pra isso serve também o assistente da audiência.”
“Não é função exatamente minha, mas é preciso que você esteja integrado com tudo que está acontecendo na sala.”
“você não pode tá aparecendo na audiência, você tem que ser o mais discreto possível. Eu tô falando assim esses exemplos, não acontece todo dia isso, é uma... esporadicamente acontece uma situação em que você vai participar discretamente e instruindo o/a juiz/juíza em determinado situação.”
“como a gente se emociona, se relaciona com o que tá acontecendo. Muitas vezes a instrução tá acontecendo e você vê nos depoimentos, o/a juiz/juíza não vai ser 100% perceber tudo, o ser humano, mas você vê que lá no outro depoimento tem uma contradição, que se fizer uma pergunta aqui, se fizer uma pergunta agora, mata a charada, mas aí você fica se moendo, não posso, não posso interferir nessas coisas.”
“A participação sua é quando você vai... aquilo que eu disse, um instrumento de trabalho do juiz, pra que o juiz não seja feito de besta, não seja... você tá ali pra isso, pra que o juiz tenha uma facilitação no trabalho dele, um encaminhamento mais rápido, uma dinâmica melhor, é esse o trabalho do assistente de audiência ao meu ver.”
“Eu acho o ambiente de trabalho um lugar pra... não pra se fazer amizades, mas pra ser solidário. Ambiente de trabalho é um lugar pra ser solidário, e solidariedade pressupõe você ter um... alimentar um clima amistoso entre todo mundo, até onde der, né?”
“Não tenha hora pra ir embora, não tenha hora pra ir embora, tenha o gosto de tá aqui.”
“É, tive que fazer uma autoanálise daquilo que seria importante pra mim, dentro da minha atividade, o que torna importante o que eu faço, o que torna o que eu sou, né? Aqui dentro. Essas coisas que você me perguntou, que eu deveria que você fizesse, e o que você deveria fazer, me fez pensar no que, de repente, desenha o que eu sou de verdade.(...) essa im-

pressão que eu tenho é baseada nessas coisas que eu julgo ser importante que você faça como sócia."

"quando termina rápido a audiência, eu acho que eu fiz **um trabalho rápido, bem-feito**. Porque a ideia, eu tenho uma ideia na minha cabeça em relação à sala de audiência que é: ninguém é pra tá ali, nem eu, nem o juiz, nem as partes. Então, aquilo é um mal necessário."

"a audiência é uma coisa necessária, mas não é pra alongar, só alonga se for necessário mesmo alongar. Então, se eu conseguir fazer com que as pessoas saiam o quanto antes dali de dentro, eu vou ter feito um papel importante, porque eles não... ninguém é pra tá ali."

"isso deveria ser feito com várias vertentes do serviço público. Não só Assistente de Audiência, mas com vários segmentos. O que é que um grupo de servidores que trabalham na execução de um processo têm em comum em um perfil, o que é que eles têm de absolutamente diferente e que eles precisam se alinhar?"

"eu trabalhei no Ministério do Trabalho há um tempo, antes daqui e existiam pessoas efetivamente arquivadas no trabalho, o arquivo vivo. Pessoas que tinham uma qualificação técnica menor e que eram, assim não diria menosprezado, porque havia o respeito pessoal e tudo, mas havia esse arquivamento natural. Eu não posso contar com fulano pra determinada coisa. **Ao invés da administração procurar qualificar fulano pra aproveitar**, porque na verdade é paga para fazer não é para ser relevado o serviço dela. Ao invés disso faz: procura fulano que faz ((risos)) e fulano vai ficando escanteado."

"Ao meu ver **a administração tá jogando fora a força de trabalho**, relevando a força de trabalho por preguiça e desorganização ((risos))."

Indicadores da entrevista e Instrução ao Sósia nº4

Pré-indicadores	Indicador
“Também era concursado lá no Ministério do Trabalho”	Histórico profissional no serviço público: mau aproveitamento da força de trabalho e acúmulo de trabalho
“Não tenha hora pra ir embora, não tenha hora pra ir embora, tenha o gosto de tá aqui.”	
“eu trabalhei no Ministério do Trabalho há um tempo, antes daqui e existiam pessoas efetivamente arquivadas no trabalho, o arquivo vivo. (...) Eu não posso contar com fulano pra determinada coisa. Ao invés da administração procurar qualificar fulano pra aproveitar, porque na verdade é paga para fazer não é para ser relevado o serviço dela. Ao invés disso faz: procura fulano que faz ((risos)) e fulano vai ficando escanteado.”	
“Ao meu ver a administração tá jogando fora a força de trabalho, relevando a força de trabalho por preguiça e desorganização ((risos)).”	

Pré-indicadores	Indicador
“Eu ingressei no judiciário trabalhista em 1999, com 16 dias fui substituir uma colega na sala de audiência e lá fiquei. (...) De lá pra cá são 20 anos trabalhando dentro dessa perspectiva.”	Ingresso na atividade de secretário de audiência com a percepção de quem acabou de chegar
“eu percebi que existiam tarefas que estavam sendo feitas desnecessárias.(...) É que a gente no dia a dia às vezes vê o serviço sendo feito e a gente se envolve, tá dentro da sistemática, e às vezes não percebe que tem coisa sobrando, e essa percepção de quem acabou de chegar, ajudou a fazer essa alteração e ela... eu notei, percebi que ela (juíza) ficou muito, assim, ficou feliz”	

Pré-indicadores	Indicador
“não é ganhar a queda de braço, porque não se ganha uma queda de braço dessa, você fica numa situação chata, pra sempre, dentro da secretaria. Aí teve outras coisinhas, mimando e tal não sei o que, e eu insisti de novo, “eu quero ir embora daqui”, fiquei naquela. “Não vai não.” O/a juiz/juíza, né, “eu não libero não”	

“Eu vou atrás do tribunal e pedir pra sair daqui e vou ter que explicar essa situação que eu estou vivendo aqui, eu não tenho um bom relacionamento com o/a diretor/diretora e eu não sou obrigado a levar uma vida funcional com estresse diariamente”	Estresse relacionado a desentendimentos com superiores e à impossibilidade de mudar de setor nessas situações
“E eu botei no papel, justamente, “agora sim, você pode dizer que eu tô sendo bem incisivo no negócio”.	
“Mas eu, igual a menina dos recursos humanos quando disse, “vamos deixar isso de lado e tal, não sei o quê”. Digo, “não, eu vou até onde for, porque eu não... eu não aceito”	
“Sim, foi estressante, quando eu fui pra cidade A... pra você ter uma ideia, levaram psicóloga pra lá, pra conversar com todo mundo, porque eu não... eu não disse ao/à juiz/juíza que ia fazer e não fiz não, eu fiz, eu fiz sim. Aí quando foi um ano e pouco depois que eu tava lá em cidade A já, que o/a corregedor/corregedora do TRT do Estado A chegou lá, ele/ela disse “libera o rapaz pra cidade A”.	

Pré-indicadores	Indicador
“eu sempre tive assim, de ter consciência de até onde eu posso ir, no diálogo, que como uma coisa... aquela coisa que eu já disse outra vez, que o gargalo aqui é muito longo, existe o juiz lá na estratosfera e a gente na hierarquia, aqui bem embaixo, não tem... é diferente da maioria dos órgãos públicos”	As peculiaridades do relacionamento com o juiz
“O juiz é aquele cidadão que tá ocupando uma função pública que é muito, mas muito diferente na... na realidade da sua. O juiz é o Estado, se você for pensar por esse lado, sem entrar se isso tá certo, se tá errado, se é isso, se é aquilo, mas é o Estado, e nessa qualidade, a gente tem que... a gente tem que levar em conta que existe essa distância.”	
“Ou ele (o juiz) tem um bom relacionamento de amizade com o audiencista ou ele simplesmente manda trocar ((risos)), ele não aguenta viver a vida todinha com um audiencista que ele não tolere do lado, uma pessoa que ele não... assim... seja eficiente, mas não tolere. Ele precisa de alguém que tenha um certo nível de... sabe	

aquela pessoa que possa... com que ele possa, no meio da audiência, desabafar alguma coisa, como ser humano, ele precisa ”	
“eu cuidei de trabalhar isso na minha cabeça, de manter o distanciamento necessário porque ele é o Estado, eu sou um funcionário do Estado, ele é o Estado, eu não posso ter um nível de intimidade como eu tenho um colega de trabalho , que senão de uma hora pra outra você leva um fora bem grande. Vê... como o audiencista, ele trabalha dentro desse pisar em ovos ”	
“O bom digitador de audiência, ele muda o humor do juiz, ((risos))”	

Pré-indicadores	Indicador
“Era o tempo que juntava folha no processo, uma lapa de folha ”	O judiciário antes das mudanças tecnológicas

Pré-indicadores	Indicador
“A gente tem pouco treinamento também, tudo que eu aprendi praticamente na sala de audiência, foi na tora mesmo, não tem nada de treinamento praticamente.”	Impedimentos e enfrentamentos ligados à falta de treinamento e às limitações da própria tarefa
“ como a gente se emociona, se relaciona com o que tá acontecendo. Muitas vezes a instrução tá acontecendo e você vê nos depoimentos, o/a juiz/juíza não vai ser 100% perceber tudo, o ser humano, mas você vê que lá no outro depoimento tem uma contradição, que se fizer uma pergunta aqui, se fizer uma pergunta agora, mata a charada, mas aí você fica se moendo, não posso, não posso interferir nessas coisas. ”	

Pré-indicadores	Indicador
“a gente conhecer, saber qual é o dia a dia do outro, gera uma intimidade natural, né, aquela intimidade de solidariedade quase , né,	

nós somos... estamos no mesmo barco , mas não temos amizades, não se constrói amizades em torno disso, sabe.?”	O coletivo: estamos no mesmo barco, é preciso ter solidariedade
“ não existem grupos, rede social , coisa mais natural do mundo, mais fácil do mundo se fazer um grupo de pessoas na rede social, mas não existe.”	
“ não tem aquele grupo que você possa tá debatendo , por exemplo, “pessoal eu tô com um... apareceu uma questão aqui (...) O que que vocês tão... vocês encontraram com relação a essa situação aí, o que que vocês têm por aí”	
“É, dentro da mesma unidade também tem, sabe? Tem um certo distanciamento . (...) a gente se dá muito bem, todo mundo se dá bem, não tem nenhum problema um com outro não, mas não temos essa... essa coisa de discutir a situação , discutir uma coisa ou outra, o que é que... uma coisa que tá pegando, uma coisa que tá... uma dificuldade e tal que o outro possa ajudar”	
“Eu sei que a aproximação, ela sempre vai tornar eficiente a coisa , vai dar mais eficiência à coisa, quando se aproxima grupos . Porque uma cabeça, você pode... é aquilo que eu tava falando, você pode fazer muita coisa boa sozinho, mas se você tiver um grupo junto, vai ter algumas coisas que você julgava vai ser muito boas, que não são tão boas não, na percepção do coletivo .”	
“Eu acho o ambiente de trabalho um lugar pra... não pra se fazer amizades, mas pra ser solidário. Ambiente de trabalho é um lugar pra ser solidário , e solidariedade pressupõe você ter um... alimentar um clima amistoso entre todo mundo, até onde der, né?”	

Pré-indicadores	Indicador
“dentro da sala da audiência, as necessidades reais são de facilitação, a gente facilita o trabalho do juiz .”	
“Eu acho que o trabalho da sala de audiência é menos automatizado do que se imagina, assim, o trabalho mais eficaz, mais... que atinge mais o objetivo, ele não é um trabalho	

automatizado.”	O secretário de audiência não deve ter um trabalho automatizado, mas deve ficar despercebido e ser um facilitador
“a gente é muito mais facilitador do que qualquer outra coisa dentro sala de audiência. Digitar, qualquer pessoa pode digitar, qualquer pessoa consegue digitar a audiência tranquilo, não tem... hoje em dia, pelos programas, a gente não precisa de um digitador exímio não, o cara que digite rápido demais, ele precisa de alguém que conheça bem os procedimentos.”	
“você tá pra facilitar e ser um instrumento do trabalho dele, na verdade. É como eu vejo o audiencista, ele é um instrumento do trabalho do juiz pra que a coisa flua”	
“é justamente tentar perceber o que é que eles querem que eu faça pra que eles não... eles juízes, mais tarde, não precisem estar perdendo tempo.”	
“Às vezes a pauta tá muito ruim, travada, muita questão, chega aquele... tá no ar o estresse, e um digitador de audiência atento a essa situação, mais focado até em função disso, ele consegue melhorar a situação do ambiente. O juiz, com a bronca que ele tinha pra resolver, de repente, ele olha, o assistente já encaminhou uma ideia, já fez, entendeu?”	
“Mas somos esse facilitador que eu tô falando. Você tá ali como... percebendo o que tá acontecendo”	
“Assista 100% da audiência, a audiência inteira. Assista mais de que o juiz. (...) “e outra coisa: passe o máximo possível despercebido. É como um árbitro de futebol, no jogo, se o árbitro não aparecer é porque ele foi muito bem, ele fez muito bem, ninguém percebeu que tinha um árbitro, que tinha alguém digitando, que tinha não, porque ele foi ótimo.”	
“às vezes acontece, doutor/doutora L tá aqui perguntando à testemunha, tá, e eu tô assistindo, vendo, verificando, vejo quem tá lá atrás, aí às vezes tem uma pessoa que entra na	

sala, sai e entra, sai e entra, sai e eu chego aqui do lado, “doutor/doutora, o rapaz lá atrás, de azul, que já saiu umas quatro vezes da audiência”	
“Ou seja, é um... é como se expandisse os sentidos do juiz durante a audiência , pra isso serve também o assistente da audiência.”	
“Não é função exatamente minha, mas é preciso que você esteja integrado com tudo que está acontecendo na sala. ”	
“você não pode tá aparecendo na audiência , você tem que ser o mais discreto possível. (...) esporadicamente acontece uma situação em que você vai participar discretamente e instruindo o/a juiz/juíza em determinado situação.”	
“A participação sua é quando você vai... aquilo que eu disse, um instrumento de trabalho do juiz, pra que o juiz não seja feito de besta , não seja... você tá ali pra isso, pra que o juiz tenha uma facilitação no trabalho dele, um encaminhamento mais rápido, uma dinâmica melhor , é esse o trabalho do assistente de audiência ao meu ver.”	

Pré-indicadores	Indicador
“existe uma sistemática de trabalho que precede a todos nós”	Se apropriar do gênero profissional e renová-lo para se cuidar do trabalho
“muitas vezes você já tá dentro do sistema, trabalhando dentro do sistema sem poder... você começa a não perceber mais o que deveria ser mudado , de repente, entra um servidor novo aí, entra ali e vai fazer bem melhor do que eu, apesar da minha experiência, ele chega e consegue visualizar o que eu tô um bobão , fazendo umas coisas bobas ali que não deveriam tá sendo feitas.”	
“eu acho que o órgão, o organismo, TRT, ele deveria ter um banco de boas práticas, mais efetivo, não é só coisa de clichê não, banco de boas práticas. O que é que o servidor da audiência da 6ª Vara faz de muito bom que precisa ser feito em todas as Varas? O que que eu faço de muito bom que tem um monte de Vara aí que deveria fazer pra que as coisas, juntando uma coisa com a	

outra vire uma eficiência gigantesca.”	
“ com certeza absoluta nessas 13 Varas, sempre vai ter algum procedimento de algum diretor que seja melhor do que todos os outros , determinado procedimento, e ele já tenha um ou outro procedimento que não seja bom, tão eficiente, e que outro diretor tenha uma coisa muito melhor. Então, assim também o é na audiência , a forma de conduzir”	
“isso deveria ser feito com várias vertentes do serviço público. Não só Assistente de Audiência, mas com vários segmentos. O que é que um grupo de servidores que trabalham na execução de um processo têm em comum em um perfil, o que é que eles têm de absolutamente diferente e que eles precisam se alinhar? ”	

Pré-indicadores	Indicador
“quando termina rápido a audiência, eu acho que eu fiz um trabalho rápido, bem-feito . Porque a ideia, eu tenho uma ideia na minha cabeça em relação à sala de audiência que é: ninguém é pra tá ali, nem eu, nem o juiz, nem as partes.”	Trabalho bem feito é quando a audiência termina rápido
“ a audiência é uma coisa necessária, mas não é pra alongar , só alonga se for necessário mesmo alongar. Então, se eu conseguir fazer com que as pessoas saiam o quanto antes dali de dentro, eu vou ter feito um papel importante, porque eles não... ninguém é pra tá ali.”	

Pré-indicadores	Indicador
“o fato de eu ser assistente de juiz é um diferencial importante porque vem os processos, a gente auxilia fazendo relatório, minuta, essas coisas.”	A experiência de quem executa a atividade de secretário em conjunto com outra função
“Então, é um diferencial realmente, quando você trabalha fazendo minuta, embargos e tal e trabalhos dentro da sala de audiência, já é outro... é outra perspectiva . A maioria dos assistentes de juiz não faz isso, na verdade. Eu tô falando assim, é uma experiência minha de vivenciar isso.”	

Pré-indicadores	Indicador
“É, tive que fazer uma autoanálise daquilo que seria importante pra mim, dentro da minha atividade, o que torna importante o que eu faço, o que torna o que eu sou, né? Aqui dentro. Essas coisas que você me perguntou, que eu deveria que você fizesse, e o que você deveria fazer, me fez pensar no que, de repente, desenha o que eu sou de verdade.	Elaborando a experiência e os efeitos da Instrução ao só-sia

Indicadores da entrevista e Instrução ao Sósia nº4

Pré-indicadores	Indicador
“Também era concursado lá no Ministério do Trabalho”	Histórico profissional no serviço público: mau aproveitamento da força de trabalho e acúmulo de trabalho
“Não tenha hora pra ir embora, não tenha hora pra ir embora, tenha o gosto de tá aqui.”	
“eu trabalhei no Ministério do Trabalho há um tempo, antes daqui e existiam pessoas efetivamente arquivadas no trabalho, o arquivo vivo. (...) Eu não posso contar com fulano pra determinada coisa. Ao invés da administração procurar qualificar fulano pra aproveitar, porque na verdade é paga para fazer não é para ser relevado o serviço dela. Ao invés disso faz: procura fulano que faz ((risos)) e fulano vai ficando escanteado.”	
“Ao meu ver a administração tá jogando fora a força de trabalho, relevando a força de trabalho por preguiça e desorganização ((risos)).”	

Pré-indicadores	Indicador
“Eu ingressei no judiciário trabalhista em 1999, com 16 dias fui substituir uma colega na sala de audiência e lá fiquei. (...) De lá pra cá são 20 anos trabalhando dentro dessa perspectiva.”	Ingresso na atividade de secretário de audiência com a percepção de quem acabou de chegar
“eu percebi que existiam tarefas que estavam sendo feitas desnecessárias.(...) É que a gente no dia a dia às vezes vê o serviço sendo feito e a gente se envolve, tá dentro da sistemática, e às vezes não percebe que tem coisa sobrando, e essa percepção de quem acabou de chegar, ajudou a fazer essa alteração e ela... eu notei, percebi que ela (juíza) ficou muito, assim, ficou feliz”	

Pré-indicadores	Indicador
“não é ganhar a queda de braço, porque não se ganha uma queda de braço dessa, você fica numa situação chata, pra sempre, dentro da secretaria. Aí teve outras coisinhas, mimando e tal não sei o que, e eu insisti de novo, “eu quero ir embora daqui”, fiquei naquela. “Não vai não.” O/a juiz/juíza, né, “eu não libero não”	

“Eu vou atrás do tribunal e pedir pra sair daqui e vou ter que explicar essa situação que eu estou vivendo aqui, eu não tenho um bom relacionamento com o/a diretor/diretora e eu não sou obrigado a levar uma vida funcional com estresse diariamente”	Estresse relacionado a desentendimentos com superiores e à impossibilidade de mudar de setor nessas situações
“E eu botei no papel, justamente, “agora sim, você pode dizer que eu tô sendo bem incisivo no negócio”.	
“Mas eu, igual a menina dos recursos humanos quando disse, “vamos deixar isso de lado e tal, não sei o quê”. Digo, “não, eu vou até onde for, porque eu não... eu não aceito”	
“Sim, foi estressante, quando eu fui pra cidade A... pra você ter uma ideia, levaram psicóloga pra lá, pra conversar com todo mundo, porque eu não... eu não disse ao/à juiz/juíza que ia fazer e não fiz não, eu fiz, eu fiz sim. Aí quando foi um ano e pouco depois que eu tava lá em cidade A já, que o/a corregedor/corregedora do TRT do Estado A chegou lá, ele/ela disse “libera o rapaz pra cidade A”.	

Pré-indicadores	Indicador
“eu sempre tive assim, de ter consciência de até onde eu posso ir, no diálogo, que como uma coisa... aquela coisa que eu já disse outra vez, que o gargalo aqui é muito longo, existe o juiz lá na estratosfera e a gente na hierarquia, aqui bem embaixo, não tem... é diferente da maioria dos órgãos públicos”	As peculiaridades do relacionamento com o juiz
“O juiz é aquele cidadão que tá ocupando uma função pública que é muito, mas muito diferente na... na realidade da sua. O juiz é o Estado, se você for pensar por esse lado, sem entrar se isso tá certo, se tá errado, se é isso, se é aquilo, mas é o Estado, e nessa qualidade, a gente tem que... a gente tem que levar em conta que existe essa distância.”	
“Ou ele (o juiz) tem um bom relacionamento de amizade com o audiencista ou ele simplesmente manda trocar ((risos)), ele não aguenta viver a vida todinha com um audiencista que ele não tolere do lado, uma pessoa que ele não... assim... seja eficiente, mas não tolere. Ele precisa de alguém que tenha um certo nível de... sabe	

aquela pessoa que possa... com que ele possa, no meio da audiência, desabafar alguma coisa, como ser humano, ele precisa ”	
“eu cuidei de trabalhar isso na minha cabeça, de manter o distanciamento necessário porque ele é o Estado, eu sou um funcionário do Estado, ele é o Estado, eu não posso ter um nível de intimidade como eu tenho um colega de trabalho , que senão de uma hora pra outra você leva um fora bem grande. Vê... como o audiencista, ele trabalha dentro desse pisar em ovos ”	
“O bom digitador de audiência, ele muda o humor do juiz, ((risos))”	

Pré-indicadores	Indicador
“Era o tempo que juntava folha no processo, uma lapa de folha ”	O judiciário antes das mudanças tecnológicas

Pré-indicadores	Indicador
“A gente tem pouco treinamento também, tudo que eu aprendi praticamente na sala de audiência, foi na tora mesmo, não tem nada de treinamento praticamente.”	Impedimentos e enfrentamentos ligados à falta de treinamento e às limitações da própria tarefa
“ como a gente se emociona, se relaciona com o que tá acontecendo. Muitas vezes a instrução tá acontecendo e você vê nos depoimentos, o/a juiz/juíza não vai ser 100% perceber tudo, o ser humano, mas você vê que lá no outro depoimento tem uma contradição, que se fizer uma pergunta aqui, se fizer uma pergunta agora, mata a charada, mas aí você fica se moendo, não posso, não posso interferir nessas coisas. ”	

Pré-indicadores	Indicador
“a gente conhecer, saber qual é o dia a dia do outro, gera uma intimidade natural, né, aquela intimidade de solidariedade quase , né,	

nós somos... estamos no mesmo barco , mas não temos amizades, não se constrói amizades em torno disso, sabe.?”	O coletivo: estamos no mesmo barco, é preciso ter solidariedade
“ não existem grupos, rede social , coisa mais natural do mundo, mais fácil do mundo se fazer um grupo de pessoas na rede social, mas não existe.”	
“ não tem aquele grupo que você possa tá debatendo , por exemplo, “pessoal eu tô com um... apareceu uma questão aqui (...) O que que vocês tão... vocês encontraram com relação a essa situação aí, o que que vocês têm por aí”	
“É, dentro da mesma unidade também tem, sabe? Tem um certo distanciamento . (...) a gente se dá muito bem, todo mundo se dá bem, não tem nenhum problema um com outro não, mas não temos essa... essa coisa de discutir a situação , discutir uma coisa ou outra, o que é que... uma coisa que tá pegando, uma coisa que tá... uma dificuldade e tal que o outro possa ajudar”	
“Eu sei que a aproximação, ela sempre vai tornar eficiente a coisa , vai dar mais eficiência à coisa, quando se aproxima grupos . Porque uma cabeça, você pode... é aquilo que eu tava falando, você pode fazer muita coisa boa sozinho, mas se você tiver um grupo junto, vai ter algumas coisas que você julgava vai ser muito boas, que não são tão boas não, na percepção do coletivo .”	
“Eu acho o ambiente de trabalho um lugar pra... não pra se fazer amizades, mas pra ser solidário. Ambiente de trabalho é um lugar pra ser solidário , e solidariedade pressupõe você ter um... alimentar um clima amistoso entre todo mundo, até onde der, né?”	

Pré-indicadores	Indicador
“dentro da sala da audiência, as necessidades reais são de facilitação, a gente facilita o trabalho do juiz .”	
“Eu acho que o trabalho da sala de audiência é menos automatizado do que se imagina, assim, o trabalho mais eficaz, mais... que atinge mais o objetivo, ele não é um trabalho	

automatizado.”	O secretário de audiência não deve ter um trabalho automatizado, mas deve ficar despercebido e ser um facilitador
“a gente é muito mais facilitador do que qualquer outra coisa dentro sala de audiência. Digitar, qualquer pessoa pode digitar, qualquer pessoa consegue digitar a audiência tranquilo, não tem... hoje em dia, pelos programas, a gente não precisa de um digitador exímio não, o cara que digite rápido demais, ele precisa de alguém que conheça bem os procedimentos.”	
“você tá pra facilitar e ser um instrumento do trabalho dele, na verdade. É como eu vejo o audiencista, ele é um instrumento do trabalho do juiz pra que a coisa flua”	
“é justamente tentar perceber o que é que eles querem que eu faça pra que eles não... eles juízes, mais tarde, não precisem estar perdendo tempo.”	
“Às vezes a pauta tá muito ruim, travada, muita questão, chega aquele... tá no ar o estresse, e um digitador de audiência atento a essa situação, mais focado até em função disso, ele consegue melhorar a situação do ambiente. O juiz, com a bronca que ele tinha pra resolver, de repente, ele olha, o assistente já encaminhou uma ideia, já fez, entendeu?”	
“Mas somos esse facilitador que eu tô falando. Você tá ali como... percebendo o que tá acontecendo”	
“Assista 100% da audiência, a audiência inteira. Assista mais de que o juiz. (...) “e outra coisa: passe o máximo possível despercebido. É como um árbitro de futebol, no jogo, se o árbitro não aparecer é porque ele foi muito bem, ele fez muito bem, ninguém percebeu que tinha um árbitro, que tinha alguém digitando, que tinha não, porque ele foi ótimo.”	
“às vezes acontece, doutor/doutora L tá aqui perguntando à testemunha, tá, e eu tô assistindo, vendo, verificando, vejo quem tá lá atrás, aí às vezes tem uma pessoa que entra na	

sala, sai e entra, sai e entra, sai e eu chego aqui do lado, “doutor/doutora, o rapaz lá atrás, de azul, que já saiu umas quatro vezes da audiência”	
“Ou seja, é um... é como se expandisse os sentidos do juiz durante a audiência , pra isso serve também o assistente da audiência.”	
“Não é função exatamente minha, mas é preciso que você esteja integrado com tudo que está acontecendo na sala. ”	
“você não pode tá aparecendo na audiência , você tem que ser o mais discreto possível. (...) esporadicamente acontece uma situação em que você vai participar discretamente e instruindo o/a juiz/juíza em determinado situação.”	
“A participação sua é quando você vai... aquilo que eu disse, um instrumento de trabalho do juiz, pra que o juiz não seja feito de besta , não seja... você tá ali pra isso, pra que o juiz tenha uma facilitação no trabalho dele, um encaminhamento mais rápido, uma dinâmica melhor , é esse o trabalho do assistente de audiência ao meu ver.”	

Pré-indicadores	Indicador
“existe uma sistemática de trabalho que precede a todos nós”	Se apropriar do gênero profissional e renová-lo para se cuidar do trabalho
“muitas vezes você já tá dentro do sistema, trabalhando dentro do sistema sem poder... você começa a não perceber mais o que deveria ser mudado , de repente, entra um servidor novo aí, entra ali e vai fazer bem melhor do que eu, apesar da minha experiência, ele chega e consegue visualizar o que eu tô um bobão , fazendo umas coisas bobas ali que não deveriam tá sendo feitas.”	
“eu acho que o órgão, o organismo, TRT, ele deveria ter um banco de boas práticas, mais efetivo, não é só coisa de clichê não, banco de boas práticas. O que é que o servidor da audiência da 6ª Vara faz de muito bom que precisa ser feito em todas as Varas? O que que eu faço de muito bom que tem um monte de Vara aí que deveria fazer pra que as coisas, juntando uma coisa com a	

outra vire uma eficiência gigantesca.”	
“ com certeza absoluta nessas 13 Varas, sempre vai ter algum procedimento de algum diretor que seja melhor do que todos os outros , determinado procedimento, e ele já tenha um ou outro procedimento que não seja bom, tão eficiente, e que outro diretor tenha uma coisa muito melhor. Então, assim também o é na audiência , a forma de conduzir”	
“isso deveria ser feito com várias vertentes do serviço público. Não só Assistente de Audiência, mas com vários segmentos. O que é que um grupo de servidores que trabalham na execução de um processo têm em comum em um perfil, o que é que eles têm de absolutamente diferente e que eles precisam se alinhar? ”	

Pré-indicadores	Indicador
“quando termina rápido a audiência, eu acho que eu fiz um trabalho rápido, bem-feito . Porque a ideia, eu tenho uma ideia na minha cabeça em relação à sala de audiência que é: ninguém é pra tá ali, nem eu, nem o juiz, nem as partes.”	Trabalho bem feito é quando a audiência termina rápido
“ a audiência é uma coisa necessária, mas não é pra alongar , só alonga se for necessário mesmo alongar. Então, se eu conseguir fazer com que as pessoas saiam o quanto antes dali de dentro, eu vou ter feito um papel importante, porque eles não... ninguém é pra tá ali.”	

Pré-indicadores	Indicador
“o fato de eu ser assistente de juiz é um diferencial importante porque vem os processos, a gente auxilia fazendo relatório, minuta, essas coisas.”	A experiência de quem executa a atividade de secretário em conjunto com outra função
“Então, é um diferencial realmente, quando você trabalha fazendo minuta, embargos e tal e trabalhos dentro da sala de audiência, já é outro... é outra perspectiva . A maioria dos assistentes de juiz não faz isso, na verdade. Eu tô falando assim, é uma experiência minha de vivenciar isso.”	

Pré-indicadores	Indicador
“É, tive que fazer uma autoanálise daquilo que seria importante pra mim, dentro da minha atividade, o que torna importante o que eu faço, o que torna o que eu sou, né? Aqui dentro. Essas coisas que você me perguntou, que eu deveria que você fizesse, e o que você deveria fazer, me fez pensar no que, de repente, desenha o que eu sou de verdade.	Elaborando a experiência e os efeitos da Instrução ao só-sia

Indicadores da entrevista e Instrução ao Sósia nº5

Pré-indicadores	Indicador
“Bem, então eu sou formada em odontologia, me formei em 2007. E aí eu trabalhei durante 3 anos e meio mais ou menos, 4 anos, na área e aí eu resolvi fazer concurso.”	A entrada no serviço público: uma terra totalmente diferente, de culturas bem estranhas
E foi uns 5 anos e meio assim, bem complicados. ((risos)) Mas não foi só pelo desafio de tá lá numa terra totalmente diferente, de culturas bem estranhas”	
“Depois desse tempo eu consegui uma redistribuição aqui na Paraíba e foi maravilhoso, assim, também fui super bem acolhida, tô sendo ainda, é uma família aqui e não tenho do que reclamar não. ((risos))”	

Pré-indicadores	Indicador
“eu fiquei no TRT trabalhando na parte da secretaria do TRT da Vara e depois eu fiquei... eu assumi na... na área de audiência, tirando férias da colega.”	Ingresso na atividade de secretário de audiência: sentimentos, primeiras experiências
“logo que eu entrei, lá em cidade M, eu fiquei observando a princípio, né? Como é que era a... como é que eram as atividades e depois eu fui ficando um pouco sozinha, mas assim, sempre sob supervisão da... da então secretária de audiência, e assim, como era tudo muito novo, tanto vocabulário, né? Quanto a própria dinâmica mesmo, rotina deles, no início foi um pouco assustador, mas assim, nada que eu pensasse “eu não vou dar conta”	
“Então era uma coisa que saía um pouquinho da rotina, então eu pedia ajuda, e sempre tavam todos dispostos a ajudar. Então pra mim não foi tão agressivo assim, foi... foi bom.”	
“O juiz também era um amor de pessoa, qualquer um, qualquer um que estivesse lá dava uma força, tanto o diretor, quanto o... o su... o subchefe, né?”	

Pré-indicadores	Indicador
“o motivo da minha vinda do Estado E pra Estado A foi depressão. E uma coisa que eu não aceitava, quando o... eu fui pedir a minha exoneração, porque eu já tava já num ponto que eu disse “cara, eu não quero mais isso pra minha vida, não compensa, eu não quero isso, eu não estudei tanto tempo da minha vida pra tá sendo maltratada aqui numa terra longe e longe da minha fami... dos meus familiares”.	Eu não aceito esse diagnóstico: a depressão e o assédio moral no ingresso no serviço público
“ele (o psiquiatra) disse que eu tava com um quadro depressivo	

e que iria me afastar do trabalho. Eu me recusei porque eu disse “eu não... eu não aceito que eu tenha esse diagnóstico” e eu voltei a trabalhar.”	
“o/a meu/minha chefe que me perseguia , e todo mundo via essa perseguição, ele/ela fez alguma coisa que tinha combinado comigo, tava no ponto que eu... eu... tudo que eu falava com ele/ela, eu tinha que gravar, porque eu já tava achando que eu tava ficando doida ”	
“eu era autônoma antes e passar por um... por um serviço, não que o serviço público seja assim, mas dependendo como a pe... a pessoa que tá lidando com você é... sabe? Você ... é você se humilhar muito pra conseguir alguma coisa .”	
“a minha vontade era só de ser curada e sair daquela situação o mais rápido possível .”	
“tive uma crise de pânico dentro do avião, eu já estava indo pra casa, não tinha motivo nenhum de eu ter tido uma... uma crise, e eu tive que eu não conseguia sentir minhas mãos , eu não sentia os pés, eu não... escutava o que as pessoas diziam, escutava bem longe, a vista escureceu , foi assim, uma coisa que eu perdi totalmente o controle .”	
“Com o tratamento psicológico, medicação e tô ainda em tratamento.” (como superou)	
“era uma coisa que me preocupava muito porque eu dizia, cara, quando você chega num nível já de precisar de medicação , eu nunca gostei de remédio, já era uma... assim, eu tô no último nível (choro).”	
“Às vezes você mostrar a sua fragilidade ((silêncio)) acaba sendo algo pros outros usarem contra você (choro). Então você se sente frágil, vulnerável. Mas a partir do momento que você diz assim “calma, são pessoas, todos têm limitação, então aceite as suas”. Então, essa é uma coisa que você vai adquirindo aos poucos, principalmente quando você é atacado , então sempre fica um fantasminha .”	

Pré-indicadores	Indicador
“às vezes eu sinto que ele/ela(juiz/juíza) fica um pouco impaciente , mas não pela forma com que eu digito, mas às vezes com a situação, porque ele/ela fica irritado/a às vezes com o próprio processo , sabe? Quando ele/ela nota que uma das testemunhas está mentindo , ou então que uma das partes	

não tá sendo clara no que quer falar.”	As peculiaridades do relacionamento com o juiz: respeito, amizade e a forma de cada um trabalhar
“Prestar atenção também no/na juiz/juíza, porque cada juiz trabalha de uma forma . Tem um/uma que gosta que eu já escreva no momento que a pessoa tá falando, já outros dizem “ó, segura um pouquinho e só escreve quando eu disser”	
“Então, ele/ela aceita quando eu escrevo da forma que o... a testemunha tá falando, da forma que a parte tá falando, ele/ela aceita o jeito que eu escrevo, ou então ele/ela faz “ó, acho melhor botar assim” então eu apago. Então você tem que realmente saber com quem você tá trabalhando”	
“tem que ser humilde, que é o/a juiz/juíza, você tem que fazer o que ele/ela determina . E você não vai bater de frente com ele/ela, muito menos numa sala de audiência.”	
“Então assim, eu não posso dizer o que passa na minha cabeça e dizer “não, eu não concordo” não existe isso. Então assim, existem os limites , você não pode desrespeitar ninguém, quem quer que seja, muito menos no ambiente de trabalho que você passa muito tempo da sua vida trabalhando com as pessoas, e cara, não é hierarquia, mas é uma questão de... realmente de conhecimento. Então, se ele/ela(juiz/juíza) estudou praquilo ali ninguém melhor pra julgar do que ele/ela. ”	
“Mas veja, eu não estudei pra isso, eu não tenho conhecimento , mas na conversa, ele/ela vai me explicar “Sofia, é porque ele tinha que ter feito isso” sei lá “tinha que ter assinado a carteira em tantos dias”, sabe? Então assim, o conhecimento dele/dela vai agregando ao meu. ”	
“E o meu olhar daqui é uma coisa, o olhar dele/dela aqui é outra, às vezes ele/ela pode tá só olhando pra testemunha e não tá olhando ao redor o que tá se passando, e aí a gente conversa às vezes “e aí, tu acha? Não sei o quê”. Então assim, é uma questão muito de... de troca , isso seria a palavra. Mas o comportamento com eles/ela é de respeito, é de respeito e amizade também. ”	

Pré-indicadores	Indicador
“se audiência é amanhã, eu já vejo hoje mesmo antes de sair a pauta pra saber se todas as partes foram notificadas. ”	
“Geralmente isso não é feito um dia antes, ele é feito até uma semana, às vezes duas antes. Mas assim, por uma medida de cautela , como já tem... já foi feito isso há umas semanas atrás, só pra ter a certeza de que tá tudo	

certo, porque às vezes a parte entra com alguma peça um dia antes, uma contestação (...) vejo se tem algum documento novo , pra no dia seguinte eu já saber mais ou menos de que se trata, porque às vezes eu até tenho pedido de adiamento.”	Preparação para a audiência
“Então, eu sempre faço essa preparação antes pra não ser pega de surpresa no dia, né?”	
“No dia eu já imprimo a pauta, deixo a minha pauta impressa e a do/da juiz/juíza também, se ele/ela chegar antes da hora da audiência eu já falo pra ele/ela “ó, teve isso aqui. Teve isso aqui que talvez essa audiência não aconteça” ou então “ó, isso aqui já é um acordo que eles já tão querendo fazer”. Então a gente já se programa pra não chegar no dia e ser pego com alguma dificuldade. ”	
“quando é assédio moral, então a gente já... já se prepara pra uma audiência meio pesada . Quando é, por exemplo, microempresa, geralmente eles fazem acordo, então é uma audiência mais rápida.”	
“Quando é ação de... contra banco , aí dependendo do banco, depende do que for... telemarketing, pronto, telemarketing é uma das piores audiências porque geralmente tem assédio moral”	
“resumindo, seria: ver um dia antes se tá tudo ok com a pauta, se não tem nenhum pedido diferente. No outro dia eu já... eu já imprimo a pauta , eu posso até imprimir um dia antes, mas se houver alguma... algum despacho que eu precisar pra tirar algum processo de pauta, eu só deixo realmente pra imprimir no dia. ”	
“E chegar cedo, dormir bem , né? Já que eu vou ficar na audiência, eu já sei o dia que eu vou ficar na audiência, então vou dormir mais cedo , acordo mais cedo pra chegar mais tranquila no trabalho”	
“eu já levo um lanche, eu almo... eu tomo café da manhã bem , no horário do almoço eu... os/as juizes/juízas já me conhecem, então passou de meio-dia e meia, se eu não almoçar eu não consigo trabalhar , a minha concentração vai lá pra baixo (...) “ó, deu-meio dia e meia” se não tiver... “assume um pouquinho, em 10 minutos eu almoço e volto”.	

Pré-indicadores	Indicador
“Eu gostaria de ser mais ágil na digitação ((risos), mas é porque eu acho que isso é só uma questão de prática, de tempo, né”	Ser mais ágil ou me exigir menos? Os impedi-
“chega algum processo , você fica às vezes na... naquela responsabilidade de dar seguimento correto , né? Então às vezes tem coisas que você faz “ah, será que é assim mesmo?”. Então assim, a gente sempre pede ajuda ”	

“Então assim, a gente tem que ir aprimorando a forma de escutar e a gente vai dando o melhor da gente. Só que às vezes isso fica muito cansativo.”	mentos e estratégias de enfrentamento
“essas três semanas que eu passei com Cristiane de férias, foi... foi bem intenso, porque foram três semanas com ele/ela (juiz/juíza), de segunda a quinta. Então assim, eu tava já... eu chegava em casa, eu capotava, eu estava supercansada”	
“a audiência em si, ela já é intensa, e de segunda a quinta, eu realmente fiquei exausta.”	
“às vezes pra você escrever se tornam trechos grandes. Então você já vai, às vezes faz uma tecla de atalho. Então eu já deixo uma tecla de atalho... de atalho já pra não passar muito tempo digitando, já que eu não tenho tanta habilidade...então assim, eu já uso dessa tecnologia do AUDI pra me ajudar.”	
“no próprio AUDI, digamos, sei lá, gerente administrativo, eu coloco G1. Então pra mim, pra eu digitar G1 é muito mais rápido do que gerente administrativo. Então isso eu já vou ganhando um tempo. Porque eu já conheço as minhas limi... as minhas limitações, então eu uso de outros... outras fontes pra me ajudar.”	
“É, além da paciência, ser humilde e não se cobrar tanto, porque eu me cobro. (...) Então vá no seu ritmo. Tem dias que você produz mais, tem dias que você produz menos e tem que respeitar seus limites.”	
“Então eu anoto tudo, é uma das... das coisas também, é você anotar. Eu tenho uma agenda, então se ficou... hoje foi feita a audiência e tem lá um prazo, eu coloco na minha agenda, não deixo num papel solto, eu boto na minha agenda o dia do final do prazo “tal processo observar isso (...) Então é uma coisa que sempre tá organizado, é uma coisa que tá... eu tenho sob meu controle”.	
“outra instrução também é, as minhas pautas de audiência eu guardo todas, e eu anoto tudo nelas, se ficou pra intimar alguém, eu coloco do lado, tudo eu anoto, porque justamente, você não vai confiar tudo na sua cabeça, porque você se sobrecarrega, você fica apreensivo e se você esquecer alguma coisa você vai ficar pensando “poxa, mas tinha alguma coisa aqui, eu não tô lembrando”, por mais que tenha na... na ata que você redigiu, vai dar mais um trabalho, você vai ter que entrar no processo e tudo mais.”	

“Então se for acordo, eu coloco verde, se for pra julgamento, eu já boto azul, se for alguma coisa pendente, eu boto de vermelho. Então eu tra... minha pauta é toda colorida, porque aquilo ali chama atenção e às vezes eu não preciso nem ler, só pela cor eu já identifico.”	
“quando eu saio do trabalho eu não deixo a mesa bagunçada, eu deixo tudo no seu lugar, a agenda eu não deixo exposta, eu deixo na gaveta, as canetas todas no lugar, não deixo sujeira. Então eu acho que aquela forma, quando... quando eu saio, né? Que tá tudo organizado, quando eu chego no ambiente organizado, eu já digo assim “bem-vinda”.	

Pré-indicadores	Indicador
“Então, isso pra mim é gratificante, é você poder tá num ambiente que todos dão as mãos, eu acho que isso lá é super comum acontecer.”	Um ambiente em que todos dão as mãos
“Só do setor, não conheço os outros secretários não, eu só escuto a voz, mas eu não sei de quem... a quem pertence aquela voz, eu não sei quem é a pessoa.”	

Pré-indicadores	Indicador
“eu tenho que captar toda a ideia que foi passada, tudo... tudo que a pessoa fala, da melhor maneira possível”	O trabalho do secretário de audiência exige atenção
“Ele tem que ser realmente um trabalho que exija atenção e que exija eu acho que a questão de respeito mesmo, você não pode fazer de qualquer jeito, você tem que realmente colocar o que foi dito corretamente. Também não posso, sei lá, passar por alguma informação que ele deu e diz “ah, não entendi o que ele disse, não vou botar”. Não. Eu paro “desculpa, não entendi, foi rápido e eu não consegui alcançar”.	
“Porque você tem que prestar atenção no que o... a testemunha ou que a parte tá falando, prestar atenção no que o advogado tá falando, até às vezes como eles tão se comportando, não é só escutar, é você observar também, porque às vezes eles podem tá passando alguma informação, sei lá, agindo de má-fé e você tem que tá ligada nisso.”	
“Então às vezes você tá ali digitando, mas você observa muita coisa e você acaba vendo se a pessoa realmente tava insegura, se ela tava mentindo, se ela tava desconfiada. Então você observa muito.”	

--	--

Pré-indicadores	Indicador
“ no final das audiências você vai ter que cumprir toda aquela... o que que foi determinado durante todas elas, né? Então se eu tenho que intimar um perito, notificar alguma parte que faltou ou então notificar alguma testemunha pra vir na outra audiência, eu tenho que cumprir toda aquela ata.”	Obrigações após a audiência...

Pré-indicadores	Indicador
“Quando eu chego no final do expediente e tá tudo feito, não tenho... não deixei nenhuma pendência ”	Trabalho bem feito

Pré-indicadores	Indicador
“Se tiver acordo, adoro acordo , pra mim é a melhor coisa que existe.”	Formar um ambiente menos agressivo para o público, pois você tá ali para solucionar problemas
“É você ser uma pessoa simpática , eu acho que com todos você tem que ser educada, independente do... se eles dão bom dia ou se não dão, você faz a sua parte, né? O pessoal antes de entrar na sala de audiência você dá bom dia, você dá mil bom dias, mas você tá sendo uma pessoa receptiva, porque nem pra todo... assim, quando fala assim “ah, você vai pra justiça” a pessoa já fica com aquele impacto, né? Tem gente que passa até mal , a pressão sobe.”	
“então se você tem um ambiente que é mais amigável , que é mais favorável, você já fica menos, sabe? Você consegue se expressar melhor, você consegue pensar melhor. Então, toda a sua ideia de medo, toda a sua ideia de monstro, ela é totalmente destruída, mesmo que fique um rançozinho, normal, ((risos)) mas assim, você tenta botar um ambiente mais favorável. E eu acho que até esses ambientes favoráveis fazem com que as pessoas acabem sendo mais propícias a fazer acordo .”	
“Então às vezes uma nem fala com a outra, o que é ruim, porque além... por mais que você faça um acordo , por mais que você tenha uma sentença, aquilo ali vai ficar com a pessoa sendo re-moída, sendo... não é resolvido. Então, a gente tenta formar um	

ambiente menos agressivo”	
“Mas se você for uma pessoa impaciente, carrancuda, que não tenha paciência, você acaba se prejudicando porque você acaba sendo a esponja daquilo ali, porque a pessoa tá com raiva, você acaba ficando com raiva, quando, na verdade, você tá ali pra solucionar problemas. ”	

Pré-indicadores da Entrevista e Instrução ao Sósia nº 6
“Eu sou concursada no TRT do Estado H , passei três anos lá. Lá ficava na área administrativa, e depois de três anos vim pra cá”
“Inicialmente, trabalhei nas audiências, depois saí pra ser assistente, e quando o/a juiz/juíza se aposentou, eu retornei pras audiências e hoje sou assistente e um dia na semana digito nas audiências pro/prá juiz/juíza que eu trabalho, que eu faço a assistência.”
“Eu advoguei um período pequeno e estudava pra concurso.”
“Foi logo quando eu fui removida pra cá , o/a juiz/juíza na época me colocou nas audiências, aí eu digitava dois dias na semana.”
“Eu tive um mal-estar logo quando eu vim pra cá pra Paraíba, porque tinha um/uma juiz/juíza titular aqui da Vara que era o/a doutor/doutora Z, e ele/ela era uma pessoa um pouco difícil.”
“Era ansiedade, achando que ia assim, a qualquer momento ia ter uma confusão na Vara. Tá entendendo? Esperando com quem era que ele/ela ia brigar.”
“Não me afastei por conta disso não.”
“Com medicação e com igreja, com amigos, né? Tentando deixar as coisas do trabalho, no trabalho. Depois que saía da Vara, tentava esquecer tudo que tinha acontecido.” (como superou)
“uma coisa que eu gostaria mais assim, eu gostaria de saber digitar sem olhar pro teclado , pronto. Isso é uma coisa que me incomoda hoje.”
“eu acho que o contato que a gente tem com o magistrado que tá presidindo as audiências, também afeta muito em como o secretário de audiências tá aqui fazendo o trabalho dele.”
“às vezes na audiência você tem que digitar muito rápido , você tem que tá prestando atenção em tudo .”
“O meu trabalho, eu sou assistente , né? Aí eu venho é porque eu gosto... eu gosto do movi-

mento das audiências, eu gosto de ter contato com os advogados, com as partes, entendeu?”
“não é que seria pré-requisito, é porque assim, eu gosto, eu gosto de vir, pelo menos uma vez na semana.”
“Com os secretários, eu tenho contato com o pessoal daqui que digita, né? Eu pergunto alguma coisa, “ó, tão... qual perito que tá disponível agora?”, pergunto alguma coisa assim. Ah, tô com alguma dúvida, aí eu chego e pergunto. A gente vai trocando ideia.”
“Pra mim, assim, eu acho interessante que é como se complementasse a parte da análise dos processos, entendeu? E você ter o contato com as partes, né? Porque assim, você pega um processo, são só nomes ali, quando você tá na sala de audiência, você vê que são pessoas , entendeu? Você vê o rosto delas, você vê as reações.”
“Seja pontual, de preferência consiga chegar um pouco antes , dê uma olhada nos processos que serão analisados, né? Serão... tão fazendo parte da pauta do dia . Veja as vagas das audiências, porque pode ser que aconteça que alguma audiência seja adiada , ou precisa remarcar a audiência, veja previamente as vagas .”
“veja se de manhã a sala tá organizada, lembrar de ligar os computadores .”
“ Lembre da sua água e do seu lanche . (...) Normalmente, eu trago alguma coisa que dê pra eu comer aqui . Então assim, eu já trago de casa separado, o iogurte que eu já boto no pote, iogurte com alguma fruta e umas sementes do lado, semente de girassol com linhaça, misturo, aí eu posso ir digitando aqui, comendo aqui e vou digitando .”
“Só falar quando for perguntando alguma coisa, só falar o necessário , entendeu? Porque aqui, quem preside são os juízes, né? A gente tá pra auxiliar e relatar tudo que aconteceu. Então, é ficar atento .”
“são dias que eu tô mais concentrada, que eu não me disperso muito, né?” (trabalho bem-feito)
“Às vezes acontece de eu ficar mais dispersa quando a... as audiências tão muito carregadas, tem muitas instruções. Então, a gente fica muito tempo digitando, então, chega uma hora que às vezes parece que desliga a mente , aí eu fico pedindo pro/prá juiz/juíza repetir.”
“Eu dei instruções assim, que eu gostaria de ter recebido quando eu comecei , mas a gente sabe que é... qualquer atividade que a gente vai fazer é a prática mesmo do dia a dia que

ensina como a gente deve se comportar.”

Indicadores da entrevista e Instrução ao Sósia nº 6

Pré-indicadores	Indicador
“Eu sou concursada no TRT do Estado H, passei três anos lá. Lá ficava na área administrativa, e depois de três anos vim pra cá”	Histórico profissional e a vinda de outro Tribunal
“Eu advoguei um período pequeno e estudava pra concurso.”	

Pré-indicadores	Indicador
“Inicialmente, trabalhei nas audiências, depois saí pra ser assistente, e quando o/a juiz/juíza se aposentou, eu retornei pras audiências e hoje sou assistente e um dia na semana digito nas audiências pro/pa juiz/juíza que eu trabalho, que eu faço a assistência.”	Entre digitar audiências e assessorar o juiz
“Foi logo quando eu fui removida pra cá , o/a juiz/juíza na época me colocou nas audiências, aí eu digitava dois dias na semana.”	

Pré-indicadores	Indicador
“Eu tive um mal-estar logo quando eu vim pra cá pra Paraíba, porque tinha um/uma juiz/juíza titular aqui da Vara que era o/a doutor/doutora Z, e ele/ela era uma pessoa um pouco difícil. ”	Mal-estar e ansiedade relacionados ao comportamento de magistrado
“Era ansiedade , achando que ia assim, a qualquer momento ia ter uma confusão na Vara. Tá entendendo? Esperando com quem era que ele/ela(juiz/juíza) ia brigar.”	
“Não me afastei por conta disso não.”	
“Com medicação e com igreja, com amigos , né? Tentando deixar as coisas do trabalho, no trabalho. Depois que saía da Vara, tentava esquecer tudo que tinha acontecido.” (como superou)	

Pré-indicadores	Indicador
“O meu trabalho, eu sou assistente , né? Aí eu venho é por-	

que eu gosto... eu gosto do movimento das audiências, eu gosto de ter contato com os advogados, com as partes, entendeu?”	As peculiaridades de acumular com a outra atividade: na sala de audiências, você vê que são pessoas
“não é que seria pré-requisito, é porque assim, eu gosto, eu gosto de vir, pelo menos uma vez na semana.”	
“Pra mim, assim, eu acho interessante que é como se complementasse a parte da análise dos processos, entendeu? E você ter o contato com as partes, né? Porque assim, você pega um processo, são só nomes ali, quando você tá na sala de audiência, você vê que são pessoas , entendeu? Você vê o rosto delas, você vê as reações.”	

Pré-indicadores	Indicador
“uma coisa que eu gostaria mais assim, eu gostaria de saber digitar sem olhar pro teclado , pronto. Isso é uma coisa que me incomoda hoje.”	Impedimentos e enfrentamentos ligados à necessidade de ser mais ágil e ao cansaço mental
“Às vezes acontece de eu ficar mais dispersa quando a... as audiências tão muito carregadas, tem muitas instruções. Então, a gente fica muito tempo digitando, então, chega uma hora que às vezes parece que desliga a mente , aí eu fico pedindo pro/pra juiz/juíza repetir.”	

Pré-indicadores	Indicador
“Com os secretários, eu tenho contato com o pessoal daqui que digita, né? Eu pergunto alguma coisa, “ó, tão... qual perito que tá disponível agora?”, pergunto alguma coisa assim. Ah, tô com alguma dúvida, aí eu chego e pergunto. A gente vai trocando ideia.”	O coletivo de referência é da própria vara do trabalho

Pré-indicadores	Indicador
“às vezes na audiência você tem que digitar muito rápido , você tem que tá prestando atenção em tudo .”	O secretário de audi-

“Seja pontual, de preferência consiga chegar um pouco antes, dê uma olhada nos processos que serão analisados, né? Serão... tão fazendo parte da pauta do dia. Veja as vagas das audiências, porque pode ser que aconteça que alguma audiência seja adiada, ou precisa remarcar a audiência, veja previamente as vagas.”	ência precisa ser pontual, estar atento e só falar o necessário
“veja se de manhã a sala tá organizada, lembrar de ligar os computadores.”	
“Só falar quando for perguntando alguma coisa, só falar o necessário, entendeu? Porque aqui, quem preside são os juízes, né? A gente tá pra auxiliar e relatar tudo que aconteceu. Então, é ficar atento.”	

Pré-indicadores	Indicador
“eu acho que o contato que a gente tem com o magistrado que tá presidindo as audiências, também afeta muito em como o secretário de audiências tá aqui fazendo o trabalho dele.”	O comportamento do juiz influencia no trabalho do secretário

Pré-indicadores	Indicador
“são dias que eu tô mais concentrada, que eu não me disperso muito, né?” (trabalho bem-feito)	O trabalho fica bem feito quando está mais concentrada

Pré-indicadores	Indicador
“Lembre da sua água e do seu lanche. (...) Normalmente, eu trago alguma coisa que dê pra eu comer aqui. Então assim, eu já trago de casa separado, o iogurte que eu já boto no pote, iogurte com alguma fruta e umas sementes do lado, semente de girassol com linhaça, misturo, aí eu posso ir digitando aqui, comendo aqui e vou digitando.”	A questão da alimentação

--	--

Pré-indicadores	Indicador
“Eu dei instruções assim, que eu gostaria de ter recebido quando eu comecei , mas a gente sabe que é... qualquer atividade que a gente vai fazer é a prática mesmo do dia a dia que ensina como a gente deve se comportar. ”	Gostaria de ter recebido instruções, mas a prática ensina

Pré-indicadores da Entrevista e Instrução ao Sósia nº 7

“É, na verdade, emprego formal mesmo... O **primeiro emprego formal foi aqui no TRT da Paraíba**, entrei em agosto de 1987”

“Desempenhei as funções de atendente judiciário, fazendo serviços de portaria e entregando correspondência na sede do TRT. Em 1989, recebi uma promoção, fui encarregado do setor de liquidação da então Junta de Conciliação de Julgamento de cidade G. Lá perdurei por 2 a 3 anos, fui removido para cidade H nessa mesma função de encarregado de liquidação que hoje é intitulada de calculista. Posteriormente de cidade H, em 93 fui transferido para cidade I; em 96... em 94 vim de cidade I para “P” Junta de Conciliação de João Pessoa”

“Na Vara de cidade I foi como **inicieei como digitador ou como Secretário de Audiência, que na época era Datilógrafo de Audiência**, aí de lá eu vim para cá para a “P” Junta, em 1996, na função de Datilógrafo de Audiência. Posteriormente em 96, no final de 96, fui para cidade J, para cidade J, onde perdurei até 1 de janeiro de 2006, quando pedi remoção e vim para cá para a “S” Vara de João Pessoa onde estou até hoje, também na função de Secretário de Audiência.”

“Em termos profissionais, minha vida resume-se a isso porque **esse foi meu único emprego, praticamente.**”

“É, na realidade eu fui inserido nessa função em virtude da **dificuldade do TRT em mandar funcionários**, digamos assim, capacitados para essa função porque ninguém queria sair da capital, não queria ir **para o interior**. E lá quando eu cheguei como eu **já tinha uma certa habilidade com a máquina da datilografia**, aí o/a juiz/juíza foi inserido/a em um plano através do/a doutor/doutora Z, foi ele/ela que me inseriu pela primeira vez em Sala de Audiência e não senti dificuldades. Pelo contrário, **passei a me sentir mais à vontade dentro do meu trabalho. Fiquei com contato direto interagindo com as partes, com advogados, com magistrados, eu me senti até mais livre.**”

“Não... em termos de doenças durante minha vida profissional, dentro do TRT, nunca nunca passei por nada não, nunca senti nada. **Fiquei afastado em alguns momentos, mas em virtude de acidentes tudo fora do trabalho.** Dentro do trabalho nada até hoje não me atingiu não.”

“Bem, eu por ser uma pessoa muito impulsiva, é..., inquieto mesmo, na realidade, **eu deixo a desejar no cumprimento imediato de certas determinações.** Me acomodo um pouco, na verdade... Logo que termina as audiências, ela pode terminar de 8, ela pode começar de 8 e terminar de 8 e meia da manhã, **eu não sei ficar quieto sentado em um cadeira. Eu me retiro, vou andar e depois que volto**, aí eu acho que eu deixo uma lacuna nesse sentido.”

“a instituição já fez de tudo. É... Me trocou de setor, colocou em outros setores, isso por pouco tempo. Mas em todo setor **essa dificuldade é a mesma**, pode ser em sala de audiência, pode ser no setor de cálculo, pode ser no setor de execução, a deficiência é a mesma. **Eu começo**, digamos assim, agradando a todos, **do jeito que eles querem que eu seja, mas aí é o meu natural manda eu voltar para onde eu sou.**”

“**Trocamos ideias acerca de como cada um procede.** Inclusive, tem alguns colegas que chegam a me elogiar de como é que termina a pauta como é que eu me dirijo com tanta facilidade aos juízes, advogados, as partes, aquele negócio todo”

“eu até falo que até por ser um ramo da justiça brasileira direcionada mais ao público, é uma **justiça social**, do trabalho, não tem de haver aquele formalismo. **Tem que quebrar os parâmetros, tem que ser bem natural mesmo.** Não precisa desse formalismo todo dentro da justiça do trabalho”

“Tem colegas meus aqui que estão aqui tanto tempo quanto eu que têm medo de chegar e se dirigir ao juiz até hoje. **Tem colega meu que trabalha com o juiz há 15, 20 anos, tem medo de abrir a porta para falar alguma coisa com o juiz.**”

“Veja bem, **a sala de audiência eu considero a porta de entrada da Justiça do Trabalho** porque aqui a parte não comparecendo o processo vai automaticamente ao arquivo. Aqui as partes chegando a se comporem, a conciliar, pronto, já acaba-se o litígio por aqui mesmo.”

“Eu acho que **o coração da justiça começa aqui na sala de audiência** porque tudo o que vai acontecer na execução vai depender do que aconteceu preliminarmente na sala de audiência. Portanto, na minha opinião, **Sala de Audiência é 70% importante dentro do trâmite** de um processo da justiça do trabalho.”

“no momento que chega no **trabalho sempre de bom humor**, que é assim que eu ajo. Falando com todos, mexendo com todos, é **falando e mexendo mesmo, tirando brincadeiras, soltando piadas** e tudo mais.”

“Ao entrar na sala de audiência, inicialmente abre o sistema, carrega a pauta, **deixa tudo pronto para quando o/a juiz/juíza vir já está com pauta impressa e tudo mais.**”

“Não tem exceção para mim, não tem exceção nem tem cargo. **Falo com todos...**”

“quando as partes chegar, da mesma forma, principalmente os advogados, que eu conheço quase todos, uma pequena minoria que eu não tenho um acesso mais direto. **Falo com todos**

com brincadeira e tudo, com o/a juiz/juíza presente ou não.”
“ Eu brinco com os advogados, eu brinco com os advogados demais, eu brinco com ele/ela (juiz/juíza)”
“A única pessoa que não se percebe aqui dentro desse ambiente de trabalho, se está bem humorado ou mal humorado, a única pessoa que você nunca vai perceber sou eu porque eu sempre sou o mesmo. Eu posso estar com milhões de problemas, mas passei daquela porta pra cá ninguém tem nada a ver. ”
“Se você deixou transparecer que está com problema você não sou eu.”
“O advogado ou uma das partes chegar para pedir informação do processo reclamar que o processo está atrasado, aquele negócio todo, para ele sair satisfeitíssimo daqui simplesmente você abre o processo dele aqui no sistema aí vê que está faltando apenas expedir uma notificação, uma besteira, você faz mesmo aqui no ato: olha, doutor, eu fiz agorinha, ele sai daqui felicíssimo da vida.”
“Aí como é muita gente, muito processo e poucos funcionários, aí de fato tem processo que atrasa um pouco o cumprimento.”
“É que o advogado, o/a juiz/juíza despacha o processo agora, daqui a dois minutos ele está aí na porta pedindo para dar o cumprimento, principalmente se tratando de liberação de valores.”
“Por exemplo, o processo está com alguns documentos em sigilo, a própria ata de audiência ficou em sigilo aí o advogado chega com uma conversinha mole, muitas vezes você nem sabe que aquela ata está em sigilo e que ele não pode ter acesso. Aí ele chega com conversinha mole, dizendo que está com problema no computador dele lá no escritório e que não conseguiu abrir lá, aí você cai na besteira e vai abrir. Se tiver um documento em sigilo , qualquer documento que esteja em sigilo dentro de um processo ele só pode ser apresentado à parte com autorização do juiz. ”
“Eu mesmo, particularmente, eu saio lá nos corredores já procurando as partes para ver se tem algum acordo já para adiantar . Se tiver algum acordo eu já venho para cá pego todos os dados do acordo e quando o/a juiz/juíza chegar está pronto. ”
“Eu já abro a ata aqui, eu pego lá os dados tudin, abro a ata e já adianto o acordo. Quando o/a juiz/juíza chega só faz algum ajuste.”
“Quando termina as audiências, remetemos todas as atas para que o juiz assine e pronto, terminou as audiências, o Secretário de Audiência tem obrigação de cumprir a pauta, todas as determinações que estão nos processos. No meu caso não porque sou diferente , como acabei de dizer, eu desligo o computador e vou embora, independe da hora , pode terminar de 8 e meia pode terminar de 8 e meia da noite.”
“Eu não faço questão se passar do horário , para mim tanto faz; não peço a juiz/juíza para parar, a parada que eu tenho legalmente nunca pedi, tiro direto, não peço para parar para almoço... ”
“minha garrafa eu comprei tá com oito meses, nem usei ainda.” (sobre tomar água durante as audiências)
Às vezes o/a juiz/juíza está conversando aqui com os advogados, eu me levanto, vou ali para fora e fico conversando com o povo lá ou então eu vou lá para dentro da cozinha, aí ele/ela sai gritando aqui me procurando (risos).

“aí levantar muito da cadeira eu me levanto.”
“ É bom ser Secretário de Audiência. Você tem um contato direto com a massa mesmo, com o trabalhador , mesmo na expressão da palavra. Tenho contato com empresários e com algumas pessoas que pensam que são empresários só pelo fato de ter registrado uma firma formalmente”
“Aí temos também a classe dos advogados , tem muitos arrogantes, chegam uns pedantes, que é um caso sério, parece que têm um rei na barriga.”
“E se alguém faz isso aqui sou eu, que tenho o conhecimento que eu tenho, é o de quebrar a formalidade com os juízes. ”
“Do jeito que eu trato um colega ali eu trato tudin, juiz, advogado, tudin. Por isso que é bom ser secretário de audiência. ”
“Eu diria a ela que fosse sempre atenta e observadora como sou, não deixo passar nada , principalmente detalhes pessoais de cada um. Roupa, acessórios e solte sua piadinha sempre.”
“Então se tiver alguma coisa a falar, alguma observação que tenha feito, eu posso dizer o/a juiz/juíza: eu acho isso aqui...”
“Muitas vezes inclusive eles/elas que se dirigem a mim a respeito da opinião de uma testemunha, de uma das partes, eles/elas se dirigem a mim e pergunta: Matheus, o que você achou dessa?”
“Aí você dá sua opinião sincera de como você viu, de como você percebeu , o que você achou se estava mentindo se não estava, se ouviu algum comentário. O/a juiz/juíza saiu para assinar alguma coisa lá no gabinete, aí o advogado vai lá e reclama dizendo que a outra parte conversou com o advogado orientando, aí o/a juiz/juíza vai perguntar se você presenciou isso mesmo ”
“Além de espontâneo, observador sempre.”
“A candidata à sócia me fez me auto avaliar, me auto intitular , talvez e até passar alguns segredos (risos), que não é segredo nenhum, mas que eu gosto de ser confrontado ou até mesmo desafiado. ”
“E não esqueça que se quer ser minha sócia, logo que terminar o serviço aqui, independente do horário, vai embora , vai de pés como eu vou daqui para ali, eu fico ali... eu entro ali no mercadinho, tomo seis latinhas e vou embora para casa , pego um uber e vou para casa (risos).”
“Todo dia. Aí pego o uber e vou para casa.”
“o trabalho é bem feito quando eu faço, chego lá e digo olha, já fiz.”
“aí digo que cumpri a ata, cumpri sem ninguém me pedir , aí digo que está bem-feita. Mas quando a pessoa passa a me cobrar pela uma coisa que na verdade eu já deveria ter feito para mim não é bem feito, é forçado.”

Indicadores da entrevista e Instrução ao Sósia nº 7

Pré-indicadores	Indicador
“É, na verdade, emprego formal mesmo... O primeiro emprego formal foi aqui no TRT da Paraíba, entrei em agosto de 1987”	O TRT como primeiro emprego formal e o ingresso na atividade de “datilógrafo” de audiência
“Em termos profissionais, minha vida resume-se a isso porque esse foi meu único emprego, praticamente. ”	
“Na Vara de cidade I foi como inicieei como digitador ou como Secretário de Audiência, que na época era Datilógrafo de Audiência , aí de lá eu vim para cá para a “P” Junta, em 1996, na função de Datilógrafo de Audiência. Posteriormente em 96, no final de 96, fui para cidade J, para cidade J, onde perdurei até 1 de janeiro de 2006, quando pedi remoção e vim para cá para a “S” Vara de João Pessoa onde estou até hoje, também na função de Secretário de Audiência.”	
“É, na realidade eu fui inserido nessa função em virtude da dificuldade do TRT em mandar funcionários , digamos assim, capacitados para essa função porque ninguém queria sair da capital, não queria ir para o interior. ”	

Pré-indicadores	Indicador
“Bem, eu por ser uma pessoa muito impulsiva, é..., inquieto mesmo, na realidade, eu deixo a desejar no cumprimento imediato de certas determinações. Me acomodo um pouco, na verdade... Logo que termina as audiências, ela pode terminar de 8, ela pode começar de 8 e terminar de 8 e meia da manhã, eu não sei ficar quieto sentado em um cadeira. Eu me retiro, vou andar e depois que volto , aí eu acho que eu deixo uma lacuna nesse sentido.”	Apesar das obrigações, eu sou diferente
“a instituição já fez de tudo. É... Me trocou de setor, colocou em outros setores, isso por pouco tempo. Mas em todo setor essa dificuldade é a mesma , pode ser em sala de audiência, pode ser no setor de cálculo, pode ser no setor de execução, a deficiência é a mesma. Eu começo , digamos assim, agradando a todos, do jeito que eles querem que eu seja, mas aí é o meu natural manda eu voltar para onde eu sou. ”	
“Aí como é muita gente, muito processo e poucos funcionários , aí de fato tem processo que atrasa um pouco o cumprimento.”	

“Quando termina as audiências, remetemos todas as atas para que o juiz assine e pronto, terminou as audiências, o Secretário de Audiência tem obrigação de cumprir a pauta, todas as determinações que estão nos processos. No meu caso não porque sou diferente, como acabei de dizer, eu desligo o computador e vou embora, independe da hora, pode terminar de 8 e meia pode terminar de 8 e meia da noite.”	
“E não esqueça que se quer ser minha sócia, logo que terminar o serviço aqui, independente do horário, vai embora, vai de pés como eu vou daqui para ali, eu fico ali... eu entro ali no mercadinho, tomo seis latinhas e vou embora para casa, pego um uber e vou para casa (risos).” (...)“Todo dia. Aí pego o uber e vou para casa.”	

Pré-indicadores	Indicador
“foi ele/ela que me inseriu pela primeira vez em Sala de Audiência e não senti dificuldades. Pelo contrário, passei a me sentir mais à vontade dentro do meu trabalho. Fiquei com contato direto interagindo com as partes, com advogados, com magistrados, eu me senti até mais livre.”	O bom de ser secretário de audiências
“É bom ser Secretário de Audiência. Você tem um contato direto com a massa mesmo, com o trabalhador, mesmo na expressão da palavra. Tenho contato com empresários e com algumas pessoas que pensam que são empresários só pelo fato de ter registrado uma firma formalmente”	
“Do jeito que eu trato um colega ali eu trato tudin, juiz, advogado, tudin. Por isso que é bom ser secretário de audiência.”	

Pré-indicadores	Indicador
“Não... em termos de doenças durante minha vida profissional, dentro do TRT, nunca nunca passei por nada não, nunca senti nada. Fiquei afastado em alguns momentos, mas em virtude de acidentes tudo fora do trabalho. Dentro do trabalho nada até hoje não me atingiu não.”	Nada me atingiu até hoje no trabalho

Pré-indicadores	Indicador
“eu até falo que até por ser um ramo da justiça brasileira direcionada mais ao público, é uma justiça social, do trabalho, não tem de haver aquele formalismo. Tem que quebrar os parâmetros, tem que ser	

bem natural mesmo. Não precisa desse formalismo todo dentro da justiça do trabalho”	Tem que ser espontâneo, observador e bem-humorado
“no momento que chega no trabalho sempre de bom humor, que é assim que eu ajo. Falando com todos, mexendo com todos, é falando e mexendo mesmo, tirando brincadeiras, soltando piadas e tudo mais.”	
“Não tem exceção para mim, não tem exceção nem tem cargo. Falo com todos...”	
“quando as partes chegar, da mesma forma, principalmente os advogados, que eu conheço quase todos, uma pequena minoria que eu não tenho um acesso mais direto. Falo com todos com brincadeira e tudo, com o/a juiz/juíza presente ou não.”	
“Eu brinco com os advogados, eu brinco com os advogados demais, eu brinco com ele/ela (juiz/juíza)”	
“A única pessoa que não se percebe aqui dentro desse ambiente de trabalho, se está bem humorado ou mal humorado, a única pessoa que você nunca vai perceber sou eu porque eu sempre sou o mesmo. Eu posso estar com milhões de problemas, mas passei daquela porta pra cá ninguém tem nada a ver.”	
“Se você deixou transparecer que está com problema você não sou eu.”	
“E se alguém faz isso aqui sou eu, que tenho o conhecimento que eu tenho, é o de quebrar a formalidade com os juízes.”	
“Eu diria a ela que fosse sempre atenta e observadora como sou, não deixa passar nada, principalmente detalhes pessoais de cada um. Roupas, acessórios e solte sua piadinha sempre.”	
“Além de espontâneo, observador sempre.”	

Pré-indicadores	Indicador
“Trocamos ideias acerca de como cada um procede. Inclusive, tem alguns colegas que chegam a me elogiar de como é que termina a pauta como é que eu me dirijo com tanta facilidade aos juízes, advogados, as partes, aquele negócio todo”	A comunicação entre os secretários de audiência

Pré-indicadores	Indicador
“Tem colegas meus aqui que estão aqui tanto tempo quanto eu que têm medo de chegar e se dirigir ao juiz até hoje. Tem colega meu que trabalha com o juiz há 15, 20 anos, tem medo de abrir a porta para falar alguma coisa com o juiz.”	A figura do juiz/juíza e o papel do secretário de audiências
“Então se tiver alguma coisa a falar, alguma observação que tenha feito, eu posso dizer o/a juiz/juíza: eu acho isso aqui...”	
“Muitas vezes inclusive eles/elas que se dirigem a mim a respeito da opinião de uma testemunha, de uma das partes, eles/elas se dirigem a mim e pergunta: Matheus, o que você achou dessa?”	
“Aí você dá sua opinião sincera de como você viu, de como você percebeu, o que você achou se estava mentindo se não estava, se ouviu algum comentário. O/a juiz/juíza saiu para assinar alguma coisa lá no gabinete, aí o advogado vai lá e reclama dizendo que a outra parte conversou com o advogado orientando, aí o/a juiz/juíza vai perguntar se você presenciou isso mesmo”	

Pré-indicadores	Indicador
“Veja bem, a sala de audiência eu considero a porta de entrada da Justiça do Trabalho porque aqui a parte não comparecendo o processo vai automaticamente ao arquivo. Aqui as partes chegando a se comporem, a conciliar, pronto, já acaba-se o litígio por aqui mesmo.”	A sala de audiências: porta de en-
“Eu acho que o coração da justiça começa aqui na sala de audiência porque tudo o que vai acontecer na execução vai depender do que aconteceu preliminarmente na sala de audiência. Portanto, na minha opinião, Sala de Audiência é 70% importante dentro do trâmite	

de um processo da justiça do trabalho.”	trada da Justiça do Trabalho
---	-------------------------------------

Pré-indicadores	Indicador
“o trabalho é bem feito quando eu faço, chego lá e digo olha, já fiz.”	Trabalho bem feito é cumprir sem ninguém pedir
“aí digo que cumpri a ata, cumpri sem ninguém me pedir , aí digo que está bem-feita. Mas quando a pessoa passa a me cobrar pela uma coisa que na verdade eu já deveria ter feito para mim não é bem feito, é forçado.”	

Pré-indicadores	Indicador
“Ao entrar na sala de audiência, inicialmente abre o sistema, carrega a pauta, deixa tudo pronto para quando o/a juiz/juíza vir já está com pauta impressa e tudo mais. ”	Deixar tudo pronto para o juiz
“Eu mesmo, particularmente, eu saio lá nos corredores já procurando as partes para ver se tem algum acordo já para adiantar. Se tiver algum acordo eu já venho para cá pego todos os dados do acordo e quando o/a juiz/juíza chegar está pronto. ”	
“Eu já abro a ata aqui, eu pego lá os dados tudin, abro a ata e já adianto o acordo. Quando o/a juiz/juíza chega só faz algum ajuste. ”	

Pré-indicadores	Indicador
“O advogado ou uma das partes chegar para pedir informação do processo reclamar que o processo está atrasado, aquele negócio todo, para ele sair satisfeitiíssimo daqui simplesmente você abre o processo dele aqui no sistema aí vê que está faltando apenas expedir uma notificação, uma besteira, você faz mesmo aqui no ato: olha, doutor, eu fiz agorinha, ele sai daqui felicíssimo da vida.”	
“É que o advogado, o/a juiz/juíza despacha o processo agora, daqui a	

dois minutos ele está aí na porta pedindo para dar o cumprimento, principalmente se tratando de liberação de valores.”	O relacionamento com advogados
“Por exemplo, o processo está com alguns documentos em sigilo, a própria ata de audiência ficou em sigilo aí o advogado chega com uma conversinha mole, muitas vezes você nem sabe que aquela ata está em sigilo e que ele não pode ter acesso. Aí ele chega com conversinha mole, dizendo que está com problema no computador dele lá no escritório e que não conseguiu abrir lá, aí você cai na besteira e vai abrir. Se tiver um documento em sigilo , qualquer documento que esteja em sigilo dentro de um processo ele só pode ser apresentado à parte com autorização do juiz. ”	
“Aí temos também a classe dos advogados , tem muitos arrogantes, chegam uns pedantes, que é um caso sério, parece que têm um rei na barriga.”	

Pré-indicadores	Indicador
“Eu não faço questão se passar do horário , para mim tanto faz; não peço a juiz/juíza para parar, a parada que eu tenho legalmente nunca pedi, tiro direto, não peço para parar para almoço... ”	A questão das pausas e da alimentação
“minha garrafa eu comprei tá com oito meses, nem usei ainda.” (sobre tomar água durante as audiências)	
Às vezes o/a juiz/juíza está conversando aqui com os advogados, eu me levanto, vou ali para fora e fico conversando com o povo lá ou então eu vou lá para dentro da cozinha, aí ele/ela sai gritando aqui me procurando (risos).	
“aí levantar muito da cadeira eu me levanto.”	

Pré-indicadores	Indicador
“A candidata à sócia me fez me auto avaliar, me auto intitular , talvez e até passar alguns segredos (risos), que não é segredo nenhum, mas que eu gosto de ser confrontado ou até mesmo desafiado. ”	Elaborar a experiência e os efeitos da Instrução ao Sócia

Pré-indicadores da Entrevista e Instrução ao Sósia nº 8
“quando eu comecei nessa parte mais administrativa, assim, né? Que era muito mecânica, era produzir alvará, essas coisas, aí depois foi que eu fui pra audiência, né? Audiência também assistência, fui assistente de juiz e tal, mas na audiência eu já tô há bastante tempo, há mais de 10 anos já.”
“No começo assim foi difícil porque a gente nem usava computador ainda, eram aquelas máquinas elétricas, né? Mas aí eu fui me adaptando bem a tudo, não tive muita, assim, dificuldade. Porque tinha uma vara do interior, lá em cidade V, no Estado Q, a vara que tinha lá do trabalho. Aí eu comecei lá na atividade de datilógrafo de audiência. Era Datilógrafo antigamente, hoje digitador, né e tal.”
“Só foi uma vez, em cidade T, eu tive uma crise de labirintite, sabe? Só isso. Que eu tive, né... que eu tava... Por causa desse movimento, eu acho, brusco, aí eu tive essa crise de labirintite aí passei uma semana afastado só.”
“Às vezes eu sinto um pouquinho aqui na musculatura, mas eu acho que é por causa do movimento repetitivo, né?”
“É mais aqui nas articulações, no antebraço (...) Fica aqui doído, né? Sentindo quando eu movimento eu sinto que dá uma... mas é quando eu digito muito também, sabe?”
“É mais por causa da alimentação, eu tomo muita coca cola, esse negócio aí, a cafeína, né? Mas só foi uma vez, fiquei uma semana afastado, também já faz bastante tempo, há mais de 10 anos atrás. Nunca tive mais nada assim.” (sobre a crise de labirintite que o afastou)
“Eu fiz a medicação, acompanhamento médico, acompanhando e tal, aí nunca mais voltou. Em dez anos nunca mais voltou, foi só essa vez mesmo.”
“Você fica meio ansioso. Aliás, agitado, né, dá aquele lapso de memória, essas coisas assim. Só acho que umas duas vezes deu aquele, que eu fiquei meio... cansaço mental, né?”
“Às vezes é por o tempo é muito exímio, não dá tempo de você terminar os processos no mesmo dia, deixa para outro dia, entendeu? Às vezes eu esqueço um processo que tinha que fazer um ofício, uma coisa aí eu deixo passar e esqueço, aí quando vejo tá a audiência em cima. Na realidade, a dificuldade é mais essa, o tempo, né?”
“às vezes em casa eu entro, né, pra ver, porque às vezes esqueci aqui, em casa eu tenho acesso, mas isso é raramente. Porque hoje em dia, antigamente não, um tempo atrás, a de-

manda era muito grande.”

“Agora já houve um **freio muito grande com essa reforma trabalhista**, tá dando para a gente conciliar tudo já, **tá entrando muito pouco processo** e tal, mas a audiência... pronto, hoje foram oito audiências, né? (...) Geralmente... bom, há um tempo atrás era muito, era vinte por dia quase. Hoje não, a gente tem no máximo oito audiências.”

“tem audiência que já demorou cinco horas. Depende. E **hoje tá melhor porque hoje a gente tá revezando**, aqui. Os pares são dois dias e os processos ímpares mais outros dois dias, só que com outro é... com Michele, né, no caso.”

“eu faço todas as audiências com o/a doutor/doutora I, que é o/a titular da Vara. E ela faz todas as audiências com o/a doutor/doutora U, que é o/a juiz/juíza auxiliar. **Aí ela fica com os processos ímpares e nós ficamos com os pares.**”

“Há um tempo atrás, alguns reclamavam que era muito corrido, entendeu? Que tinha um cansaço mental, a LER, a **lesão do esforço repetitivo**. Mas hoje o que eu tenho conversado com a maioria é sobre isso, **houve essa quebra na demanda, que o pessoal tá mais folgado, tem dia que não tem audiência**, entendeu? **Tá bem mais tranquilo hoje em dia.**”

“só no corredor, só essas coisas, assim, rápidas, né? **Não tem, assim, um contato direto**, né?” (contato com outros secretários de audiência)

“Eu acho que é **uma das mais importantes é essa e a parte da assistência do juiz**, né, tanto na audiência como na produção de despachos, sentenças. Mas os outros não deixam de ser tão importante, mas **é que é a entrada do processo, que começa aquela visão tal do processo.**” (sobre a importância da atividade)

“Eu acho que **o estresse também**, né. Porque há um tempo, quando eu digo, era demais. **Era 20 processo, 30 por dia e era todos os dias, a semana toda.** Aí num dava tempo... às vezes nem o que eu tinha que fazer, às vezes eu extrapolava o horário de trabalho pra poder cumprir as obrigações dos processos da audiência, aí era bem estressante, né? Mas hoje tá bem tranquilo.” (sobre a crise de labirintite)

“Eu chego, **eu faço a revisão de todos os processos**, certo? Aí **imprimo as pautas**, coloco lá, eu vejo todos os qual... eu leio todos os processos, **vejo os que têm preliminares, os que têm pedidos diferentes, os que têm perícia**, entendeu?”

“Aí eu já deixo tudo separado, **já tenho os modelos**, eu já... eu **deixo tudo marcado numa**

ata que eu tiro pra mim, eu já deixo todo qual vai ser o andamento do processo.”
“É imprimir a pauta e revisar todos os processos, olhar se foram notificados, consultar o rastreamento de correio , essas coisas; olhar o que tem pedido de insalubridade, de periculosidade ”
“A gente tem que marcar a perícia logo, não fazer instrução do processo, já marcar perícia. Com as partes lá, né? Aí eu já deixo separado já o textozinho de perícia , já vejo qual o tipo de perícia que vai ser, se é perícia médica, psicológica, se é insalubridade, se é segurança do trabalho, sabe? Eu já deixo tudo já no contexto. ”
“Eu criei os modelos pra mim , assim, eu tenho já uma série de modelos, de perícia, de instrução, de tudo. Eu não utilizo do tribunal, utilizo o meu , sabe? Porque já é o entendimento também do/da juiz/juíza, né?”
“Eu tomo a iniciativa já, eu tomo a iniciativa, porque eu já sei o entendimento dele/dela com a lei. Agora quando tem um juiz substituindo ele/ela não, aí eu aguardo o juiz se manifestar.”
“Às vezes, já aconteceu muitas vezes de uma parte passar mal e tal e a gente tem que levar aqui no setor médico. O setor médico também atende os... as partes , né? Os juízes se consulta, essas pessoas que tão lá. Aí tu toma a iniciativa, né? Ou dá um copo d’água, às vezes tá muito nervosa, né? É que tem testemunha que chega muita nervosa , vai testemunhar e tá... fica tremendo e tal, num chega nem a falar direito.”
“Geralmente, se a pessoa tá nervosa a gente fala: fica tranquilo aí, né, só falar a verdade aí, responder o que juiz perguntar, né, não tem nada de mais, né? Deixar a pessoa à vontade, que a pessoa fica mais tranquila e tal. Porque às vezes a pessoa chega lá e tá todo mundo sério lá , né? Aí você já vai testemunhar com medo, o pessoal não tem muito entendimento dessa dinâmica do direito e tal, aí acha, né? Justiça é uma coisa...”
“O/a doutor/doutora I eu, às vezes eu intervenho assim, eu falo com ele/ela assim ele/ela também conversa comigo , pergunta alguma coisa que tá em dúvida, sabe? Ele/ela vai dar uma olhadinha lá tal, ele/ela até acha bom isso aí, né?”
“ deixe tudo pronto, já tudo encaminhado, já tenha o conhecimento do processo , que isso é melhor, né, pro desenvolvimento da audiência, né. Não deixar na hora de consultar, ver se correu, não sei o quê, isso atrasa muito.”
“Se, por exemplo, a notificação não tem nenhuma certidão dos correios dizendo que foi notificada a parte, aí eu já vejo uma nova data, já deixo tudo anotadinho , já fazendo o adiamento.”
“Eu considero que fiz um trabalho bem feito quando a gente termina a audiência cedo , ver que os processos eram bem complexos e a gente desenvolveu tudo direito , sai tudo já marcadinho, né, não teve nenhum adiamento, não teve nenhum problema que tenha sido acarretado pelo esquecimento de algum procedimento do processo , aí eu acho que o trabalho foi bem feito, dá aquela sensação de dever cumprido.”

Indicadores da entrevista e Instrução ao Sósia nº8

Pré-indicadores	Indicador
“quando eu comecei nessa parte mais administrativa, assim, né? Que era muito mecânica, era produzir alvará, essas coisas, aí depois foi que eu fui pra audiência, né? Audiência também assistência, fui assistente de juiz e tal, mas na audiência eu já tô há bastante tempo, há mais de 10 anos já.”	Ingresso na atividade de secretário de audiência com máquinas elétricas foi difícil
“No começo assim foi difícil porque a gente nem usava computador ainda, eram aquelas máquinas elétricas, né? Mas aí eu fui me adaptando bem a tudo, não tive muita, assim, dificuldade. Porque tinha uma vara do interior, lá em cidade V, no Estado Q, a vara que tinha lá do trabalho. Aí eu comecei lá na atividade de datilógrafo de audiência. Era Datilógrafo antigamente, hoje digitador, né e tal.”	

Pré-indicadores	Indicador
“Só foi uma vez, em cidade T, eu tive uma crise de labirintite, sabe? Só isso. Que eu tive, né... que eu tava... Por causa desse movimento, eu acho, brusco, aí eu tive essa crise de labirintite aí passei uma semana afastado só.”	Labirintite, dores nas articulações e cansaço mental
“Às vezes eu sinto um pouquinho aqui na musculatura, mas eu acho que é por causa do movimento repetitivo, né?”	
“É mais por causa da alimentação, eu tomo muita coca cola, esse negócio aí, a cafeína, né? Mas só foi uma vez, fiquei uma semana afastado, também já faz bastante tempo, há mais de 10 anos atrás. Nunca tive mais nada assim.” (sobre a crise de labirintite que o afastou)	
“Eu fiz a medicação, acompanhamento médico, acompanhando e tal, aí nunca mais voltou. Em dez anos nunca mais voltou, foi só essa vez mesmo.”	
“Você fica meio ansioso. Aliás, agitado, né, dá aquele lapso de memória, essas coisas assim. Só acho que umas duas vezes deu aquele, que eu fiquei meio... cansaço mental, né?”	
“Eu acho que o estresse também, né. Porque há um tempo, quando eu digo, era demais. Era 20 processo, 30 por dia e era todos os dias, a	

semana toda. Aí num dava tempo... às vezes nem o que eu tinha que fazer, às vezes eu extrapolava o horário de trabalho pra poder cumprir as obrigações dos processos da audiência, aí era bem estressante, né? Mas hoje tá bem tranquilo.” (sobre a crise de labirintite)	
---	--

Pré-indicadores	Indicador
“tem audiência que já demorou cinco horas. Depende. E hoje tá melhor porque hoje a gente tá revezando, aqui. Os pares são dois dias e os processos ímpares mais outros dois dias, só que com outro é... com Michele, né, no caso.”	Ter outro servidor para revezar nas audiências é melhor
“eu faço todas as audiências com o/a doutor/doutora I, que é o/a titular da Vara. E ela faz todas as audiências com o/a doutor/doutora U, que é o/a juiz/juíza auxiliar. Aí ela fica com os processos ímpares e nós ficamos com os pares.”	

Pré-indicadores	Indicador
“Eu acho que é uma das mais importantes é essa e a parte da assistência do juiz, né, tanto na audiência como na produção de despachos. Mas os outros não deixam de ser tão importante, mas é que é a entrada do processo, que começa aquela visão tal do processo.” (sobre a importância da atividade)	A audiência é onde começa a visão do processo

Pré-indicadores	Indicador
“Às vezes é por o tempo é muito exímio, não dá tempo de você terminar os processos no mesmo dia, deixa para outro dia, entendeu? Às vezes eu esqueço um processo que tinha que fazer um ofício, uma coisa aí eu deixo passar e esqueço, aí quando vejo tá a audiência em cima. Na realidade, a dificuldade é mais essa, o tempo, né?”	Impedimentos e enfrentamentos relacionados à falta de tempo

Pré-indicadores	Indicador
“só no corredor, só essas coisas, assim, rápidas, né? Não tem, assim, um contato direto, né? ” (contato com outros secretários de audiência)	Não há contato constante com outros secretários

Pré-indicadores	Indicador
“Eu chego, eu faço a revisão de todos os processos , certo? Aí imprimo as pautas , coloco lá, eu vejo todos os qual... eu leio todos os processos, vejo os que têm preliminares, os que têm pedidos diferentes, os que têm perícia , entendeu?”	Passo a passo da atividade: o que antecipar, dar uma maior atenção e utilizar seus próprios modelos
“Aí eu já deixo tudo separado, já tenho os modelos , eu já... eu deixo tudo marcado numa ata que eu tiro pra mim, eu já deixo todo qual vai ser o andamento do processo.”	
“É imprimir a pauta e revisar todos os processos, olhar se foram notificados, consultar o rastreamento de correio , essas coisas; olhar o que tem pedido de insalubridade, de periculosidade ”	
“A gente tem que marcar a perícia logo, não fazer instrução do processo, já marcar perícia. Com as partes lá, né? Aí eu já deixo separado já o textozinho de perícia , já vejo qual o tipo de perícia que vai ser, se é perícia médica, psicológica, se é insalubridade, se é segurança do trabalho, sabe? Eu já deixo tudo já no contexto. ”	
“Eu criei os modelos pra mim , assim, eu tenho já uma série de modelos, de perícia, de instrução, de tudo. Eu não utilizo do tribunal, utilizo o meu , sabe? Porque já é o entendimento também do/da juiz/juíza, né?”	
“ deixe tudo pronto, já tudo encaminhado , já tenha o conhecimento do processo , que isso é melhor, né, pro desenvolvimento da audiência, né. Não deixar na hora de consultar, ver se correu, não sei o quê, isso atrasa muito.”	
“todo dia tem uma novidade, é algo diferente, sai do mecânico.”	

Pré-indicadores	Indicador
“Eu tomo a iniciativa já, eu tomo a iniciativa, porque eu já sei o entendimento dele/dela com a lei. Agora quando tem um juiz substituindo ele/ela não, aí eu aguardo o juiz se manifestar.”	
“O/a doutor/doutora I eu, às vezes eu intervenho assim, eu falo com	

ele/ela assim ele/ela também conversa comigo, pergunta alguma coisa que tá em dúvida, sabe? Ele/ela vai dar uma olhadinha lá tal, ele/ela até acha bom isso aí, né?”	O que faz de diferente por já conhecer o/a juiz/juíza
--	---

Pré-indicadores	Indicador
“Eu considero que fiz um trabalho bem feito quando a gente termina a audiência cedo, ver que os processos eram bem complexos e a gente desenvolveu tudo direito, sai tudo já marcadinho, né, não teve nenhum adiamento, não teve nenhum problema que tenha sido acarretado pelo esquecimento de algum procedimento do processo, aí eu acho que o trabalho foi bem feito, dá aquela sensação de dever cumprido.”	Trabalho bem feito é quando a audiência termina cedo e a gente desenvolveu tudo direito

Pré-indicadores	Indicador
“Às vezes, já aconteceu muitas vezes de uma parte passar mal e tal e a gente tem que levar aqui no setor médico. O setor médico também atende os... as partes, né? (...) Aí tu toma a iniciativa, né? Ou dá um copo d’água, às vezes tá muito nervosa, né? É que tem testemunha que chega muita nervosa, vai testemunhar e tá... fica tremendo e tal, num chega nem a falar direito.” “Geralmente, se a pessoa tá nervosa a gente fala: fica tranquilo aí, né, só falar a verdade aí, responder o que juiz perguntar, né, não tem nada de mais, né? Deixar a pessoa à vontade, que a pessoa fica mais tranquila e tal. Porque às vezes a pessoa chega lá e tá todo mundo sério lá, né? Aí você já vai testemunhar com medo, o pessoal não tem muito entendimento dessa dinâmica do direito e tal”	É preciso dar assistência também aos participantes da audiência (as partes)

Pré-indicadores	Indicador
“às vezes em casa eu entro, né, pra ver, porque às vezes esqueci aqui, em casa eu tenho acesso, mas isso é raramente. Porque hoje em dia, antigamente não, um tempo atrás, a demanda era muito grande.”	A diminuição do volume de trabalho após a reforma trabalhista
“Agora já houve um freio muito grande com essa reforma trabalhista, tá dando para a gente conciliar tudo já, tá entrando muito pouco processo e tal, mas a audiência... pronto, hoje foram oito au-	

diências, né? (...) Geralmente... bom, há um tempo atrás era muito, era vinte por dia quase. Hoje não, a gente tem no máximo oito audiências.”	
“Há um tempo atrás, alguns reclamavam que era muito corrido, entendeu? Que tinha um cansaço mental, a LER, a lesão do esforço repetitivo. Mas hoje o que eu tenho conversado com a maioria é sobre isso, houve essa quebra na demanda, que o pessoal tá mais folgado, tem dia que não tem audiência, entendeu? Tá bem mais tranquilo hoje em dia.”	

Pré-indicadores da Entrevista e Instrução ao Sósia nº 9

“Olha, eu entrei no tribunal em 93, né? O concurso que eu fiz em 91. Cheguei a trabalhar pouco tempo no TST, concursado mesmo. **Aí abriram algumas varas no TRT, aí me perguntaram pessoas que tinham praticidade. Na época era máquina elétrica,** praticidade, né? Aí viram, assim, as notas na época, aí chamou várias pessoas e falou, "quem quer ir pro TRT da "X" região?", em cidade X. Lá é o seguinte, lá é... lá era seis horas e ficava em outro local, que pra mim era mais prático. O salário igual, tudo igual. Aí **eu levantei a mão,** aí juntou alguns, foi juntando, "eu quero", "eu quero", porque era mais perto.”

Comecei a ficar num balcão, trabalhando na secretaria, atendendo o pessoal e... fazia tudo. Era muito corrido. Eu nunca entrei... do dia... **primeiro dia que eu entrei no tribunal, até hoje, eu nunca parei um dia** pra falar, "eita, que que eu vou fazer hoje?", nunca. Um dia desses eu tava até conversando com um colega, **a gente chega, tem muito trabalho, sai, ainda tem muito trabalho.** Quando não tá tudo em dia, mas sabe que amanhã vai ter muito trabalho, né? ((risos))

“aí tavam procurando secretários de audiência pro/pa doutor/doutora W, que era um/uma senhor/senhora que era juiz/juíza criminal, era cheio/a de mania. E também **como eu sou dinâmico assim, meio ligeiro,** né? Aí eu acabei, ele/ela falou, "vamos testar, tal, aí por um tempo", aí eu fiz, achou bom, tal, fiquei lá como secretário de audiência, de 2001 até 2010, foi quando eu fui transferido pra cá.”

“aí ele/ela(juiz/juíza) criou um setor só de execução. Aí **pra mim foi bom porque eu saí da audiência.** Foi dois anos, foi **a única vez que eu saí de audiência** mesmo, do dia a dia.

“**Eu tinha interesse em trabalhar que não fosse pra audiência.** Aí eu percebi que eu adorei execução. Trabalhei muito, minha produção era muito boa, né? Ajudava muita gente também.(...) foi uns dois anos que eu fiquei com a Central de Execução.”

“**Já vi todo tipo de caso que você imaginar.** Até o último, parecia que eu... eu falei, "eu nunca vi um caso nesse sentido", mas eu acabei vendo (...) Aí pronto, eu falei, "pronto, agora eu posso me aposentar porque **eu já vi de tudo**". ((risos))

“**Foi 10 anos numa empresa agropecuária,** que eu entrei em 84 (...) Aí eu trabalhei... entrei como auxiliar de escritório, lá em cidade X mesmo. Aí fiquei praticamente 10 anos trabalhando direto. A empresa cresceu muito, aí... **eu adorava,** né? Não tinha nada a ver comigo, tanto é que eu comecei a trabalhar, eu ia... lá pro TST, **eu ia de bota (risos), porque acostumado a andar no mato**”

“**Estudava viajando,** sabe? Ficava livre rotina pra Bahia, eu ia pra Bahia, reta de 500 quilômetros, Goiás, aí eu pegava o livro e ficava lendo assim. Mas aí foi 10 anos numa agropecuária, mexendo com adubo, fertilizante, depois eles começaram a mexer com fazenda, plantação de soja, arroz. **Aí de lá eu mudei pro judiciário. Foi bem diferente** (risos).”

“Uma certa vez... aliás, foi duas vezes, foi uma com o/a juiz/juíza, que ele/ela era muita polêmico/a, né, a primeira vez, ele/ela era muito polêmico/a, assim, se irritava com tudo... e eu, **por eu ser muito calmo, aguentava,** entra aqui, sai aqui, mesmo você fazendo as coisas certo, tal. Aí eu comecei a ter... como é que fala? **Taquicardia,** do nada, em casa ficava **nervoso.**

E eu indo trabalhar, que eu via que aquele negócio... eu ia... sabe aquela coisa que **não tinha mais vontade de trabalhar, por conta dessa chefia, né?**

“Pela forma que ele/ela (juiz/juíza) tratava as pessoas no turno dele/dela, as partes, né? Aquilo lá me incomodava. Porque você via que não tinha nexos aquilo, era totalmente insalubre pra todo mundo, até as pessoas que entravam, e principalmente pra mim que tava lá o dia todo, acompanhando aquilo. **Aquilo lá me fez muito mal.** Principalmente no último ano, que seria aquela coisa, né, **não chegava a adoecer, mas começou umas dores de cabeça esquisitas**, e chegava em casa e o coração... eu ia falar alguma coisa sobre o que aconteceu, todo dia sempre tinha alguma notícia ruim, aí **o coração começava a palpitar**, aí eu "pá" ficava aquela coisa, aquela agonia.”

“porque quando você **começa uma audiência de manhã...** você começa, por exemplo, oito horas, aí **quando acaba, de meio dia, ou até duas horas**, que isso acontece muito, ou até, esporadicamente, cinco da tarde. Já perdi às vezes, mas **já aconteceu de você começar de manhã e acabar cinco horas.**”

“Aí quando acaba a audiência, aí... **com esse/essa juiz/juíza que eu te falei, aí quando acabava, aí parecia que eu tinha...** "acabou", parece que eu tava no céu, "acabou, graças a Deus", né? Aí eu **ficava relaxado até o outro dia, que ia começar de novo**, aí começava tudo de novo.”

“Eu chegava, "doutor/a, eu vou ter que fazer isso, **entrar com uma ação no tribunal pedindo pra eu sair**, porque assim, aconteceu isso, isso, isso, e o/a senhor/a não quer deixar eu sair.”

“Aí quando o pessoal do tribunal juntou... vendo que tava sendo negado todos os meus pedidos pra sair, aí... e todo mundo sabia... [...]Aí quando chamava... **chamou um grupo lá do tribunal**, -que eu cheguei até falar pra esse grupo-, era... tinha psicólogo, psiquiatra... **tinha psicólogo, tinha médico, tinha várias pessoas, diretores**, não sei o quê (...) Eles tavam preocupados, achei muito bacana aquilo, né? E aí eles sentaram comigo, como você tá assim, aí eu tive que explicar tudo, passo a passo o que tava acontecendo. [...]E **aí veio um laudo deles falando que realmente eu deveria sair porque tava acontecendo isso comigo**, tal. Eu falei no dia que **eu não tinha mais força pra continuar** e que eu iria voltar, né?”

“Tive um dia **um outro problema com outro/outra juiz/juíza, mas ele/ela tava num dia muito ruim, eu acho**, que não era normal. Que aí eu até cheguei pra ele/ela, -não é os/as juizes/juízas que eu trabalho não-, eu falei, "doutor/a, o/a senhor/a tá precisando... **o/a senhor/a tá parecendo até aquele/a juiz/juíza**", aí ele/ela parou e viu, "calma doutor/a, o/a senhor/a tá parecendo aquele/a juiz/juíza", aí ele/ela parou, daqui a pouco ele/ela deu um tempo assim, aí quando acabou as audiências, **pediu desculpa**. Mas aí eu alivi... aí eu... mas até eu falar isso, até acabar, **eu fiquei com aquela sensação como se tivesse voltado** aquele/a juiz/juíza.”

“eles/elas **respeitam muito os funcionários**. E eu sento, **faço a audiência tranquilo**, saio do jeito que eu tô aqui, como se eu tivesse chegado.” (sobre os juizes com os quais trabalha hoje)

“a forma que um juiz trata o servidor e as partes... não é só o servidor não, as partes, **mexe com a pessoa que tá fazendo o auxílio, né?**”

“Porque não é nada demais, qualquer um faz, só que é meio cansativo, você tem que ficar prestando atenção, mas qualquer um faz audiência.”
“Mas eu reparei, o juiz, quando... dependendo da audiência, ele mexe muito com todos na sala, não é só com o secretário não. Se ele tá normal, as pessoas sentem, se ele tá irritado, eles sentem também, se tá nervoso, ele também passa pras pessoas. Audiência é coisa complicada, viu? ((risos))”
“Pra mim, foi a primeira vez que aconteceu isso, de eu querer sair de um ambiente, e as outras pessoas me convidando pra trabalhar.”
“porque o/a juiz/juíza quer você, por conta das suas qualidades, não sei que, e não tem ninguém pra ficar no teu lugar, com as mesmas qualidades.”
“Aí me chamaram, mas também pra secretário de audiência.”
“Às vezes eu sou muito limitado, questão do... por exemplo, eu não sou formado em direito, mas praticamente eu faço tudo em audiência, despacho, tal. Quando eu não sei, eu tenho alguma coisa parecida que eu mexo, pego lá, jogo lá e mando um recado, ou se o/a juiz/juíza tiver lá no dia, aí ele/ela já... eu já falo, "ó, fiz o despacho. Tem como ver se é isso mesmo?", aí ele/ela já olha, já ajeita ali, acolá, tal, aí eu já guardo, né? Eu tenho um banco de dados grande.”
“Mas tem... uma coisa que me dificulta são... é mais isso, é uma colega, por conta que a minha colega, ela tem uns problemas de natureza pessoal (...) ela se ausenta muito. Porque eu também trabalho em casa, justamente por conta que não tem esse apoio, porque ela tem os problemas, às vezes ela... você não pode ter certeza que ela vai tá no outro dia, né? (...) Aí... mas eu sei que se eu tivesse mais o apoio dela, ia trabalhar bem menos, né?”
“Porque eu trabalho aqui e trabalho muito em casa também. Porque, por exemplo, essa que adiou aí hoje... eu já ligo pro pessoal, gente que vem de São Paulo... imagine o prejuízo, né? Advogado, tal. E aí eu tenho muito cuidado negócio de audiência, a pauta de duas semanas eu sempre olho pra ver se não tem... tá tudo ok, né?”
“Nunca o/a diretor/a E me pediu pra trabalhar em casa, eu faço por minha conta mesmo, né? Porque como é audiência, eu fico preocupado com isso, pessoal... eu liguei, falei, "ó, fulano não veio não", eu já acabei, liguei pra todos os advogados, cinco de um lado e um de outro, mas agradeceram, "obrigado, tal", já tavam organizando vinda de testemunha. O despacho saiu agora de manhã e ninguém ia saber. Só ia se entrasse no processo final de semana. Mas tem uns que não entra, já fica... vem de longe, tal. Mas aí ficou tudo avisado, aí eu já aliviei”
“É mais um apoio mesmo assim, rotineiro, de rotina. Porque eu reparo que quando essa minha colega vai todos os dias durante uma semana, que é difícil, aí eu consigo fazer tudo dentro do meu horário, né?”
“Aí mas se ela... quando vem todo dia, aí eu consigo trabalhar na rotina aqui, tranquilo. É mais esse apoio, né?”
“É só, "oi, tudo bom?", e quando tem pedido do psicólogo, tem o pedido do psiquiatra, eu

vou atrás deles pra saber se tem perito.”
“Os peritos. Que todo mundo tem dificuldade . Aí o pessoal me liga, "Roberto, tem algum perito psiquiatra?", "não", "psicólogo?", "tem um...", ou, "tem um mé... tem um tecnológico? Tal". É mais isso. E no corredor assim, "oi, tudo bem?" . Não dá nem pra bater papo. Porque é tão corrido, né? ”
“Todo mundo tem muita importância dentro de um tribunal, todo mundo tem, né? Agora, a audiência é mais essa questão. Porque quando você faz a notificação... às vezes eu faço a notificação de empregada doméstica pra uma reclamada que mora num local bem simples, num bairro bem simples, aí eu fico dobrando e vendo o endereço, aí parece que eu já tô vendo a pessoa recebendo uma noti... uma reclamação, aí eu já fico, "ai, deve ser muito chato receber essa notificação numa quinta ou sexta-feira", não é não?”
“até chegar ali no dia da audiência, aí tem o papel do secretário de audiência , que é pegar o processo, abrir a inicial, ver se tem algum pedido urgente , alguma tutela de urgência, tal, pedindo alguma coisa urgente, um plano de saúde que cortaram ou seguro desemprego, FGTS, aí a gente que tem que ver e passar logo pra frente pro pessoal resolver de imediato. ”
“Aí tem todo esse lado, intimar a testemunha. Se você deixa de intimar uma testemunha , vem todo mundo, cadê? Eita, deixaram de intimar. Quem foi?", foi você. Aí todo mundo, “vamos adiar”, aí pessoal sai todo mundo que se prepara pra ir pra lá, né? Porque se preparam, chama advogado, briga em casa, falta emprego, falta trabalho . Aí se o secretário errar, é prejuízo pra todo mundo , aí isso fica na minha cabeça, "pô, se eu deixar...".
“Copie mais modelo. ((risos)) Modelo de coisas que acontecem rotineiramente... eu tenho muitos modelos, né? Mas... parece mentira, mas todo dia acontece alguma coisa nova ”
“eu tenho um papelzinho com os modelinhos. Eu ponho aqui, porque qualquer coisa eu já procuro.”
“aí tem um papelzinho assim que tem CTPS, F3, sentença, você põe, "CTPS, sentença, F3", 'pul', aí já aparece mais ou menos...”
“Você só muda as datas, algum detalhe, valor de custa, tal, né? Aí eu tenho muitos assim.”
“E às vezes eu fico, me pego assim, "por que que eu nunca parei pra fazer isso?", é porque hoje não teve audiência, né? Mas eu já vim pensando em fazer várias coisas, ligar pra São Paulo, pro Rio, pra Osasco, pedindo coisas que mandamos pra lá, eles não mandaram até hoje. Mas não deu tempo, porque eu me atrasei no dentista, né? Mas a gente sempre fica tentando fazer, mas não consegue, né?”
“Aí eu vou fazendo, né? Aí eu levanto menos, fico mais na mesa, tomo menos café. Aí eu procuro fazer aquela coisa bem concentrada, assim mais rápido... assim, tento ser mais direto, dinâmico, né? Aí vai fazendo, vai conseguindo...” (quando está sem o apoio da outra secretária de audiências)
“Eu acho tão bom caminhar. Eu sempre venho de carro, é claro, né? Mas aí quando acaba o dia assim, eu vou pra casa... claro que eu tenho carona. Tem três colegas que moram ali vizi-

nho a mim, eu falo, " não, hoje eu vou a pé ", eles ficam até rindo, né? Aí eu vou a pé... esse sapato aqui tem amortecedor. Às vezes eu venho de tênis, quando não tem audiência. Aí é muito bom. Parece que você fica mais leve quando chega em casa. Eu adoro caminhar."
"Aí já é uma forma de me forçar a caminhar. Aí eu prefiro fazer isso." (voltar a pé para casa)
"Todo tipo de situação eu já passei, né? Aí eu já criei essa rotina de fazer as coisas pra evitar... é como um avião, quando cai , eles falam, "que que foi que deu errado?". Aí eu já sei tudo o que pode dar errado na audiência , que aí a minha rotina seria basicamente essa."
"Essa pergunta é muito boa, viu? ((risos)) Fazer essa lá em casa. Mas deixa eu ver. Eu acho que com relação... é difícil."
"Criar mais modelos, né? É isso. Que ajuda muito, né?"
"parece que eu tava tentando... de volta pro futuro, você olha a pessoa, é você mais velho ou mais novo. É interessante, eu achei bacana. Nunca ninguém me falou isso não. ((risos))"
"Uai, quando deu tudo certo, nada atrasou, nada... ninguém reclamou de nada, né? Eu acho que quando o serviço é bem feito, é assim, né? Quando você entra tranquilo e sai tranquilo. "
"tem servidor que foge dessa atividade como diabo foge da cruz"
"eu falando e eu falando e a gente esquece e às vezes a gente esquece até porque tem tanto cuidado de observar as diligências pra ser feitas , porque realmente, você deixa de fazer alguma coisa no processo aí lá na frente vem alguém de longe , de outro estado chega e quando vê, é, foi deixado de fazer alguma coisa , alguma intimação, algum ofício, alguma coisa que, pra dá prosseguimento no dia"
"às vezes você deixa de fazer alguma coisa não por, é.... ser relapso, mas pela correria, pela falta talvez de ajuda de colegas , e de conscientização, né? Ou pela carga , é, também de trabalho só, talvez, em cima de mim."
"E com relação a eu dar conselho a mim mesmo eu achei interessante porque aí a gente vê que realmente, isso é bom às vezes fazer uma pergunta dessa, por conta de a gente se auto conhecer, autoconhecimento. "

Indicadores da entrevista e Instrução ao Sósia nº 9

Pré-indicadores	Indicador
“Olha, eu entrei no tribunal em 93, né? O concurso que eu fiz em 91. Cheguei a trabalhar pouco tempo no TST, concursado mesmo. Aí abriram algumas varas no TRT, aí me perguntaram pessoas que tinham praticidade. Na época era máquina elétrica ”	A mudança na carreira profissional: do trabalho com a terra ao trabalho com a máquina de escrever
“Aí eu levantei a mão , aí juntou alguns, foi juntando, "eu quero", "eu quero", porque era mais perto.”	
“Comecei a ficar num balcão, trabalhando na secretaria, atendendo o pessoal e... fazia tudo. ”	
“ Foi 10 anos numa empresa agropecuária , que eu entrei em 84 (...) Aí eu trabalhei... entrei como auxiliar de escritório, lá em cidade X mesmo. Aí fiquei praticamente 10 anos trabalhando direto. A empresa cresceu muito, aí... eu adorava , né? Não tinha nada a ver comigo, tanto é que eu comecei a trabalhar, eu ia... lá pro TST, eu ia de bota (risos), porque acostumado a andar no mato ”	
“ Estudava viajando , sabe? Ficava livre rotina pra Bahia, eu ia pra Bahia, reta de 500 quilômetros, Goiás, aí eu pegava o livro e ficava lendo assim. Mas aí foi 10 anos numa agropecuária, mexendo com adubo, fertilizante, depois eles começaram a mexer com fazenda, plantação de soja, arroz. Aí de lá eu mudei pro judiciário. Foi bem diferente (risos).”	
“aí tavam procurando secretários de audiência pro/pra doutor/doutora W, que era um/uma senhor/senhora que era juiz/juíza criminal, era cheio/a de mania. E também como eu sou dinâmico assim, meio ligeiro , né? Aí eu acabei, ele/ela falou, "vamos testar, tal, aí por um tempo", aí eu fiz, achou bom, tal, fiquei lá como secretário de audiência, de 2001 até 2010, foi quando eu fui transferido pra cá.”	

Pré-indicadores	Indicador
foi uma com o/a juiz/juíza, que ele/ela era muita polêmico/a, né, a primeira vez, ele/ela era muito polêmico/a, assim, se irritava com tudo... e eu, por eu ser muito calmo, aguentava , entra aqui, sai aqui, mesmo você fazendo as coisas certo, tal. Aí eu comecei a ter... como é que fala? Taquicardia , do nada, em casa ficava nervoso . E eu indo trabalhar, que eu via que aquele negócio... eu ia... sabe aquela coisa que não tinha mais vontade de trabalhar, por conta dessa chefia , né?”	

“Pela forma que ele/ela (juiz/juíza) tratava as pessoas no turno dele/dela, as partes, né? Aquilo lá me incomodava. Porque você via que não tinha nexo aquilo, era totalmente insalubre pra todo mundo, até as pessoas que entravam, e principalmente pra mim que tava lá o dia todo, acompanhando aquilo. Aquilo lá me fez muito mal. Principalmente no último ano, que seria aquela coisa, né, não chegava a adoecer, mas começou umas dores de cabeça esquisitas, e chegava em casa e o coração... eu ia falar alguma coisa sobre o que aconteceu, todo dia sempre tinha alguma notícia ruim, aí o coração começava a palpitar, aí eu "pá" ficava aquela coisa, aquela agonia.”	Aquilo lá me fez muito mal: o comportamento do/da juiz/juíza e a impossibilidade de mudar de setor
“Aí quando acaba a audiência, aí... com esse/essa juiz/juíza que eu te falei, aí quando acabava, aí parecia que eu tinha... "acabou", parece que eu tava no céu, "acabou, graças a Deus", né? Aí eu ficava relaxado até o outro dia, que ia começar de novo, aí começava tudo de novo.”	
“Eu chegava, "doutor/a, eu vou ter que fazer isso, entrar com uma ação no tribunal pedindo pra eu sair, porque assim, aconteceu isso, isso, isso, e o/a senhor/a não quer deixar eu sair.”	
“Aí quando o pessoal do tribunal juntou... vendo que tava sendo negado todos os meus pedidos pra sair, aí... e todo mundo sabia... [...]Aí quando chamava... chamou um grupo lá do tribunal, -que eu cheguei até falar pra esse grupo-, era... tinha psicólogo, psiquiatra... tinha psicólogo, tinha médico, tinha várias pessoas, diretores, não sei o quê (...) Eles tavam preocupados, achei muito bacana aquilo, né? E aí eles sentaram comigo, como você tá assim, aí eu tive que explicar tudo, passo a passo o que tava acontecendo. [...]E aí veio um laudo deles falando que realmente eu deveria sair porque tava acontecendo isso comigo, tal. Eu falei no dia que eu não tinha mais força pra continuar e que eu iria voltar, né?”	
“Tive um dia um outro problema com outro/outra juiz/juíza, mas ele/ela tava num dia muito ruim, eu acho, que não era normal. Que aí eu até cheguei pra ele/ela, -não é os/as juízes/juízas que eu trabalho não-, eu falei, "doutor/a, o/a senhor/a tá precisando... o/a senhor/a tá parecendo até aquele/a juiz/juíza" (...) aí quando acabou as audiências, pediu desculpa. (...) mas até eu falar isso, até acabar, eu fiquei com aquela sensação como se tivesse voltado aquele/a juiz/juíza.”	
“Pra mim, foi a primeira vez que aconteceu isso, de eu querer sair de um ambiente, e as outras pessoas me convidando pra trabalhar.”	

“porque o/a juiz/juíza quer você , por conta das suas qualidades, não sei que, e não tem ninguém pra ficar no teu lugar, com as mesmas qualidades.”	
--	--

Pré-indicadores	Indicador
“eles/elas respeitam muito os funcionários . E eu sento, faço a audiência tranquilo , saio do jeito que eu tô aqui, como se eu tivesse chegado.” (sobre os juízes com os quais trabalha hoje)	Os efeitos do comportamento do juiz para todos na audiência
“a forma que um juiz trata o servidor e as partes... não é só o servidor não, as partes, mexe com a pessoa que tá fazendo o auxílio , né?”	
“Mas eu reparei, o juiz, quando... dependendo da audiência, ele mexe muito com todos na sala , não é só com o secretário não. Se ele tá normal, as pessoas sentem , se ele tá irritado, eles sentem também, se tá nervoso, ele também passa pras pessoas. Audiência é coisa complicada, viu? ((risos))”	

Pré-indicadores	Indicador
Era muito corrido. Eu nunca entrei... do dia... primeiro dia que eu entrei no tribunal, até hoje, eu nunca parei um dia pra falar, "eita, que que eu vou fazer hoje?", nunca. Um dia desses eu tava até conversando com um colega, a gente chega, tem muito trabalho, sai, ainda tem muito trabalho. Quando não tá tudo em dia, mas sabe que amanhã vai ter muito trabalho , né? ((risos))	O acúmulo de trabalho no judiciário e na atividade de secretário de audiências
“porque quando você começa uma audiência de manhã... você começa, por exemplo, oito horas, aí quando acaba, de meio dia, ou até duas horas , que isso acontece muito, ou até, esporadicamente, cinco da tarde. Já perdi às vezes, mas já aconteceu de você começar de manhã e acabar cinco horas. ”	
“Porque eu trabalho aqui e trabalho muito em casa também . Porque, por exemplo, essa que adiou aí hoje... eu já ligo pro pessoal, gente que vem de São Paulo... imagine o prejuízo, né? Advogado, tal. E aí eu tenho muito cuidado negócio de audiência , a pauta de duas semanas eu sempre olho pra ver se não tem... tá tudo ok , né?”	

Pré-indicadores	Indicador
“aí ele/ela(juiz/juíza) criou um setor só de execução. Aí pra mim foi bom porque eu saí da audiência . Foi dois anos, foi a única vez que eu saí de	

audiência mesmo, do dia a dia.”	A gente tenta fazer, mas não consegue
“ Eu tinha interesse em trabalhar que não fosse pra audiência. Aí eu percebi que eu adorei execução. Trabalhei muito, minha produção era muito boa, né? Ajudava muita gente também.(...)”	
“Porque não é nada demais, qualquer um faz , só que é meio cansativo , você tem que ficar prestando atenção , mas qualquer um faz audiência.”	
“Aí me chamaram, mas também pra secretário de audiência. ”	
“Às vezes eu sou muito limitado , questão do... por exemplo, eu não sou formado em direito , mas praticamente eu faço tudo em audiência, despacho, tal. Quando eu não sei , eu tenho alguma coisa parecida que eu mexo, pego lá, jogo lá e mando um recado, ou se o/a juiz/juíza tiver lá no dia, aí ele/ela já... eu já falo, "ó, fiz o despacho. Tem como ver se é isso mesmo?", aí ele/ela já olha, já ajeita ali, acolá, tal, aí eu já guardo, né? Eu tenho um banco de dados grande. ”	
“E às vezes eu fico, me pego assim, "por que que eu nunca parei pra fazer isso?", é porque hoje não teve audiência, né? Mas eu já vim pensando em fazer várias coisas, ligar pra São Paulo, pro Rio, pra Osasco, pedindo coisas que mandamos pra lá, eles não mandaram até hoje. Mas não deu tempo, porque eu me atrasei no dentista, né? Mas a gente sempre fica tentando fazer, mas não consegue, né? ”	
“tem servidor que foge dessa atividade como diabo foge da cruz”	
“às vezes você deixa de fazer alguma coisa não por, é... ser relapso, mas pela correria, pela falta talvez de ajuda de colegas , e de conscientização, né? Ou pela carga , é, também de trabalho só, talvez, em cima de mim.”	

Pré-indicadores	Indicador
“Mas tem... uma coisa que me dificulta são... é mais isso, é uma colega, por conta que a minha colega, ela tem uns problemas de natureza pessoal (...) ela se ausenta muito. Porque eu também trabalho em casa, justamente por conta que não tem esse apoio, porque ela tem os problemas, às vezes ela... você não pode ter certeza que ela vai tá no outro dia, né? (...) Aí... mas eu sei que se eu tivesse mais o apoio dela, ia trabalhar bem menos, né? ”	Ter outro colega para revezar e dar apoio alivia o volume de trabalho
“ É mais um apoio mesmo assim, rotineiro , de rotina. Porque eu reparo que quando essa minha colega vai todos os dias durante uma semana, que é difícil, aí eu consigo fazer tudo dentro do meu horário, né?”	
“Aí mas se ela... quando vem todo dia, aí eu consigo trabalhar na rotina aqui, tranquilo. É mais esse apoio , né?”	

“Aí eu vou fazendo, né? Aí eu levanto menos, fico mais na mesa, tomo menos café. Aí eu procuro fazer aquela coisa bem concentrada, assim mais rápido... assim, tento ser mais direto, dinâmico, né? Aí vai fazendo, vai conseguindo...” (quando está sem o apoio da outra secretária de audiências)	
---	--

Pré-indicadores	Indicador
“Copie mais modelo. ((risos)) Modelo de coisas que acontecem rotineiramente... eu tenho muitos modelos, né? Mas... parece mentira, mas todo dia acontece alguma coisa nova”	Os usos das ferramentas de trabalho e a criação de novas ferramentas
“eu tenho um papelzinho com os modelinhos. Eu ponho aqui, porque qualquer coisa eu já procuro.”	
“aí tem um papelzinho assim que tem CTPS, F3, sentença, você põe, "CTPS, sentença, F3", 'pul', aí já aparece mais ou menos...”	
“Você só muda as datas, algum detalhe, valor de custa, tal, né? Aí eu tenho muitos assim.”	
“Criar mais modelos, né? É isso. Que ajuda muito, né?”	
“Eu acho tão bom caminhar. Eu sempre venho de carro, é claro, né? Mas aí quando acaba o dia assim, eu vou pra casa... claro que eu tenho carona. Tem três colegas que moram ali vizinho a mim, eu falo, "não, hoje eu vou a pé", eles ficam até rindo, né? Aí eu vou a pé... esse sapato aqui tem amortecedor. Às vezes eu venho de tênis, quando não tem audiência. Aí é muito bom. Parece que você fica mais leve quando chega em casa. Eu adoro caminhar.”	

Pré-indicadores	Indicador
“É só, "oi, tudo bom?", e quando tem pedido do psicólogo, tem o pedido do psiquiatra, eu vou atrás deles pra saber se tem perito.”	O coletivo (?) de secretários: é só oi, tudo bom, mas há troca quando precisam encontrar peritos
“Os peritos. Que todo mundo tem dificuldade. Aí o pessoal me liga, "Roberto, tem algum perito psiquiatra?", "não", "psicólogo?", "tem um...", ou, "tem um mé... tem um tecnológico? Tal". É mais isso. E no corredor assim, "oi, tudo bem?". Não dá nem pra bater papo. Porque é tão corrido, né?”	

Pré-indicadores	Indicador
“Já vi todo tipo de caso que você imaginar. Até o último, parecia que eu... eu falei, "eu nunca vi um caso nesse sentido", mas eu acabei vendo (...) Aí pronto, eu falei, "pronto, agora eu posso me aposentar porque eu já vi de tudo". ((risos))	A preocupação com os participantes da audiência: se o secretário errar é prejuízo para todo mundo
“Nunca o/a diretor/a E me pediu pra trabalhar em casa, eu faço por minha conta mesmo, né? Porque como é audiência, eu fico preocupado com isso, pessoal... eu liguei, falei, "ó, fulano não veio não", eu já acabei, liguei pra todos os advogados, cinco de um lado e um de outro, mas agradeceram, "obrigado, tal", já tavam organizando vinda de testemunha. O despacho saiu agora de manhã e ninguém ia saber. Só ia se entrasse no processo final de semana. Mas tem uns que não entra, já fica... vem de longe, tal. Mas aí ficou tudo avisado, aí eu já alivi-ei”	
“Todo mundo tem muita importância dentro de um tribunal, todo mundo tem, né? Agora, a audiência é mais essa questão. Porque quando você faz a notificação... às vezes eu faço a notificação de empregada doméstica pra uma reclamada que mora num local bem simples, num bairro bem simples, aí eu fico dobrando e vendo o endereço, aí parece que eu já tô vendo a pessoa recebendo uma noti... uma reclamação, aí eu já fico, "ai, deve ser muito chato receber essa notificação numa quinta ou sexta-feira", não é não?”	
“até chegar ali no dia da audiência, aí tem o papel do secretário de audiência, que é pegar o processo, abrir a inicial, ver se tem algum pedido urgente, alguma tutela de urgência, tal, pedindo alguma coisa urgente, um plano de saúde que cortaram ou seguro desemprego, FGTS, aí a gente que tem que ver e passar logo pra frente pro pessoal resolver de imediato.”	
“Aí tem todo esse lado, intimar a testemunha. Se você deixa de intimar uma testemunha, vem todo mundo, cadê? Eita, deixaram de intimar. Quem foi?”, foi você. Aí todo mundo, “vamos adiar”, aí pessoal sai todo mundo que se prepara pra ir pra lá, né? Porque se preparam, chama advogado, briga em casa, falta emprego, falta trabalho. Aí se o secretário errar, é prejuízo pra todo mundo, aí isso fica na minha cabeça, "pô, se eu deixar...".	
“eu falando e eu falando e a gente esquece e às vezes a gente esquece até porque tem tanto cuidado de observar as diligências pra ser feitas, porque realmente, você deixa de fazer alguma coisa no processo aí lá na frente vem alguém de longe, de outro estado chega e quando vê, é, foi deixado de fazer	

alguma coisa , alguma intimação, algum ofício, alguma coisa que, pra dá prosseguimento no dia”	
---	--

Pré-indicadores	Indicador
“Uai, quando deu tudo certo, nada atrasou, nada... ninguém reclamou de nada, né? Eu acho que quando o serviço é bem feito, é assim, né? Quando você entra tranquilo e sai tranquilo. ”	Trabalho bem feito é quando você entra tranquilo e sai tranquilo da audiência

Pré-indicadores	Indicador
“Essa pergunta é muito boa, viu? ((risos)) Fazer essa lá em casa. Mas deixa eu ver. Eu acho que com relação... é difícil.”	Elaborando a experiência e os efeitos da Instrução ao sócia
“parece que eu tava tentando... de volta pro futuro, você olha a pessoa, é você mais velho ou mais novo. É interessante, eu achei bacana. Nunca ninguém me falou isso não. ((risos))”	
“E com relação a eu dar conselho a mim mesmo eu achei interessante porque aí a gente vê que realmente, isso é bom às vezes fazer uma pergunta dessa, por conta de a gente se autoconhecer, autoconhecimento. ”	